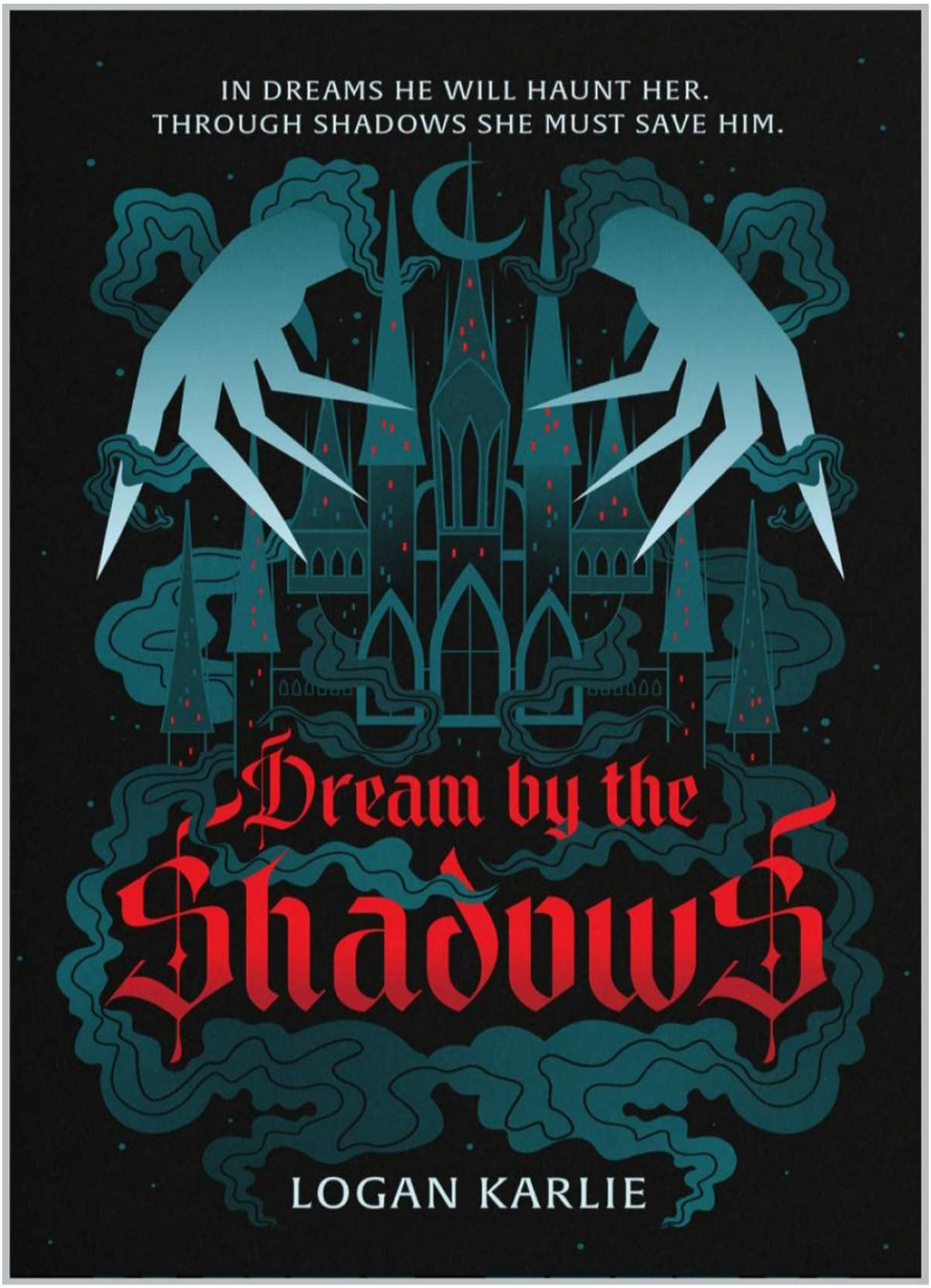
1d98e7e1-e9a9-4c04-8a57-9070955278b1


IN DREAMS HE WILL HAUNT HER.
THROUGH SHADOWS SHE MUST SAVE HIM.
Dream by the Shadows
LOGAN KARLIE

Índice

Imagem de página inteira

Direitos autorais

Dedicação

Conteúdo

Prólogo

I. O Véu das Sombras

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

II. O Amanhecer Esquecido

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Epílogo

Glossário de Termos

Lugares

Agradecimentos

Sobre o autor

Nota do autor

Dream by the Shadows

SHADOW WEAVER DUOLOGY BOOK ONE

LOGAN KARLIE

OceanofPDF.com

Direitos autorais © 2023 por Logan Karlie

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a autorização prévia por escrito do editor, exceto conforme permitido pela lei de direitos autorais dos EUA.

A história, todos os nomes, personagens e incidentes retratados nesta produção são fictícios. Nenhuma identificação com pessoas reais (vivas ou falecidas), lugares, edifícios e produtos é intencional ou deve ser inferida.

Arte da capa: Forensics and Flowers

Arte do personagem: pangolin2b

Editor: Escritor e o Lobo

Foto do autor: Palette of Light

OceanofPDF.com

Para os sonhadores que transformam pesadelos em degraus, revelando a luz que se esconde

dentro de cada sombra. Isto é para vocês.

OceanofPDF.com

Conteúdo

Prólogo

I. O Véu das Sombras

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

II. O Amanhecer Esquecido

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Epílogo

Glossário de Termos

Lugares

Agradecimentos

Sobre o autor

Nota do autor

OceanofPDF.com

Pr**ó**logo

O MONSTRO SABIA que pertencia à escuridão.

Era uma história mais cruel do que sua maldição ou seu castelo: monstros pertenciam à escuridão, apodrecendo em sua ruína e miséria, assim como heróis pertenciam à luz, radiantes e amados em sua bondade. Monstros mereciam, como ele, respirar ar fétido e sem luz. Eles mereciam viver e morrer onde não seriam vistos. Cada mito e lenda declaravam isso. Cada pai decente alertava seus filhos sobre isso. Cada olhar que o condenava revelava isso.

Os monstros pertenciam à escuridão—

E isso o deixou *furioso* .

Ele bateu o punho na parede mais próxima, desesperado para sentir algo diferente do poço vazio e sem sentido que havia se tornado sua vida. Sua mão se abriu com a força, sangrando sombras em vez de sangue. Elas escorreram por sua pele, feias e escuras, subindo para o ar em uma névoa turva.

Horrível.

A raiva subiu por sua garganta, esticando-o e queimando-o como um animal selvagem até substituir a dor que ele deveria sentir.

“Você zomba de mim”, ele rosnou, deslizando para o chão em uma pilha miserável. “Você nunca para para zombar de mim.”

A escuridão podia ser bonita, mas, principalmente, parecia dolorosa. Podia roçar sua pele como um toque de luar, mas podia facilmente se transformar em algo maligno e sujo. A escuridão era mais frequentemente um manto de pecado, um grito na noite ou um par de olhos invisíveis. Podia ser solitária também. Dolorosamente, desesperadamente solitária.

As sombras rastejaram em sua direção, rolando em volta de seu pescoço em uma nuvem deformada. Talvez um minuto tenha se passado. Talvez um século. O monstro não sabia dizer. Sua respiração estava fria, suas mãos pesadas e dormentes enquanto sangravam sombras em vez de sangue.

Não importa. Nada disso importa.

Sua boca se curvou em um sorriso irônico. Ele queria rir, mas a sensação crescente de fazê-lo era desconfortável. Ainda assim, uma risada seca e meio morta tremeu em sua boca, ansiosa para esticar seus membros há muito esquecidos.

Ria, droga.

Ria por ainda estar vivo.

Ria porque a escuridão não te engoliu por inteiro.

A risada saiu oca e silenciosa de sua garganta, interrompida por um grito ensurdecedor em algum lugar além de seu quarto.

“Um invasor,” ele murmurou, puxando manoplas sobre suas mãos arruinadas. Ele tilintou os dedos com garras enquanto eles se encaixavam no lugar. “Verdadeiramente, isto é—”

Outro grito o interrompeu, forçando seu quarto a chacoalhar e dobrar. Livros tropeçaram livres de suas prateleiras, um lustre rangeu precariamente acima, e vasos pintados, transbordando com coisas secas e mortas, se espatifaram contra o chão. Ele olhou para a bagunça. Xingou como se importasse. Evitou pisar em vidro quebrado como se se importasse.

À medida que os gritos aumentavam além da tolerância do monstro, ele puxou uma lâmina de onde estava escondida dentro de sua mão. Ele sabia o que o esperava nas sombras do lado de fora de sua porta. A criatura gritando sentiu o que o monstro sentiu: o desconforto, a miséria e o frio .

E a fome .

Ah, a fome.

O invasor se jogou na porta do monstro *uma* e *outra* e *outra vez* , finalmente estilhaçando parte da madeira. Duas de suas garras, manchadas de escuro com algo podre, pressionaram. O monstro levantou a mão, invocando sombras que se erguiam de rachaduras no antigo chão de seu castelo. Elas surgiram ao seu comando, rolando em direção à porta e arqueando-a em um crescente,

quebrando-a ao meio.

E lá estava.

Demônio.

Suas feições eram tortas. Chifres manchados de lama pendiam em ângulos tortos, e olhos leitosos caíam em um rosto forjado com cicatrizes. Tecido grosso e bordado drapeado sobre seus ombros blindados, serpenteando para o corredor escuro atrás dele.

"Você está aqui para me atormentar? Ou, deixe-me adivinhar—para exigir o que você ansiava pelos últimos séculos?"

Silêncio.

“Fale,” o monstro insistiu, passando sua lâmina pelo lábio inferior rachado do demônio. “Eu ordeno que você responda.”

“ *Deixe-me sair,* ” o demônio rosnou lamentavelmente, incapaz de arrancar qualquer outra palavra de sua boca destruída.

“Uma demanda, então. Devo ajustar seu destino, já que o meu já está perdido?”

O monstro se sentiu delirante falando com o demônio, fazendo perguntas como se ele pudesse entendê-lo. Mas havia algo diferente sobre este. Algo em seus olhos. Ou na maneira como ele estava, talvez.

A maneira como ele se recusou a desviar o olhar.

O monstro se virou, caminhando em direção a uma parede de tecido no outro extremo de sua câmara. Antes lustroso e radiante, brilhando como uma safira escura como sombra, o tecido existia agora como um trapo esfarrapado e coberto de sujeira. Uma memória descartada do que uma vez foi .

O demônio não o seguiu. Ele permaneceu na porta do monstro, tremendo.

“Você não tem controle sobre seus membros? *Siga-me* .”

O demônio cambaleou para a frente. Seu pano de ombro, enrolado firmemente em volta do pescoço, arrastava-se atrás dele como uma serpente em pânico. Conforme o demônio se movia mais para dentro da sala, suas feições se tornavam mais claras — e mais inquietantes — conforme a luz da vela as expunha.

Por um momento, o monstro hesitou.

Ele sabia que não deveria estar fazendo isso. Ele se lembrava de tão pouco, tão *terrivelmente* pouco, mas sabia que esse não era seu propósito. E ainda assim, no abismo oscilante de sua alma, uma verdade brilhou. Era uma que ele tinha relutado em admitir.

Ele não se importava mais.

A cortina se abriu com um movimento de sua mão, dobrando-se como um conjunto de asas pré-históricas. O vento noturno irrompeu pela abertura, agitando o ar velho e velho demais de seu quarto e levantando suas coisas em uma onda de movimento. Ele respirou fundo e se acalmou enquanto se inclinava sobre sua sacada, golpeado por aromas que nunca mais tocaria ou veria: o suave ondular de gardênias florescendo, a terra perfumada após uma chuva torrencial, o pelo aquecido pelo sol e o aroma apimentado de pinho.

Coisas sempre além do seu alcance amaldiçoado.

“Saia deste lugar”, proclamou o monstro, gesticulando freneticamente para a saliência.

O demônio estremeceu, curvando-se enquanto segurava seu olhar. Mesmo que fosse apenas um demônio, o monstro não conseguia se lembrar da última vez que o olharam nos olhos.

“Eu disse *para deixar este lugar* !” o monstro uivou novamente, cravando sua espada no peito do demônio.

O peso da arma forçou o demônio a sair da saliência. Ele se debateu enquanto despencava, seu longo fio de pano se enrolando em seus membros. Se fez barulho ao pousar, o monstro não ouviu.

Ele caiu de joelhos. Observou enquanto o luar se curvava em torno de suas

mãos .

Por que ele deixou isso passar? Por que ele não se importava mais?

Ele não conseguia se lembrar.

Seus olhos estavam pesados e seu coração sombrio estava cheio de ódio.

OceanofPDF.com

Parte Um

O Véu das Sombras

Eu tive um sonho, que não era bem um sonho.

O sol brilhante se extinguiu, e as estrelas

Vagou escuro no espaço eterno,

Sem raios, sem caminhos, e a terra gelada

Balançando cego e escurecendo no ar sem lua;

A manhã chegou e passou, e chegou, e não trouxe o dia,

E os homens esqueceram suas paixões no pavor

Desta sua desolação; e todos os corações

Ficaram congelados em uma prece egoísta por luz.

- *Escuridão* , Lord Byron

OceanofPDF.com

Capítulo 1

ELES DISSERAM QUE o Portador das Sombras ainda estava vivo.

Cresci sob sua maldição perversa, ensinado a odiar o monstro tão frio e tão cruel que ele esqueceu como era ser qualquer outra coisa. Eles disseram que ele era tão hediondo quanto horrível, um monstro manchado de sangue espreitando nas sombras de cada sonho.

Mas eu, corajosamente ou estupidamente, achei difícil temer o que não podia ver. Ele era um fantasma. Uma sombra. Um fantasma. Um monstro que assombrava os outros, mas não conseguia me machucar.

Até minha irmã morrer.

Eden não foi enterrada com flores no cabelo. Elas não a vestiram de branco, não tentaram esconder as sombras sob seus olhos. Seu caixão era uma caixa tosca de madeira lascada, suas roupas de enterro sujas e rasgadas. Havia sangue em lugares que eu não entendia — sob suas unhas, escorrendo dos cantos de sua boca, alinhando as bordas de seus pés descalços.

Corruptos , eles são condenados.

O Portador da Sombra levou sua alma , eles sibilaram.

Senti a mão da minha mãe apertar. Uma mão estava no meu ombro, a outra envolvia a criança de olhos arregalados agarrada a ela. peito. As lágrimas dela tinham secado horas atrás; as do meu pai não. O pai caiu de joelhos ao lado do caixão de Eden, cabeça baixa e braços trêmulos.

A Legião da Luz nos cercou, fazendo perguntas e exigindo respostas que não tínhamos.

Quando as sombras apareceram pela primeira vez?

Que crimes ela cometeu em Norhavellis?

Foi ganância?

Inveja?

Gula, ira?

E outras perguntas mais problemáticas. Perguntas em que minha mãe e meu pai tropeçavam.

Vocês são Absolvers — por que ela não recebeu o elixir?

Você valorizava mais seus filhos mais novos do que ela?

O Portador da Luz não pode levá-la para Istralla e purificar sua alma, você entende?

Enquanto os legionários nos questionavam, suas armaduras douradas ficaram opacas e opacas por causa de uma tempestade que se aproximava. Eles me assustaram no começo, me intimidando com suas máscaras e seu jeito arrogante de falar. Mas esse medo havia se transformado em outra coisa. Algo raivoso e sujo.

Corrupção não deveria acontecer com Eden. Era para acontecer com estranhos. Com pessoas que não eram nada mais do que nomes em uma história.

Começou a chover.

Meu irmãozinho começou a chorar.

E Éden foi baixada à terra em sua caixa de madeira lascada.

APÓS O ENTERRO DE EDEN, doendo pelo desespero que havia rastejado dentro do meu peito, chorei de joelhos e amaldiçoei o monstro que tirou minha irmã de mim. A Light Legion disse que sua alma estava perdida.

E para onde vão as coisas perdidas ?

Até a parte mais escura do Reino dos Sonhos, onde vivia o Portador das Sombras.

E o que um Portador das Sombras come?

Ele comeu almas corrompidas, fracas e tremendo enquanto vagavam para

baixo, para baixo, para baixo até seu covil sombrio, esquecidas e abandonadas pela luz. Ele devorava almas enterradas profundamente sob a sujeira e seus vermes.

Mordi minha manga, deixando minha angústia correr rápida e profundamente. Tinha sido ideia minha — não de Eden — sonhar. Eu tinha decidido que nossa aldeia estava nos sufocando, e eu queria escapar. Eu estava farto da escuridão Corrompendo nosso povo e o dever que meus pais tinham.

Só implorei uma vez.

Eden considerou meu pedido seriamente, olhando para o frasco de líquido entre meus dedos. “Eles verificam todo dia”, ela sussurrou. “Eles saberão que não pegamos.”

“Podemos despejar pela janela.”

Eden balançou a cabeça, cachos escuros como cobras sobre sua camisola pálida. “A neve mancharia. E eles ouviriam a janela se abrindo.”

“Abaixo do assoalho, então. Tem aquela rachadura, ali—”

“Se errássemos, eles sentiriam o cheiro na madeira.”

O vento batia contra nossa janela, sacudindo o vidro. Um presságio, talvez. Mas se fosse, nós o perdemos.

Ou decidiu esquecer.

Joguei meu cobertor para longe, um plano perverso se formando. “Vamos colocar no meu chá. De manhã, vou lavar a xícara como sempre faço. A cor vai esconder perfeitamente.”

Os olhos de Eden se aguçaram diante disso. Iluminaram, mesmo no escuro.

“Será apenas uma vez. Por favor, Eden. Pense no que veremos—no que faremos . ”

Mas *uma vez* se tornou uma palavra esquecida.

No começo os sonhos eram lindos, cheios da aventura que eu ansiava e do conforto que Eden desejava. Eles nos faziam sentir vivos — nos faziam nos fez sentir como se tivéssemos um propósito além de nossa aldeia desolada no meio da floresta. Eles nos fizeram esquecer um inverno rigoroso e um início de primavera cheios de choros de nossos irmãos e nos deram noites para apreciar depois de dias cheios de tarefas e regras tediosas de nosso pai. Mas um dia, para Eden, os sonhos não eram nada disso. Eles não eram bonitos, adoráveis ou seguros. Eles se tornaram aquilo contra o que fomos avisados.

Sua corrupção chegou rapidamente.

Rápido demais para que o Portador da Luz salvasse sua alma.

Eu abafei um grito no meu travesseiro, soluços sacudindo meu peito. Eu era egoísta. Horrível. *Imperdoável* . Pior do que o monstro que agora tinha suas garras em volta da alma de Eden. O Portador das Sombras não era real — não verdadeiramente — até que ele fosse.

Então como uma garota se vinga?

Ela deve atravessar as sombras e matar o monstro que vive lá.

OceanofPDF.com

Capítulo 2

SETE ANOS DEPOIS

A ESCURIDÃO VAGAVA PELA MINHA PELE, fina como um manto de seda. Ela escorregou para dentro dos meus olhos e envolveu suas mãos escuras em volta do meu pescoço. Esta noite ela parecia implacável. Carente.

Com fome.

Eu inspirei, saboreando com culpa o puxão familiar, e expirei, deixando-o cair pelo ar em um grito silencioso. Não importava que eu tivesse tomado o elixir. Eles vieram de qualquer maneira. As visões. Os *sonhos* .

A silhueta de um homem contra um mar revolto.

Um lampejo de prata, podridão e ruína.

Uma parede de sombras contorcidas.

O puxão na minha pele desapareceu, dissolvendo-se como fumaça. Derreteu-se nos roncos suaves do meu irmão e no zumbido de um inseto sob nossa cômoda. Eu gemi de desgosto, me acomodando de volta em meus travesseiros.

De novo. Eu tinha deixado isso — o que quer que *fosse* — me chamar. De novo .

Pressionando as palmas das mãos nos olhos, concentrei-me no peso delas em vez de em algo que subia doente e fundo na boca do meu estômago. Eu não tinha resisti. Eu tinha deixado o sonho me persuadir, assim como eu tinha feito naquele inverno, sete anos atrás. De bom grado deixei que ele me distorcesse e me seduzisse como um tolo.

E talvez eu fosse.

Porque nesse ritmo, eu seria encontrado por demônios e jogado ao seu senhor antes do nascer do sol.

Virei-me para o meu lado, arrastando minhas mãos pelo meu rosto. Eu deveria estar apavorada, mas uma parte sombria e terrível de mim *queria* ser encontrada pelo Portador das Sombras. Eu precisava encontrá-lo, machucá-lo e exigir que ele libertasse a alma de Eden. Mas outra parte de mim queria se enrolar em uma bola e chorar.

Dezenove — e ainda assim eu me sentia uma bagunça desesperada e aterrorizada.

Maravilhoso.

Elliot dormia pesadamente na cama ao lado da minha, o peito subindo e descendo em intervalos rítmicos. Seu rosto estava mais relaxado — embora uma sobrancelha estivesse levemente franzida — e o braço esfarrapado de Chester, sua vaca de pelúcia favorita, espiava por baixo de um cotovelo.

Crskkk. Crskkk.

Eu fiquei imóvel.

Uma forma disforme raspou nossa janela entreaberta, arranhando o vidro em golpes irregulares. Eu me levantei de um pulo, batendo na estrutura da cama—

“'smer?”

Elliot olhou para mim através das sombras. Seu cabelo, tão escuro e selvagem quanto o meu provavelmente parecia, enrolava-se em volta das orelhas em um halo desgrenhado. Ele parecia pequeno sob sua pilha de cobertores e túnicas de inverno descartadas, mas ele amava sua toca em ruínas. Ela o ajudava a se sentir seguro, velado da visão de humanos e monstros.

Respirei fundo, tentando apagar alguns dos meus pensamentos sombrios. Eu precisava me aterrar na realidade, não me perder em outra fantasia. A sombra era apenas um galho. Um *galho* , pelo amor do Criador.

“Desculpe, Ell. Eu não queria te acordar.”

“Tudo bem.” Elliot puxou sua pilha de cobertores, posicionando-os estrategicamente em volta de seus ombros magros. “Mas agora você me deve um chocolate,” ele disse, bocejando. “Talvez até dois chocolates.”

Minha boca se abriu em um sorriso. “Ótimo. Amanhã então, depois que fizermos nossas rondas?”

Elliot retribuiu meu sorriso, mas sua atenção passou por mim. Seu olhar permaneceu em nossa janela, onde um galho com garras estava de fato se arrastando contra o vidro. "É melhor manter isso fechado. Não quero pássaros voando e roubando meus olhos."

“Agora *essa* seria uma história para os contos.”

Elliot deu de ombros, puxando Chester para seu peito.

Sentei-me, notando a preocupação genuína em seus olhos. “Elliot, por que você está pensando em pássaros roubando seus olhos?”

“Não foi um sonho, se é isso que você está se perguntando”, ele disse com outro encolher de ombros. “De qualquer forma, vou voltar a dormir. Dia agitado amanhã. Principalmente se tiver chocolate envolvido.”

“Tem certeza de que está bem?”

“É,” ele murmurou, pegando o elixir na mesa de cabeceira. Enquanto o inclinava até a boca, ele franziu a testa. “Hmm. Achei que ainda tinha um pouco.”

“Aqui.” Eu entreguei a ele meu frasco, que ainda continha um pouco de líquido âmbar. “Só pegue o meu. Eu deveria ir ver o Pai de qualquer maneira.”

"Ele está patrulhando de novo, não é?"

“ *Não é* ele?”

“Os Corruptos estão ficando ruins. Você não acha que—” Ele fez uma pausa, mordendo o lábio. “Você não acha que eles realmente nos pegariam?”

“Não,” eu disse, firmemente. Convincentemente. “Não com o Pai assistindo.”

“Bom. O pai é corajoso.” Elliot se acomodou em seus cobertores, contente. “E você também.”

“Ell—”

“Só não perto de insetos, eu acho. Peixes também. Você *odeia* olhos de peixe. E banhos—”

“Eu não odeio banhos.”

"E do jeito que eu falo. Não é nada que você odeie mais.”

Mal contendo uma resposta, vesti um suéter sobre minha camisola e desci as escadas ao som de Elliot rindo. Meu pai estava sentado na varanda em sua cadeira de balanço favorita, tenso e com as costas retas, mesmo enquanto cochilava. O vento era forte, fazendo a cadeira balançar para frente e para trás. Era um milagre que a cadeira tivesse durado anos, lascada como estava.

Às vezes me incomodava como os objetos mais triviais podiam durar décadas enquanto as pessoas que os possuíam nunca tinham esse luxo. Eles ficavam doentes, frágeis e velhos, tudo isso enquanto o objeto permanecia perpetuamente ele mesmo. Quebrado e desbotado, talvez, mas nunca morto ou morrendo.

Cruzei as pernas e me inclinei contra a casa, pensando. Meu pai parecia exausto. Ele era um vaso rachado e sobrecarregado, vazando água quando não havia mais ninguém por perto. Talvez fosse a fileira de tochas, cercadas por nossa propriedade e tremeluzindo sob a força do vento, lançando sombras profundas nas linhas de seu rosto.

Sombras como as marcas de um Corrupto. Como os olhos do Éden—

Eu balancei a cabeça.

Não, lá estava meu pai. Olhos castanhos quentes estavam sob suas pálpebras pesadas. E embora sua expressão fosse miserável e fraca, ele acordava com um sorriso, o sorriso que ele tentava ao máximo dar, apesar do fardo de seu trabalho e de seu dever como nosso escudo. Um cobertor de lã estava preso em seus ombros e um pequeno frasco de elixir saía do bolso da camisa, itens de cuidado deixados por mamãe em algum momento da noite. Mãos calejadas descansavam sobre a besta em seu colo, e suas botas de trabalho, manchadas e amassadas, estavam imundas de andar pela propriedade, acender as tochas e examinar quaisquer visitantes tarde da noite.

Visitantes desesperados por refúgio contra a corrupção.

Eu me movi para acordá-lo, sabendo que ele ficaria chateado por dormir tão profundamente, mas reconsiderei. Eu já o tinha ajudado antes, durante noites longas como essas. Elliot também. Eu ainda lutava com certas responsabilidades — parte de mim sempre desejaria um futuro e um propósito longe de Norhavellis e sua escuridão purulenta — mas eu tentei o meu melhor. Após a morte de Eden, *todos nós* tentamos o nosso melhor. Nossa casa e nosso dever eram tudo o que nos restava.

Eu tremi, cruzando os braços para afastar o frio no ar. Além disso, não era como se eu tivesse muito tempo *para* ajudar, de qualquer forma. Se minhas visões recentes significavam que eu era Corrupto ou quase lá, meu tempo era curto. Lascado. Embaçado. Era impossível ser útil se minha mente estivesse meio apodrecida por um demônio.

Examinei a clareira ao redor, notando a fraca luz da tocha. As chamas corriam precariamente baixas, lutando para lutar contra a escuridão invasora. Eu silenciosamente juntei os materiais que precisava em um balde, sua alça tão gasta e amassada quanto a cadeira de balanço, e me posicionei perto da tocha mais próxima. A chama vagou para a vida sob meus cuidados, ardendo, brilhando, então subindo para respirar. Ela empurrou para a escuridão, desafiando o vento enquanto sua luz enchia o ar.

Eu também respirei fundo. Tentei espremer toda a escuridão dos meus pulmões.

Por hábito, meus dedos se enfiaram na fumaça que subia. O calor era maravilhoso; purificador, até. Eu ansiosamente estendi minhas mãos, fechando meus olhos enquanto a fumaça os lambia.

Esmer.

Esmer.

Esmer.

O pai não se moveu. A voz estava dentro da minha cabeça.

Xinguei baixinho, mãos tremendo enquanto reacendia as próximas três tochas.

Talvez um demônio finalmente tivesse se enrolado em minha mente, cravando suas garras bem fundo enquanto esperava para reivindicar território sobre minha alma. Talvez fosse melhor se eu apenas—

“Heya, 'smer.” Elliot saiu de trás de mim, sorrindo timidamente. Em vez de usar um suéter, ele se enrolou em um cobertor. “Achei que você parecia meio solitário aqui, mas parece que você estava falando sozinho muito bem.”

Eu me lancei sobre ele, fingindo estar chateado, mas eu não consegui evitar o sorriso que surgiu no meu rosto. A voz não estava dentro da minha cabeça. Era Elliot o tempo todo.

Ele fez um giro rápido, como uma dança, evitando minhas mãos. “É assim que você me retribui por ajudar, hein?”

“É isso. Eu *não* pedi sua ajuda”, eu disse, rindo baixinho enquanto acendia a próxima tocha. Não demoraria muito para terminar, mas secretamente acolhi sua companhia. “Mas se você quiser ser útil, pode carregar este balde.”

Uma mão saiu de baixo do cobertor, agarrou o balde e o puxou para o seu lado. “Por mim, tudo bem.”

Acabamos rapidamente com as tochas restantes, deixando as mais distantes para o final. Observei a fumaça subindo, passando pelos galhos mais baixos de um carvalho, e joguei meu braço em volta dos ombros cobertos de Elliot. Ficaria tudo bem.

Eu estava bem.

"…me ajude…"

Inalei bruscamente, girando para encontrar o som. Emergindo da floresta e no primeiro anel de luz de tochas estava um jovem da aldeia. Thomas Radler parou, balançando como se estivesse bêbado, então caiu de joelhos com um gemido.

Corri até ele.

Os Radlers raramente apareciam durante o horário de visita e, até onde eu conseguia lembrar, nunca nos visitavam à noite. Eles tendiam a ficar sozinhos e evitavam interagir conosco, aparecendo apenas quando precisavam repor seu

estoque de elixir para três meses. Estranho que ele estivesse aqui — e mais estranho ainda que fosse Thomas.

“Você precisa de mais elixir?”, perguntei, ajoelhando-me ao lado dele na grama. Tentei imitar como minha mãe abordaria essa situação. Que palavras ela diria e o que faria com as mãos? “Ou seu pai adoeceu, talvez? Posso entrar e preparar o que quer que você precise—”

Thomas agarrou a grama, firmando-se contra os tremores que se moviam por seu corpo. Eu congelei, notando a descoloração em seu juntas. A curva selvagem em suas costas. Os sapatos faltando. Algo metálico e sujo fez com que seu cabelo ruivo cheio, habitualmente escovado em uma touca impecável, ficasse emaranhado e pingando.

Duas manchas de sombra manchavam a pele sob seus olhos.

Corrupção .

> “Esmer. Que patético da sua parte agir como se se importasse,” Thomas finalmente

rosnou, os lábios se abrindo em um sorriso selvagem. Seus dentes estavam vermelhos, manchados de vermelho por um corte que dividia seu lábio. “Você pode ser linda, mas é podre por dentro. Assim como aquela sua mãe e pai terríveis. Que *pena* .”

Elliot gritou de algum lugar atrás de mim, sua voz era um aviso estranho e penetrante.

Fiquei de pé, cambaleando para trás. “Elliot, *corra* — acorde o pai —”

Thomas me seguiu, sacudindo seus membros trêmulos para ficar quieto. "Eu vim caçar você e sua família." Eu me virei, tentando correr para a casa, mas Thomas foi mais rápido. Ele agarrou meu rosto, apertando seus dedos em volta da minha garganta antes que eu pudesse registrar o movimento.

Rápido — *ele era muito rápido* .

“Eu vim por você, seu irmão imbecil, seu pai podre e sua mãe inútil.” Enquanto ele cravava suas unhas em minha pele, algo quente pingava de seus

dedos e se arrastava para dentro da minha camisola. “Eu teria mais uma para caçar, mas ela *já está morta* .”

Thomas me prendeu ao chão úmido e com cheiro de podridão enquanto suas unhas pressionavam mais forte meu pescoço. Arranhei seu rosto, chutei suas canelas, mas foi inútil, *inútil* —

"Solte- *a!* " Elliot gritou, batendo seu balde na lateral da cabeça de Thomas.

Os olhos injetados de sangue de Thomas se arregalaram. Eu esperava que ele caísse — qualquer pessoa comum teria ficado inconsciente com o golpe — mas ele apenas se levantou, cuspiu um pouco de sangue da boca e agarrou o cobertor que havia caído dos ombros de Elliot.

“Oh, Elliot. Você ia ser o último. "

Thomas jogou Elliot no chão, dominando-o facilmente, e puxou o cobertor com força sobre sua boca e nariz. Eu cambaleei até a tocha mais próxima, a cabeça girando e as pernas ameaçando ceder. Elliot ia morrer. Elliot ia *morrer* e esse garoto — esse *animal* — me mataria em seguida sem hesitação. Então ele se moveria até o pai, exausto e fraco na varanda. Por fim, ele encontraria a mãe, vulnerável em sua cama e inconsciente do horror que seus filhos estavam enfrentando.

Mas primeiro ele mataria Elliot.

Eu levantei a tocha da terra, lutando para permanecer consciente mesmo com minha visão turva. Uma decisão meio louca estava se formando rapidamente em minha mente, desesperada para cravar suas garras antes que o medo tomasse conta e me tornasse inútil.

“Sua mãe e seu pai nos condenaram a todos,” Thomas sibilou, enfiando parte do cobertor na boca de Elliot e puxando seu braço para longe quando ele tentou puxá-lo para fora. “Condenaram você também.”

Mas primeiro ele mataria Elliot.

O som que fiz foi diferente de tudo que já ouvi. Cru, furioso, *primitivo* . Ele me impulsionou para frente enquanto eu erguia a tocha e a balançava com força no rosto de Thomas. Eu o acertei de novo, dessa vez incendiando sua capa. Ele

imediatamente caiu para o lado, rolando na terra e enquanto lutava para remover sua capa, mas o fogo foi mais rápido.

“Como você pôde?” Thomas disse de repente, a voz embargada e tropeçando em soluços enquanto o fogo sibilava em volta de seus ouvidos. Ódio e repulsa distorceram seu rosto, mas seus olhos traíram uma dor crua e abrasadora. “Você mentiu para nós. Você nos fez acreditar. Minha mãe — agora eu —”

Elliot chorou em meus braços, completamente horrorizado. Eu também podia estar chorando, mas mal senti. Minha visão estava quase totalmente escura, mas eu precisava levar Elliot para dentro. Eu precisava acordar o Pai—

“Esmer,” Thomas gemeu, ajoelhando-se enquanto as chamas devoravam seu corpo. “ *Não.* Eu—? O que eu—?”

Um apito ecoou no ar.

Uma única flecha atingiu o peito de Thomas com um golpe úmido, *thunk* crocante . Suas mãos roçaram nele, tremendo, roçando o sangue vazando de seu peito. Uma segunda flecha atingiu, cravando-se na carne macia da pele entre seu braço esquerdo e a clavícula.

O amanhecer ainda demoraria horas para acontecer, e as estrelas deveriam estar brilhantes e brilhantes.

Mas a escuridão, infiltrando-se por entre as árvores, engoliu todos eles.

OceanofPDF.com

Capítulo 3

ACORDEI com o som de gritos e o aperto de uma mão sobre meu nariz.

Naturalmente, tentei gritar.

“Quieto, 'smer!” Elliot implorou. Ele se ajoelhou sobre mim, olhos fixos na janela acima da minha cama. “Os Radlers estão aqui, e estão atirando algumas palavras maldosas no pai. Você tem que parar de roncar para que eu possa ouvir.”

A lembrança da noite passada cortou minha cabeça, furiosa, desesperada e uivante. Um animal preso no sótão de uma casa em chamas.

Respire , mamãe me disse. *Coloque uma respiração na frente da outra, Esmer. Por favor.*

Inspire.

Inspirei fundo e contei lentamente até cinco.

Expire.

Minha expiração tremeu nas bordas. Ainda assim, contei até cinco novamente.

Ótimo, elogiou minha mãe, dando-me um sorriso gentil de aprovação.

Depois do ataque, ela sentou Elliot e eu perto do fogão enquanto o pai continuava sua vigília. Era sua tentativa de nos persuadir a voltar à normalidade. Ela preparou uma sopa de legumes com nossos tempero favorito. Ela massageou uma pomada de lavanda nos músculos machucados e doloridos de nossos pescoços. Ela cantarolava uma música enquanto escovava e trançava meu cabelo.

Mas era inútil. Não importava o que ela fizesse, eu me sentia vazio, quebrado e frio.

Frio demais.

Elliot voltou na ponta dos pés para a cozinha quando meu cabelo estava quase trançado, escondendo um livro de contos de Weaver sob sua manga. O livro era uma coisa surrada e manchada com uma capa descascada, mas suas páginas eram macias como veludo por anos de exploração.

“Eu ia ler uma história se você quisesse,” Elliot disse, embalando o livro timidamente. “Eu posso falar. Pensando naquela com Nephthys e o dragão marinho.”

“A Tecelã de Água de novo, Elliot?”, perguntou minha mãe, erguendo os olhos do meu cabelo. “Você a favorece.”

“É porque as histórias dela sempre têm criaturas interessantes. Não é porque eu acho ela bonita ou algo assim.”

Enquanto a Mãe continuava a provocá-lo, engoli meu desconforto. Eu não queria ouvir uma história do passado perfeito do nosso reino. Não quando o presente era escuro, distorcido e assombrado pela sombra do que costumava ser. Do que deveria *ser* .

Mas eu concordei com Elliot, e seu rosto se iluminou.

Antes da morte de Eden, eu gostava de ler sobre os sete Weavers. Fiquei encantado com cada feito heróico e maravilhoso que eles fizeram pela humanidade, os presentes que deram aos sonhadores e os mundos que eles criaram no Dream Realm. Naquela época, parecia possível — tão dolorosamente possível — que eles retornariam, tornando tudo certo e verdadeiro. Que eles salvariam o mundo da Corrupção e nos livrariam do Portador das Sombras e seus demônios.

Mas depois da morte de Eden, quando um ódio crescente pelo Portador das Sombras e seus demônios finalmente se instalou, ler sobre os Tecelões pareceu doloroso.

Apoiei meu rosto nas mãos, tentando não estremecer quando Elliot começou a ler.

Néftis foi um dos sete seres imortais que já foram incumbidos de criar sonhos intrincados e proféticos para toda a humanidade. A idade, o sustento ou a moralidade do sonhador não importavam, porque todas as pessoas no Reino de

Noctis *podiam* sonhar. Até mesmo os vagabundos cobertos de sujeira, raspando moedas dos bolsos dos moradores da taverna. Até mesmo os senhores e senhoras enfeitados com joias desperdiçando dias lindos e preguiçosos em suas mansões douradas. Até mesmo os idosos. Até mesmo as crianças.

Não importava. Nada disso importava.

E enquanto o reino sonhava com prosperidade, invenção e entendimento divino, os Weavers mantinham o Reino em equilíbrio sagrado, supervisionando sonhos e destruindo os demônios que buscavam contaminá-los. O medo da Corrupção era impensável porque a Corrupção não existia.

Mas isso não durou.

Os sonhadores queriam mais do que os Weavers podiam dar. Eles ansiavam por poder e indulgência. Os sonhos não eram mais suficientes — eles queriam mais, mais, *mais* . E então eles traíram os Sete em favor de demônios que poderiam satisfazer seus desejos. Desejos de roubar, matar e cometer males indizíveis. Os demônios, anunciados pelo Portador das Sombras, ficaram mais fortes, e a humanidade os acolheu. O preço que pagamos — o preço que *todos* pagamos — foi nosso direito de sonhar sem a consequência da morte.

E agora os Weavers não eram vistos há séculos.

Eu observei a névoa se esgueirando pela Floresta Visstill, saturando o ar da manhã em um espesso véu de cinza, e me perguntei se realmente merecíamos nosso destino. Eu me perguntei, também, o que seria necessário para que o reino finalmente se redimisse.

Thomas jazia sem vida na beirada de nossa propriedade, o rosto enterrado na grama. Agachados perto de seu corpo queimado estavam dois homens: Abbott Radler, o pai de Thomas, que havia colocado uma mortalha sobre o rosto do filho, e Alcott, o irmão mais velho de Thomas. Eu não via Alcott há anos; havia rumores de que ele havia se juntado às fileiras da Legião da Luz .

“— *sem* direito,” Pai estava dizendo. “Você me envergonha e a tudo que eu defendo.”

Nem Abbott nem Alcott estavam falando. Eles estavam olhando para Thomas. Para a longa trilha de sangue e grama meio queimada. Para seus braços,

esticando-se em vão em direção à cobertura da floresta.

Com duas flechas saindo de seu corpo queimado.

O rosto de Abbott, normalmente uma máscara severa, estava contorcido de angústia.

Eu tinha observado Thomas cair. Ouvi sua respiração enquanto ela se esgueirava pelos pulmões arruinados. E ainda assim — apesar de tudo — ele deve ter encontrado uma maneira de se agarrar à vida. A cena falava de maneiras que os lábios roxos de Thomas não conseguiam: ele havia recuado em direção à floresta, mesmo com as chamas o derrubando.

"Você o assassinou", Abbott engasgou, engasgando com cada palavra.

“Ele teria matado meus filhos se eu não tivesse intervindo.”

“ *Você assassinou meu filho* . Através de flechas e *fogo* .”

O pai balançou a cabeça. “Fiz o que qualquer pai faria. Não sou assassino.”

Mas eu sou.

Elliot encostou a cabeça no meu ombro, observando atentamente a cena enquanto eu passava a mão pelos seus cachos. Por minha causa, Thomas morreu antes que sua alma pudesse ser purificada pelo Portador da Luz. Eu deveria sentir vergonha — eu deveria sentir culpa. Se eu não estivesse lá, o pai teria subjugado Thomas sem recorrer à violência fatal. A mãe o teria pacificado com apenas algumas frases bem colocadas. Então o que isso fez de mim? Não um salvador ou um herói, certamente.

Não, eu era um monstro que condenou outra alma a perecer sob as mãos monstruosas do Portador das Sombras.

O rosto de Alcott, com uma semelhança impressionante com o de Thomas, se contorceu de raiva. “Onde estão seus filhos, então? Onde está sua *prova* ? Eu também gostaria de falar com seus guardas—”

“Eles ficaram doentes e estão com suas famílias. Eles não assumem seus postos há quinze dias.”

“Provavelmente doente com corrupção, assim como metade de Norhavellis,” Alcott fervia, os olhos brilhando. Sua mão passou como um fantasma sobre seu quadril como se esperasse que houvesse uma arma ali. “Você deixou a escuridão manchar esta vila. *Nunca* vi um lugar tão saturado de morte e doença.”

“Então talvez Norhavellis esteja amaldiçoado. Mas isso não é culpa minha.”

Alcott fez um som de desgosto. “Então você é um tolo ou um criminoso. Provavelmente ambos.”

As mãos do pai apertaram sua besta. “Me culpar pela ruína de Norhavellis é colocar a morte de Eden sobre meus ombros. Não vou tolerar isso.”

Abbott cambaleou para a frente, com lágrimas escorrendo pela barba. “Seu maldito ele, Galen. Ele não receberá a benção do Portador da Luz.”

“Para longe. *Para trás* .” O pai levantou sua besta.

“Meu pobre garoto,” Abbot lamentou. “Você o condenou ao Inferno quando o matou.”

“Você não merece o direito de ser chamado de Absolver,” Alcott cuspiu, movendo-se para ficar ao lado do pai. “Thomas não tinha sinais, nenhuma indicação — com todo o seu treinamento, você poderia tê-lo contido.”

“Pegue o corpo—”

“Você é um mentiroso. Um ladrão. Um tolo.” Alcott arrancou uma das flechas das costas de Thomas e atirou-a aos pés do Pai. “A Legião da Luz verá você enforcado.”

Meu estômago afundou. Não foi culpa do meu pai, foi *minha* . Eu deveria estar lá embaixo, enfrentando a ira dos Radlers. Eu não deveria estar encolhida no meu quarto, o nariz pressionado contra o vidro como uma criança delirante, mas o medo me enraizou no lugar. Eu não queria enfrentar meu destino ou a escuridão em nosso quintal. Eu queria *correr* .

“Eu disse, pegue o corpo—”

“Thomas tomou a poção todas as noites durante dezessete anos! E Becca — *e*

minha esposa?”

Eu franzi a testa. Thomas e Becca também tinham acesso ao elixir. Comparados à maioria das famílias em Norhavellis, os Radlers queriam nada, muito menos a única mistura que os impedia da ruína absoluta. Então por que eles se tornaram Corruptos?

Elliot puxou minha manga.

Norhavellis estava se partindo em suas costuras, e nós estávamos presos em seu centro em ruínas.

A NOITE CAIU LENTAMENTE.

Fiquei na cozinha, observando minha mãe preparar o jantar. A mistura era perfumada e saudável: alecrim, manteiga e zimbro derretendo em volta do coelho e das batatas.

Era um contraste nauseante com a bílis e a culpa revirando meu estômago.

Thomas já estaria enterrado agora, descansando em um lugar que o Portador da Luz não poderia limpar. Sua alma apodreceria no Inferno ao lado do demônio que o Corrompeu, incapaz de encontrar seu caminho de volta para a luz do Criador.

Apertei minhas mãos juntas. Dedilhei a sujeira imaginária.

O Portador da Luz era exaltado em todo o reino por sua habilidade de purificar almas, mas só funcionava se o Corrupto estivesse vivo. Se um Corrupto morresse antes de ser purificado, sua alma humana pereceria e o demônio estaria livre para renascer nos sonhos e na pele de outro.

Assim como aconteceu com o Éden.

O vento soprava pela casa, forçando a madeira velha a ranger e gemer, e não pude deixar de imaginar um monstro nos olhando através das janelas da cozinha.

“Quando o pai vai voltar?”, perguntei, tentando disfarçar o medo na minha voz.

“Não deve demorar muito.” Mamãe se concentrou em suas mãos enquanto mexia nossa ceia, adicionando uma pitada de sal e um punhado de ameixas secas. Seus olhos estavam injetados, e seu cabelo, selvagem e escuro como o meu, estava preso em um coque. “Você está com fome? Coma um pouco de pão. "

Elliot entrou, mordendo os nós dos dedos. “Por que o pai está no celeiro? Ele está estranho.”

“Não é estranho”, disse a mãe, erguendo os olhos da panela. Ela agarrou nossas mãos e as apertou. “Ele está trabalhando mais duro do que você imagina para mudar nosso destino. Ele quer nos dar o que *merecemos* . É por isso que estamos deixando Norhavellis.”

“Partindo,” eu ecoei inexpressivamente. “Nós nunca fomos capazes de partir.”

Deixar Norhavellis seria abandoná-la.

Após a morte de Eden, Mãe e Pai fizeram uma petição ao Portador da Luz, implorando por sua ajuda contra a Corrupção de Norhavellis. Por preços justos de elixires. Por suprimentos médicos. Por mais guardas treinados para nos proteger. Mas as estações passaram, a Corrupção piorou e as estações se estenderam por anos. Eles nunca receberam uma resposta.

A Legião da Luz veio apenas para reabastecer nosso suprimento de elixir e coletar — ou caçar, se eles escapassem — nossos Corruptos.

E assim Norhavellis afundou, ano após ano, no desespero. As colheitas murcharam, os edifícios ruíram e seu povo recorreu à raiva, ganância e engano. A corrupção infeccionou e borbulhou como uma infecção. Mas não podíamos simplesmente ir embora.

Mesmo que eu quisesse profundamente e *desesperadamente* fazer exatamente isso.

Eu estava farto da escuridão — farto do desespero. Ele se agarrava a cada interação, arranhando as bordas como um lobo faminto.

“Eu sei”, disse a mãe, exalando. O som era oco e pesado. Ela tirou uma mecha de cabelo dos meus olhos. “Mas Eden foi tirado de nós, e ontem à noite quase

perdemos você e Elliot também. Seu pai e eu não vamos mais tolerar isso. Precisamos reivindicar um futuro diferente para nós.”

A tristeza me atravessou ao som do nome de Eden. Como sempre aconteceria.

“Mas quem cuidará dos Corruptos? Quem mais administrará o elixir?”

A mãe balançou a cabeça, sorrindo tristemente. Sombras do fogo dançavam em seu rosto, esculpindo seu rosto mais oco. partes. “Absolventes de nossos vizinhos em Ystoven concordaram em dividir nosso fardo. Um gerenciará os deveres deste lugar. Mantenha-o seguro com novos guardas até que o Portador da Luz selecione nosso substituto.”

O vento passou pelas paredes novamente, expirando em um suspiro longo e sinuoso. Um barulho soou na frente da casa quando ele passou, quase como se alguém estivesse batendo levemente na porta. Fiquei tenso, olhando para Mother e Elliot. Eles ouviram também.

Três batidas irregulares. Duas suaves e arrastadas, uma mais forte e curta.

Minha mãe pegou uma vela e escondeu uma faca em suas saias, gesticulando para que eu fizesse o mesmo. “Uma precaução, é claro”, ela disse, em voz baixa. “Provavelmente é só seu pai.”

“Pai não bate”, sussurrei de volta, incrédulo. A faca parecia errada em minhas mãos; eu não me sentia capaz de usá-la.

As batidas diminuíram. Havia apenas o vento, gemendo através das fendas nas paredes.

A mãe lançou um olhar feroz para cada um de nós. "Não tenham medo", ela disse, colocando o castiçal no chão e segurando a trava. "Não podemos nos dar ao luxo de outra coisa."

Quando ela abriu a porta, um vento forte soprou. Puxei meu suéter sobre o nariz, quase engasgando com o fedor familiar.

“Boa noite,” minha mãe disse, com a voz embargada. “Como podemos ajudar você?”

Uma mulher e duas crianças estavam em nossa varanda, miseráveis e pálidas . A mulher, não muito mais velha que eu, acariciava sem rumo tanto sua saia quanto o cabelo sujo de seus filhos.

“B-boa noite, Sra. Havenfall.”

A mãe sorriu, sempre a anfitriã adequada. “Que sorte você ter conseguido chegar até aqui sem problemas. A floresta pode ser um lugar perigoso à noite.”

“Eu sei. Não gosto de sair tão tarde, mas eles estão realmente doentes.” Ela lançou um olhar nervoso por cima do ombro e continuou, sussurrando conspiratoriamente, “Eu não acredito nos rumores, sabe. Sobre o que aconteceu com os Radlers e tudo mais. Por favor. Eu—eu não posso perdê-los.”

A mãe assentiu com conhecimento de causa. “Claro.”

“Vocês se lembram dos meus gêmeos, Ronnie e Isabelle. Digam ‘olá’”, ela disse, olhando para os filhos e os persuadindo a nos reconhecer.

O rosto de Ronnie era uma lousa em branco quando ele olhou para sua mãe. Seus lábios murmuraram *olá* , mas o som real não veio. Isabelle apenas enterrou seu rosto nas saias de sua mãe, choramingando suavemente.

“Olá, queridos”, disse a mãe gentilmente, dando-lhes tapinhas nos ombros machucados.

As crianças mal tinham passado do terceiro ano de nascimento, mas uma substância turva pingava de seus cílios. Ela se misturava a um fixador espesso e cor de carne que cobria a metade superior de seus rostos, forçando a pele a se fraturar em vários lugares.

A escuridão nos espiava através das rachaduras.

“Crianças lindas e corajosas”, disse a mãe, curvando-se na cintura para ficar no mesmo nível dos gêmeos. “Vamos fazer vocês melhorarem de novo, certo? Mais ocultação, talvez?”

Ocultação, porque elixir seria fútil. A corrupção não tinha cura, assim como as sombras em seus rostos não podiam ser apagadas.

Ainda assim, a mãe guiou a família até a botica e tirou vários potes de vidro das prateleiras. Ela trabalhou rapidamente, misturando pigmento dos potes com água e um pouco de pomada. Enquanto eu lavava o rosto das crianças, Elliot se divertiu com um conto de Lelantos, o Tecelão do Ar. Era uma história encantadora — uma que eu conhecia bem do livro de contos de Tecelão — mas os gêmeos pareciam não estar familiarizados com ela.

“E então, a montanha explodiu como um ovo,” Elliot continuou, abrindo os braços dramaticamente. “Lelantos *voa* da rocha, renascido com *asas* !”

Elliot pulou de pé e fingiu voar pela sala. Depois de fazer alguns passes, ele se ajoelhou na frente dos gêmeos, uma expressão intensa no rosto .

As crianças caíram na gargalhada. Eu me esforcei para focar em seus sorrisos, não nas sombras marcando linhas em suas peles. Elas permaneceram notavelmente imóveis enquanto a Mãe terminava seu tratamento, misturando a espessa cobertura em suas peles até que as sombras não aparecessem mais.

Sua técnica de ocultação era uma solução rápida e barata, mas duraria apenas alguns dias, no máximo. Tempo suficiente para preservar a dignidade das crianças antes que a Legião da Luz viesse e as levasse embora. E essa era talvez a parte mais cruel de todas. Suas almas seriam salvas pelo Portador da Luz, mas seus corpos Corrompidos ainda teriam que morrer.

Porque uma vez que um demônio reivindica sua vítima, nada pode ser feito.

O demônio se alimentaria, lenta e *deliciosamente* , um sonho após o outro, até que a mente aflita apodrecesse e seu corpo apresentasse sinais físicos de sua decadência. Poderia levar anos se alguém fosse forte o suficiente para resistir, mas poucos conseguiam. Os demônios preferiam almas fracas e errantes. Os pobres. Os cansados. Aqueles sem refeições quentes e sapatos em seus pés arruinados. Aqueles sem pais que os amavam.

A maioria caiu em corrupção total em um mês.

Os contos contavam sobre um grande governante, um dos antigos reis de Noctis, que uniu os sete Weavers em batalha contra os demônios. Os Weavers lutaram bravamente, travando lutas horríveis que se estenderam tanto pelo mundo mortal quanto pelo Reino dos Sonhos, mas estavam em grande desvantagem numérica. O rei reconheceu a inevitabilidade de sua derrota; sua

força estava falhando assim que os Weavers começaram a cair. Como um presente final antes de sua morte, o rei criou o elixir, uma poção que protegeu Noctis do Reino. Com o que restava de sua força, e o último dos Weavers restantes, ele sentenciou o Portador das Sombras à condenação eterna.

Alguns disseram que o rei enlouqueceu após criar o elixir e selar o corpo do Portador das Sombras. Eles sussurraram que sua rainha se perdeu para a Corrupção e que seu herdeiro se associou aos próprios demônios que ele buscava destruir.

Eu não tinha certeza. E eu não tinha certeza se me importava, também — não quando o elixir falhou com aqueles que mais precisavam. A cura do rei não não protegia mais o reino; protegia os ricos. Poucos outros podiam pagar consistentemente seu custo sem sacrifício. Como resultado, sempre havia homens e mulheres com o início de sombras vazando em suas bochechas e unhas. E *crianças* .

Estremeci.

Era uma zombaria cruel para crianças serem corruptas.

Fechei os olhos, momentaneamente me perdendo. Essa era a realidade do mundo: mães que não podiam comprar o elixir para si ou para seus filhos. Nem mesmo um bocado.

OceanofPDF.com

Capítulo 4

MITHRAS ATRELLE TETHEBRUM, Portador da Luz e soberano sagrado de Noctis, bebeu profundamente de uma taça de vinho de mel.

Ele bebeu tanto que quase engasgou.

Mithras reprimiu uma maldição e esfregou a boca, recuando diante da película de mel que grudava em sua língua. O gosto não era diferente do resto de sua tenda — avassalador e miserável. Ainda esfregando a boca, ele olhou para as paredes de sua tenda, que estavam cobertas de tapeçarias com fios de ouro e artefatos brilhantes de todo o seu reino. Tudo fedia. Cheirava ao melhor e mais enjoativo perfume de Noctis.

Além de sua tenda, seus legionários provavelmente estavam contando histórias enquanto comiam carne assada e cidra quente, saboreando que sua caçada estava quase acabando e suas tendas não fediam a perfume e vinho de mel. Mais uma aldeia, uma rápida cavalgada para coletar dois Corruptos, e eles viajariam com orgulho e glória de volta para Istralla, vitoriosos.

Ele odiava tudo isso.

Uma pulsação em sua têmpora — *um, dois* — lhe disse que eles estavam perto e que poderia haver outros também. Não importa. Ele lidaria com isso quando eles chegassem.

Ele podia sentir os Corruptos do reino como se fossem feridas purulentas. Era seu poder e sua maldição. Conhecimento dos Corrompidos' A existência o assaltava em ondas, puxando sua garganta ou picando seu peito quanto mais perto estavam. Um presente amaldiçoado, mas um em torno do qual ele esculpiu sua vida.

Um dom pelo qual ele era *adorado* .

Era por isso que ele geralmente se escondia ou se disfarçava quando fazia rondas pelas aldeias, embora isso estivesse se tornando cada vez mais difícil ultimamente.

Ele estava pensando em rasgar sua barraca em pedaços quando uma figura encapuzada entrou na barraca sem ser anunciada e sem ser notada por seus guardas.

Mithras levantou seu copo. “A que devo o prazer?” Ele acrescentou, a boca se contorcendo em uma carranca, “Ou a quem?”

Theia, a imortal Weaver of the Future, sentou-se ao lado dele, arrumando as pernas sobre uma almofada de veludo. Pálida como osso, com olhos e cabelos combinando, ela se movia como um fantasma formado para a vida.

Uma mulher realmente assombrada.

“Mithras,” ela reconheceu, servindo-se de uma taça de seu vinho. Seus olhos, luminosos sob seu capuz, encontraram os dele. Isso o enervou quando ela fez isso. Era como se ela visse algo em sua alma que ele não conseguia. “Sua tenda está tão dourada e vistosa como sempre.”

“Mmm,” Mithras concordou, girando o líquido preguiçosamente em seu próprio copo. Quanto mais ele bebia, mais azedo ele ficava. “Certamente você não veio aqui só para insultar meu bom gosto.”

Theia franziu a testa. “Vamos aos negócios, então, se preferir.”

Ele levantou seu copo em uma saudação de brincadeira. “Aos negócios.”

“Há algo revelador no ar esta noite. E não é o porco assado da sua legião”, ela disse, seu olhar vagando para as tapeçarias dele enquanto ela tomava um gole. Ela gesticulou para a tapeçaria mais próxima, uma representação do banimento do Portador das Sombras pelos Sete. Sete Tecelões formaram um anel ao redor do corpo quebrado do Portador das Sombras, selando-o com correntes de luz. No centro, moldando o selo final, estava Mithras, vestido com uma armadura dourada até o pontas de seus cabelos dourados.

“Estamos nos aproximando dos quinhentos anos. A maré está mudando, Portador da Luz.”

“O que você viu?” Mithras perguntou, esquecendo sua taça e se inclinando para frente sobre os joelhos.

Ela parou, considerando-o. “Uma garota, cantando a canção de alguém deixado para a escuridão. É promissor. Logo você a verá, e logo saberá.”

“Ele está inquieto. Ela não estará segura.”

Theia assentiu, lábios apertados. “Mas ela será sua fechadura e sua chave. Se você conseguir aguentar só um pouco mais, tenho certeza de que podemos—”

Uma dor repentina atravessou o crânio de Mithras, dobrando-o. Era uma dor específica — uma que falava de morte e ódio. Parecia céus se movendo, o esmagamento de ossos sob um punho de ferro e o fedor insuportável de algo mascarando sua podridão. Theia captou o olhar em seus olhos, a mudança de sua expressão.

Ela recuou silenciosamente, escondendo o rosto no capuz, e desapareceu na noite.

Sozinho em sua tenda, sem ser visto, o cálice de Mithras escorregou de seus dedos. O último gole de vinho derramou-se, amarelo, doentio e lento.

Ele não tentou impedir.

OceanofPDF.com

Capítulo 5

PELA TERCEIRA vez naquela noite, o elixir ficou amargo e ruim na minha língua.

O sono me provocava, brincava comigo — envolvia meus olhos com suas mãos e me *chamava* — mas eu não conseguia me acalmar. O mal-estar descia em uma nuvem negra e horrível, destruindo minha mente em pedaços.

Irritado e exausto, dei uma quarta garfada e caí de volta nos travesseiros.

Mas nada aconteceu.

De novo.

Bem, nada, exceto a sensação de insetos de membros longos arrastando seus corpos sobre minhas pernas. Estremeci e sentei-me novamente, pegando o frasco. Eu tomaria um gole mais longo e contaria de trás para frente a partir de mil. Cem mil, até. Eu tiraria o cadáver de Thomas e os olhos vazando de duas crianças de três anos da minha mente. Mas quando o copo roçou meus lábios, apenas um pequeno riacho de líquido escorreu.

Olhei incrédulo para o frasco vazio.

Como pude usar tanto? O suprimento da nossa família não era infinito como os moradores acreditavam. E aqui estava eu, desperdiçando um quarto de um frasco em uma *única noite* .

Desgostoso comigo mesmo, desci as escadas para nossa reserva pessoal de elixir. Eu não tinha escolha; se o tônico não fosse tomado imediatamente antes de dormir, minha alma poderia ir para o reino dos demônios. Mas essa era outra razão pela qual a família média — até mesmo a *pessoa média* — lutava para manter um suprimento de elixir. Um estômago apertado de fome, medo ou descontentamento dificultava o sono, mas a maioria não podia pagar mais do que um ou dois goles por dia.

Procurei nos cantos escuros das prateleiras da nossa cozinha, esperando roçar no vidro liso dos frascos de elixir, mas não senti nada além de poeira e sombras.

Estranho.

Olhei pela janela para o nosso celeiro perto da floresta, notando o brilho revelador da luz de velas. Mas quanto mais eu olhava, contemplando se eu deveria arriscar fazer a caminhada até onde meu pai ou minha mãe poderiam estar, mais fraca a luz parecia.

O suprimento de Norhavellis, escondido em nossa botica, silenciosamente acenava.

O comércio de elixir restringiu a suscetibilidade de Noctis à Corrupção, e os Absolvers eram obrigados por lei a documentar o consumo de elixir das famílias dentro de seu território designado. Minha mãe e meu pai eram curandeiros, fazendeiros, fornecedores de elixir e Absolvers — supervisores da Corrupção. Mas secretamente, e às vezes não tão secretamente, os norhavellianos os desprezavam. Eles presumiam que tínhamos um suprimento infinito de elixir só para nós, e nos odiavam por isso.

Se ao menos soubessem o quanto sofremos.

A escuridão invadiu o boticário, inchando as paredes com sombras espessas, e plantas caíam em cascata do teto, pressionando as janelas com cortinas. Elas pareciam serpenteantes, mais parecidas com bestas viscosas e contorcidas do que com vegetação inofensiva.

Rapidamente procurei um frasco extra, ignorando a sensação de que algo estava me observando, espreitando além da minha visão. Assim que encontrei o que estava procurando — uma pequena porção de elixir, adequada para alguns goles — corri escada acima, bebi do frasco e me acomodei debaixo dos meus cobertores, totalmente preparado para uma noite normal de sono sem sonhos.

CAÍ.

Descontroladamente.

Implacavelmente.

Minhas mãos se fecharam em torno de coisas molhadas e viscosas. Lama fria. Folhas em decomposição. Eu era uma boneca, uma pedra — inútil, *inútil* — batendo em galhos e na parte inferior afiada das raízes das árvores. Quando parei de me mover, não reconheci as respirações ofegantes e lamentáveis que saíam de

mim.

Lentamente, abri meus olhos.

Árvores balançavam no alto, brilhando suavemente no crepúsculo. Ainda cambaleando, notei distraidamente o solo escuro e úmido entre meus dedos. As folhas finas como papel pressionadas contra a parte de trás da minha cabeça. Sentei-me, esticando suavemente minhas articulações. Devo ter entregue pacotes de elixires com a mãe e o pai. Devo ter caído da carroça enquanto fazíamos nossas rondas.

Sim, era isso.

Eles devem estar muito preocupados.

O sussurro de uma melodia chamou minha atenção, a única indicação de qualquer vida além das árvores, lama e um céu escurecendo rapidamente. A música era linda — simples e despreocupada. Ela me lembrou de uma época em que Eden e eu finalmente fomos autorizados a entrar na Floresta Visstill sozinhos. Estávamos em uma missão para coletar uma certa erva, mas o trabalho em si não importava. Passamos a manhã inteira fingindo que éramos guerreiros, lutando com galhos e dançando pela grama alta como se nada pudesse nos machucar.

Eu cantei junto com a melodia, inventando palavras enquanto eu andava. O tempo se perdeu enquanto eu andava, mas eu continuei a cantar, profundamente em meus pensamentos e minha canção inventada, até que ouvi o barulho de passos rápidos movendo-se através das folhas. Eu tive apenas um instante para agarrar um galho caído, sua ponta curva e afiada, antes que eles estivessem sobre mim.

Um grupo de homens se materializou do mato, cobertos de pelo oleoso e com o fedor de carne suja. Eles se esgueiraram ao meu redor, em silêncio, exceto por ofegos abafados. Seus trajes eram assustadoramente intrincados; não havia costuras no material.

Artistas, então.

Minhas palmas estavam quentes em volta da minha arma improvisada. Humanos, mesmo que fossem apenas artistas, nunca deveriam *ter* a aparência

que tinham. Não era natural. Uma imitação da vida.

“O que você quer?”, perguntei, minha voz incontrolavelmente estridente. “Meu pai e minha mãe são os Absolvers de Norhavellis. Eles estão em algum lugar perto de—” Eu não sabia para onde olhar. Eles estavam em todo lugar, me forçando para trás. Onde estavam seus *olhos* ? “ *Fique longe de mim!* ”

Eles eram de Norhavellis? Os Radler os enviaram em vingança pela morte de Thomas? Quanto mais eu considerava a ideia, mais histérica eu me sentia. Eu deveria ser morta? Torturada? Deixada para morrer de fome neste labirinto de árvores em decomposição?

Um artista veio em minha direção, soltando baforadas de ar pelas fendas no nariz da máscara. Eu cambaleei para trás e tropecei, caindo no chão. Eles estavam miseráveis. Absolutamente *miseráveis* . Minha cabeça estava queimando — pontos brancos brilhavam na minha visão.

Fechei meus olhos com força.

Então, eu percebi. Lembrei.

Eu estava *dormindo* — eu estava *dormindo* , e isso era um *sonho* —

Meus olhos se abriram. Os homens não eram artistas. Eles eram *demônios* , sorrindo para mim com alegria maníaca. Saliva escorria de seus lábios rachados, deslizando em seus pelos. Se eu não escapasse, eles me forçariam à Corrupção.

Levantei-me com dificuldade e, às cegas, escolhendo uma direção, corri para salvar minha vida.

Eu ainda tinha um propósito .

Eu tinha que *viver* .

FAÇA tudo que estiver ao seu alcance para correr ou se esconder dos demônios. Você não pode lutar contra eles.

Surpreenda ou machuque seu corpo o suficiente para forçá-lo a tomar consciência.

Procure abrigo em um dos domínios da Weaver; eles não existem mais, mas seus domínios permanecem firmes.

AS VOZES da minha mãe e do meu pai ecoavam na minha cabeça, me lembrando de cada regra e de cada aviso terrível e mortal. Mas eu sabia com certeza doentia que não conseguiria fugir de um demônio, não tinha coragem de me machucar quando tudo parecia tão real, e não tinha absolutamente nenhuma chance de encontrar o domínio sagrado de uma Weaver. Eu não era capaz de *nenhuma* dessas coisas. Ainda assim, corri mais fundo na floresta, tentando mudar meu destino. As árvores se moveram ao meu redor, galhos brilhando como escamas de peixe escuras e iridescentes, assim como a floresta se fundiu em uma visão de tons de joias e colinas esmeraldas, folhas brilhantes espiralando para encontrar flores perfumadas e brilhantes.

Lindo.

Eu quase ri. Ninguém me disse que a danação poderia ser *bela* .

" *Garota* ."

Eu fiquei tenso. Eles me encontraram.

“ *Garota* ,” repetiu a voz, rouca e oca como ossos sendo arrastados por cascalho. “ *O que um mortal está fazendo dentro do domínio do Portador da Sombra* ?”

Uma figura, vagamente masculina, entrou na clareira, imunda e solene. Parecia que ele tinha acabado de sair das profundezas do Inferno para ficar ali, cavando camadas e camadas de terra até finalmente se libertar. Fios grossos de cabelo murchavam de seu couro cabeludo, pendurados em ângulos tortos, e lama grudava na maior parte de seu corpo. Um pedaço esfarrapado de tecido bordado estava preso aos seus ombros, arrastando-se na terra atrás dele, e seus olhos combinavam com o estado de seu cabelo, grisalho e caído.

“ *Olhe ao redor* ”, disse a figura, parando. “ *Você vê?* ”

Os demônios se moveram para me cercar, formando um círculo solto dentro das árvores brilhantes.

O que eu vejo? Eu vejo demônios. Eu vejo feiura. Eu vejo sujeira.

Mas também vi uma clareira, explodindo com árvores luminosas e flores brilhantes. Vi a escuridão se acomodando sobre a grama esmeralda como uma nuvem de veludo. Examinei o espaço novamente, finalmente me fixando em algo à distância que era escuro e irregular.

“Sim, você encontrou ”, suspirou a criatura.

A forma massiva de *algo* se desenrolou diante de mim como a casca de uma criatura recém-descoberta. A forma dele entrava e saía de foco, às vezes tomando forma, outras vezes desaparecendo no ar como se não fosse nada.

Isso é uma fortaleza? Algum tipo de montanha?

Respire. Eu precisava respirar.

Inspirei fundo o ar perfumado, desejando que minha mente clareasse. Examinei minhas mãos, encarando minha pele manchada de lágrimas até que ela se aguçou. Satisfeita com a clareza dos meus dedos, respirei fundo pela última vez, me firmando.

Eu olhei para cima.

Um castelo pairava no alto, lançando uma escuridão espessa sobre a terra. Era um golias de torres altas e paredes de obsidiana, e estrelas salpicavam a extensão do céu logo além dele, misturando-se com o último fio moribundo do dia. O luar refletia nos arcos de vitrais dos andares superiores, iluminando o vidro.

Era um palácio de sombras e luz das estrelas.

Eu podia sentir o poder que ele continha; tão profundamente dentro da floresta dourada, parecia prever uma presença que esperava em cantos sedosos e sombreados e *observava.* Quando finalmente desviei os olhos, eu estava sozinho. Os demônios e o ser de cabelos grisalhos se foram .

Uma pressão se formou dentro do meu estômago, me forçando a me mover, então caminhei até o pátio extenso do castelo, incapaz de deixar de admirar sua beleza misteriosa. Arranjos florais exuberantes floresciam de vasos de safira, mergulhando em água estrelada que jorrava de fontes de pedra. Passei a mão por um vaso, alarmado por parecer tão *real* . Eu podia tocar a superfície, brilhante e escura, e sentir o ar do crepúsculo sobre o vidro.

Meu aguçado sentido do tato também me dizia que minhas mãos estavam tremendo, o que era um problema.

Os demônios sentiam medo como os animais sentem o cheiro de sangue; eles podiam se agarrar à sua fraqueza e roê-la até consumirem você por inteiro. Ou pelo menos era isso que os contos alegavam.

"Pensamentos agradáveis agora", sussurrei, jurando banir "roer" e algumas outras palavras escolhidas do meu vocabulário mental atual.

Conforme me aproximei das colossais portas de ferro do castelo, minha pequenez se tornou dolorosamente óbvia. Eu era completamente insignificante ali, nem um pouco capaz de lutar contra demônios ou o senhor perverso que governava sobre todos eles.

Mas, apesar do medo, senti vontade de bater.

Bater.

Bater.

Bater.

Minha mão bateu no metal frio três vezes. Um ruído metálico e não natural soou, ecoando por todo o pátio. As portas tremeram no ritmo dos ecos, ondulando conforme sua superfície mudava; cada centímetro do material escuro esculpido em si mesmo, formando milhares de esculturas meticulosamente detalhadas.

Tentei examinar as imagens, mas elas me escaparam, esvoaçando da minha visão como grãos de poeira girando. Aquilo era uma pessoa? Um monstro de cabelos brancos? Nada mesmo?

As sombras manchavam tudo, eu não conseguia ver.

Não consigo ver .

OceanofPDF.com

Capítulo 6

SENTEI-ME EM PÂNICO, chutando os cobertores emaranhados em volta das minhas pernas. Eles pareciam braços, pernas, *dedos* . Mal conseguindo conter um grito, cambaleei até minha cômoda, as mãos tremendo enquanto acendia uma vela.

Eu era corrupto.

Desta vez eu *tinha* que ser.

A respiração ficou presa na minha garganta enquanto eu examinava meus dedos, aterrorizada demais para começar com meu rosto. Adiar o inevitável era inútil; o primeiro sinal de Corrupção era a pele machucada sob os olhos. Ainda assim, procurei em cada dedo por pele roxa grudada em minhas unhas. Então meus pulsos, a parte interna dos meus cotovelos e a pele dolorida do meu pescoço.

Nada, nada, *nada* .

Eu deveria estar aliviada, mas e se meu rosto parecesse com o de Thomas, selvagem e perturbado? Eu precisaria esconder minha pele. Mascará-la com pasta e pó.

Agarrei a borda da cômoda, estremecendo enquanto imaginava ser assombrada pelo rosto flácido e cinza do demônio dos sonhos pelo resto da minha curta vida. Eu não dormiria mais e afundaria no conforto da escuridão. De agora em diante, mesmo se eu tomasse o elixir, eu sonharia com o demônio que me encontrou.

Finalmente me forcei a encontrar os olhos em meu reflexo .

Vi cabelos escuros enrolados em cachos desgrenhados, sobrancelhas arqueadas emoldurando olhos injetados de sangue e lábios vermelhos e machucados de tanto mordê-los durante o sono.

E a pele sob meus olhos estava limpa.

Claro .

Eu desmoronei, com os joelhos batendo no chão.

Mas espere—

O *elixir* .

Tomei-o antes de dormir, mas não do nosso suprimento pessoal. Não, nosso suprimento estava vazio, então peguei um frasco da vila. Peguei o frasco da minha mesa de cabeceira e examinei-o à luz de velas. Não tinha gosto, cheiro ou aparência diferente, mas de que outra forma eu conseguia sonhar tão vividamente? Agarrei minha garganta, o fantasma das pontas dos dedos de Thomas machucando minha pele.

“ *Você nos condenou a todos* ,” Thomas rosnou contra meu ouvido. Seu corpo curvado e febril pairava sobre mim. “ *Você mentiu para nós. Você nos fez acreditar.* ”

“Esmer?” Elliot arriscou, sentando-se de sua pilha de cobertores. Eu quase pulei para fora da minha pele com o movimento repentino. “O que há de errado?”

“Só estou me sentindo um pouco enjoado”, respondi fracamente.

Elliot olhou de volta, considerando. O que ele viu quando olhou para mim? O quanto meus olhos revelaram? "Por favor, não minta para mim. Eu sei que algo não está certo."

Hesitei por um segundo a mais, incapaz de encontrar as palavras certas para negar a pergunta.

“Isso é—” ele começou, olhando de soslaio para o frasco em minhas mãos, “marcado pela vila.”

Mordi o interior da minha bochecha. “Eu não tive escolha.”

Passos ecoaram na escada, nos fazendo ficar em posição de sentido. Joguei o frasco debaixo do travesseiro assim que meu pai entrou para nos acordar, trazendo consigo o cheiro de fumaça e terra. Sua pele áspera, queimada de anos no sol, estava molhada .

Lágrimas? Suor? Sangue?

As sombras dançantes, projetadas pela luz das velas, tornavam difícil dizer.

A MANHÃ ESTAVA amena enquanto passávamos pelo Visstill.

A luz do sol se derramava sobre as árvores, lançando um brilho leitoso através dos galhos. Ela se espalhava sobre animais errantes de pelo áspero, que se esgueiravam de volta para suas tocas, sobre folhas levantadas no ar por um vento matinal, e sobre meu pai e minha mãe.

O pai, com o cabelo limpo e penteado, usava botas recém-oleadas, uma túnica de lã escura e uma besta amarrada às costas. A mãe cavalgava ao lado dele, segurando as rédeas da égua com precisão e graça. Ela havia escolhido um vestido estampado com mangas franzidas que roçavam o topo das luvas. Era algo que eu não a via usar há anos.

Mãe e Pai, a possível razão por trás da Corrupção de uma vila inteira, vestidos com suas melhores roupas.

Você nos condenou a todos . Você mentiu para nós. Você nos fez acreditar.

"Por que seu rosto está tão assustador, 'smer?"

Minhas mãos voaram para os meus olhos. Devo ter ignorado as marcas da Corrupção. Ele sabia, ele podia ver—

“O que você está fazendo agora?” Elliot me lançou um olhar ainda mais perplexo. “Aranha caiu na sua cabeça?”

“O-o quê?”

“Aranha? Cair? Na? Sua? Cabeça?” Ele bufou cada palavra dramaticamente.

“Não,” eu disse, me forçando a revirar os olhos e esticar os braços. “Só estou perdido em pensamentos. E *você* só aconteceu de me assustar.”

“Hmm. Duvidoso.” Quando não respondi, Elliot chegou mais perto e deu um tapinha no meu ombro. “Dormir em uma pedra? Esqueceu de levar seu vestido favorito?” Ele franziu a testa, mordendo a bochecha. “Embora eu ache que você só tem dois ou três, hein? Então não é muito com o que se preocupar, na verdade. A menos que você não tenha levado nada além do antigo que está

usando. "

“Definitivamente não estou preocupada com isso”, respondi, tentando soar o mais indiferente possível. “Haverá muitas lojas de fantasias em Istralla para substituir todos os meus vestidos antigos. Em breve estarei parecendo uma rainha.”

“Claro que sim”, ele disse, sorrindo. Nós dois sabíamos que eu não tinha dinheiro para coisas como vestidos bonitos, mas era divertido aproveitar a possibilidade. Vestidos bonitos, uma casa confortável no igualmente glorioso mar de Istralla, comida deliciosa, garrafas de elixir — era um sonho inalcançável. Um sonho lindo e inalcançável. “É emocionante, hein?”

Retribuí o sorriso, fazendo o meu melhor para respirar longa e uniformemente, e relaxei no ritmo do meu cavalo. O movimento acalmou meus sentidos em algo que imitava paz, e forcei meus pensamentos errantes a se acalmarem. Certamente eu estava apenas pensando demais nas coisas. Com a podridão de Norhavellis para trás, só restavam esperança e possibilidade.

“Devemos nos preparar para nossa entrada em Istralla,” Pai comentou de repente, quebrando o silêncio sob o qual tínhamos nos acomodado. “Imagino que seremos escoltados para uma audiência com o Portador da Luz.”

Elliot gritou. “O Portador da Luz!”

“Bem, se pudermos—”

“E então o quê?” Elliot interrompeu. “Como é Istralla?”

A mãe riu, um som suave e encantado. “Fique tranquilo, Elliot. Você vai descobrir logo.”

“Mas Esmer e eu não sabemos muito sobre Istralla,” Elliot parou de falar, parecendo esperançoso. “Eu só pensei que poderíamos conversar sobre isso.”

“Tudo bem, tudo bem. Posso contar um pouco sobre Istralla primeiro. Mas só se isso acelerar seu passo”, disse o pai, parecendo estranhamente satisfeito. Era como se ele *quisesse* nos contar mais. “Istralla é a Cidade dos Sonhos. E, como contam as lendas, onde os Tecelões e seus discípulos outrora mantinham a corte.”

“Uh-huh,” Elliot confirmou. “Eu sabia disso.”

O pai lançou um olhar de soslaio para Elliot. “Mas você sabia que os Weavers ainda estão lá, trancados em seus túmulos sob a cidade?”

A boca de Elliot se abriu. “De jeito nenhum. Pensei que eles estavam perdidos. "

“Pode ser um rumor, pelo que eu sei. Mas pense nisso.” Seus olhos começaram a ganhar uma luz estranha. “Todos aqueles Weavers, indefesos no subsolo.”

Pensei nessa palavra: *indefeso.*

Pensamentos sombrios surgiram novamente quando olhei para o Pai, provavelmente dando a ele uma expressão que ele não estava acostumado a ver em mim. Eu queria agarrá-lo pelos ombros e sacudi-lo, exigindo respostas para perguntas inimagináveis.

O que você está escondendo de nós?

Por que sonhei com demônios depois de tomar o elixir destinado à aldeia?

Meu cavalo puxou as rédeas, sacudindo a cabeça para o lado. Ele bufou alto, arranhando o chão até ficar quase horizontal no caminho. Eu agarrei as rédeas, tentando endireitar nosso caminho, mas a criatura gentil não obedeceu — ou não conseguiu — obedecer. Os cavalos dos meus pais estavam em um estado semelhante de nervosismo, totalmente indiferentes aos seus comandos, ternos ou não. O cavalo de Elliot, um velho castrado e com deficiência auditiva, apenas olhou para a frente na direção em que estávamos viajando originalmente.

“ *Quieto* ,” o pai sibilou. “Acalme seus cavalos. Vamos, agora.” Seus olhos estavam arregalados e selvagens, espelhando os da criatura abaixo dele.

Apesar do brilho do sol da manhã, sombras engrossavam e se enrolavam das profundezas do Visstill. Eu me esforcei para ouvir o que os cavalos conseguiam ouvir, mas tudo que eu conseguia entender era o raspar das folhas contra os galhos que os seguravam. Apenas silêncio e o sol batendo persistentemente contra meu pescoço. Isso me lembrou do meu sonho — de estar cercado por um inimigo desconhecido com intenção maligna.

Um único cavaleiro emergiu das sombras.

Suas roupas eram imaculadas, entrelaçadas com camadas de branco e dourado, e seu manto, tão brilhantemente colorido quanto o couro branco de seu cavalo, varria suas costas em uma cortina brilhante. Uma máscara dourada escondia parcialmente seu rosto, deixando apenas seu queixo bronzeado e cabelos dourados expostos .

“Espere”, ordenou o cavaleiro, a voz ecoando poderosamente por entre as árvores.

O pai xingou. Era um som miserável e derrotado. “Nós seguramos. Por favor, não nos machuque.”

À medida que o cavaleiro se aproximava, ele começou a circular, estudando cada um de nós.

"Desmontar."

Fizemos o que nos foi dito, movendo-nos de modo que nossos ombros se pressionassem juntos. Elliot agarrou minha capa, o tecido marrom desbotado tremendo sob seus dedos.

“Qual é o significado disto?”, perguntou a mãe, dando um passo à frente para encarar o cavaleiro. “Você ousa assediar uma família inocente a caminho da capital?”

O homem a avaliou, os lábios falhando em revelar qualquer resquício de emoção. Ele então levantou um braço no ar, desenrolando seu punho de modo que cada um dos dedos de sua mão enluvada ficasse ereto.

“Você não está sendo assediado.”

A floresta farfalhava em uníssono ao nosso redor.

“Você não é inocente.”

Homens e mulheres em armaduras douradas, mascarados como seu líder, surgiram das sombras como se estivessem esperando por nós o tempo todo.

A Legião da Luz.

Estremeci ao reconhecê-lo, e o medo percorreu minha espinha.

A Light Legion era famosa em todo o reino por caçar Corruptos. Eles não estariam aqui sem razão. Eles *nunca estavam* em Norhavellis sem razão.

“Vocês são acusados de alto furto contra seu reino e soberano, fuga ilegal de seus crimes e assassinato de pessoas inocentes sob seus cuidados.” O homem continuou enquanto sua voz, agora envolta em violência, aumentava em força e volume. “Rendam-se, Galena e Elena Havenfall, ou morram como os vermes que são de onde estão.”

OceanofPDF.com

Capítulo 7

NORHAVELLIS ESTAVA MAIS viva do que esteve nos últimos meses.

Não, *anos* .

Portas abertas em suas dobradiças, abertas por aldeões clamando para obter o melhor ponto de vista possível. Eles se reuniram como famílias inteiras e estavam *furiosos* . Era impossível ignorar os dentes, o fedor, os rosnados. Dentes brilhando dentro de rostos sujos. O cheiro de lama e coisas podres. Os rosnados. As maldições.

Os aldeões cuspiram em Mãe e Pai enquanto passávamos, não ignorando Elliot e eu por completo, e atiraram punhados de terra e pedras pelo ar, atingindo nossa pele e sujando nossas roupas. Legionários nos cercaram enquanto nos movíamos, mas a multidão avançou contra eles de qualquer maneira, arrastando seus corpos para frente.

“Adoradores do diabo!” gritou uma velha, batendo os punhos contra o escudo erguido de um legionário. Ele a empurrou para longe, mas ela persistiu. “Apodreçam no Inferno com o Portador das Sombras!”

“Malditos sejam, Absolvers!”, uivou outro, segurando os restos do vestido esfarrapado de uma garotinha. “Malditos sejam todos vocês! Vocês a *mataram* !”

“Hereges! "

“ *Assassinos* !”

Raiva e vergonha queimavam em meu estômago. Raiva pelas acusações. Vergonha pelo mar de rostos amargos e enojados. Raiva por não saber. Vergonha pelo pouco que *fiz* . Eles acusaram a Mãe e o Pai de venderem elixir enfraquecido e diluído para o povo de Norhavellis, fazendo-os cair na Corrupção em um ritmo anormal.

O que foi, então? Uma mentira ou a verdade?

O rosto de Elliot, sujo e manchado de lágrimas, estava firmemente enfiado em seu ombro. Estava claro que ele não conseguia acreditar que a Mãe ou o Pai trairiam alguém, muito menos a vila inteira de nosso direito de nascença.

Fiquei com o estômago embrulhado.

Em que eu acreditava? Em que eu *poderia* acreditar?

QUANDO chegamos à clareira cercada por tochas de nossa casa, o céu estava escuro e o ar tinha esfriado, rastejando das profundezas das sombras que se alongavam. O comandante fez um gesto para que as tochas fossem acesas, e as chamas — mais vermelhas do que o normal — lançaram luz carmesim no espaço. Alguns legionários entraram em nosso armazém, arrastando caixas lacradas de elixir, suprimentos médicos e sacos de estopa cheios de sementes; outros saquearam nossa casa, retirando frascos de elixir, livros, móveis — não parecia haver ordem em sua seleção — e começaram a separá-la, queimando alguns itens e guardando outros.

O comandante caminhou até nossa família, uma mão apoiada firmemente sobre a espada ao seu lado. O brilho da tocha fez sua máscara brilhar em vermelho. “Confiscamos seu suprimento de elixir”, ele disse. “A Legião da Luz irá monitorá-los esta noite; amanhã vocês serão julgados.” Ele olhou para Elliot, então fixou seu olhar em mim. “Embora ainda não tenhamos decidido *seus* destinos.”

“Então, estamos condenados”, disse o Pai. Era uma declaração simples, não dirigida a ninguém ou a nada além da terra a seus pés.

O comandante balançou a cabeça. “É uma pena — realmente — que alguém na sua estação poderia estar cheio de tanta maldade.” Ele balançou a cabeça novamente, andando lentamente ao nosso redor. Mesmo fora do cavalo, o homem exalava poder e algo mais. Algo que eu não conseguia expressar em palavras.

Algo que não é deste mundo frio e escuro.

“Abaixe-os e revele-os.”

Eles empurraram o pai e a mãe para os joelhos. Legionários levantaram uma calha de água de celeiro chapinhando, gemendo sob o peso do líquido cheio de

partículas, e a deixaram cair com um *baque pesado* sobre a grama. Então eles entrelaçaram os dedos no cabelo dos meus pais e empurraram suas cabeças para baixo da superfície.

Mãe e pai se debatiam. Violentamente.

Os homens trabalharam meticulosamente, lavando e descascando suas peles. Só que — não, não era pele de jeito nenhum. Era *ocultação* .

“Não,” eu disse, distraidamente. Eu nem percebi que estava falando. “Não. Não, *não* —”

Hematomas escuros marcavam a pele delicada sob os lindos olhos azuis da minha mãe, um espelho dos de Eden. Fios pretos e venosos entrelaçados com as rugas na pele bronzeada do meu pai. Mas antes que pudessem falar — ou Elliot e eu pudéssemos enfiar uma frase coerente dos nossos lábios — fomos arrastados para trás através da terra e da grama em direção à nossa casa. O tempo desacelerou para um rastejar trêmulo. O único som que eu conseguia ouvir era do comandante enquanto ele condenava meus pais ao Inferno, sua voz eloquente reverberando como veneno em meus ouvidos.

Não. Não. Não.

Eles já tinham saqueado nosso quarto. Papel, roupas e cobertores estavam espalhados sobre as tábuas de madeira lascadas, e um cheiro — um cheiro de algo *diferente* , algo que não era da nossa família — se infiltrava pelo espaço. Elliot correu para sua cama e se enrolou contra a parede. Ele agarrou sua vaca de pelúcia — geralmente escondida de olhares curiosos — e a segurou perto do peito enquanto lágrimas escorriam por suas bochechas.

Ele deve ter esquecido de embalar .

Dois homens se posicionaram na nossa porta, posicionando seus corpos de modo que pudessem ver tanto o interior da sala quanto o andar de baixo, o saguão. Seus rostos, parcialmente cobertos por máscaras, pareciam carecer de emoção ou de uma única característica distintiva.

“Esperam que *durmamos* agora?”, perguntei a eles, incrédulo. Eu me senti tonto com algo parecido com diversão. Tudo parecia falso. Uma visão distante e enlouquecida que nunca deveria durar. “O que acontecerá com nossa mãe e

nosso pai? Quando eles serão purificados pelo Portador da Luz?”

Os legionários não responderam. Não consegui dizer se eles sequer reconheceram minha presença — suas máscaras lançavam sombras tão escuras sobre seus olhos.

“Precisaremos de elixir, primeiro. Mesmo que nossos pais sejam Corruptos, Elliot e eu precisamos dele.” Palavras giravam em minha mente, formando frases sem objetivo e obscuras — frases que eu não queria trazer à existência. E aquela palavra — *Corrupto* — tinha gosto de bile na minha língua. “Seu comandante disse que nosso destino não foi decidido. Precisamos do elixir. Como é apropriado.”

Mais silêncio. Eles não fizeram nem um movimento muscular.

"Eu disse-"

"Não."

A explosão áspera do som me assustou. “O quê?”

“Você não vai beber elixir, garota. Não te serviria, de qualquer forma.”

A estranha sensação de diversão parou, substituída por uma visão de Elliot, corrompido e apodrecendo por dentro, com marcas escuras escorrendo como feridas de seus olhos.

“Onde está seu comandante?”

Os legionários ficaram em silêncio.

“Você não me ouviu? Ele disse que nosso destino não foi decidido. *Onde está seu comandante* ?”

“Nosso senhor não é da sua conta”, disse o mais baixo dos dois.

“Seu senhor é uma grande preocupação para mim—”

O legionário mais alto cruzou os braços, claramente irritado. “Senhor Mitra, nosso *sagrado Portador da Luz* , decide quando e onde sua preocupação é

colocada.”

“Melhor ainda”, eu ri. O som parecia descontrolado em nosso quarto destruído, silencioso, exceto pelos gritos abafados de Elliot.

É claro que o comandante seria o Portador da Luz.

Ele raramente se fazia conhecido ao realizar ritos de Corrupção, preferindo que seus legionários trouxessem os Corrompidos diretamente a ele. Por causa disso, eu nunca tinha visto o Portador da Luz em carne e osso. Ainda assim, parecia lógico. Cabelo dourado, uma presença poderosa, um exército de seguidores devotados.

“Ele, mais do que ninguém, nos deixaria beber o elixir. Você deve permitir, ou então—” Ou então o quê? Eu os jogaria nas masmorras imaginárias de Norhavellis? Os cozinharia em um ensopado? Os baniria de nossa propriedade com a ponta afiada de uma pá? “—ou então tenho certeza de que o Portador da Luz irá puni-lo.”

O legionário mais baixo olhou para mim. Seus olhos redondos brilhavam na tênue luz de velas. “Nosso senhor não fará tal coisa, pois você nem o conhece.”

Pensamentos sombrios, antes sem nome e sem força, surgiram para me encontrar. O Portador da Luz limparia as almas da Mãe e do Pai, mas o processo destruiria seus corpos mortais. Foi o que aconteceu com todos os Corruptos. Deixados sem controle, homens e mulheres Corrompidos cometeriam crimes violentos e indizíveis contra seus amigos e vizinhos.

Contra suas famílias também.

Mas para onde Elliot e eu iríamos? Como sobreviveríamos em uma vila que nossa família traiu? A amarga verdade se revelou: não tínhamos para onde ir. Como *poderíamos* sobreviver?

Sentei-me ao lado do meu irmão, envolvendo meus braços em volta de seus ombros leves. Ele se inclinou para longe de mim, enterrando o rosto nas mãos. Acariciei seu cabelo, estabelecendo o que esperava ser um ritmo calmante. Precisei de todo o meu foco para evitar olhar para — ou pensar sobre — as duas sentinelas em nossa porta .

Se fosse verdade — que Mãe e Pai eram totalmente Corruptos — então qualquer coisa que acontecesse com eles não *os machucaria de verdade* . A mulher e o homem que se debatiam sob a água, ofegando por ar enquanto quase se afogavam, eram apenas marionetes cheias da sombra de um demônio. Na presença do Portador da Luz, suas almas viajariam para outro lugar. Seus verdadeiros eus estariam seguros, mantidos dentro da luz do Criador.

Pelo menos foi isso que nos ensinaram.

Mas então havia eu.

Eu já não estava no caminho da Corrupção? Não havia demônios fervilhando sob minha pele, esperando para tomar conta da minha alma? Segurei Elliot com mais força. Dessa vez, ele não resistiu e afundou-se contra mim, soluçando em seu cotovelo.

E foi assim que adormecemos — cansados, assustados e mais sozinhos do que nunca.

OceanofPDF.com

Capítulo 8

MINHAS COSTAS ESTAVAM CONGELANDO. Ainda assim, fechei os olhos com força. O dia podia esperar.

Sim, isso pode esperar.

Mas um vento, úmido e cortante, serpenteou em meu vestido fino, exigindo o contrário. Peguei um pedaço do meu vestido, enfiando-o em volta dos meus pés expostos, e me acomodei miseravelmente contra os travesseiros atrás de mim. Não, não travesseiros.

Uma *parede* .

Meus olhos se abriram de repente.

Eu não estava no meu quarto. Não, eu estava encostado em um *castelo muito familiar* .

Esculturas ornamentadas estavam nas portas do castelo dessa vez, embora antes não passassem de sombras borradas: flores espiralavam em delicados galhos de salgueiro, um menino cavalgava uma nuvem em forma de carruagem, e o rei e a rainha mantinham a corte com um sofisticado e belo grupo de nobres.

Mas quanto mais eu olhava, menos eu queria ver.

As esculturas mudaram, transformando-se em coisas violentas e terríveis. As flores começaram a queimar, sombras borbulharam por baixo dos galhos de salgueiro, e os sorrisos das figuras se transformaram em gritos escancarados. a nuvem do garoto se transformou em uma tempestade de sombras, devorando-o vivo.

Gritei de surpresa, afastando-me das esculturas, mas não tinha para onde ir: uma criatura familiar coberta de lama, com uma capa esfarrapada, estava cambaleando em minha direção, vinda do pátio do castelo, me prendendo.

“ *Você pode ver—você pode ver!* ” a figura gritou. “ *Horror, beleza, sonhos,*

vida. Oh, mas o que você fará agora? ”

Sombras caíam das ranhuras nas esculturas, formando monstros grotescos. Elas ondulavam na superfície das portas de ferro, movendo-se tão rapidamente que era difícil distinguir uma da outra. Garras em forma de gancho, chifres serrilhados, lábios abertos em sorrisos maliciosos — eu podia sentir o ódio deles enquanto eles saíam. Centenas de olhos me encaravam, fervendo de malícia. Não parecia que eles tinham o poder de se libertar, ondulando contra a porta como estavam, mas eu também não queria descobrir.

A figura coberta de lama estava se movendo mais rápido agora, tropeçando a cada poucos passos com seu andar irregular.

“Fique longe de mim!”, gritei, aproximando-me das portas do castelo infestadas de monstros.

“ Você precisa encarar com tanto desgosto?” O demônio estendeu os braços, inspecionando a carne cinza e enrugada. *“Esses corpos não são nossos.”*

Olhei feio para a figura em resposta.

“Você está me deixando constrangido, olhando para mim desse jeito. ”

“Então me deixe em paz,” eu sibilei. Eu não conseguia acreditar. Eu estava conversando com um demônio — e um demente, ainda por cima.

“ Meu corpo mortal morreu durante — como você chama isso?” Ele fez uma pausa, olhando para mim. Eu não respondi, então ele continuou. *“Perdoe-me. Já faz algum tempo desde que andei na terra verdadeira ou troquei palavras com um humano ainda dentro dela. Sua espécie o reconhece por um nome? ”*

“Você não vai me enganar, demônio. Eu ouvi muitas histórias sobre sua decepção.”

“ Bem, se você deseja ser ignorante, que assim seja. ” Ele jogou o pano que arrastado de seus ombros e dobrado na cintura, imitando um arco aristocrático. Ele se levantou novamente, um sorriso em seus lábios rachados. A luz da lua, pairando sobre as muitas torres do castelo, brilhava em seus olhos. *“É melhor encontrar refúgio dentro das muralhas do castelo, ou eu vou devorá-lo. ”*

Então ele começou a andar, diminuindo gradualmente a distância entre nós.

Virei-me para as portas do castelo. As imagens eram perturbadoras — isso era *bem* verdade — e ainda assim algo me chamava de dentro.

Era como se alguém — ou *algo* — estivesse puxando um único fio invisível firmemente preso em volta da minha caixa torácica e precisasse que eu fosse além das portas das sombras e monstros. O chamado não parecia maligno, exatamente, mas cheirava a ódio e desespero. Parecia familiar, de alguma forma. Estendi minha mão, hesitante, preparado para que ela fosse violentamente arrancada pelas esculturas monstruosas. Mas assim que alcancei suas mandíbulas estalando, as criaturas deslizaram para longe, deixando espaço suficiente no metal para duas alças esculpidas incrustadas com pedras de ônix.

Atrás de mim, o demônio seguiu em frente, quase até a base das escadas do castelo.

Respirei fundo, me firmando. Se a entrada estivesse trancada, eu me viraria e encararia o demônio. Mas se eu pudesse de alguma forma abrir as portas, eu me trancaria lá dentro. Para meu alívio, assim que meus dedos roçaram as maçanetas, as portas se abriram para dentro, deslizando lentamente contra um piso de mármore. As criaturas nas portas pararam, mudando seus olhos para a escuridão abismal que vinha de dentro.

Então, não uma sala cheia de lustres e bolinhos de chá, mas uma boca escancarada de esquecimento.

Fantástico.

Não tive tempo para deliberar minha escolha. O demônio estava subindo as escadas, então corri para dentro do castelo, estremecendo quando as portas se fecharam atrás de mim.

Parecia o toque de um sino fúnebre.

Puxei as mangas, esticando o tecido o máximo que pude em volta dos meus pulsos. Eu apertei os olhos através do preto, tentando rapidamente distinguir uma luz, uma forma — *qualquer coisa* .

“Olá?”, aventurei-me suavemente. Eu estava errado? Não havia ninguém aqui,

nem uma única alma vivendo neste lugar sombrio? Certamente alguém sairia e —

Algo rosnou à distância; o barulho pairava no ar mofado, arrepiando os pelos da minha nuca.

Girei, querendo correr em direção à entrada e enfrentar o demônio manco, mas havia um problema significativo: as portas tinham sumido. Lancei-me cegamente na direção geral de onde as portas deveriam estar, mas encontrei apenas mais espaço, mais ar livre.

Malditas estrelas, eu *não estava* prestes a virar alimento para demônios.

Avançando lentamente, finalmente bati em algo sólido — um canto. Não uma porta, mas algo, pelo menos. Caí contra a pedra, as pernas ameaçando ceder, mas o rosnado soou novamente, baixo e gutural. Sem pressa, até.

Como se soubesse que eu não poderia escapar.

Estremeci enquanto meus olhos se ajustavam à escuridão. O vestíbulo era cavernoso, adornado com móveis escuros e opulentos e pinturas e espelhos espalhados com molduras douradas. E as cores — as cores dentro do espaço, emergindo lentamente, eram diferentes de tudo que eu já tinha visto antes em Norhavellis: índigo como o céu noturno varrido, esmeralda como o chão de uma floresta ao anoitecer, bordô como uma ameixa machucada deixada para se acomodar em vinho tinto.

Cerrei os dentes, tentando reunir um pouco de coragem. Eu precisava lutar. O que quer que acontecesse, eu *tinha* que lutar. Se eu não resistisse aos demônios que pretendiam me corromper, eu seria como a Mãe e o Pai, oco e forçado a ficar limpo sob camadas de água turva.

E Elliot ficaria sozinho em um mundo que preferia vê-lo apodrecendo em uma cova sem identificação.

Mas o vestíbulo, mesmo com sua decoração suntuosa, parecia mais uma caverna iluminada pela lua do que um castelo, e enquanto eu procurava por uma arma - de preferência algo bem afiado para o que quer que fosse que quisesse me devorar - não encontrei nada útil. .

Aparentemente, o senhor deste castelo miserável nunca achou útil investir em um suporte para armas.

Eu estava deliberando sobre uma pequena mesa, imaginando se eu poderia usá-la como escudo, quando um vento repentino acendeu uma série de candelabros escondidos, colocados profundamente nas paredes. Conforme eles explodiam vivos, suas chamas fantasmagóricas apareciam em cada espelho dourado, lançando nas pinturas um brilho misterioso. A luz preenchia o espaço, em direção a onde ela roçava — mas não alcançava — uma névoa de escuridão no topo de uma escadaria cortada no centro da sala. As escadas eram mais altas do que o teto maciço do vestíbulo, serpenteando para os andares superiores.

Foi ali, de dentro daquela nuvem de sombra, que algo começou a descer.

Ele era a criatura mais impressionante — e assustadora — que eu já tinha visto.

O homem era bonito, se a beleza fosse uma coisa de escuridão, bordas duras e linhas ocas que eram manchadas e cruéis. Envolto em uma armadura negra que se agarrava ao seu corpo como uma segunda pele, ele se movia como se fosse uma sombra ou um fantasma. Sua capa arrastava atrás dele, como névoa, e sobre sua testa havia uma coroa de ônix, torcendo-se através de um halo impressionante de cabelo branco como a lua.

“Você não é dos demônios ou da escuridão,” ele me disse, sua voz baixa pingando desprezo. “Talvez eu devesse considerá-lo um presente enviado pelos Weavers para eu matar.”

Sombras faiscavam de suas manoplas com garras, avançando como uma corrente de cobras. Elas varreram meu corpo antes que eu pudesse reagir, apertando minha caixa torácica com suas formas frias e escorregadias. Eu me debatia contra elas e mordia minha língua, focando na dor.

“Acorde,” eu sibilei para mim mesmo, mordendo com mais força. “Acorde — ” Eu estremeci, sentindo o gosto de sangue.

Sangue?

Ninguém me ensinou que um sonhador pode sangrar.

“Mascarar suas habilidades é inútil. Eu as trarei à tona de uma forma ou de outra”, disse o homem, cada palavra vibrando ricamente através do câmara. Ele continuou deslizando escada abaixo, liderando com botas pontudas e blindadas. “Venha, deixe-me ver seu poder. Mostre-me qual dos Sete comanda você.”

“Eu não tenho habilidades. Eu não tenho *poder* .” Suas palavras pareciam deliciosamente irracionais. Que habilidades? Que *poder* ? A habilidade de costurar as camisas de Elliot de volta? A habilidade de tremer diante do perigo? “ *Me deixe ir* .”

Ele estava quase no fim da escada agora, me olhando carrancudo. As cobras ao meu redor se apertaram, apertando meus pulmões com seus corpos encolhendo. "Não me trate como um idiota", ele avisou, sua voz firme e inflexível. "Mentiras e zombarias não vão lhe servir aqui."

“Não estou *mentindo* . Você está me confundindo com outra pessoa.” Estava ficando difícil respirar, muito menos formar palavras. Eu murchei sob seu olhar, mas não desviei o olhar, buscando uma coragem que eu não sentia. “Quem quer que você esteja procurando não está aqui. Eu *não sou ninguém* .”

O homem sem nome inclinou a cabeça, parecendo vagamente pensativo. “Ninguém? Isso é duvidoso. Você é servo deles, ou talvez um estudioso que eles rejeitaram?” ele zombou, olhando minhas roupas com desdém. “Seu vestido está em um estado deplorável.”

“Vindo do homem usando penas,” eu rebati, um pouco do meu medo se transformando em irritação. “Em comparação, eu diria que estou vestido de forma bem prática.”

Seus olhos prateados se estreitaram. “Não são penas. São *escamas* .”

Enquanto ele circulava suas sombras, as escamas de metal sobre seus ombros, de fato esculpidas para parecer um pouco com penas, brilhavam. Elas caíam em cascata por suas costas, acomodando-se sobre o material grosso de sua capa, e garras articuladas, feitas do mesmo metal esculpido, envolviam cada um de seus dedos. Quando ele estava perto o suficiente para tocar, o homem apertou suas mãos. As cobras obedeceram, apertando meu peito e amarrando meus braços.

“Não consigo respirar”, eu engasguei. As sombras se soltaram um pouco, permitindo que eu enchesse meus pulmões. “Sua terra e este — este *castelo* —

apareceram para mim em um sonho. Um *sonho* .”

Seus olhos, parecendo poças sombrias de prata, ficaram mais escuros. Eles dançava entre prata e cinza, parecia. “Então vá embora. Acorde, se puder.”

“Com prazer,” eu sibilei, tomando outro pequeno fôlego. “Eu não quero nada com você ou com este lugar miserável.”

“Sério?” Com um meio sorriso que me deu arrepios na espinha, ele sussurrou, “Então acho que vou manter você aqui comigo. Te atormentar até que você finalmente me diga a verdade.”

Eu cerrei os dentes, me debatendo contra as cobras. “Absolutamente não.”

“É o preço que um invasor deve pagar. A escuridão se tornará você, assim como fez comigo. Ela irá consumir você, drenar sua luz e deixá-lo frio e vazio.” Ele segurou sua boca sobre meu ouvido, sorrindo cruelmente. O desejo de mordê-lo com força e fazê-lo sangrar era avassalador. “Mas vamos fazer um acordo, já que estou me sentindo caridoso.”

“É você se sentindo *caridoso* ?”, murmurei.

“Para ganhar sua liberdade”, ele continuou, sem me ouvir, “simplesmente abra a porta do meu castelo e me deixe livre”.

“Abra e liberte-se”, eu rebati. Eu realmente, *realmente* queria mordê-lo. “Me solte, *demônio* .”

O sorriso dele caiu. “Eu não sou demônio.”

“Claro que você é um demônio. Seus poderes são monstruosos, e você quer matar eu por algum motivo—”

“Vocês são todos iguais,” ele rosnou, levantando meu queixo e me forçando a olhar para ele. “Você só me vê como um monstro indigno de viver. Um monstro que não é diferente das bestas que vagam por esses corredores.”

“Mas você é diferente?”, retruquei, encontrando seu olhar cheio de ódio com o meu. Sua mão com garras parecia fria, mordendo meu pescoço e me fazendo esquecer das cobras em minhas costelas. “Você é tudo o que somos ensinados a

odiar e temer. *Você não é diferente* .”

O grande salão, exceto pela luz bruxuleante das velas e minha respiração irregular, ficou completamente parado. Um fio puxou minha caixa torácica, me chamando de volta à consciência .

Estranhamente, eu não queria segui-lo.

Eu não estava pronto para encarar o que me esperava do outro lado daquele fio. Eu não queria ver minha mãe e meu pai, mesmo que eles não carregassem mais almas, forçados a ir embora pela Light Legion. Eu não queria ver meu irmão despedaçado e sem humor ou felicidade.

Eu era um covarde. Nunca fui forte. Não como Elliot pensava que eu era.

Mas o fio insistiu, puxando minha mente com garras afiadas. Eu não conseguia pensar, não conseguia me mover. A dor arranhava, queimava, *exigia* , abafando a voz do homem e escurecendo suas feições.

Eu não entendo, ajude-me a entender.

Então as sombras explodiram, irrompendo em um clarão de luz.

OceanofPDF.com

Capítulo 9

ACORDEI com alguém me sacudindo pelos ombros. Dedos, pequenos e desesperados, cavando, cavando—

“Levante-se, Esmer!” Elliot gritou, olhos selvagens e rosto contorcido de angústia. Lágrimas deslizaram por suas bochechas, correndo para sua boca. “Por favor, levante-se, *por favor, levante-se—!* ”

Por um momento, não consegui compreender. *Recusei-* me a compreender. Então os gritos — os berros — se ergueram em um coro infernal, não me dando outra opção a não ser encarar a realidade de frente, em sua horrível face.

“Temos que nos esconder — eles estão tentando nos matar,” Elliot lamentou, me agarrando pelo braço e me puxando para cima. “Pode ser tarde demais, mas eu não queria te deixar.”

Quando meus pés encontraram o chão, registrei vagamente uma dormência se movendo sobre meus membros. *Medo.* Eu queria me esconder. Eu não queria fazer nada *além de* me esconder. Mas era tarde demais para isso.

Eu não conseguia me esconder. Não mais.

“Elliot, quem está tentando nos matar? A Light Legion?”

“Não, a vila,” ele lamentou miseravelmente. “ *A vila inteira* .”

Os tendões dos meus joelhos pareciam líquidos, fracos, mas eu me movi em direção o parapeito da janela de qualquer maneira. O sol estava a horas de se erguer no horizonte, mas não era escuridão que meus olhos viam. Não — escuridão estava longe do que envolvia nossa casa. A luz das tochas, dançando diabolicamente em nossa propriedade, apunhalava o ar noturno. O Visstill estava vivo com brilhos de metal e olhos enlouquecidos e cheios de ódio. Dezenas de olhos, vazios e selvagens. E eles estavam se movendo em uma multidão frenética em direção à nossa casa.

Eles estavam se reunindo em frente à nossa *casa* .

“Eu vi—eu vi—” Elliot estremeceu, seus pequenos ombros se curvando para

dentro. “Eu acho que a mãe e o pai estão mortos. Quando você não acordou, pensei que você também poderia estar morto.”

“Elliot—”

“Eu acho que eles estão mortos,” ele uivou, sem me ouvir. “E eu não quero que você acabe m-morto também!”

Olhei para o rosto bonito e inocente de Elliot, e meu estômago se revirou. Cílios grossos e curvados se aglomeraram com lágrimas. Olhos de um castanho suave e quente, agora pretos de tristeza. Cabelo escuro se enrolando sobre suas orelhas e pescoço, agora emaranhados. Estendi a mão para segurá-lo, para colocar meus braços ao redor dele e desejar que o mundo fosse embora, quando um estrondo ressoou nas escadas.

Um legionário mascarado tropeçou escada acima em direção ao nosso quarto, clamando de quatro enquanto algo agarrava seu pé por trás. Ele olhou freneticamente para Elliot e eu enquanto lutava, chutando de novo e de novo — mas o que quer que fosse no pé da nossa escada começou a puxar, arrastando-o escada abaixo. Enquanto ele caía, ele agarrou o corrimão, agarrando a madeira com toda a sua força.

“Uma pequena — *ajuda* — seria legal!” o legionário gritou, dando outro chute violento no atacante que eu podia ver agora ser um Corrupto que parecia um fazendeiro próximo. A armadura dourada do jovem estava manchada de sangue, e sua capa, agora arrastando pelo chão, deixou para trás marcas mais escuras de vermelho. “Uma faca, um martelo—” Ele parou para dar outro chute, gemendo com esforço. “Uma cadeira, um vaso— *alguma coisa* ! "

Elliot e eu corremos freneticamente pela sala, agarrando os primeiros objetos que vimos. Elliot jogou um pesado cobertor de inverno, que se enroscou no corpo ensanguentado do Corrupto, e eu joguei uma paisagem que Eden pintou, que ricocheteou no ar antes de bater no rosto zombeteiro do Corrupto. O Corrupto caiu para trás, uivando, e aterrissou em uma pilha de ângulos não naturais no fundo da escada.

O legionário se levantou de um salto, imediatamente estremecendo. "Ah, isso dói um pouco mais do que o esperado", ele sibilou, segurando um ferimento no lado. "Embora eu tenha minhas pernas de volta, graças à sua valente..." Ele parou de falar, olhando para a pilha sem vida no fundo da escada. "Cobertor e

arremesso de arte. Nunca vi isso antes. Legal."

“Se você está aqui para nos levar com você, nós recusamos,” eu anunciei, desejando desesperadamente ter uma arma de verdade em minhas mãos. Corruptos eram terrivelmente fortes e notoriamente difíceis de serem ultrapassados. Se não escapássemos agora — e de preferência armados com uma ou duas armas — não teríamos chance contra a multidão crescente. “Elliot e eu não tivemos nenhuma participação na Corrupção de Norhavellis, e você nos deve por salvar sua vida. Dê-nos sua espada e deixe-nos ir.”

“Uma pena. Você teria muito mais chance se ficasse conosco.” Ele tirou a máscara, limpando o suor da testa escura e do queixo mal barbeado com um golpe do antebraço. Ele era jovem — e bonito. Ferido e sujo de sangue e sujeira, mas dificilmente um ou dois anos mais velho do que eu. Ele não colocou a máscara de volta. Em vez disso, ele a prendeu em um coldre ao seu lado. “Nós, legionários, somos realmente muito honrados, sabia? Você não tem nada a temer de mim ou de qualquer outra pessoa, nesse caso.”

“Dois dos seus homens *honrados* nos recusaram o elixir ontem à noite. Você está tentando nos tentar para a Corrupção como nossos pais.”

Ele balançou a cabeça, franzindo a testa. “Não— *não* . Não é assim que isso funciona.”

“Silas! Silas, onde você está?” chamou uma voz musical de algum lugar lá embaixo. “Silas—oh.” Uma jovem mascarada, vestida com a armadura da Legião da Luz, apareceu no pé da escada, quase tropeçando no corpo do Corrupto. “Achei que esse aqui tinha te pegado com certeza . Que sorte você não estar morto.” Ela olhou entre Elliot e eu, tirando a máscara e colocando-a ao lado para poder dar uma olhada melhor. Seus olhos com anéis de kohl, emoldurados por ondas de cabelo ruivo escuro, estavam curiosos e levemente críticos. “Ah, os dois rufiões. Esses são seus salvadores?”

“É ótimo ver você também, Mila,” Silas murmurou. “E sim, eles são.”

Eu me endireitei em toda a minha altura, enviando à mulher o olhar mais imponente — não muito diferente daquele que o Portador da Luz deu à minha família — que eu consegui reunir. “Nós salvamos a vida do seu camarada, então você vai nos deixar ir embora imediatamente.”

“Deixar você ir embora?” Mila perguntou, claramente perplexa. “Você vai precisar de armas, primeiro. O que você prefere? Facas? Lanças? Um machado, talvez?” Ela pulou sobre o Corrupto e subiu as escadas. Uma vez em nosso quarto, ela olhou ao redor, franzindo a testa com o que viu. “Ora, vocês não são lutadores, são? Especialmente, *você* , garotinho,” ela disse, gesticulando distraidamente para Elliot, que fez uma careta para ela. “O que faremos com eles, Silas? Não podemos deixá-los correndo por aí com colheres de pau.”

O Corrupto no fundo da escada estremeceu e gemeu.

Silas e Mila trocaram um olhar penetrante.

“Agora, provavelmente este não é o *melhor* momento para isto—”

“Mila”, disse Silas, com um tom duro na voz.

Mila pulou escada abaixo, ignorando-o, e analisou o rosto arruinado do Corrupto. “Nosso Senhor da Luz ficaria *muito* satisfeito com esta amostra.” Ela abriu os olhos do Corrupto com uma mão enluvada; eles se aguçaram em foco sob seu toque, quase parecendo lúcidos, mas rolaram para trás antes de sua próxima respiração. “Sim, sim. Todas as características certas. Semiconsciente, não *muito* forte, embora ele quase tenha te pegado — mas você também não é muito bom em lutar, é, Silas?” Ela puxou uma linha de cordas ao redor de seu quadril, habilmente dando nós em volta dos pulsos e tornozelos do Corrupto. “Pronto, pronto. Ajude-me a movê-lo.”

Silas resmungou em concordância relutante. “Rápido.”

A Light Legion tinha a tarefa de coletar — *capturar* , na verdade — todos os Corruptos vivos. Cidadãos que se recusavam a tomar o elixir, se associavam voluntariamente a demônios ou eram pobres demais para pagar por ele. Aos olhos da Light Legion, todos os Corruptos, não importando sua origem, eram um e o mesmo.

Estremeci e cruzei os braços, debatendo sobre os riscos de pular da janela e correr para a floresta enquanto Silas e Mila discutiam de um lado para o outro. Virei-me para Elliot, que parecia tão horrorizado quanto eu. Não dissemos o que ambos estávamos pensando — que Mãe e Pai estariam compartilhando o destino deste Corrupto. Suas almas seriam poupadas pelo Portador da Luz, mas os demônios dentro deles seriam destruídos.

Junto com seus corpos mortais.

“Elliot, vamos lá”, sussurrei, recuando lentamente em direção à nossa janela.

Silas não se virou, muito preocupado com a mulher de olhos arregalados e o homem-demônio encolhido ao pé da escada, e nós deslizamos para o telhado sem esforço. Lá fora, a luta e o barulho de metal contra metal abafavam o pouco som que fazíamos, então nos movemos cuidadosamente para um lado mais silencioso e escuro da nossa casa. Mas quando estávamos considerando a melhor maneira de descer, duas figuras se espremeram para fora da nossa janela.

Silas e Mila correram atrás de nós, as capas se prendendo na textura irregular do telhado. Eles se agacharam para frente, equilibrando-se contra a superfície irregular.

“Temos que fugir desses caras malucos!” Elliot gritou, arrastando os pés mais rápido em direção à borda.

“Vocês dois — parem! Parem — *de correr* — e escutem!” Silas gritou, sua voz revelando o grau de seus ferimentos. “Vocês vão morrer se forem lá — não é o que vocês pensam, isso é-"

“Bem, você olhou para isso? Eles estão fugindo em um ritmo ainda mais rápido.”

“Você poderia apenas—”

“Que chatice”, Mila suspirou, movendo-se em um ritmo confiante e ágil que superava o de Silas. “Esmer, Elliot. Irmãos de Noble Havenfall — me perdoem por mais cedo. Tenho certeza de que vocês dois são fortes à sua maneira. Querem parar para conversar?”

Encarei nossos perseguidores blindados, ignorando a sensação de queda no meu peito de que eu estava muito, *muito* perdido. Mila estava certa — eu podia ser forte do meu próprio jeito. Capaz, até. Primeiro, eu os faria tropeçar. Empurrá-los, se fosse preciso. Então, enquanto eles se sentavam no chão com tornozelos quebrados e resoluções desencorajadas, Elliot e eu escaparíamos.

Mas então vi os dedos machucados de três Corruptos agarrando a borda abaixo dos nossos pés.

“Uh—'smer!” Elliot gritou, agarrando minha mão e me puxando para mais perto de nossos dois inimigos de repente menos preocupantes.

Os Corruptos se ergueram até que seus cotovelos estivessem presos no teto, os pés chutando a lateral da casa para alavancagem. Eles sorriram para nós — os três — e soltaram um coro de rosnados alegres.

“Crianças! Que maravilha que vocês ainda estejam vivos”, um deles disse asperamente. Era o padeiro de Norhavellis. *Edgar* . Seu bigode pingando vazava uma substância mais escura do que as olheiras — olhos que não eram mais do tipo de homem de olhos calorosos que sempre se contentava com ingredientes escassos, trazendo luz para Norhavellis onde, para começar, não havia quase nenhuma.

Recuei, horrorizada, ao reconhecer os rostos dos outros: Muriel e Anna, esposa e filha de Edgar.

A força deles — e a ressonância não natural de suas vozes — devem ter vindo dos demônios dentro deles. Os demônios que agora eram *eles* .

“Sim, é melhor para nós que eles não estejam mortos!” Anna berrou, escalando a borda antes dos outros. Ela era uma garota magra, quase da idade de Elliot. Se tivéssemos o luxo de uma escola, eles estariam no mesmo ano. Lágrimas escorriam por suas bochechas, refletindo na luz das tochas, e ela foi direto para nós, com os olhos em chamas. “Você nos *arruinou* .”

> “Isso não é verdade,” Elliot insistiu, à beira das lágrimas novamente. “Nós sempre

tentamos ajudar.”

"Traidora!", Anna gritou, avançando com um rosnado e se jogando no lado de Elliot com tanta rapidez, tanta crueldade — antes que eu pudesse reagir.

Mila saltou por trás, jogando a garota para o telhado com um movimento de bota praticado. Anna saltou de volta — rápido demais — e rolou sob o pé de Mila, mergulhando para Elliot novamente. Mas Mila também foi rápida. Ela deu um nó no punho na capa da garota e a jogou para longe em um movimento fluido e vigoroso, deixando-a esparramada de costas e deslizando para trás no telhado. Edgar e Muriel agarraram os membros agitados de Anna, ainda lutando

para enfiar seus próprios corpos na borda.

“Me solte! Solte *!* ” Anna gritou.

Mas quanto mais eles agarravam, mais Anna cambaleava para trás. Ela escorregou da borda, arrastando Edgar e Muriel com ela. Foi Elliot — não Edgar, Muriel ou mesmo Anna — que gritou quando eles caíram. Depois que atingiram o chão, eles não se moveram.

“E-eles pareciam quase—quase *eles mesmos* ,” Elliot soluçou.

“Os níveis de corrupção nem sempre são lineares”, Silas ofereceu. Ele se mexeu um pouco nos pés, tentando endireitar a postura enquanto se equilibrava na superfície irregular. “Às vezes é impossível até mesmo *ver* a Corrupção. Quando o demônio é habilidoso em espelhar seus escolhidos, vemos o que queremos ver. E os demônios usam isso contra nós.”

Elliot olhou para mim, boquiaberto.

“Mas leva tempo para descer completamente à Corrupção. Como você sabe quando—? Por quanto tempo os demônios dos meus pais—?” Eu segui desligado, incapaz de terminar minhas perguntas. *Como você sabe quando está lidando com um demônio e não com a pessoa que você conheceu e amou a vida inteira? E por quanto tempo os demônios dos meus pais nos observaram por trás dos olhos deles?*

“É difícil dizer”, disse Silas. Ele parecia sombrio. “Sinto muito.”

“Certo, bem, chega dessa conversa fiada de lado”, Mila disse, nos agarrando levemente pelos cotovelos e nos conduzindo de volta para nossa janela aberta. “Não estamos seguros aqui em cima.”

Relutantemente, deixei que ela me guiasse. Não havia mais nada que pudéssemos fazer. Elliot e eu não tínhamos chance lá fora — nem contra a fúria vermelha dos Corruptos nem contra a precisão fria da Legião da Luz. Nós nos movemos rapidamente pela nossa casa, parando apenas para passar por cima do Corrupto caído no pé da nossa escada, e seguimos Silas e Mila enquanto eles nos levavam para fora novamente.

Fabricante.

O vento queimado pelo fogo açoitava meu rosto enquanto eu contemplava a limpeza de nossa propriedade, nossa *casa* . Meu único mundo por dezenove anos. Ao meu lado, Silas e Mila recolocaram suas máscaras. Eles estavam em silêncio.

Mas os corruptos eram *barulhentos* .

Eles se debatiam como monstros contra a Legião da Luz, jogando sua raiva por trás das armas improvisadas em suas mãos. Ferramentas de ferreiro, forcados com crostas de terra, pedras irregulares — qualquer coisa que estendesse seu alcance. O Portador da Luz, junto com alguns de seus seguidores mais ornamentados, se mantinham afastados da briga. Ele segurava um grande cetro em sua mão blindada e o tecia no ar, cantando enquanto a fumaça saía de suas fendas. A fumaça ondulante se enrolava contra minha pele cansada, flutuando livremente, ondulando, circundando.

A sensação era antiga e nostálgica.

Era o cheiro de terra molhada, de lama macia de uma tempestade. Eram folhas secas e doces em um chão quente de floresta. Era segurança, conforto e sonhos. A sensação de promessas não solicitadas e segredos primitivos.

A música ecoava junto com a fumaça que se espalhava, liderada pelo Light Bringer e os homens e mulheres ao redor dele. Vozes se misturavam ao zumbido baixo das flautas que o acompanhavam, e a melodia aumentava em força com a fumaça, ficando mais forte e brilhante a cada momento que passava. A fumaça e a música vazavam por rachaduras na minha pele, e eu exalei, quase inconsciente, e desabei para trás na grama encharcada de névoa.

OceanofPDF.com

Capítulo 10

CAÍ EM UM LAGO QUE ME DEIXOU ENTORPECIDO.

Água fria correu sobre minha cabeça, me enterrando. Por um momento fiquei atordoado em silêncio, suspenso e flutuando.

Incrível.

A água se misturava com luz e escuridão, lançando uma gama infinita de formas luminosas sobre meus braços, e o brilho de algo iridescente flutuava por tudo isso, girando e girando como mil estrelas em movimento. Ele varreu minha pele e dançou ao longo das linhas do meu vestido, quase me fazendo esquecer quem eu era e onde eu deveria estar. Uma melodia familiar cantarolava à distância, flutuando fracamente — muito fracamente — pela água. Ela se repetiu duas vezes antes de desaparecer no nada. E conforme o som desaparecia, a luz também desaparecia.

De imediato, a fonte — o *significado* — do som me atingiu. Era a canção do Portador da Luz e sua legião.

Não—não. Eu não deveria estar aqui. Eu não deveria estar aqui. Eu deveria estar em casa. Em casa com a mãe e o pai. Com Elliot.

Agarrei-me à superfície, clamando por ar no momento em que minha boca encontrou o ar.

"É *você* ", uma voz familiar rosnou.

O homem sem nome estava na beira da água, o ódio brilhando em seus olhos. Vidro molhado da cor do crepúsculo arqueava-se acima dele, entrelaçando-se com videiras e pedras em ruínas. O espaço poderia ter parecido opressivo se não fosse por um buraco irregular cortado em toda a sua extensão, permitindo que o brilho da lua, reforçado por manchas de luz das estrelas, entrasse.

"Sim, *eu* . Pare de assombrar meus sonhos," eu retruquei, incapaz de decidir se eu deveria nadar até a borda — onde *ele* estava — ou permanecer onde eu

estava, suspensa em um poço sem fundo de água gelada. Eu trouxe a ponta do dedo para meus olhos, balançando-o para frente e para trás.

Parecia real o suficiente para ser um sonho.

“Uma exigência tola, considerando que você é quem está invadindo. Uma segunda vez, nada menos”, ele disse, fixando-me com um olhar equivalente à temperatura da água. Ele juntou as mãos envoltas em metal, atraindo um fluxo de escuridão ondulante e escura de algum lugar dentro de si. Ela caiu sobre seus ombros em uma pilha lânguida, provavelmente esperando por suas ordens para me capturar ou mutilar de alguma forma. “Estou cansado da sua presença.”

“E eu também canso do seu. Me ajude a acordar e nós podemos simplesmente esquecer que isso aconteceu.”

Seus olhos prateados se estreitaram. “Impossível.”

Sombras saíram correndo de seus ombros, descontroladas em voltas ferozes e erráticas sobre minha cabeça. Algumas se separaram, saltando da nuvem como um enxame de serpentes, e farfalharam em meu cabelo, cutucando, cutucando e puxando. Eu gritei, arranhando-as, mas elas caíram contra meu pescoço de qualquer maneira, picando a pele com uma ânsia depravada.

“Estranho. Eu esperava a mancha deles, mas não há nenhuma.”

“Eu não estou *manchado* , seu bastardo.” Uma sombra deslizou para baixo da água, beliscando meu lado com um corte hábil de seus… *dentes* ? Havia *dentes* nessas coisas? Eu cegamente a golpeei, horrorizado, e observei enquanto o enxame inteiro se libertava de mim, aninhando-se de volta ao seu lado.

“Talvez você não seja um dos Weavers, afinal. Uma pena.” Como ele considerando isso, as sombras sobre seus ombros se agitaram em uníssono. Tinha uma leve — muito, *muito* leve — semelhança com risada. Mas o que quer que fosse, risada ou diversão ou algo completamente diferente, desapareceu antes que pudesse se solidificar, substituído por olhos escurecidos e uma carranca. As sombras se acalmaram. “Ainda assim, esta é uma violação imperdoável”, ele continuou, com mais força desta vez. “E se você não é dos Weavers, então por que está aqui? Estou começando a pensar que não te assustei o suficiente da primeira vez.”

A água fria continuou a me atingir, fazendo meu vestido ficar emaranhado. Eu chutei as dobras grudadas, tentando desembaraçar o tecido das minhas pernas, enquanto tentava tudo ao meu alcance para manter minha expressão neutra. Se ele soubesse que eu estava lutando, provavelmente usaria isso contra mim. Eu não tinha dúvidas de que ele me forçaria a entrar na água, me deixando sufocar no líquido escuro e rodopiante. E com o poder do Portador da Luz ainda ecoando na minha cabeça, eu não sabia se acordaria.

Pelo menos não imediatamente.

E com tudo parecendo tão real, não tenho certeza se queria descobrir.

Ele notou algo na minha expressão — algo que me distraia. Ele inclinou a cabeça. “Você não sabe nadar. Estranho. Especialmente para um sonhador.”

“Não zombe de mim, demônio.” Respirei fundo com raiva, realmente lutando para manter minha posição acima da água.

Ele mostrou os dentes. “Cuidado.”

Algo agarrou meu tornozelo, *com força* , e me puxou para baixo.

No começo, pensei que fosse ele — que ele manifestava uma escuridão feia e arranhadora novamente com o único propósito de me punir. Mas enquanto eu me contorcia, me debatia e sufocava, vi o que estava apertando meu tornozelo com tanta força que ele estava queimando, gritando — quase estalando. A coisa tinha olhos dourados, uma boca arruinada e escancarada, feições vagamente humanas, mas não era um humano de jeito nenhum. .

Um monstro. Um *demônio.*

Ele olhou para mim através da água, sua boca muito larga tremendo, abrindo e fechando. Eu lutei muito, chutando o pescoço ossudo do demônio com o calcanhar. Ele se esticou para agarrar a bainha do meu vestido, mas não conseguiu alcançar. O tecido dançou para fora de sua garra, caindo pela água como um animal assustado. O demônio soltou um grito tão penetrante e cheio de loucura que seu corpo inteiro tremeu.

Então ele agarrou meu tornozelo com os dois garras, me arrastando para baixo com elas.

Meus braços se moviam de maneiras que eu não tinha consciência — sacudindo, girando, alcançando — e meus pulmões se enchiam de uma chama brutal e sufocante. Eu estava morrendo. Eu ia morrer. E parecia tão *real.* Era um sonho, mas o fogo queimando meus pulmões e quebrando meu tornozelo era *real* .

A coisa fixou seus olhos amarelados em mim novamente.

Era *assim* que se sentia ao cair na Corrupção? Ser levado, destruído, arruinado por dentro?

A água mudou para tons mais escuros e frios conforme descíamos, nublando minha visão e se acomodando sobre o rosto marcado do meu captor. Seus olhos amarelo-dourados estavam incrivelmente inchados, saltando para fora da pele como os de um peixe gigante e disforme de rio.

Foi isso que Eden, a mãe e o pai sentiram — o pânico, o horror de serem tão fracos — quando se perderam?

Olhei para cima, frenética. *Ele.* Ele me viu deslizar para baixo. Ele *sabia* que eu estava me afogando, morrendo. Ele tinha poder — poder incrível e bruto — que provavelmente poderia destruir o monstro abaixo de mim. Esta era sua chance de provar o que ele alegava: que ele não era um demônio.

Então por que ele não estava fazendo nada?

As garras no meu tornozelo escorregaram, cravando-se profundamente na minha bota e a arrancaram, forçando o monstro a perder o equilíbrio.

Agora . Eu tinha que me mudar *agora.*

Eu rasguei meu caminho até a superfície, cego, sem fôlego e me odiando por ser tão terrivelmente *inútil* na natação. Minha canela bateu em algo — outro monstro? Não, uma *saliência* — e eu pisei nele, sem me importar que meu tornozelo esquerdo estivesse gritando para mim, provavelmente torcido ou quebrado. Respirei fundo, aliviado — tão *lamentavelmente* aliviado pelo que provavelmente seria meu último suspiro completo antes que o demônio me levasse para baixo novamente — e mergulhei até a borda, um feixe de membros se debatendo e um medo tão forte que quase me fez engasgar.

O homem sem nome estava de pé como estava quando falei com ele pela última vez: braços cruzados, rosto coberto de ônix e carranca, olhos cinzentos, frios e sem vida.

“Não tenho mais utilidade para você, sonhador”, ele disse, fixando-me com olhos mortos e vazios, “mas talvez os demônios tenham.”

Droga , tentei dizer, mas as palavras não saíam entre respirações ofegantes e ofegantes.

Ele se virou sem dizer mais nada, a capa forrada de escamas ondulando atrás dele, e saiu da câmara — no momento em que o demônio, ainda arranhando minha bota descartada, rompeu a superfície atrás de mim. Junto com vários outros iguais a ele. Todos parecidos com humanos, mas marcados por adições horríveis e deformadas. Adições que os tornavam *outros* ...

Demônios, todos eles.

Naquele momento, algo estalou dentro de mim.

Uma sensação se esticou atrás dos meus olhos, me conectando a algo fora da caverna — talvez o homem sem nome. Uma onda de poder entrelaçada com dor, angústia e alguns últimos e patéticos fragmentos de coragem se derramaram através de mim, acumulando-se em minha mente como um mar selvagem. Parecia familiar e ainda assim estranho. Parecia avassalador e ainda assim *não o suficiente* . Parecia um cobertor de seda macia. Parecia uma gaiola de ferro apertando. Parecia desconfortável.

Foi uma sensação *gloriosa* .

Por um momento, a pressa me fez esquecer meu tornozelo sangrando e machucado. Me fez esquecer minha tristeza — tristeza por ver Mãe e Pai, marcados pela sombra e odiados. Tristeza por ver os cidadãos corrompidos de Norhavellis lutando e morrendo. Tristeza por imaginar o futuro da minha família — nossa *falta* de futuro. Tristeza por causa da minha fraqueza. Tristeza por causa do meu *mundo* .

Então as sombras irromperam.

Elas se agitavam ao meu redor, girando e girando como um redemoinho

furioso, brilhando e faiscando como punhais de obsidiana. As sombras eram mais poderosas — mais *exigentes* — do que a pilha lânguida que se drapejava sobre os ombros do homem.

Ele caiu sobre os demônios com fúria.

Eu mal conseguia enxergar, mal conseguia *respirar* enquanto a pele escura rasgada, forçava-se garganta abaixo, torcia cabeças na água — até que finalmente se movia para uma gaiola imponente de preto impenetrável, prendendo os demônios às paredes brilhantes da câmara. Os demônios — ou o pouco que restava que podia se mover — cutucavam fracamente contra o preto sufocante. Um por um eles se aquietaram, e o poder rugindo e encharcado de sombras desapareceu de mim como fumaça forçada para longe pelo vento.

Um barulho de algo batendo ecoou de algum lugar atrás de mim.

O homem sem nome havia retornado.

Ele entrou na sala como se fosse a morte encarnada, com sangue vazando do nariz e manchando sua pele pálida. Deslizou pela coluna da garganta, acumulando-se no topo da armadura.

“Como você *ousa*— ” ele arfou, materializando uma lâmina escura de sua palma e avançando para a água atrás de mim. “Como você *ousa*— ”

Eu cambaleei para trás, esquecendo da dor no meu tornozelo. Tentei lançar as sombras para cima e ao redor de mim para proteção, mas a escuridão tremulou, crepitando, e desapareceu completamente, jogando os demônios na água.

“Você acha que conhece meu poder? Você acha que pode controlá-lo — *me controlar* ?” Ele agarrou o pano na frente da minha clavícula, torcendo-o rudemente em uma mão com garras. Ele projetou sua lâmina sob meu queixo. “Os Sete já destruíram minha vida quando arrancaram minha alma e a moldaram em podridão e ruína. Ninguém tem direito a mais nada.”

Seu tom e postura estavam cheios de ódio, mas seus olhos, um tom escuro de cinza, pareciam frios e sem esperança — miseráveis e sem luz ou alma. Puxei sua mão, tentando enfraquecer seu aperto, mas o o metal em suas manoplas era impossivelmente afiado. Tocá-lo era como agarrar uma rosa pelos espinhos ou uma cobra pelas presas. Impossível e doloroso.

“ *Chega disso* .”

E ele fez menção de separar minha cabeça do meu corpo.

OceanofPDF.com

Capítulo 11

O MONSTRO FICOU EM PÉ diante do espelho e limpou o sangue da garganta, do queixo e dos lábios. Encharcou o pano, manchando-o de vermelho.

Criador, ele está em todo lugar.

Ele tinha esquecido que podia sangrar.

Como ela *ousa ?*

Como ela ousava entrar em *seu* castelo, *sua* fortaleza, e tentar manipular *seu* poder. Ele havia percebido isso quando se conheceram. As sombras se curvaram à vontade dela, afrouxando-se em volta de sua garganta quando ele pretendia mantê-las esticadas. Ele olhou para o lenço em suas mãos — ele mal se lembrava de que possuía um, encontrando-o pendurado na lateral de uma prateleira negligenciada — como se os vincos, molhados de vermelho, molhados com seu *sangue vital* , pudessem lhe dizer algo. Qualquer coisa.

Nenhuma memória ousou falar.

Em vez disso, foi a visão *dela* que surgiu na frente de sua consciência. Ela, parada no meio daquela piscina fria, o luar atravessando o teto e brilhando na água, na pedra das paredes da caverna, em seus *olhos* . Seus olhos escuros, cheios de — o que era? Ele não tinha certeza, não conseguia se lembrar do nome dessas emoções. Tudo o que sabia era que não queria machucá-la. .

Como ela ousa?

E ele nem sabia o nome dela.

Ele levou o pano ao nariz. Precisava limpar o que sentia, senão ficaria louco.

O monstro foi até sua sacada antes que pudesse pensar em outra coisa, puxando a cortina com um puxão desajeitado. A noite profunda agora cobria a maior parte da lua e das estrelas. Estava escuro. Tão incessantemente escuro.

De qualquer forma, seus pés o levaram até a balaustrada.

Por um tempo, ele não fez nada além de encarar a paisagem encharcada de sombras. O poder que normalmente vibrava em suas veias era fraco, ofegante. Não respondia quando ele o pedia. Talvez ele retornasse, ou talvez aquela garota o tivesse arrancado dele para sempre. De qualquer forma, sua força estava diminuindo.

Um rugido sem fundo ecoou de algum lugar dentro do castelo, e ele tentou evitar pensar nela. Ele odiava admitir, mas ela despertou sua curiosidade. Ela o espelhava de maneiras que ele nunca sonhou serem possíveis, mesmo antes de ser trancado, e por isso, ele queria mantê-la segura até que estivesse mais forte e pronto para questioná-la. Mas ele pode nem ter a chance.

Ela me amaldiçoou. Eu vou acabar.

Se ele existisse por muito mais tempo nessa forma enfraquecida, os demônios o dominariam. Quão *facilmente* eles o dominariam. Mesmo com a natureza regenerativa de seu castelo, as proteções que ele havia estabelecido se estilhaçariam.

Mas talvez a libertação fosse…

“Bem-vindo”, ele murmurou, a rouquidão em sua voz revelando uma exaustão crua e avassaladora.

Ele acomodou seu peso no corrimão, observando as estrelas desaparecerem até que a noite as devorasse todas.

OceanofPDF.com

Capítulo 12

A RESPIRAÇÃO SAIU TURVA do meu nariz enquanto eu me acomodava na cama do meu quarto recém-nomeado. Antes, eu não queria estar perto dela — muito menos realmente *tocar* na coisa. A cama era uma monstruosidade esquelética e frágil, coberta com um cobertor que parecia mais teia de aranha do que tecido.

Ainda assim, como descobri, uma cama dura e um cobertor fino eram melhores do que ficar deitado no chão.

Muito, *muito* melhor.

Aprendi essa lição rápido o suficiente, descobrindo que a rachadura na parte inferior da minha porta era grande o suficiente para observar coisas furtivas e sombrias passarem. Coisas que paravam na porta. Arranhavam-na. Sussurravam fragmentos de frases em vozes quebradas e ocas.

“ *Deixem… nós… sair* ”, implorou um deles.

Eu não tinha respondido.

Enrolar-me na cama também era melhor do que olhar para uma janela cheia de nada além de sombras ou para o toco de uma vela derretida até seus últimos restos de cera. Meu quarto ficaria escuro em breve, e eu não tinha como dar-lhe luz. Foi esse pensamento que fez meu peito apertar, dificultando a respiração.

Há quanto tempo ele me trancou aqui?

Eu me afastei da porta, tremendo. O homem sem nome me desprezava — queria que eu fosse embora. Ele deixou isso bem claro quando quase me decapitou, e deixou ainda mais claro quando me trancou, foi embora para alguma outra parte abandonada pelo Criador de seu castelo e escolheu não retornar.

Então por que eu não acordei?

“ *Deixe-nos sair* ”, sibilou outro demônio na porta.

“Vamos acabar com isso. ”

O CASTELO ERA UM PESADELO.

Dois dias se passaram, mas eu não sentia fome nem sede. Minha pele gelada havia secado, e meu vestido molhado e esfarrapado havia se costurado novamente. Meu tornozelo havia se curado em algum momento — embora quando, exatamente, eu não me lembrasse — e não queimava mais. A vela também havia se restaurado. Ela estava perto da janela, sua cera cremosa alta e imaculada. O castelo se reiniciava a cada noite, arrumando suas entranhas de volta ao início de algum ciclo profano e sem fim.

Sem fome, sem sede e sem noção de tempo. Não é de se espantar que ele seja um lunático delirante.

Eu me afundei contra a parede — uma inclinação fria de pedra — e amaldiçoei cada pedaço do quarto miserável e com vazamentos e o bastardo que o governava. Amaldiçoei até minha mente ficar crua e desgastada.

“ *Deixe-nos sair ”* , um demônio uivou na porta.

“Não posso!” gritei de volta.

Tentei de tudo para escapar. Chamei o poder cheio de sombras de volta para minhas palmas, mas ele me ignorou. Negociei com os demônios no corredor, mas eles não entenderam o que eu estava pedindo. Tentei dormir, desejando voltar à realidade com cada último resquício da minha alma, mas não conseguia me concentrar, não conseguia *pensar* .

“ *Deixe-nos sair ”*, repetiu o demônio.

Este castelo era o inferno . Não um pesadelo vivo, mas *o inferno* .

ACORDEI LENTAMENTE. A umidade nos meus olhos havia secado durante a noite, deixando-os com crostas de areia e sem foco. Pressionei meu rosto nas palmas das mãos e tentei não hiperventilar.

Por algum motivo, pensei em Elliot e sua toca de cobertor. Como ele se escondia do mundo e de todos os seus monstros sob uma pilha de algodão e lã quentes. Como ele aconchegava Chester, a vaca, na curva do cotovelo, seu pelo

marrom tufado estava sempre emaranhado, seus olhos de botão polidos e brilhantes.

Não, não, não.

Eu quis que minhas lágrimas ficassem onde estavam: na minha *cabeça* , não correndo desenfreadas pelo meu rosto. Mas elas escaparam de qualquer maneira, caindo em linhas longas e sinuosas pela minha pele fria.

Maldito seja tudo.

Depois de um tempo, abri os olhos. Não tinha escolha; imagens de Elliot, Chester e *de casa* estavam no interior das minhas pálpebras. As imagens eram reconfortantes, mas falsas. Olhei ao redor do meu quarto, notando a luz fraca, o chão sujo, a vaca empalhada no canto—

Uma vaca empalhada estava encurvada no canto do meu quarto, com seus olhos brilhantes e redondos olhando para cima.

Quase caí da cama.

“Chester,” eu sussurrei. O nome da vaca empalhada soou estranho na minha língua. Cuidadosamente, eu a peguei, passando o polegar nos nós em seu pelo. “O que você está fazendo aqui?”

Outras coisas apareceram. Uma cadeira de cozinha de madeira, arranhada e descascada onde Eden havia pintado flores anos atrás. A estante de livros no meu quarto. Nossas camas. Um vestido de linho favorito, seu tecido macio e prático apesar de suas bordas desfiadas. Uma parede cheia de plantas da farmácia da mãe. O teto com vigas da nossa sala de estar. Nossa porta da frente, sua janela brilhante com a luz da manhã. Em segundos, meu quarto dobrou, triplicou de tamanho — desdobrando-se e mudando. Era uma criatura crescendo em seu segundo conjunto de pele.

Circulei pela sala com admiração.

Quanto mais eu via, mais eu sentia e mais eu lembrava. o espaço mudou com meus pensamentos, reajustando e reorganizando suas entranhas até que se assemelhasse mais ao que eu sabia ser o lar. Meu quarto no castelo do homem sem nome se foi. Este era *o lar* .

“Elliot?”, chamei. “Mãe? Pai?”

Corri de cômodo em cômodo, procurando freneticamente — mas meu lar estava silencioso. Parecia um lar, mas não havia ninguém lá para preenchê-lo.

Lá fora, afundei no chão, mal sentindo o sussurro da grama em minhas pernas. A luz da manhã pressionava seu calor em meu pescoço, pássaros voavam alto, fumaça de madeira se misturava com pinheiros e arbustos de lilases, árvores balançavam na brisa — mas ainda faltava. Tudo isso, *faltava* .

Onde estão todos?

Ao ouvir o tilintar familiar de botas pontudas e manoplas com garras, eu me virei.

Ali estava a causa do meu desespero, descendo os degraus de madeira da varanda da frente da minha família. Seus cabelos brancos e roupas escuras eram um contraste gritante com a cor vibrante ao redor dele; ele parecia impróprio para estar no meio de um cenário tão terreno.

Eu me levantei cambaleando. “Por quanto tempo você planejou me deixar apodrecendo? Até que eu estivesse tão velho e odioso que meu cabelo ficasse branco como o seu?”

“O que você fez?”, ele perguntou, ignorando minhas perguntas. Apesar de quão estranho ele parecia na propriedade da minha família, seus olhos estavam curiosos, perdidos na terra, nas árvores e no céu.

O que é que você fez?

Memórias dos últimos dias surgiram, frias e terríveis. Eu odiava seu castelo. Eu odiava *ele* .

O chão subitamente se abriu sob seus pés, fazendo-o cair de cara na grama.

Eu fiz isso?

Fiquei tenso, esperando que ele se levantasse em um acesso de raiva, mas ele apenas rolou para o lado, pegou uma flor silvestre e a girou entre os dedos com garras. .

“O que você conseguiu vai contra as leis do meu castelo.” Ele tirou os olhos da flor, deixando-a cair. “Como você fez isso?”

Cruzei os braços, franzindo a testa diante da sugestão de genuína admiração em sua pergunta. “Você precisaria me libertar antes que eu pudesse responder isso.”

“O que faz você pensar que eu posso—ou iria—libertar você? Você claramente não é um aliado do meu inimigo. Você não sabe de nada.”

“Eu venho lhe dizendo isso desde o começo,” eu rebati, exasperado. “Você realmente é—” Eu parei, notando algo disforme e escuro se formando atrás de suas costas.

Asas.

asas largas, pretas como veludo, se desenrolaram dele em uma explosão de penas e sombras. Ele olhou para elas, surpresa brevemente registrada em seu rosto, antes de dar um salto poderoso para o céu. Em poucas batidas, ele havia desaparecido na névoa além da clareira, deixando rajadas e padrões rodopiantes no ar atrás dele.

"O que é *isso* ?", eu sibilei.

Conforme o rastro que ele deixou agitou meu vestido, cada sensação se aguçou. Eu podia sentir a espinhosidade da grama sob meus pés, o ponto frio de lama pressionando meu calcanhar e a ponta de uma pedra tocando meu dedo. Pequenas sensações, como se fossem da vida real. Memórias.

Depois de algum tempo, ele reapareceu através da névoa.

Ele caiu do céu, sem parar para recuperar o equilíbrio, e desabou na grama. Ele arrancou uma das luvas de metal que protegiam suas mãos, tremendo enquanto o fazia, e agarrou o chão com dedos brancos.

Foi mais perturbador, talvez, do que quando ele pensou em me decapitar.

“...pequeno,” eu o ouvi murmurar. Ele colocou a testa contra o emaranhado de grama em seus joelhos, parando como se fosse respirar fundo, então se levantou de joelhos novamente, ainda segurando o chão. “Seu mundo é tão pequeno.”

“É claro que meu mundo é pequeno. Não tenho muita influência no importa”, respondi, olhando-o cautelosamente de onde estava sentado. “Meus pais são Absolvers. Temos um dever para com o povo de Norhavellis.”

“Então isso é realmente tudo o que você conhece? Uma cidade — não, uma vila infestada de ruínas e podridão. Isso é Norhavellis? E então, no máximo, cinco milhas além disso — um perímetro irregular ao redor de sua casa. Só isso?” Ele parou para olhar para o céu, quase como se estivesse incerto sobre dizer qualquer outra coisa. Mas então, tão rapidamente quanto ele havia descido naquele estranho poço de tristeza e contemplação, ele se mexeu — sacudiu-se ereto como se marcado pelo fogo. “Tem que haver mais.” Ele correu até mim, seus olhos sem vida agora queimando. “Dê-me seu braço.”

Fiz menção de me afastar, de me arrastar de volta pela varanda para dentro da casa, mas as bordas da clareira estavam borradas, fundindo-se em poças borradas de pastel. Fiquei de pé cambaleando, balançando enquanto ele me agarrava pelo pulso.

As árvores tremeram enquanto o céu escurecia.

O vento emaranhava meus cabelos e sibilava perto de meus ouvidos. Faíscas atingiram o lado do meu rosto, caindo como poeira ao nosso redor, e eu olhei, entorpecido, enquanto minha casa explodia em chamas. Sombras de pessoas, vestindo o traje da Legião da Luz, marchavam das profundezas do Visstill, olhos assombrados e rostos vazios. Outros cercavam as bordas chamuscadas pela sombra de uma pira em chamas, olhando para baixo, parecendo vazios, enquanto encaravam o—

No-

“Eles estão queimando eles,” eu disse lentamente, sentindo o gosto ruim das palavras e do ar pesado com o cheiro de fogo. Era a queima de todas as coisas — grama, raiz, pinho, cabelo, carne — estava tudo ali, queimando, se misturando. *Errado* .

Ele apertou seu aperto, me puxando para ele. “Você não pode ir até eles. Eles não vão te ver.”

“Mas esta é a minha casa”, protestei. “Preciso encontrar a Mãe—” Eu me afastei dele, a fúria crescendo selvagemente em meu estômago. “Pai—” Eu me

soltei. “Elliot—” Eu tropecei na clareira. Onda após onda de ar quente alimentado pelo fogo empurrava eu, secando meus olhos e aquecendo meus pulmões. Minha casa era um inferno de chamas e fumaça, estalando e gemendo tão violentamente que era como se estivesse viva.

Morrendo, mas *vivo* .

O legionário mais próximo estava escondido nas sombras do Visstill, o metal dourado de sua couraça carbonizado e manchado de sangue. Ele estava olhando além de mim — olhos fixos na pira, na casa fumegante, faíscas explodindo no céu — e foi obrigado a se virar, indo mais fundo nas árvores.

“Pare!”, gritei, correndo em direção à floresta e arranhando meu caminho através da fumaça que flutuava entre nós. “Por favor, pare!” Enquanto eu corria, a escuridão começou a nublar as bordas da minha visão. “ *Pare!* ”, gritei novamente, chorando tão fortemente que minha voz falhou.

O legionário fez uma pausa e voltou-se para a clareira, no momento em que uma explosão de chamas vermelhas e fumaça escura e devastadora ecoou atrás de nós.

Minha casa desabou sobre si mesma, liberando suas entranhas na terra.

Eu cambaleei de lado para o legionário, ofegante, com os olhos arregalados e sufocando tanto na fumaça quanto no meu próprio pânico. Eu deveria ter caído contra a frente de metal do homem, mas eu caí *através* dele, em vez disso, batendo no chão enquanto ele andava para frente e através de *mim* .

Isso não está acontecendo.

Levantei-me cambaleando, avancei e agarrei o ombro do legionário, apenas para passar por ele em uma onda de sombras.

Isso não pode estar acontecendo.

O homem sem nome se libertou das chamas e da fumaça, cercado por sombras e empunhando sua espada. A fuligem marcava sua pele, curvando-se de seus olhos e envolvendo as cavidades de sua mandíbula. Eu esperava que o legionário notasse, mas ele continuou andando, completamente alheio à presença poderosa e desumana do homem.

"Onde eles estão? "

“Não sei”, respondi, miserável e dolorido. “Não consigo encontrá-los.”

Olhei para a pilha de corpos em chamas. Se eles estivessem queimando os Corruptos, então Mãe, Pai, Elliot—?

Ele interrompeu antes que eu pudesse terminar esse pensamento. “Não, não sua família. Quem causou isso? Isso é um sonho distorcido baseado na sua realidade atual. Tem que haver alguém na raiz disso.”

O Portador da Luz.

“Então Mithras, o Portador da Luz. O Senhor da Luz.”

“Mithras?” ele repetiu, os olhos brilhando em reconhecimento e repulsa. “ *Ele não é um senhor* .”

Outra explosão sacudiu o chão ao nosso redor, incendiando o ar com madeira, pedra e detritos.

E o fogo caiu.

Ele levantou os braços, deixando sua lâmina cair na terra, e de suas mãos ele convocou uma sombra protetora que se erguia como uma montanha e afundava como um mar fustigado pela tempestade. Ela caiu sobre nós rapidamente, nos engolindo antes que o fogo nos atingisse. Por alguns momentos silenciosos e escuros, ficamos sozinhos no vazio, ouvindo o estrondo abafado do meu mundo — meu mundo em chamas e devastado — caindo contra ele.

“Estamos mortos, não estamos?”, eu finalmente consegui dizer. “Nós morremos no incêndio, assim como minha família.”

“Não, de jeito nenhum.” Ele olhou para além de mim, olhos frios, como se pudesse ver além de sua parede de escuridão. “O que você viu foi apenas uma meia verdade, como a maioria dos sonhos. Ele continha partes da sua realidade, mas não o todo. Isso não é real. Sua família estará segura.”

Olhei para as sombras, tentando ver o que ele conseguia ver.

"Você está mentindo."

“Não estou”, ele disse simplesmente, balançando a cabeça.

“Foi exatamente isso que deixei para trás antes de adormecer e sonhar com você.” Eu xinguei, uma onda familiar de tristeza e medo me rasgando. através de mim. Ao nosso redor, o mar de sombras rugia cada vez mais alto. “Eles estão *mortos* . Eles se foram. Eu posso *sentir* isso.”

Algo estalou em mim novamente, um puxão familiar nas minhas costelas. Só que dessa vez, em vez de me conectar a algo além do meu alcance, conectou-se diretamente a *ele* . Ele se virou para mim, a testa franzida e os olhos selvagens. Seu cabelo tinha se enrolado contra a umidade de sua pele, fundindo-se com a fuligem que o manchava. Ele parecia positivamente lindo — e monstruoso.

“De novo,” ele perguntou, alarmado. “Como você consegue invocar meu poder? O que você é?”

Havia algo em seu tom que me fez parar para pensar.

“O que é *você* ?” Eu repeti.

Como eu ainda não tinha percebido? Os sinais estavam todos ali, dispostos diante de mim em um padrão horrível e ruinoso. Ele era mais do que um demônio — mais do que um monstro.

“Chega.” Ele me segurou pelos ombros, me prendendo a uma árvore com um aperto de ferro. Sua esfera de sombra desdobrou seu domínio ao nosso redor, caindo para trás e cobrindo a terra queimada e arruinada ao nosso redor.

“Você é o Portador das Sombras.”

Fazia sentido. Havia seus poderes — a maneira como ele conseguia controlar a escuridão e fazê-la se curvar à sua vontade. Então havia os demônios que viviam com ele, atormentando seu castelo com seus gritos. Os contos diziam que seus olhos seriam vermelhos e seu corpo diabólico, mas ele possuía muitas características que o tornavam frio e cruel, no entanto.

O homem parado na minha frente era a origem da praga que destruía famílias, almas e isolava a humanidade dos sonhos. E o que significava que eu podia

aproveitar um pouco do poder dele? Eu também era um monstro?

“ *Chega* ”, ele repetiu, a cor desaparecendo de sua pele, seus olhos, seus lábios. “Por favor.”

Ele olhou para mim com desespero selvagem.

Mas eu não conseguia parar. As sombras rugiam.

“Negue!” Eu gritei. “Diabo—demônio— *monstro* ! "

Sua expressão fez com que perdesse o que seu silêncio não conseguiu.

“ *Você matou minha irmã!* ”

O vazio rasgou meu estômago e partiu meu coração em dois. Ele expôs o espaço onde eu tinha uma família que me amava e um lar que me protegia. Mãe e pai, incorruptos. Elliot, seguro e sem lágrimas. Um futuro e uma esperança para uma vida melhor. Sem perceber, meus olhos se fecharam. Eu estava gritando, soluçando, implorando — pelo quê, eu não sabia. Para que essa visão fosse uma mentira. Para que o Portador da Sombra acabasse com tudo.

E a escuridão rugiu mais alto.

Quando o caos se instalou, as sombras caíram, agarrando-se ao chão como uma névoa baixa e deixando o Portador das Sombras e eu expostos em seu centro. Para meu desgosto, ele ainda estava segurando meus ombros, e eu estava involuntariamente me inclinando para ele, o rosto pressionado em seu peito. Um empurrão rápido o fez cair; suas sombras o drenaram, espalhando-se ao vento e roçando a grama em vez de retornar ao seu corpo.

A sensação de estar sendo observado — e não pelo Portador das Sombras — me fez recobrar os sentidos.

Mithras, cercado por sua Light Legion, estava de pé na nossa frente, ombros escuros com cinzas e botas manchadas pelas sombras baixas do Shadow Bringer. Seus olhos, dourados e predatórios, traíam uma expressão de choque abjeto, e os legionários que antes nos ignoravam agora estavam olhando, de olhos arregalados e boca aberta.

O Portador da Sombra, meio caído aos meus pés, praguejou.

“Você é a filha de Havenfall. Esmer,” Mithras começou, dando um passo à frente. Luz passou ao redor das pontas de seus dedos, dissipando algumas das sombras que se agarravam a ele. “E quem é o monstro aos seus pés?”

O Portador da Sombra cambaleou para cima. A névoa começou a se mover, disparando em volta dos tornozelos e subindo para encontrar suas mãos estendidas.

O rosto de Mithras empalideceu. “Você não está destinado a ser libertado, ainda.”

“Já faz muito tempo, Mithras”, disse o Portador das Sombras, seu sombras começando a sibilar. “Talvez sua morte finalmente me dê paz.”

“Você nunca encontrará paz,” Mithras cuspiu, a cor começando a retornar à sua pele. “Monstros como você não são dignos disso. Você será devolvido ao seu castelo imediatamente.”

“Bobagem,” disse o Portador das Sombras, sorrindo brilhantemente. E em um instante, suas sombras se tornaram serpentes, agarrando legionários e puxando-os para o chão. Ele riu e a escuridão se elevou, engolindo o resto deles.

“ *Atrás deles!* ” gritou Mithras, mas a maioria de seus seguidores estava incapacitada ou se afogando nas sombras.

Eu desviei de um legionário que caiu da escuridão, cegamente arrancando uma serpente de sua garganta, apenas para receber uma cotovelada nas costelas de outro. Eu me curvei, ofegante. Fogo disparou através de minhas costelas, picando meus pulmões enquanto eu tentava recuperar o fôlego.

Foi aqui, no meio da confusão e da minha dor, que Mitra me encontrou.

Ele colocou as mãos atrás das costas em uma falsa demonstração de civilidade, mas seus olhos eram assassinos. Eu tropecei para trás, quase tropeçando em uma das serpentes do Portador das Sombras.

“Você libertou o Portador das Sombras, Esmer?”

“Claro que não. Eu era prisioneira dele,” eu disse entre dentes, estremecendo com outra onda aguda de dor em minhas costelas. “Por que você estava queimando minha casa? Onde está minha família?”

Mithras fez um som de decepção. “Como uma filha Absolver, você deveria saber que não deve questionar seu Portador da Luz. Queimar é purificar. Se suas almas não forem purificadas, elas renascerão no castelo do Portador da Sombra como um de seus demônios.” Ele se manteve muito quieto. “Mas talvez você esteja certa em ter medo. Você foi encontrada consorciada com o maior inimigo do nosso reino, afinal.” Ele levantou uma mão, a luz fervendo, e eu estremeci. As sombras mais próximas de mim imitaram o movimento. Mithras inclinou a cabeça. “E manipulando a escuridão você mesma, nada menos. "

“Não estou manipulando nada,” insisti, com a voz embargada. “Minha irmã foi *morta* pelo Portador das Sombras. Eu não sou o que ele é.”

Mas Mithras não se deixou abalar. Suas mãos brilhavam intensamente, aproximando-se de mim como chamas na pira — e as sombras ao meu redor dispararam para a frente, jogando-o no chão.

Ah, inferno.

Mithras se levantou, os olhos brilhando. Sangue escorria de sua boca, manchando o topo de sua armadura. “Agora está ficando claro. Apenas as bestas mais imundas podem ser mantidas no castelo do Portador das Sombras. Você está dizendo que é isso que você é, Esmer? Não acho que você foi mantido em cativeiro, acho que você o procurou *de bom grado* .”

“Eu não queria te machucar. *Não fui eu* .”

“Peço para discordar,” Mithras retrucou, fazendo questão de levantar suas mãos em chamas. Para meu horror, as sombras se acenderam, sentindo meu alarme. Elas pairaram perto da minha cintura, prontas para atacar. “Você representa o pior da humanidade. E pensar que eu estava pronto para conceder misericórdia a você.”

A luz em suas mãos queimava mais forte e quente, assim como seus olhos começaram a brilhar, em chamas com fúria não gasta. Sua boca se curvou, mostrando dentes manchados de sangue. Um sorriso de predador antes de dar o golpe mortal. As sombras na minha cintura se ergueram mais alto, quebrando-se

em várias serpentes de tamanhos variados. Uma pequena agarrou-se ao meu pulso, estranhamente reconfortante em seu peso. Se eu não olhasse muito de perto, ela me lembrava da mão de Elliot.

Mithras levantou o punho e atacou, enviando uma poderosa explosão de luz em minha cabeça.

As sombras ao meu redor sibilaram, atirando-se na luz, mas foram destruídas instantaneamente, quebrando-se assim que seus corpos encontraram as chamas ofuscantes do Portador da Luz. A serpente no meu pulso apertou, puxando-me para baixo um segundo antes que a explosão pudesse me tocar. Levantei-me rapidamente, fazendo menção de correr em direção à linha das árvores, mas a serpente me puxou de volta, quase como se estivesse amarrada a algo — ou a alguém — mais .

O Portador das Sombras.

Ele parecia tão horrorizado quanto eu, tentando sacudir a serpente de seu pulso que nos prendia como uma corda profana. Estava claro que ele queria avançar — no Portador da Luz — mas eu me recusei a deixá-lo. Eu tinha sentimentos conflitantes sobre o Portador da Luz e sua legião, mas isso não significava que eu queria que o Portador da Sombra os eviscerasse.

O Portador das Sombras e eu agarramos a corda da serpente ao mesmo tempo: eu puxei para a esquerda, ele puxou para a direita. Ele estava me fuzilando com os olhos, claramente distraído, mas conseguiu enviar uma rajada de escuridão em Mithras, fazendo-o voar. Aproveitando o caos momentâneo, lancei meu peso em direção à floresta, desesperado para quebrar o vínculo que nos prendia. Infelizmente, o Portador veio comigo, caindo em meu lado. Eu o chutei, mas a sombra apenas apertou, nos aproximando mais.

“Por que você está fazendo isso?”, o Portador das Sombras respirou, o peito arfando. “ *Ele está tão perto,* Esmer . Deixe-me ir para que eu possa ter minha vingança.”

Foi a primeira vez que ele disse meu nome, e isso acendeu algo estranho no meu peito.

Nojento.

“Deixar você livre seria cuspir na cara de tudo que eu defendo.” Testei a sombra novamente, mas ela não se moveu. Ela estava firme no meu pulso, enrolando-se e em volta do meu antebraço da mesma maneira que se agarrava ao Portador da Sombra. “Não desejo nada além de ver você morrer nas mãos do Portador da Luz.”

Ou eu.

Se eu consegui matar Thomas sem culpa, certamente eu poderia fazer isso de novo. E não era isso que eu sempre quis?

“Você *quer* compartilhar a mesma maldição que eu? Porque é exatamente isso que vai acontecer se você não me deixar ir. Ele vai te prender à escuridão como um monstro.”

“Ele nunca faria isso. *Você é* o monstro, não eu. Isso é só um mal-entendido. "

“Você acha?” A prata em seus olhos brilhou. Eu claramente tinha tocado em um nervo. “Então saiba que sua versão da realidade é construída sobre mentiras e enganos.” Seu olhar desordeiro caiu em seus braços cobertos por manoplas; ele os flexionou, ansioso para se livrar da serpente, mas ela se agarrou. “Mas isso não importa mais — logo eu vou me livrar de você. Para sempre. Seu Portador da Luz não faria de outra forma.”

A escuridão começou a correr de volta para o Portador das Sombras, surgindo em suas mãos e sob sua pele. O que sobrou subiu atrás de nós em uma tempestade ameaçadora, preenchendo metade do céu em um poço de noite sem estrelas. O súbito influxo de sombras deixou a clareira à nossa frente vazia, vazia de qualquer coisa além do Portador da Luz, sua legião e—

Os Corruptos de Norhavellis.

Eles nos encararam com horror e reconhecimento, segurando seus pescoços e tropeçando em si mesmos para recuar. Alguns imploraram por misericórdia, outros imploraram para que a Legião da Luz nos matasse. Mithras apontou uma carga mortal de luz em nossa direção, gritando para os legionários atacarem — assim que o Portador das Sombras trouxe a tempestade para baixo, engolindo todos nós.

OceanofPDF.com

Capítulo 13

OLHOS PESADOS, escuros, doloridos.

Elas se abriram com um rangido, esticando-se enquanto o mundo balançava vivo.

Uma luz dourada percorreu o ar e, por um momento, pensei que ainda estava sonhando. Mas a luz se espalhou, batendo contra poeira, teias de aranha e painéis de madeira de celeiro desgastada. Senti feno aquecido pelo sol coçando minhas mãos. Senti cheiro de fumaça de madeira e couro mofado de arreios de cavalo. Ouvi o arrulho gorjeado de nossas galinhas, seu galinheiro conectado ao celeiro por meio de um pequeno túnel de terra.

Casa. Eu estava *em casa* —

"Você está acordado."

Um fiapo de legionário estava diante de mim, meio nublado pela luz e poeira rodopiantes. Seus dedos estavam brancos em um balde.

“Eu preciso de... á-água”, eu resmunguei, minha língua lutando para encontrar apoio.

A mulher engoliu em seco, olhos arregalados. “Não posso. Lorde Mithras deve saber que você despertou.”

“Por favor,” eu tossi, uma, duas vezes. A terceira tosse foi molhada; ela salpicou o feno de vermelho. Eu tentei limpar minha boca, horrorizada, mas minhas mãos estavam amarradas. “Por que eu Eu *amarrei* ?”

Perturbada, a mulher se curvou em uma reverência desajeitada. “M-me perdoe.”

Ela fugiu do porão, esquecendo-se de fechar a porta atrás de si. Sons indistintos vazavam do outro lado da moldura, mas eram distantes e desconhecidos. Estremeci, recostando-me nas ripas de madeira atrás de mim. Minha cabeça doía. Muito. Se alguém me dissesse que meu crânio tinha sido

aberto com uma faca, eu acreditaria.

“Estou lhe dizendo, ela—”

Mithras, Silas e Mila, todos desmascarados, entraram no porão, suas roupas outrora brilhantes, mutiladas e sujas. Seus rostos continham uma profusão de emoções: desconforto, desgosto e algo mais. Algo suspeitamente semelhante ao ódio.

Ódio?

Mithras pairava sobre mim, deixando Silas e Mila esperando alguns passos inquietos atrás. Cabelo loiro escuro caía sobre seus ombros, escapando da faixa que o prendia. Ele parecia mais jovem do que aparentava no sonho, mas algo o envelhecia em seus olhos.

“Então, você voltou para nós afinal,” Mithras começou, a boca se inclinando em uma carranca. Eu não conseguia decifrar sua expressão. Desgosto? Arrependimento? Cada respiração tornava mais difícil dizer. “Você tem algo a dizer em sua defesa?”

Um quarto homem, usando o traje da Light Legion, veio furioso até onde eu estava sentado, empurrando Silas e Mila. Ele era um espelho do irmão mais novo: maçãs do rosto altas, constituição esbelta e cabelos ruivos lisos e cheios.

“A verdade virá à tona,” Alcott começou, sua voz dura e inabalável. Ele cerrou os dentes, lutando contra um tremor em seus ombros. “Lorde Mithras viu tudo. Você não escapará da justiça.”

“Alcott,” Mithras disse simplesmente, um aviso.

Mas Alcott já estava se movendo, levando Silas e Mila para uma parte adjacente do celeiro e deixando Mithras e eu sozinhos. .

“Acredito que lhe fiz uma pergunta.”

Inalei bruscamente, preparado para responder, mas minha garganta fechou novamente. Um *chiado abafado* saiu de algum lugar dentro de mim. Mithras desenganchou um frasco de couro de baixo de sua capa. Ele o levou aos meus lábios, e eu bebi profundamente.

Água. Água abençoada, abençoada.

“Onde está minha família?”

Mithras suspirou, encostando-se no celeiro. Notei agora que uma leve cicatriz dividia sua testa.

“A Legião da Luz não tolera os Corruptos. Sem controle, eles destruirão uma vila. Sem punição, eles destruirão um reino.” Enquanto falava, ele ajustou suas luvas. Um jato de sangue velho os marcou. “Corrompidos são enganadores conhecidos. Eles se infiltram na luz quando ainda estão apodrecendo por dentro.” Ele olhou para cima, quase sorrindo. “Felizmente, nosso Criador é um deus que perdoa.”

“ *Onde está minha família* ?” repeti, prestes a gritar.

“Onde você espera que eles estejam?”

Eu parei. “O quê?”

Ele me lançou um olhar estranho e inquisitivo. Era como se estivesse pesando algo — ou considerando uma nova possibilidade. Seja lá o que fosse, a expressão passou brevemente, substituída por sua rigidez regular, semelhante a uma máscara. “Começamos nosso ritual de purificação, mas ele foi violado. Uma transgressão grave contra seu soberano e as leis pelas quais lutamos.”

Uma dor profunda e dolorosa percorreu meu couro cabeludo e terminou entre meus ombros, me forçando a abaixar a cabeça. Pensamentos giravam em fragmentos bizarros. Memórias se nublavam. Até a realidade em si — a realidade de Mithras me prendendo com olhos de brasas douradas e ardentes — parecia distante, de alguma forma. Concentrei minha respiração, focando no cheiro de fumaça de madeira e couro do celeiro.

Mithras colocou uma mão enluvada sobre meu ombro, roçando a ponta do meu pescoço com os dedos.

“Você pinta um quadro convincente de sua inocência”, ele murmurou. “Silas e Mila certamente acreditam que você é. Mas eles não conheceram sua espécie como eu. Eles não o *viram* como eu o vi.” Eu tentei responder, mas minha garganta era pó, meus dentes esculpidos em giz. E mesmo que eu pudesse falar,

eu não achava que as palavras viriam. Elas estavam presas nas paredes da minha mente, agarradas às sombras. “Mesmo assim, nós concordamos que você seria tratado com justiça,” ele continuou. “Sua punição será adequada para seu crime.”

Mais uma vez, Mithras ofereceu seu frasco e eu bebi.

“Não tenho motivos para ser punido”, consegui dizer, esfregando a névoa que envolvia meus olhos e se agarrava a todos os meus pensamentos. Ele realmente tinha visto o Portador das Sombras e eu juntos? O sonho tinha sido real, afinal? “Quero ver minha família.”

“Você vai,” Mithras disse simplesmente. Ele se inclinou para frente, tirando minhas mãos dos meus olhos. Como se uma maldição tivesse sido suspensa, a dor instantaneamente diminuiu. “Logo antes de levarmos você para seu novo lar. Deve ser uma estadia agradável para você, considerando que você já estava espreitando lá.”

“Não sei do que você está falando.” Eu me inclinei para longe dele, tentando espiar por uma fenda na madeira. Eu não conseguia ver muito, mas estava claro que não havia incêndios, brigas ou Corruptos armados com forcados.

Sua boca se contraiu em um sorriso forçado e tenso. “Então você está delirando ou é um mentiroso. De qualquer forma, não vai importar por muito tempo.” Mithras me levantou, fixando-me intencionalmente com seus olhos brilhantes demais. “Você tem cinco minutos para falar com sua família. Então seguiremos nosso caminho.” Ele sorriu aquele sorriso frio novamente. “Escolha suas palavras de despedida com cuidado. Você não terá outra chance.”

“Palavras de despedida”, repeti categoricamente, sem entender.

O sorriso de Mithras diminuiu.

Antes que ele pudesse falar novamente, a mãe e o pai entraram no celeiro. Eles foram conduzidos por um grupo diferente de legionários, amarrados com cordas e visivelmente angustiados. Elliot entrou separadamente, seu rosto sujo de terra manchado de lágrimas. .

Elliot tentou correr em minha direção, mas o legionário mais próximo o puxou de volta.

“Diga que não é verdade,” ele implorou, tropeçando nas palavras. “Diga que não era você de verdade no sonho. As chamas iam me pegar, mas então eu vi você, e—” Seu rosto se enrugou, mudando para algo mais próximo da raiva. “Você estava com o *Portador das Sombras* ! Ele é o pior monstro—e você estava *com* ele!”

“Não, não. Eu não estava com ele,” eu insisti, as palavras saindo de uma língua que parecia muito entorpecida, muito seca. *Todos eles* tinham vivenciado o sonho? Se sim, então todos eles tinham visto o Portador das Sombras e eu juntos, presos pela sombra e desafiando a Legião da Luz. “Ele me capturou contra a minha vontade. Eu estava tentando escapar dele.”

“Isso é tudo culpa nossa,” Pai começou, olhos marcados por sombras se enchendo de lágrimas. Ele soava como ele mesmo, o que significava que o demônio que disputava o controle sobre seu corpo estava subjugado. Era assim nos estágios iniciais da Corrupção; somente nos momentos mais acalorados a natureza do Corrompido começava a se distorcer. “Nós forçamos você a trilhar esse caminho. Nós o levamos a procurar o Portador da Sombra.”

Minha boca se abriu. “O quê? *Não* . Eu não andei por *nenhum* caminho. Eu fui capturado, eu—”

“Isso nem faz sentido”, gritou Elliot.

“Elliot, por favor. Não temos muito tempo”, implorou a mãe, amenizando um pouco a angústia de Elliot. Como o pai, ela soava como ela mesma. “Se não tivéssemos alterado o elixir — não o tivéssemos diluído para fazê-lo durar — então talvez não tivéssemos chegado a isso. E por isso, sempre seremos culpados.”

Um arrepio percorreu minha pele, deslizando sobre ela como chuva. Então, outra parte do pesadelo realmente era verdade. Mãe e Pai tinham diluído o elixir, forçando Norhavellis a apodrecer em Corrupção.

“Antes que você seja tirada de nós, quero que saiba a verdade”, começou a mãe, com os olhos me implorando para ouvir. “Começou no inverno em que Elliot pegou febre. Você se lembra. Vivíamos como se não fôssemos dignos disso. "

Claro que me lembrei. Lembrei-me de Elliot, olhos fundos e opacos, pele fina

como papel e esticada sobre os ossos. Lembrei-me de ratos correndo sobre as tábuas do assoalho e estando com fome o suficiente para que eu pensasse em comê-los. Lembrei-me da escuridão. Lembrei-me do fedor da decomposição.

“O custo do remédio dele nos quebrou. Não podíamos mais pagar por ele”, acrescentou o pai. “Não sem sacrifício. E o elixir estava no último carregamento, com todo o inverno pela frente.” Seus olhos caíram de vergonha. “Guardamos o elixir mais puro para você e Elliot. E diluímos o restante do suprimento da vila para levantar fundos suficientes para o remédio dele.”

“Por quanto tempo vocês fizeram isso?” Eles não responderam imediatamente, e o horror me inundou. “Um mês? Uma temporada?”

“Você tem que entender que—”

“Aquele inverno foi *há cinco anos* .”

“Mas por um tempo, funcionou. Não podíamos arriscar perder um de vocês, não de novo—”

“Você arruinou o suprimento deles por *cinco anos* ?”

"Você deveria ter me deixado morrer", Elliot lamentou miseravelmente.

“Você não quis dizer isso, Elliot.” Apertei meus pulsos, desejando não ficar doente. “Nunca *diga* isso.”

“Mas então nada disso teria acontecido”, ele soluçou, enxugando os olhos com as costas da mão. “Está tudo quebrado agora.”

“E não por sua causa. *Nunca* por sua causa,” disse o Pai, limpando a garganta. A dor escureceu seus olhos, espelhando as sombras da Corrupção que marcavam as cavidades de seu rosto. “Como seus pais, nós arruinamos mais para você e Norhavellis do que jamais seremos capazes de expiar.”

“Sentimos muito”, sussurrou a mãe. Lágrimas escorriam livremente por seu rosto; ela não conseguia contê-las. “Só queríamos que você estivesse segura.”

As palavras do Portador das Sombras ecoaram em meus ouvidos: *O que você viu foi apenas uma meia verdade, como a maioria dos sonhos. Ele continha*

partes da sua realidade, mas não o todo. Isso não é real. Sua família estará segura.

Talvez houvesse uma chance de eu ainda estar sonhando.

Belisquei a parte interna da palma da minha mão, estremecendo com a mordida das minhas unhas. A dor também podia ser sentida no Reino dos Sonhos, mas essa sensação era mais aguda e realista.

“Está na hora”, disse Mithras, quase enchendo a entrada do celeiro com seu manto blindado. “Agora que você acordou, não há tempo a perder. Você será pessoalmente escoltado até a Tumba do Devorador enquanto sua família — e todos os outros Corruptos abandonados pelo Criador ainda vivos nesta vila — serão levados para nossa base sagrada na Cidadela Primeira Luz para completar sua purificação.”

O que?

“Eu não vou embora. Eu não vou para *lá* .” O pânico floresceu em meu peito. Dizia-se que a Tumba do Devorador continha o corpo do Portador das Sombras, trancando sua forma física. Que lugar eu tinha *lá* ? “O Portador das Sombras me enganou — ele me trancou em seu castelo por *dias* até que eu conseguisse escapar. Eu sou inocente — você nem ouviu minha história.”

“Oh, mas sua história já foi contada,” Mithras disse suavemente. “Você mereceu seu destino. Agora seja forte por sua família e enfrente a justiça que lhe foi dada.”

A mãe assentiu, solene. “O Portador da Luz está certo, Esmer. Todos nós conquistamos nosso lugar. Nosso único arrependimento é que tenhamos chegado a esse ponto.”

“E quanto ao Elliot?”

“Como ele logo será o equivalente a um órfão, ele concordou em se tornar um servo na Cidadela. Mas não se preocupe. Se ele impressionar, então talvez em cinco anos ele comece o treinamento preliminar na Legião da Luz.”

“Ele deveria ter o direito de escolher”, eu disse, horrorizada. “Isso não é *justiça* . Nada disso é justo.”

O rosto do pai caiu. “Você ajudará a Light Legion a combater a corrupção indo até a tumba do Portador das Sombras, e Elliot será cuidado na Cidadela. Que outra forma de justiça existe?”

“Ele está certo,” Elliot concordou, fungando. Ele parecia tão cansado—tão derrotado. “Está tudo bem, 'smer. Eu vou ficar bem.”

Um legionário se juntou a Mithras na entrada, uma máscara descansando firmemente sobre seu rosto. Decidi que as máscaras os faziam parecer abutres ornamentados.

“Deveríamos começar nossa partida, meu senhor. Ouvi dizer que pessoas dos assentamentos vizinhos estão viajando para cá. Elas estão inquietas.”

Mithras assentiu brevemente e então se virou para mim, expectante.

“Leve-me com você para Istralla”, implorei. *Leve-me com você para que eu possa ficar com Elliot.* O pedido soou patético e chorão, como o de uma criança, mas não me importei. “Eu limpo ou sirvo como puder.”

“O que você deseja não importa. Para que esse *desejo* não fale da bondade dada pelo Criador.” O rosto de Mithras estava impassível, mas fios de fúria espreitavam por baixo. Ele me segurou pelas amarras, agarrando a corda com força suficiente para que eu não conseguisse correr. “Termine seu adeus. Você não terá outro.”

Luz e sombra, misturadas com poeira, couro e fumaça de madeira, ondulavam pelo celeiro enquanto minha família me abraçava. A despedida foi horrível; foi uma tentativa impossível de encontrar significado no que provavelmente seriam nossos momentos finais. Mãe e Pai, Corrupt, seriam purificados e enterrados em Istralla. Elliot cresceria sozinho e se tornaria um membro da Legião da Luz.

E eu—

Meu destino era desesperador e pesado. Uma sentença miserável que envolvia o túmulo do Portador da Sombra.

O medo se agitou em meu estômago, frio e doentio. Eu empurrei a sensação de lado, sem vontade de enfrentá-la, em vez disso, tentei me concentrar em minha família — Pai, Mãe, Elliot — e falhei nisso também. Minha cabeça estava

latejando, girando em mil direções diferentes.

Lá fora, os Corruptos de Norhavellis estavam amarrados e reunidos em uma fila única, prontos para marchar até a Cidadela Firstlight. Norhavellianos, olhos arregalados e furiosos. Olhos molhados de lágrimas. Olhos queimando com raiva recém-descoberta e desesperança. Olhos escuros—olhos sombreados. Olhos *mortos* .

Engoli um grito.

Eu tinha pensado que o castelo do Portador das Sombras era um pesadelo infernal, mas isso não chegava nem perto da verdade. *Isso* era o Inferno. *Isso* era um pesadelo.

E essa era agora minha *vida* .

OceanofPDF.com

Capítulo 14

OS LEGIONÁRIOS NÃO CONFIAVAM em mim. Isso era evidente.

Estávamos viajando por horas, mas eles permaneceram em silêncio, taciturnos e cautelosos. Nenhum deles tentou falar comigo. Mais cedo, Mithras havia dividido sua força em terços: um terço foi ordenado a monitorar Norhavellis até que os novos Absolvers nomeados pelo reino chegassem, outro terço foi encarregado de escoltar os Corruptos de Norhavellis até a Cidadela Firstlight, e o último terço, os poucos azarados, deveriam me levar para a Tumba do Devorador — onde o corpo do Portador das Sombras estava guardado. Era semelhante a arrancar dentes, observar os legionários decidindo entre si quem viajaria com a maioria e quem seria forçado a me acompanhar.

Rumores perversos serpenteavam entre eles — sussurros de que eu era Corrupto e poderia me transformar no próprio Portador das Sombras, devastando nosso pequeno grupo antes que qualquer outra pessoa no reino soubesse o contrário. Se isso acontecesse, eles disseram que eu espalharia a Corrupção como um fogo voraz e de boca aberta. Eu não pararia, os legionários alegaram,

até que a Corrupção consumisse Noctis por inteiro.

Prazeroso .

O crepúsculo se instalou enquanto cavalgávamos, fazendo cócegas em nossos cabelos e pescoços com uma brisa fresca com cheiro de pinho. Algo mudou no Visstill também; sons noturnos floresceram nas sombras enquanto o vento serpenteava por entre as árvores antigas, *sibilando* entre galhos e raízes como se a terra fosse seu brinquedo oco.

A Light Legion montou acampamento em uma clareira em forma de crescente, murmurando furtivamente entre si enquanto juntavam lenha, arrumavam suas tendas e sacos de dormir e cuidavam dos cavalos. Em pouco tempo, a armadura foi cuidadosamente removida, rapidamente limpa, e o grupo estava em grande parte aninhado ao redor de uma fogueira crepitante, descansando em túnicas combinando e calças de lã.

Cutuquei o chão com a ponta da minha bota, ainda amarrado e relativamente inseguro sobre o que deveria estar fazendo ou onde dormiria. Na velocidade em que fui ignorado — ou olhado com desconfiança — era provável que não houvesse nem *um* lugar para eu dormir. Sentindo-me miserável e deslocado, vaguei até a borda do acampamento, afundando na curva de uma raiz de árvore desenterrada.

Silas, provavelmente ordenado a me vigiar para que eu não fugisse, saiu do fogo para se juntar a mim.

“Veio até aqui sozinho?”, ele perguntou, ajoelhando-se ao meu lado. Seu rosto, de um marrom profundo e bonito, estava recém-esfregado, e seus olhos, tipicamente gentis, estavam afiados apesar do tom casual. Mais cedo, enquanto os outros legionários estavam ocupados montando acampamento, ele fez um esforço para falar comigo. Ele queria lançar luz e otimismo sobre o futuro de Elliot na Cidadela Firstlight, mas eu estava muito desconfortável para dar a ele toda a minha atenção.

Mas agora, nas sombras solitárias e longas do crepúsculo, eu queria conversar.

Ou talvez eu estivesse cansado demais para me importar mais.

“Eu não ia sair correndo, se é isso que você está insinuando.” Levantei minhas

mãos, ainda presas pela corda. “Não iria longe, de qualquer forma.”

Mãos amarradas dificultavam as coisas. Andar, correr, evitar obstáculos — mas especialmente se movendo por uma floresta como a Visstill. Eu tinha aprendido essa verdade rápido o suficiente quando fui enviado para me aliviar mais cedo, tropeçando em um galho, mas incapaz de recuperar o equilíbrio. Eu não tinha acesso a um espelho, mas tinha certeza de que meu rosto estava arranhado e meu cabelo estava uma bagunça.

“Ah, inferno.” Silas estava sorrindo, mas a expressão sumiu. “Você é um enigma — e uma ameaça percebida que todos nós testemunhamos. Temos que permanecer cautelosos.”

“Certo,” eu disse, suspirando. Tão rápido quanto eu senti vontade de falar, eu queria ficar sozinho. Na verdade, algo estava me incomodando. Algo que eu estava apenas começando a perceber. “Mithras disse que eu interrompi seu 'ritual de sacrifício'. O que isso significa?”

Silas tomou um gole do frasco a seus pés, limpando a garganta. Ele olhou para o fogo. “Nós limpamos o mundo dos Corruptos e, ao fazer isso, reunimos suas almas com o Criador. É nosso dever. Nossa tarefa sagrada.”

“Eu sei disso. A Light Legion coletou nossos Corruptos por anos. Somos ensinados que você os leva ao Portador da Luz para serem purificados.”

“Bem, aqueles que sobrevivem à jornada são mantidos na Cidadela Firstlight para cumprir vários deveres para o reino. Agricultura, mineração, cuidar da produção de elixires — tudo monitorado de perto, é claro.” Ele acrescentou, em voz baixa, “Mas sim, uma vez que sua sentença é cumprida ou eles se tornam muito violentos, a purificação ocorre. É necessário salvar suas almas.”

“Eu nunca entendi por que uma alma pode ser separada do demônio que a reivindicou, mas a pessoa deve morrer por isso.” *Pessoas como Mãe e Pai.* Eu puxei meus joelhos para o peito. “Ou por que Mithras não pode salvar a alma de alguém que morreu de Corrupção prematuramente.”

Alguém como Eden.

Eden morreu antes que o Portador da Luz pudesse purificá-la. Se sua alma estava realmente perdido, vagando por um abismo sem fim pela eternidade, eu

não queria pensar nisso. Era um destino muito cruel.

“Você condena o Portador da Luz como se ele fosse a causa da Corrupção de Noctis. Ele é uma extensão da graça e misericórdia do Criador para nós, não seu inimigo.”

“Você está certo,” eu concordei, me forçando a não explodir. O Portador da Luz não era *misericordioso* , mas Silas era minha única chance de ter qualquer uma das minhas perguntas respondidas, e eu precisava permanecer composto. Mesmo que eu estivesse queimando por dentro. “Mas o ritual, a fumaça, a música — você colocou todos nós para dormir. Com qual propósito?”

“Perguntas, perguntas,” Silas provocou, o fantasma de um sorriso irônico em seus lábios. Quando não sorri de volta, o dele sumiu. “A fumaça do sono é meramente uma precaução que tomamos para grupos desse tamanho. Ela nos permite prender com segurança os Corruptos em preparação para sua jornada para a Cidadela, ou, se eles se mostraram muito perdidos, Lorde Mithras os purificará na hora. É mais humano se eles estiverem dormindo e não souberem que a purificação está chegando.”

Lembrei-me do cheiro daquela fumaça. Sua doçura enjoativa, terra molhada misturada com folhas secas em um chão quente de floresta. Seu conforto. Suas promessas.

“Mas *todos nós fomos* colocados para dormir — mesmo aqueles de nós que não eram Corruptos.” Minha voz começou a aumentar em severidade, sugerindo a turbulência que se agitava sob minha fachada trêmula. “Quem pode dizer que você não teria machucado pessoas que não eram totalmente Corruptas?”

“Lorde Mithras pode dizer. Quando cavalgamos por Norhavellis, ele sentiu a natureza dos aldeões.” Ele fez uma pausa, decidindo se seria sensato ou não me contar mais. “Fomos encarregados de avaliar a vila depois que sua família foi protegida, mas eles atacaram antes que pudéssemos.” Silas parou de falar, olhando de volta para o fogo. “Eles eram cruéis. É impressionante o quão rápido os aflitos podem cair na Corrupção.”

Sobrecarregado, segui seu exemplo e olhei para as chamas .

“Muitos de nós tivemos Corrupção em nossas próprias famílias”, ele disse, continuando. “Estamos familiarizados com ela de maneiras que eu não desejaria

aos nossos piores inimigos. E *definitivamente* temos um inimigo ou dois.” Seu sorriso estava de volta, mas parecia vazio. “Seu destino acabará nos ajudando a derrotar os Corruptos. Talvez até salvar alguns no processo. Alguns legionários podem hesitar em se aproximar de você, mas é apenas porque eles têm medo do que você pode ser.”

Diante do meu silêncio, ele hesitou.

“Esmer. Não há—não *havia* —nenhum outro jeito. Nosso jeito é humano.” Ele hesitou, fingindo querer tocar meu braço, então puxou sua mão de volta para seu lado. “Em Istralla, supostos Corruptos são trazidos até nós antes mesmo de precisarmos agir. Não temos que caçá-los como animais. Nunca houve uma batalha como a que aconteceu ontem à noite.” Ele acrescentou, tomando um gole rápido de seu cantil, “A noite passada mudou tudo. O Portador das Sombras não deveria estar vagando em sonhos com alguém como você ao seu lado.”

Silas me ofereceu seu frasco, segurando-o firme para que eu pudesse beber facilmente. Era uma sidra quente e borbulhante, e isso aliviou instantaneamente um pouco da minha tensão. "Você realmente podia me ver naquele sonho, então."

“É—sim. Sim, poderíamos. A fumaça adormecida dá ao Portador da Luz e seus seguidores a habilidade de andar entre a realidade e o Reino dos Sonhos. Ele estava no meio da purificação do Corrupto mais severo quando vimos você.” Ele levantou o rosto para o céu, fechando os olhos. “Eu faria perguntas, mas Lorde Mithras já decidiu seu destino. Nada que você me diga pode mudar isso.”

“E meu destino, então, é o quê? Ser trancado na tumba do Portador das Sombras?”

Silas manteve o olhar longe de mim. “É isso aí. Lorde Mithras lhe contará o resto.”

Parecia estranho que ele estivesse revelando tudo isso. Talvez fosse porque eu iria morrer em breve. Os mortos eram bem eficientes em guardar segredos.

Mila se juntou a nós, cabelos ruivos cheios e imaculados apesar de nossa longa jornada, e se apoiou em outra raiz virada para cima. Era uma coisa enorme, quase alcançando seus ombros. “Silas, Esmer provavelmente está morrendo de fome. Você pensou em levar comida para ela?”

“Não estou com fome”, protestei, mas então, como se fosse uma deixa, meu estômago soltou um ronco anormal. Quando foi a última vez que comi? Ontem de manhã?

Mila parecia orgulhosa de si mesma. Silas parecia mortificado.

"Ver?"

“Vamos nos aproximar do fogo então”, disse Silas, se desdobrando do chão. Ele me ofereceu uma mão para levantar. “Tem bastante comida e bebida.”

“Bem, não tenho certeza se esse é o melhor plano”, disse Mila, sumindo. Ela vasculhou uma mochila ao seu lado, pegando uma cantina, um pouco de pão e uma coxa de pato assada embrulhada em pano. Ela os entregou para mim, dando-me um meio sorriso triste. “Para o nosso inimigo inesperado.”

“Obrigado,” consegui dizer, dando uma mordida na coxa de pato. A corda estava frouxa o suficiente para eu comer, embora não fosse confortável de forma alguma.

“Lorde Mithras disse que chegaremos à tumba em dois dias ou mais.” Seus olhos brilharam de fascínio. “É um lugar estranho. Você sentirá sua presença antes mesmo de chegarmos.”

Franzi a testa, no meio da mordida. “E então o que acontece?”

Silas e Mila trocaram olhares.

"Bem-"

“Oh, você verá em breve. Nós gostamos do drama, do mistério.”

“Você quer dizer *que* gosta disso,” Silas retrucou, então se virou para mim. “Lorde Mithras vai explicar em breve. Nada que ele faz é sem propósito, incluindo sua sentença.”

Mila saltou de volta para o fogo e retornou com mais comida e bebida, seus braços sobrecarregados com uma jarra de cidra fumegante, dois potes de pinhões defumados e pedaços de frango assado. Tudo da aldeia, eu descobri — pequenos presentes para seu Portador da Luz. Nós comemos famintos, lambendo o sal dos

nossos dedos, e relaxamos em um padrão de conversa um tanto regular enquanto Mila e Silas trocavam histórias de suas viagens. Eu me acostumei com a conversa, os pensamentos sobre Corrupção sumindo da minha mente quanto mais tempo passamos juntos, e até consegui sorrir em um ponto.

Um sorriso.

Enquanto o fogo queimava baixo, os legionários começaram a sussurrar uma canção, suas vozes ficando mais altas e assustadoras à medida que a canção se repetia pela segunda vez.

Sofrendo na piscina prateada

Ao lado de seus fantasmas sombrios

Mas a escuridão caiu e devorou todos eles

Cuidado, o Portador das Sombras vem

Então queime a luz intensamente e

Cante a canção com ousadia

Pois não tememos a sombra nem a noite

Pois cuidado, cuidado, cuidado, cuidado

Cuidado, o Portador das Sombras vem

As sombras o afogam

A luz o cerca

Preso à sua escuridão para sempre

Então cuidado, cuidado, cuidado, cuidado

Cuidado, o Portador das Sombras vem

Cuidado, o Portador das Sombras vem

Eles passaram a cantar algumas outras canções, algumas animadas, outras sombrias, mas eu continuei pensando na primeira. Havia uma estranheza, aquela música. Ela me fez sentir desconfortável, exposta.

Não gostei nada disso.

Enquanto os legionários cantavam, distraídos, Mila me deu um frasco de elixir. “Dos estoques não contaminados, não se preocupe”, ela disse, com um sorriso suave nos lábios. “O poder do Lorde Mithras nos protege, então os legionários não o usam. Ainda assim, não faz mal para você se sentir seguro.”

Então *é* por isso que Elliot e eu fomos negados o elixir? Porque a própria presença de Mithras deveria nos proteger? Eu me mexi, um arrepio percorrendo meus braços. Isso fez meu cabelo se arrepiar. Porque mesmo com o elixir, mesmo com a proteção de Mithras — três vezes eu sonhei.

“Eles poderiam ter nos dito isso antes. Meu irmão e eu fomos negados por dois de seus legionários.”

“Provavelmente tentando provar um ponto, os tolos.” Mila lançou um olhar de aborrecimento para o que eu presumi serem os guardas que vigiavam Elliot e eu — eu não os reconheci com suas máscaras fora — e olhou para mim, seu sorriso retornando. “Lorde Mithras deveria ter designado Silas ou eu em vez disso.”

Silas gemeu. “Certo. Provavelmente poderia ter evitado *isso* .” Ele gesticulou em direção à perna, que estava enfaixada de onde o Corrupto a agarrou. “Aquele Corrupto era mais forte do que a maioria. Poderia ter sido um legionário, se o momento fosse certo.”

“Talvez,” Mila falou lentamente, então fixou sua atenção em mim. “Eles parecem estar perdendo o interesse em suas canções, e eu estou exausta. Vamos te preparar para dormir.”

Recusei educadamente dormir onde Mila queria que eu dormisse — compartilhando sua barraca — e me aninhei contra a raiz da minha árvore. Não éramos *amigos* , lembrei a mim mesmo. E parecia mais confortável, de alguma forma, estar ao ar livre.

Os legionários não se incomodaram com minha escolha; dois legionários ficaram de guarda ao longo do perímetro do acampamento o tempo todo,

observando a mim e à floresta em busca de sinais de algo incomum.

Arrumei meus braços amarrados com corda sobre os joelhos o melhor que pude, tentando parecer indiferente e insignificante. Entre minha conexão com o Portador das Sombras e seu mundo demente, meu envolvimento na condenação de uma vila inteira e meu destino de provavelmente apodrecer na Tumba do Devorador — era muita coisa para lidar, muita coisa para compreender. Coloquei meu rosto nas mãos, tentando não chorar. Que propósito eu poderia ter nisso?

Certamente houve um engano.

Por fim, adormeci, embalado pelo vento que soprava através dos galhos acima de mim.

Mas algo começou a parecer errado.

Acordei com um fogo extinto, brasas frias e escuras. A luz vinha do céu, escapando em parte da lua. Ela dançava com sombras lançadas por nuvens de tempestade retorcidas. Ela caiu sobre os legionários, que estavam dormindo e em silêncio. Todos eles. Até mesmo aqueles que tinham sido designados para a primeira vigília. Apenas o vento, sussurrando através do Visstill, e nuvens rodopiantes, correndo pela lua, faziam algum movimento ou som. O vento aumentou, sibilando através das árvores e trazendo consigo o cheiro de chuva e flores silvestres esmagadas sob os pés. Ele forçou as nuvens a se separarem enquanto ele *passava* pelo céu, revelando — e então escondendo — a lua e as estrelas. Isso tornou a cena confusa e onírica.

Mas quando tentei me levantar, só caí para trás.

Afundando.

Afundando.

Afundando.

OceanofPDF.com

Capítulo 15

QUANDO ABRI OS OLHOS , esperava ser recebido por copas de árvores balançando e o cheiro de café da manhã assando no fogo. Em vez disso, acordei em uma sala ampla coberta de tapeçarias antigas, estantes empoeiradas e o mais leve indício de luz de velas. Cheirava a noite, chuva e coisas velhas. De poeira e coisas deixadas no escuro por muito tempo.

O Reino me encontrou mais uma vez.

Eu me preparei para o que quer que estivesse por vir — fossem mais demônios ou o próprio Portador das Sombras, eu estaria pronto.

E foi então que eu o vi.

O Portador dormia em uma cama com dossel, envolto em sombras e armadura de obsidiana. Tecido prateado cobria a estrutura ao redor dele, flutuando frouxamente no ar frio e empoeirado. Ele parecia congelado no sono, cabelos branco-prateados adornados por uma coroa de ônix e se acumulando nos travesseiros abaixo dele.

Eu estava no quarto dele.

Eu estava na *sala do Portador das Sombras* .

Rastejando para trás, procurei por uma arma enquanto mantinha meu olhar fixo no Portador. Fiquei perturbado com seu silêncio e falta de movimento. Ele estava morto? Pensei em testar essa teoria, talvez sentindo um pulso ou um sinal de respiração, mas rapidamente decidi contra isso. Algo me disse que ele estava muito vivo — apenas queimado por usar qualquer poder que emanasse dele.

Encontrei um atiçador de fogo de aço encostado ao lado de uma lareira fria, pesado e afiado apesar da poeira que deixava para trás, então cuidadosamente deslizei para perto da cama enorme do Portador das Sombras. Estranho que tal grau de extravagância pudesse ser encontrado associado a uma quantidade igual de podridão. A mistura de luxo e decadência era desconfortável.

Intolerável, até.

Levantei o atiçador de fogo e o segurei sobre a garganta exposta do Portador.

Demônio. Monstro. Assassino.

O ódio surgiu em minhas veias, quase me sufocando. Este homem, a origem horrível da Corrupção, condenou minha irmã, amaldiçoou meus pais, arruinou o futuro de Elliot e destruiu todas as chances que eu tinha de viver uma vida de qualquer normalidade. Uma vida longe da Corrupção e da escuridão que me atormentava desde o dia em que nasci. Se eu matasse o Portador das Sombras agora, talvez a Corrupção acabasse, os demônios seriam destruídos e todas as almas capturadas finalmente se ergueriam para encontrar a luz sagrada do Criador.

O atiçador passou pela pele abaixo do maxilar. Um golpe rápido, e tudo estaria acabado.

Grrrrssschk. Rrrssschk. Rrrssschk.

Eu congelei, ouvindo atentamente. O vento, talvez.

Grrrrssschk. Rrrssschk. Rrrssschk.

Percebendo rapidamente que os ruídos baixos e guturais além do quarto do Portador das Sombras não eram do uivo do vento ou do rosnado de galhos raspando nas pedras, levantei-me de um pulo.

Demônios.

Era o som de *demônios* .

“ *Deixem-nos sair* ”, eles uivaram, rosnando, gemendo e chorando das profundezas de suas almas arruinadas. “ *Deixem.…nos.…sair* .”

Algo pesado bateu contra a porta do seu quarto, me fazendo vacilar e perder o equilíbrio de onde eu estava precariamente oscilando sobre a forma adormecida do Portador das Sombras. O atiçador de fogo escorregou das minhas mãos, deslizando para fora da cama e caindo no chão.

Seus olhos se abriram, profundos e doloridos.

“ *Você* ,” ele disse asperamente, os lábios perto do meu ouvido. Ele colocou suas mãos enluvadas sobre as minhas, frias e afiadas, e meu coração traidor gaguejou. “Você não precisa entrar em pânico — eu consigo lidar com elas. Eu sempre consegui.”

Ele se apoiou nos cotovelos enquanto eu sentia que estava escorregando.

Suas mãos eram de ferro.

Depois argila.

Depois, pó.

Os demônios repetiram seu canto enquanto se jogavam contra a porta do Portador das Sombras. Os gritos começaram a se acumular, aumentando e ecoando em um coro infernal.

“ *Deixe…nos…sair* .”

“ *Deixe…nos…sair* .”

“ *Letussoutt.* ”

“ *Letussouttletussouttletussoutt!* ”

O último grito me puxou de volta para o sonho. Eu ainda estava na cama do Portador das Sombras; ele ainda estava me segurando pelas mãos. Ele soltou um suspiro lento, fixando-me com olhos que começaram a mudar de doloridos e profundos para algo mais afiado e consciente. Eu me mexi, um rubor horrível subindo pelo meu pescoço, apenas para sentir seus quadris blindados se moverem sob minhas pernas. Olhamos para baixo ao mesmo tempo, percebendo o quão próximos nossos corpos estavam.

Muito perto.

Nós nos arrastamos para trás enquanto sombras se agitavam ao nosso redor, emaranhadas em sua ânsia de obedecer a cada uma de nossas vontades em pânico. Isso foi um erro — uma sombra se enrolou no pulso do Portador, e minha vontade deve tê-la chamado para frente, pois ela se enrolou no meu pulso também e se esticou.

Ele xingou.

Eu xinguei .

E os demônios rugiram mais alto, dobrando a porta do seu quarto.

“Eles geralmente não são tão persistentes.” O Portador se empurrou para fora da cama, xingando novamente quando o movimento me puxou de lado para seu ombro.

“ *Letussouttletussouttletussoutt!* ”

“Eu pensei que o poderoso Portador das Sombras teria mais controle sobre seus demônios,” eu disse com raiva, colocando um passo entre nós. Estávamos perto da porta agora — perto demais, para o meu gosto — e o Portador estava avaliando sua condição atual. Parecia resistente o suficiente, mas os demônios eram implacáveis, batendo seus corpos na madeira. Dois chifres de repente romperam, perfurando a porta. Quando o demônio tentou recuar, os chifres ficaram presos, sacudindo a moldura. “Ou eles odeiam você tanto que você *não consegue* controlá-los?”

Ele olhou de volta para mim, a boca se inclinando em uma carranca. “Eu nunca fui o mestre deles — apenas o guardião deles. Então sim, eles me odeiam. Talvez você esteja familiarizado com o sentimento.”

“Eu não sou um monstro, então não.”

O atiçador de fogo estava longe demais para ser agarrado, mas talvez eu pudesse manipular as sombras a meu favor. Eu me concentrei, desejando que elas se levantassem e se enrolassem na garganta do Portador das Sombras como um par de mãos, mas elas apenas vacilaram no lugar, inúteis e sem forma. Era uma ilusão, então. Claro que elas não o machucariam.

“Então seu Portador da Luz aceitou você sem ódio ou medo? Você acordou para encontrá-lo e seus seguidores cantando seus louvores e não condenando você ao destino de um monstro?” Com meu silêncio, ele voltou sua atenção para a porta, passando a mão sobre um dos chifres lisos de alabastro que a perfuravam. O demônio estremeceu ao toque, estilhaçando mais madeira. Ele acrescentou calmamente: “Se você não tivesse interferido, teria evitado tudo isso. Não sei por que as sombras ouvem você.”

“Provavelmente porque eles preferem estar comigo do que com um vilão taciturno como você.” As sombras que o seguiam agora seguiam atrás de mim, lambendo meus tornozelos.

“Eles fariam isso, agora?”, rebateu o Portador, arqueando uma sobrancelha. “Interessante.”

“O quê, você não acha que eles fariam isso?”, implorei, outro rubor me fazendo franzir a testa em irritação. Talvez fosse só minha imaginação, mas a sombra entre nós parecia mais apertada. Ele estava muito perto, muito alto, muito *atento* . Ele nunca tinha olhado para mim daquele jeito antes, e eu não sabia o que fazer com isso. “Então você está esquecendo o que aconteceu na câmara de água. Talvez eu tente isso de novo com os demônios do lado de fora da sua porta.”

“Você *não vai* tentar isso de novo.”

“É claro que você não quer que eu machuque seus preciosos demônios. Você é o guardião deles, afinal—”

“Você é muito, *muito* irritante,” o Portador disse, tocando sua garganta. Lembrei-me do volume de sangue que havia se acumulado ali, vazando de seu nariz e boca. “Os demônios no salão são muito mais velhos e muito mais poderosos do que os calouros na água. O que você realizou no sonho anterior não funcionará neles.”

O demônio com chifres começou a se contorcer, atirando-se na porta com um fervor renovado. Se não fizéssemos algo logo, a porta explodiria.

“Você realmente deveria tentar acordar”, ele acrescentou. “Isso não vai ser agradável.”

"Não pode ser menos agradável do que aquilo que eu acordaria. Estou sendo levado para o seu túmulo, Portador das Sombras."

Sua testa pálida franziu. “O que você quer dizer com—”

Eu o interrompi, desejando que as sombras aos meus pés se levantassem. Eu não sabia o que estava fazendo, não realmente; eu pretendia que elas formassem uma parede, nos isolando dos demônios, mas elas avançaram rápido demais — e

abriram a porta. As sombras se desintegraram com o contato, afundando de volta para o chão.

Demônios — dezenas de demônios hediondos — estavam no corredor, olhando boquiabertos para nós.

“Como eu disse,” o Portador das Sombras rosnou, puxando a corda para que eu ficasse atrás dele, “você é muito, *muito* irritante.”

As sombras se ergueram com um movimento de seus dedos, agitando-se diante de nós como uma nuvem de tempestade condensada. Um piscar de olhos depois, a nuvem avançou, despejando-se sobre os demônios como uma tempestade de meia-noite. As criaturas ficaram tensas quando as sombras surgiram sobre seus corpos quebrados; elas não estavam sendo atacadas, exatamente — mas parecia que estavam sendo purgadas de algo terrível. Sombras rastejaram de seus olhos e bocas, juntando-se à escuridão ao redor delas, e suas bocas permaneceram congeladas em gritos silenciosos.

Quando a nuvem finalmente se assentou, os demônios estavam saciados. Sua raiva e pânico tinham esfriado; a luta tinha deixado seus olhos vazios. Eventualmente, eles se esgueiraram de volta pelo corredor, buscando consolo em outro lugar.

Os ombros do Bringer caíram. Suas sombras eram meros fios agora, acomodando-se sob móveis e deslizando sob tapetes. Até mesmo a corda que nos prendia havia se desintegrado, deslizando para dentro de um vaso próximo.

“Criaturas miseráveis,” o Portador murmurou, cruzando o quarto em alguns passos rápidos. Ele foi até sua cama e rapidamente se virou — como se esquecesse que eu também estava lá — em vez disso, escolheu uma escrivaninha coberta de livros para se encostar.

Seu quarto era opulento, mas mal cuidado. Um túmulo deixado intocado por séculos.

Examinei um vaso transbordando de flores mortas, estremecendo quando elas se desintegraram. “Como você consegue viver assim?”, senti-me perguntando. “Você é o senhor de nada além de poeira e monstros.”

“Nem sempre foi assim.” Ele acrescentou, quase para si mesmo, “Mas agora

estou amaldiçoado a apodrecer em um castelo que não parece mais meu, incapaz de sair e incapaz de purgá-lo de suas sombras. A maioria diria que é um destino mais adequado.”

Uma risada sombria surgiu no fundo da minha garganta. Então talvez você não devesse ter forçado a Corrupção sobre Noctis. Você amaldiçoou um reino inteiro a viver com medo e morrer em ruínas. Seu destino *é* adequado para tal crime.”

Suas mãos apertaram a borda da mesa, quebrando parte da madeira em lascas empoeiradas. “Meu *destino* foi arrancado de mim no momento em que fui banido aqui. O tempo foi roubado de mim — minha vida foi roubada de mim, e —”

família inteira foi roubada de mim. *Você* os roubou de mim.” Dei um passo em direção a ele, dentes à mostra.

“Não fiz mal a você ou à sua família.” Sombras brilharam em seus olhos, mas ele não se moveu. “Acredite no que quiser, mas essa é a verdade. Eu também testemunhei muitas perdas.”

Eu quase ri. Um monstro justificando suas monstruosidades pelo que ele perdeu era patético.

“Você lamenta seu passado e presente, mas e o futuro de Noctis? E o *meu* futuro?” Minhas mãos tremiam. Não havia mais nada para mim. Eu deveria ter minha vida inteira para esperar — décadas cheias de propósito e alegria. Talvez até amor. Uma família minha, uma casa minha, uma *vida* minha. O Portador das Sombras estava apodrecendo em seu castelo, mas eu também estava apodrecendo. E eu não tinha escolha.

Eu estava a centímetros do Portador das Sombras agora, encarando olhos meio mortos girando com espirais de prata e noite. Eu o odiava. Ele era o inimigo de Noctis, o arauto da Corrupção, o assassino do Éden e o ladrão cruel do meu futuro. Os contos o faziam parecer perverso, sem alma e cruel.

Então por que ele parecia tão triste?

Eu queria empurrá-lo. Queria agarrá-lo pelos ombros rígidos e gritar com a mesma agonia e intensidade de seus demônios.

Em vez disso, eu disse ferozmente: "Você tem a responsabilidade de consertar as coisas. Se você é realmente tão miserável quanto parece, e insiste que não tem culpa, então mude seu destino e seu futuro. Se você conseguir fazer isso, então talvez consiga mudar o meu também. "

Ele pareceu surpreso, os olhos procurando meu rosto. “É possível que Noctis possa ser salvo, mas não tenho a mínima ideia de onde começar.” Sua voz baixou, pesada de arrependimento e desejo. “Não me lembro de tudo, mas lembro de ter um senso de propósito. Meu poder uma vez chamou a escuridão, e coisas escuras foram atraídas para ele — atraídas para *mim* . Uma vez pensei que poderia conter todos os demônios aqui enquanto esperava por uma absolvição que nunca veio.”

Isso era novo. O Portador das Sombras abrigando demônios para *proteger* a humanidade enquanto estava preso era algo inédito.

“Mas os demônios não estão totalmente contidos. Muitos vagam por Noctis livremente.”

“Não,” ele concordou. “E talvez nunca tenham sido, se o que você está me dizendo é verdade. Os demônios no meu castelo não estão Corrompendo ninguém; eles estão tão presos quanto eu. O que deixa aqueles que vagam pelo Reino dos Sonhos à própria sorte.”

Grrrrssschk. Rrrssschk. Rrrssschk.

Nós nos viramos ao mesmo tempo; um demônio nos olhou de soslaio pela porta quebrada, seus ombros tão largos que ele teve que se ajustar para caber. Ele investiu contra mim, movendo-se mais rápido do que deveria ser possível, seu sorriso largo e braços cobertos de pelos estendidos. O Portador das Sombras se jogou na minha frente, sombras erguidas em defesa, mas ele estava muito distraído ou muito lento—

A força por trás do golpe foi impressionante, jogando o Bringer na lareira com um estalo nauseante. O Bringer se levantou de repente, mas o demônio foi mais rápido. Ele agarrou o atiçador de fogo descartado, levantando-o até a garganta exposta do Bringer.

“ *Deixe-me…sair* ,” ele disse asperamente. “ *Quinhentos…anos.* ”

Por um momento, os olhos do Portador se arregalaram, mas ele rapidamente balançou a cabeça, limpando qualquer pensamento que tivesse passado por ela. Ele levou as mãos à garganta, protegendo-a da estaca. “A maldição não tem fim, demônio. Abaixe a estaca antes que eu a empale com ela.”

“ *Quinhentos…anos* ”, repetiu. “ *Ele…está…vindo* .”

“Você é delirante e quebrado, assim como os outros,” o Portador disse tristemente. “Lamentável.”

E então ele agarrou o atiçador de fogo, girou-o e enfiou-o entre os olhos do demônio. Ele cambaleou para trás, o atiçador projetando-se da testa, e investiu contra mim novamente. Girei para evitá-lo, mergulhando para uma cortina entreaberta no outro extremo da sala do Portador.

Uma varanda.

Maldito seja tudo.

Iluminada por uma camada de estrelas e uma lua amarela pálida, a sacada parecia saída diretamente das páginas de um livro de histórias — perfeita para romance ou reminiscências, mas não para fugir de demônios. A saliência estava muito longe da floresta que se estendia abaixo dela.

Cair seria morrer.

“ *Deixe-me sair,* ” o demônio rosnou. Ele tentou puxar o atiçador de fogo de seu crânio, mas só conseguiu quebrá-lo. Ele empunhou o pedaço quebrado como uma adaga, pronto e preparado para me derrubar. “ *Você pode me libertar.* ”

Minhas costas bateram na sacada. A criatura tinha me encurralado — me encurralado em um lugar do qual ela sabia que eu não poderia escapar. "Se eu te libertar, então você vai devorar almas inocentes. Não vai acontecer." E então eu desejei que as sombras do Portador corressem pelos meus braços, cobrindo-os em uma escuridão espessa e contorcida.

Quando o demônio deu outro passo em minha direção, com o atiçador erguido para atacar, eu mandei as sombras voando. Elas se tornaram espadas, lanças, forcados — e atacaram o demônio, mandando-o cambaleando para o Portador das Sombras, que nos seguiu até a sacada. Eles colidiram com o outro lado da

sacada, atacados por sombras afiadas como facas e corpóreas. O demônio levou a pior, gemendo por causa dos ferimentos, mas o Portador estava na metade da saliência, a capa presa por espinhos e lâminas. A parte do corpo dele fora da saliência — seu braço direito, ombro e cabeça — começou a soltar fumaça, queimada por uma força invisível.

Eu nunca tinha ouvido o Shadow Bringer gritar, mas agora ele ouviu, se contorcendo em tormento. Sua manopla de metal afundou em seu braço, fundindo-se com a pele por baixo, e seu cabelo branco como a lua começou a arder, assim como sua pele lisa empolou e descascou. Ele tentou afastar as sombras, mas elas não ouviram, não se curvaram à sua vontade. Qualquer força que o estivesse queimando também o impedia de usar suas habilidades.

Afinal, ele havia dito a verdade.

O Portador das Sombras realmente estava aprisionado em seu próprio castelo. Ele não era um governante diabólico que se banqueteava com almas, comandava exércitos de demônios e vivia uma vida de glória e poder. Ele era um monstro miserável e quebrado, mas talvez fosse o único monstro que poderia *fazer* algo a respeito.

E eu estava matando ele.

Eu não sabia o que a morte significava no Reino, mas algo me dizia que o Portador das Sombras poderia não acordar disso. E se ele morresse — e os demônios *não* morressem — o que aconteceria então? Eu teria que enfrentar os demônios sozinho. Eles se revoltariam, me dominariam e escapariam, atormentando Noctis com uma onda de Corrupção. Eu arrancava as sombras, frenético e horrorizado, enviando-as em espiral para a noite.

O Portador da Sombra se libertou no último momento, e a força disso fez o demônio despencar da saliência. Ele uivou enquanto caía, mas seus lamentos ecoantes logo foram silenciados.

Soltando as mãos, o Portador se encolheu. Ele ficou sentado perfeitamente imóvel, olhos fechados, inclinando seu corpo meio derretido contra a balaustrada. Sua pele já havia começado a se curar, voltando ao seu estado original, mas não estava totalmente restaurada.

“Estou cansado, Esmer. Estou cansado de viver assim.”

Eu congelei onde estava, incerto. “Eu—”

“Não há almas capturadas aqui além da minha. Há apenas demônios, atraídos para cá pelo meu poder miserável e escuridão. Nada além de podridão e minha alma arruinada em exposição.” Seus olhos se abriram brevemente antes de se fecharem novamente. “Os Weavers me prenderam aqui, alegando que eu era o mal que atormentava Noctis, mas não era eu. Nunca fui eu. "

“Como você pode esperar que eu acredite em você?”, sibilei, lágrimas brotando nos cantos dos meus olhos. Eu odiava como me sentia. Era uma mistura de tristeza, dúvida e vergonha. “O que você está dizendo vai contra tudo o que me ensinaram. É um caminho que percorri a minha vida inteira.”

“Então deixe-me convencê-la do contrário,” ele disse asperamente. “Ajude-me a encontrar minha liberdade e propósito e eu retribuirei o favor cem vezes mais.”

Levantei meu rosto para sentir o vento. Ele girava ao nosso redor, perfumado com o cheiro da vastidão selvagem abaixo, e se enroscava em nossos cabelos, acariciando-os com dedos suaves. “Os contos não dizem nada sobre como derrotar os demônios ou libertar você. Eles mal mencionam seu destino.”

O Portador soltou um suspiro pesado e abriu os olhos. As sombras estavam de volta, mas pareciam vazias e opacas em comparação com a forma como estavam se revoltando antes. “Você disse que Mithras estava marchando com você para o meu túmulo. Se eles selarem você lá comigo, você nunca irá embora. Você compartilhará meu destino, preso a este castelo e incapaz de ver seus entes queridos crescerem. Você viverá aqui enquanto Noctis afunda ainda mais na ruína, cego para o mundo desperto e entorpecido para a passagem do tempo. Não deixe que eles o levem.”

“Já é tarde demais,” eu disse, balançando a cabeça. “Mas no túmulo eu posso te acordar, e—”

“Você não pode me acordar,” ele interrompeu. “Se fizer isso, há uma chance desse sonho entrar em colapso e os demônios correrem livres. Eles permanecem presos por causa da minha vontade.”

“Mas não é isso que você quer?” Eu soltei, desesperado para entender por que esse monstro não parecia mais tão monstruoso. “Eles espalhariam sua Corrupção como fogo. Eles tomariam Noctis, e—”

“Eu *pareço* que é isso que eu quero? Governar o Reino dos Sonhos como um rei distorcido?” Ele se levantou, segurando a balaustrada para se apoiar. Sua coroa de ônix, que tinha se quebrado parcialmente em seu cabelo, caiu de pé, batendo contra a pedra. Ela, diferente do resto dele, não tinha começado a se consertar.

“Então por que você fez isso?”, me peguei perguntando, juntando-me a ele na saliência. “Por que você formou a Corrupção, se não era isso que você queria?”

“Eu—” o Portador começou, com a testa franzida. “Não me lembro completamente.” Ele se virou para mim, a expressão assombrada. “Mas o que direi é isto: há muitas coisas neste mundo que odeio, mas não odeio os inocentes. Se a Corrupção é realmente tão ruim quanto você diz, então seria irredimível para mim causar tal tragédia.”

Estranhamente, eu acreditei nele.

Eu acreditei no Portador das Sombras.

Ele estendeu a mão para mim, e eu me vi estendendo a mão de volta. Mas assim que meus dedos encontraram os dele, eu fui arrancada, suas mãos e castelo espiralando em direção ao nada.

OceanofPDF.com

Capítulo 16

ESCURO.

Vazio.

Evitar.

E fome. Uma fome profunda e rugindo. Uma sede e um desejo tão intensos que o quebraram. *Criador* , sua garganta estava queimando, desmoronando e caindo cada vez mais — sua boca rachada, uma abóbada sem sangue.

O Portador da Sombra era pó, pedra e decadência.

A raiva subiu, percorrendo a pele fria e marmórea do Portador e acendendo-a em um fogo sem luz. Ela se espalhou por seus dedos, descendo por seus ossos ocos e quebradiços. Fumaça subiu de sua pele — *ele podia sentir!* — e ele sabia disso, sabia disso, sabia disso.

Ele conhecia essa escuridão, esse sentimento, essa coisa amarga.

Ele deixou a fumaça flutuar sobre seus ossos, enrolando-se pelos buracos de seus lábios rachados. E ele se lembrou, então. *Esmer* . A garota que compartilhava seu poder, mas não se acovardava diante dele. A garota que o chamava de monstro, mas via propósito nele, independentemente disso.

Esmer.

Esmer.

Esmer .

A escuridão se enrolou sobre ele, endireitou seus membros, derramou-se de seus olhos. O Portador da Sombra queria que ela o consumisse. Carregá-lo. Levá-lo — para algum lugar.

Onde?

Sua mente estava vazia, inútil, oca como seus ossos.

Esmer.

Esmer.

Esmer.

Sombras o consumiram, tornando-se ele. Elas queriam que ele acordasse.

E ele fez isso.

OceanofPDF.com

Capítulo 17

FIQUEI OLHANDO para além da minha tigela fumegante de mingau, mal conseguindo acreditar no que estava vendo.

Os legionários estavam acordados.

E *alegre* .

Eles se moviam pelo acampamento em um ritmo matinal eficiente, sem saber o que tinha acontecido no meu sonho. O coro demoníaco, o lamento de liberação demente — levou a maior parte do café da manhã antes que meu estômago parasse de revirar. Ainda assim, o sonho persistiu.

Letussouttletussouttletussoutt.

A respiração do Portador das Sombras contra meu ouvido, seus olhos se iluminando, me procurando...

Ele enfrenta esses demônios toda noite?

Dei outra mordida na aveia, manobrando desajeitadamente a tigela com minhas mãos amarradas.

Ele está enfrentando-os agora, sozinho?

Tudo o que eu sabia sobre o Reino dos Sonhos vinha dos contos de Weaver e do pequeno conhecimento coletivo de Norhavellis sobre demônios e Corrupção. E, como eu estava bem ciente, esse conhecimento tinha sido distorcido, desafiado e espremido para secar devido a alguns eventos recentes. Ainda assim, sensato ou não, o Portador das Sombras era de fato preso naquele castelo, incapaz de controlar os demônios que o perseguiam.

Seu mundo de sombras, poeira e escuridão.

Balancei a cabeça, lembrando de quando ele certa vez chamou meu mundo de "pequeno".

Quando ele me disse isso, presumi que era porque ele confundiu meu pequeno

entendimento do mundo com uma mentira. Que ao conseguir criar um sonho meu, completo com meu lar, Norhavellis, e uma parte do Visstill, eu mudei as coisas para esconder minha afiliação com quaisquer inimigos que ele alegasse que eu tinha me aliado. Mithras, provavelmente.

Mas meu mundo *era* pequeno.

E quando ele chamou meu mundo de "pequeno", ele pareceu assombrado — e surpreso, talvez — por um anseio que eu não entendia. Havia desconfiança ali, claro, mas havia algo mais também. Algo que pode ter se manifestado de um homem que não estava fora de suas sombras há muitos, muitos anos.

Quando terminei meu café da manhã e fui colocado em cima de um cavalo, eu já tinha me convencido de que o Portador das Sombras era alguém que, de certa forma, poderia ser digno de pena.

Definitivamente não é confiável, exatamente, mas é digno de pena.

CAVALGAMOS até o fim da tarde, vagando pelo Visstill no que pareciam círculos sem rumo e em loop. Conforme o sol se arqueava acima das copas das árvores, as sombras se alongavam, cobrindo o chão salpicado de raízes em manchas de escuridão espessa. Mithras desmontava ocasionalmente, conferindo com seus legionários. Eles examinavam padrões na terra, traçavam marcas gravadas profundamente em pedras em ruínas e falavam em tons que flutuavam entre levemente divertidos e vagamente odiosos.

Alonguei meus músculos doloridos, reprimindo um bocejo.

Era nosso terceiro dia de viagem, de canções assombrosas e de me perguntar por que eu não sonhava com o Portador das Sombras desde a noite em seu quarto. Mordi o interior da minha bochecha, passando por um inventário mental de tudo que eu sabia sobre ele. Mesmo com suas meias mentiras e insultos vagos, estava se tornando cada vez mais difícil para mim percebê-lo como maligno.

Fiquei me perguntando qual era o nome verdadeiro dele. Ou se ele tinha um.

“Ugh,” Mila suspirou, ganhando alguns olhares meio irritados dos legionários. “Onde fica essa tumba horrível? Você pensaria que, já que a visitamos anualmente, não seria tão impossível encontrá-la.”

Alcott, que havia desmontado com Mithras para analisar uma pedra que parecia suspeitamente similar a uma que eles haviam examinado antes, não reagiu. Silas, que estava cavalgando ao lado de Mila e eu, no entanto, revirou os olhos.

“Chega de drama, Mila. Você vai assustar nossos cavalos até o esquecimento.”

Mila zombou. “Esquecimento? Certamente você quer dizer insanidade. Nós temos viajado em *círculos malditos* . Esta tumba é uma praga.”

Silas parecia desconfortável. “Lorde Mithras não nos enganaria conscientemente.”

“Aí está”, Mila disse, balançando a cabeça. Ela usava uma série de pequenos brincos dourados, mas eles mal eram notados em seu cabelo. “ *Conscientemente* .” Ela se virou para mim. “Você não acha que estivemos viajando em círculos, acha? Se alguém sabe o paradeiro deles nesta floresta enorme e sem graça, é você.”

“Eu nunca me aventurei tão longe”, respondi, irritado. O Visstill tinha uma aparência um tanto uniforme, mas dificilmente era monótono. Na verdade, eu o considerava bastante bonito depois das ocorrências infernais dos últimos dias. “Mas parece que estamos circulando algo. A pedra que eles estão olhando é muito familiar.”

“Eu sabia”, Mila disse com um gemido, então mudou para um sussurro, sua voz conspiratória. “A cruz, a lasca no canto — é a *mesma pedra* que vimos ontem. O que você acha que eles querem dizer?”

“Exceto por encontrar o túmulo, eles não estão chegando a nada”, Silas retrucou, sua boca apertada de exasperação. “E o que realmente faz você acha que consegue perceber a diferença entre uma pedra lascada e outra, especialmente de longe? São *pedras* , Mila.”

“Porque eu não estou notando diferenças . O que importa é onde eles são semelhantes, seu cabeça de galinha.” Silas tentou ajeitar o topo do cabelo, mas se conteve. Um rubor surgiu nas pontas de suas orelhas, e Mila sorriu, satisfeita consigo mesma.

Do nosso ângulo, podíamos ver que Mithras e Alcott estavam debatendo algo.

Alcott estava quase sorrindo, mas parecia uma careta. Mithras também estava meio sorrindo, suas mãos enluvadas erguidas em um gesto vitorioso.

Mithras, glorioso Portador da Luz e soberano de Noctis.

Mas no Reino, o Portador das Sombras considerava Mithras um inimigo cruel e vil, digno de me banir para as profundezas do seu castelo apenas por estar *associado* a ele.

Estremeci ao lembrar dos dias longos e cruéis que passei naquele espaço.

Mithras provavelmente estava tecendo uma teia própria. Era essa possibilidade — talvez mais do que qualquer outra — que estava começando a me aterrorizar.

“Legião da Luz,” Mithras começou, projetando sua voz sobre o grupo viajante. “Desmonte e amarre seus cavalos. Continuamos a pé.”

Os legionários falavam em voz baixa enquanto trabalhavam para proteger rapidamente seus equipamentos e cavalos. Alguns hesitaram, optando por ficar para trás e tomar conta dos suprimentos, mas Mithras recusou; ele ordenou que todos andassem, em fila única, descendo uma colina próxima.

E assim fizemos.

Minhas botas ficaram presas na encosta enquanto descíamos, esmagando e puxando contra a lama deixada sem secar de uma tempestade anterior. Folhas estavam espalhadas por todo lugar, e o ar do início da noite começou a ficar frio, forçando os pelos do meu pescoço e braços a se arrepiarem.

“A Tumba do Devorador é sempre a trapaceira”, Mila refletiu, deslizando colina abaixo. Ela nos superou a todos, delicadamente de lado. pisando em troncos caídos e buracos na terra. Parecia que ela estava dançando. “Escondida em alguma floresta mofada no meio do nada.”

Eu quase tropecei, deslizando para frente em um pedaço de vegetação rasteira molhada. Minha saia prendeu quando deslizei, rasgando parte da bainha.

Eu não quero estar aqui, eu não quero estar aqui.

Silas estendeu o braço para mim, me apoiando. Era quente e firme, uma âncora sólida contra meu pânico. Ele examinou meu rosto, notando o medo ali. "Não se preocupe, eu vou te guiar para baixo."

Eu estava com medo. Profundamente.

E estranhamente, não do Portador das Sombras.

Sua tumba invisível, no entanto, era uma história diferente. A tumba era o túmulo terrestre do Portador das Sombras, desconhecido e invisível para todos, exceto para a Legião da Luz. Nos últimos dias, me disseram que o corpo físico do Portador das Sombras ainda estava vivo, mas Mithras não conseguiu matá-lo. Os Tecelões o sepultaram no Reino com as almas de demônios que somente ele poderia conter — e devorar. Matá-lo seria liberar uma horda de demônios no mundo e tornar tudo muito pior do que já era.

Parte disso era verdade, eu sabia, mas não tinha tanta certeza sobre a parte de "devorar".

Como se fosse uma deixa, uma estrutura — a tumba — surgiu diante de nós, envolta por um bosque de árvores antigas e arranhadoras. Seu corpo, que descansava atrás de uma entrada tão escura que parecia parcialmente aberta, estava escavado nas entranhas de uma segunda colina, obscurecendo seu tamanho. E a luz parecia mais fraca aqui — o ar mais pesado, mais frio. Uma névoa lenta e constante agarrava-se à terra úmida, saindo das sombras e agarrando-se às paredes escuras e cobertas de mato da tumba.

Fiquei em silêncio com o resto dos legionários.

Mithras, máscara afixada e espada desembainhada, aproximou-se da entrada. Ele estendeu a mão para a laje de pedra que marcava a entrada, mas algo chamou sua atenção.

“Meu senhor,” um legionário gorjeou, quebrando o silêncio. Ele limpou a garganta para dar mais poder às suas palavras. “Meu senhor, o túmulo está quase aberto.”

Eu tinha culpado a luz, o ajuste dos meus olhos, que a porta do túmulo parecia tão escura, tão perfeitamente escondida. Eu pensei que a laje era uma parte das sombras, não um buraco vazio e escancarado. Mas, conforme nossos olhos se

ajustavam, a verdade foi revelada.

O túmulo estava *aberto* .

Não o suficiente para um corpo passar, exatamente, mas perto. Extraordinariamente perto.

A princípio, Mithras não disse nada. Então ele murmurou, tão suavemente que soou como uma mudança no vento, um estalo da bota de alguém contra as folhas, "Que ele apodreça."

“Meu senhor? O túmulo—”

“ *Que ele apodreça* ”, ele repetiu novamente, mais alto, mais forte.

Um legionário — não vi quem — atirou uma pedra na abertura. Ela passou voando pelo arco, desaparecendo nas sombras com um *estalo fraco e ecoante* ao pousar em algum lugar lá dentro.

Os legionários estremeceram, alguns dando um ou dois passos para dentro da floresta.

Mithras se virou, nos encarando. A raiva queimava em seus olhos dourados, derramando-se sobre seu corpo tenso e rígido demais e tremendo em seus punhos cerrados. Ela escorria da poeira que ainda flutuava em suas mãos. Sem aviso, ele arrancou sua máscara do rosto e a atirou em uma árvore próxima. Ela afundou profundamente na floresta, quase atingindo um de seus homens.

“Para que você usa seus olhos?” Ele dirigiu essa pergunta ao homem que falava do túmulo entreaberto. “Para que usamos nossos sentidos? Nosso sentido de paladar, tato? De cheiro e som?”

“Eu uso meus olhos para ver, meu senhor,” o homem gaguejou. Sua pele brilhava com suor. “E eu uso meus sentidos para a Legião da Luz. Eu os uso para você, meu senhor.”

“E o resto de vocês? Conseguem sentir a escuridão? "

Os legionários assentiram, com uma mistura de dever e desconforto estampada em seus rostos.

“Vocês todos conseguem sentir isso?” Mithras implorou novamente, mais alto, mais insistentemente.

“Sim, meu senhor!” ecoou a legião.

“E você consegue encontrá-lo, mesmo que ele ande entre vocês?” Ele arqueou as mãos no ar, gesticulando para as profundezas da floresta. As sombras tinham se alongado, chamando a atenção para a escuridão que se aproximava.

“Sim, meu senhor!” repetiu a Legião da Luz, sua voz se elevando como uma só.

“E você o arrastaria para fora das sombras e o traria para a luz? Traria para mim?”

Eles assentiram severamente e se curvaram. “Sim, meu senhor.”

“Sempre”, acrescentou Alcott, cruzando um braço sobre o peito em uma saudação vaga.

“Devemos caminhar nas sombras”, entoou Mithras.

“Andar na luz”, eles responderam.

“Bom. Montem acampamento,” Mithras ordenou. “Nós vingaremos esse erro e reuniremos o Portador das Sombras com uma eternidade de condenação. Ele não escapará.”

Os legionários trocaram olhares, claramente inquietos. A Tumba do Devorador estava parcialmente aberta, um lembrete impressionante do homem que jazia lá dentro.

Ou quase sem.

O olhar de Mithras permaneceu em mim por um momento. E enquanto os legionários corriam para suas várias tarefas, desaparecendo na escuridão, notei que ele era o único sem medo nos olhos.

OceanofPDF.com

Capítulo 18

O PORTADOR DAS SOMBRAS ODIAVA MITRAS.

Odiava as palavras que ele escolhia, odiava a maneira como ele se portava. Odiava a arrogância em seus olhos doentios. Odiava que sua armadura brilhasse obscenamente forte, odiava cada mentira que ele contava.

Mitra usava uma pele que não era destinada a ele.

Seus pensamentos giravam em espiral enquanto ele o ouvia falar, vagando por lugares escuros e perigosos. Lugares onde ele não era fraco ou estava em um estado entre a vida e a morte. Ele ignorou a vontade de bater as palmas das mãos nas órbitas dos olhos. Seus membros ainda estavam tão dormentes, tão rangendo, tão *ocos* . Ele mal conseguia senti-los. Foi preciso tudo dentro dele para dar cada passo, para alinhar cada parte do corpo para que fizesse o movimento para o qual foi destinado.

Ele sabia que Esmer estava lá fora, escondida entre os seguidores de Mithras. Ele queria evitar pensamentos sobre ela, queria esquecer sua intenção com ela — *ele estava tão perto* — mas sua atenção se voltou para ela de qualquer maneira. Ela logo o desprezaria como ele desprezava Mithras. Mas com ela, ele poderia ser livre.

Livre .

Livre para buscar respostas, buscar vingança e se reconciliar com seu passado .

Mas a que custo?

O Portador se desembaraçou dos pensamentos sobre ela, olhando além da porta entreaberta para seu túmulo. Estava objetivamente escuro e sombrio lá fora, mas para ele parecia maravilhoso. Era real e *verdadeiro* , e surpreendentemente o fez querer viver. Não importava o que eles desejados. Eram inimigos, todos eles. Eram triviais, indignos. Inúteis, exceto um.

Esmer.

Uma vida por uma vida — uma vida para recuperar sua força. Uma vida para restaurar suas memórias, seu propósito. E quando ele terminasse, ele voltaria para ela. Se ele tivesse sucesso, seu futuro e seu propósito seriam restaurados também.

Ele se certificaria disso.

Ele quase sorriu, então, enquanto o pouco poder que lhe restava ardia na ponta de seus dedos, desintegrando-se no ar como se não fosse nada.

LEVOU horas para abrir a laje de pedra, mas agora estava livre.

Livre.

Uma hora atrás, a Light Legion estava em chamas em pânico. Agora eles estavam em silêncio entre as cinzas, corações batendo um tambor lento e constante. O ritmo se tornou o canto de guerra do Portador das Sombras, levando-o de volta para sua tumba.

Assim como levaria Esmer.

A Tumba do Devorador o cumprimentou com um sopro antigo enquanto ele voltava para dentro, cobrindo seus membros com poeira e sombra. Era uma estrutura abissal e escancarada, toda esculpida no corpo de uma colina, e ele logo se viu na escadaria central que descia fundo na terra.

“Quase,” ele murmurou, respirando profundamente o ar frio e terroso. Ele traçou as paredes, observando a obsidiana que brilhava ali. tumba foi escavada na sombra — de coisas escuras e sem nome — e lutou contra o luar que pouco fez para iluminá-la. “Mas primeiro, eu—” Ele parou de falar, esquecendo.

Algo segurou sua memória, embalou-a, sacudiu-a. Mas ele não conseguia se lembrar.

Ele desceu as escadas com mais força do que sentia há dias, estômago cheio de restos que encontrou em volta de uma fogueira meio apagada, mas ainda se sentia fraco e um pouco perdido. Talvez pudesse esquecer Mithras. Podia esquecer Esmer também. A garota que o assombrava e arranhava seus sonhos.

Mas ele chegou primeiro ao pé da escada.

E ele viu os ossos novamente.

Dois conjuntos de ossos, dois esqueletos, caíram contra as paredes inferiores de sua tumba. O Portador das Sombras parou, observando enquanto o luar e a sombra guerreavam sobre eles. Ele não sabia por que os esqueletos estavam lá. Ou por que estavam sentados tão dignos, tão *perto* da câmara interna que o havia mantido. Ele olhou para os ossos esquecidos e disse a si mesmo que eles não eram nada. Que eles eram os ossos dos seguidores de Mithras, corpos que não tinham lugar em seu túmulo de sombra.

Mas de repente uma lembrança surgiu, nítida e clara.

"VÁ EMBORA — EU imploro. Suas vidas não valem isso." A voz de Erebus vacilou, rouca de tanto gritar. Ele não dormia há dias. "Vá embora enquanto ainda está inteiro — enquanto ainda tem escolha. Seu propósito nunca foi morrer por mim."

Com o silêncio de Sorren e Ceveon, Erebus finalmente cedeu.

"Saia!" ele uivou. "Eu ordeno que você—saia!"

Seus dois seguidores leais encontraram seus olhos selvagens, suas expressões escuras de tristeza e palavras não ditas. Eles olharam para seu líder, seu senhor quebrado das sombras, e se curvaram, longa e profundamente. Suas capas tremulavam contra o chão, o único som naquele lugar frio e terrível .

"Nós não te abandonaremos, Erebus," Ceveon jurou, cruzando o antebraço sobre o peito. "Não importa o que digam, nós nunca te abandonaremos."

Eles estavam vindo. Eles tinham tão pouco tempo.

Sorren se mexeu, inquieto, sentindo a mudança. "Que seja uma quinzena ou um ano — eles vão perceber a verdade em breve." Sorren parou, gesticulando em direção à porta mais interna da tumba. Alta e ameaçadora, ela ficava no fundo da escada que eles tinham escavado profundamente no chão. "Precisamos selar você antes que eles encontrem este lugar. E eles estão quase aqui, não estão?" Sorren viu o que precisava na expressão de Erebus. Ele engoliu em seco, mordendo a bile que subia azeda e indesejada no fundo de sua garganta.

“Então está na hora.”

Erebus examinou os rostos de seus companheiros, seus amigos, e sabia que não os deixaria morrer por ele.

Não assim.

Nunca assim.

Até que os Weavers soubessem a verdade, eles nunca permitiriam que Sorren e Ceveon deixassem este lugar vivos. Então ele cortou seu último fragmento de poder das profundezas de sua alma, ordenando-o para cima e para fora. Ele comandou as sombras para formar uma parede de escuridão impenetrável, obscurecendo e selando a tumba externa. Somente aqueles que conheciam a escuridão — que sentiam a escuridão enquanto ela se agarrava a eles — seriam capazes de entrar neste lugar.

Ceveon e Sorren olhavam maravilhados enquanto ele trabalhava, observando as sombras se incrustando em cada pedra, em cada fenda.

“A tumba agora está escondida”, disse Erebus, gesticulando em direção à barreira de sombra ondulante. Se um deles recuasse — se Ceveon ou Sorren deixassem a tumba — a barreira se quebraria, deixando Erebus vulnerável. Mas eles não precisavam saber disso. Eles precisavam escapar quando chegasse a hora. Eles precisavam deixá-lo e ser livres. “Eu incrustei meu poder na pedra. Você estará seguro para sair quando estiver pronto.”

Ceveon pousou uma mão no ombro de Erebus. Ele queria que seu senhor soubesse que ele era compreendido e que ele seria protegido. Além disso, que eles, mesmo que fossem apenas eles, voltariam para ele. Sempre, eles voltariam para ele. Sorren se juntou a ele, colocando uma mão no outro ombro de Erebus.

Juntos, eles fizeram seus juramentos.

“Nós seguimos você desde a Noite Eterna,” Ceveon disse, lutando contra a desesperança que estava começando a manchar suas palavras. “E nós continuaremos a segui-lo, para todo o sempre.”

Sorren assentiu severamente. “O selo irá mantê-lo. O castelo que você irá guardar — lembre-se de seu propósito. Lembre-se de sua missão, mesmo quando

ela parecer mais sombria.”

“E que possamos livrar o mundo de sua escuridão, de uma vez por todas,” Ceveon jurou. “Nós retornaremos para você.”

“Obrigado, meus amigos”, sussurrou Erebus, retirando-se para dentro da tumba.

Ceveon e Sorren começaram o processo de selá-lo, mas ele não conseguia assistir. Ele não conseguia assistir enquanto lágrimas caíam do rosto endurecido pela batalha de Ceveon, deixando marcas na sujeira que marcava sua pele. Ele não conseguia assistir enquanto Sorren fazia um corte rápido e apressado em seu próprio antebraço, pressionando seu sangue vital nas últimas linhas do selo. E quando eles finalmente fecharam a porta, a última coisa que Erebus viu do mundo vivo foram suas próprias sombras, olhando para ele das paredes.

Ele caiu no chão, a escuridão e o frio o consumindo por completo.

Ele sabia que não veria a luz novamente por algum tempo.

E ele não estava pronto.

A UMIDADE GRUDOU no rosto do Portador das Sombras, escorrendo de seus olhos. Ele colocou uma mão ali, no lugar onde sua pele estava molhada, deixando-a escorrer para as pontas dos dedos.

Esmer estava no topo da escada, incerta e observando-o. Ele a havia deixado inalterada por seu poder; ela deveria encontrá-lo, deveria vagar aqui, permanecer aqui, segui-lo para baixo — tudo para que ela pudesse ser selada como ele tinha sido pelos últimos quinhentos anos. Se ela pudesse substituí-lo no Reino, guardando o castelo, então ele poderia partir sem culpa. Não seria por muito tempo, ele disse a si mesmo. Ele voltaria por ela — e ela poderia cuidar da sua própria. Ele mesmo tinha testemunhado. Tinha que ser feito.

Tinha que ser feito.

Mas seus olhos vagaram para os dois esqueletos solitários e desolados, duas cascas ocas de duas *pessoas* que costumavam... que eram...

“Ceveon,” ele murmurou, sentindo o nome em sua língua. Fazia tanto tempo,

e suas memórias tinham murchado. Ainda assim, ele sabia. “Sorren.” Ele se ajoelhou ao lado deles, colocou uma mão em seus ossos. Quão frágeis eles pareciam. Quão vazios e errados.

Eles o chamavam de Érebo.

Não é o Portador das Sombras.

Érebo .

OceanofPDF.com

Capítulo 19

MEUS SONHOS ESTAVAM me pregando peças.

A lua havia se deslocado, revelando um homem assustadoramente belo com cabelos brancos como a lua, pele sem sangue e olhos tornados vivos por sombras agitadas. Eu não conseguia me mover, não conseguia nem virar a cabeça, mas eu conseguia vê-lo tão claramente quanto conseguia ver as brasas do fogo moribundo da legião.

O Portador das Sombras.

Seus movimentos eram rígidos e estranhos, como se ele estivesse desconfortável em sua própria pele. E talvez ele estivesse. Onde sua pele era lisa como porcelana no Reino, agora estava marcada por hematomas e depressões profundas sob suas maçãs do rosto. Ele parecia horrível — e mais humano — do que nunca. Ele flexionou seus dedos pálidos; sangue seco ainda grudava em sua pele, e suas roupas rasgadas estavam marcadamente mais escuras em vários lugares, manchadas com o que parecia ser sujeira, poeira e ainda mais sangue.

Dele? De outra pessoa?

Meus olhos se fecharam. Eu estava imaginando ele. Ele não era real.

Ele não é real.

Lentamente, comecei a sentir o chão sob minhas costas, o vento pressionando contra meu rosto, a capa de couro na qual eu estava enrolada e a sensação de minhas mãos agarradas ao meu vestido—

Minhas mãos estavam *desamarradas* .

Dei uma olhada furtiva ao redor do acampamento, esperando que os legionários estivessem acordados e conscientes, mas eles permaneceram em silêncio e imóveis, esparramados em seus vários sacos de dormir.

Muito parado.

Silas estava reclinado perto do fogo meio apagado. Seus olhos estavam

fechados, o rosto sem rugas e despreocupado. Toquei seu pescoço, sentindo seu pulso, e quase pulei quando senti a *batida constante* de seu coração. Não morto, mas quase.

Meu sangue gelou. Onde estava o Portador das Sombras? Aquela figura realmente era ele?

A tumba, vigiando o acampamento adormecido como uma fera bocejando, estava aberta, uma ferida preta marcando sua entrada. Alguém havia movido a laje de pedra, deixando a entrada desprotegida e vazia. Estranhamente, eu sabia que o Portador das Sombras estaria lá dentro. Eu podia senti-lo, um sopro de poder em meio à poeira e à podridão.

Um peso tomou conta de mim quando entrei na tumba, um grito silencioso me implorando para sair. Mas eu não conseguia sair — não até vê-lo.

Quando o encontrei, ele estava chorando.

O Portador das Sombras ajoelhou-se no fundo de uma escadaria perto de dois esqueletos, lágrimas brilhando prateadas na penumbra da tumba. A tristeza era familiar para mim — vivia no coração de Norhavellis. Vivia em minha Mãe e meu Pai após a morte de Eden. Vivia em Elliot, que tinha observado sua cabra, uma criatura suave e gentil que ele alimentava com mamadeira desde o nascimento, ser arrastada para o Visstill por criaturas com presas brancas e olhos vermelhos odiosos.

Parecia um tipo diferente de tristeza.

Parei no topo da escada, não querendo me intrometer, mas precisando de respostas do mesmo jeito. Ele tinha colocado a Light Legion para dormir de novo — tinha colocado eles para dormir e vagou para o Tomb of the Devourer como se quisesse que eu o encontrasse .

E talvez ele tenha feito isso.

O Lorde Demônio.

O Devorador.

O Portador das Sombras.

Quem *era* o Portador, realmente? Um senhor de demônios? Um devorador imortal de sonhos?

O assassino de Eden?

Em seu estado atual, ele não parecia diferente de um homem fraco e meio morto que recentemente se banhou em sangue, suor e sujeira. Um homem envolto em tristeza e ilusão. O luar filtrava-se de fora, lançando nas paredes enegrecidas uma luz estranha e ondulante, e fazia o tempo parecer estranho. Parecia que eu estava caminhando em um sonho — não pisando em um túmulo no meio do Visstill — e eu me movi para frente com cuidado, descendo lentamente cada degrau enquanto o Portador se ajoelhava sobre os ossos a seus pés.

Eu estava na metade da escada quando passos soaram atrás de mim. Eles eram sinuosos e lentos. Pesados, como se o dono quisesse ser ouvido.

Mitras .

Ele entrou na tumba, desmascarado, com meia armadura, seu cabelo dourado opaco e escuro nas sombras da tumba. Ainda assim, seus olhos cor de mel brilhavam como se iluminados por alguma chama interna. O Portador se levantou lentamente e colocou uma mão na porta inferior da tumba. Ele respirou fundo, como se estivesse se preparando para algo — como se fosse falar primeiro. Mas seus lábios não se moveram.

“Esmer,” Mithras anunciou em saudação, sua voz baixa e sinistra. Isso me causou arrepios. “Dando um passeio noturno?”

Eu me mexi inquieto. O que eu *estava* fazendo aqui? Todos os outros tinham sido colocados para dormir pelo Portador, e ainda assim eu o segui cegamente até sua tumba . A tumba que abrigava o *criador da Corrupção* . Mithras pode ter tido dúvidas sobre minhas lealdades antes, mas ele não veria desculpas agora.

“Achei que vi um legionário entrar na tumba”, expliquei desajeitadamente. “Eu queria ajudar, se ajuda fosse necessária. Parecia perigoso para eles irem sozinhos.”

“Que bravura,” Mithras falou lentamente, pairando sobre nós no topo das escadas. “E você seria capaz de ajudar meus legionários? Destruindo a escuridão

caso eles precisassem?” Ele gesticulou em direção às minhas mãos, que claramente não seguravam armas. “Bastante impressionante para uma mera garota da aldeia. Sua mãe e seu pai devem ter lhe ensinado bem.”

Meu pai me treinou em algumas coisas — cuidar de animais, consertar cercas. Noções básicas de arco e flecha e esgrima. Minha mãe também. A maneira correta de curar cortes e hematomas. Como ler e acender uma fogueira. Quais óleos usar nos melhores — ou mais pútridos, dependendo do que estivesse disponível para nós — perfumes. Quais plantas temperar os pratos mais simples. Como cuidar do outro. Como encontrar o bem nas pessoas, mesmo quando parecia não haver nada.

Como ter esperança em um futuro melhor apesar da escuridão que nos cerca.

Mas nem meu pai nem minha mãe me ensinaram como lidar com uma situação como essa.

“Ah, e o Portador das Sombras. É um prazer vê-lo em carne e osso depois de tanto tempo.” Mithras desviou sua atenção de mim, cruzando os braços e alargando sua postura. “Sua culpa o levou a acordar? Ou foram os gritos de cada pobre alma que você já matou?”

O Portador das Sombras se virou. Ele encarou Mithras completamente, encontrando seu olhar com olhos de prata derretida. “Talvez tenha sido minha culpa,” ele finalmente respondeu, seu tom combinando com o de Mithras. “Ou talvez tenha sido minha vontade de finalmente ser livre.”

“Então você está delirando. Suas ilusões falam com você, ou elas tomam a forma de um fantasma? Talvez elas tomem a forma daqueles dois aos seus pés.” Mithras desceu as escadas rapidamente apesar da escuridão. Eu recuei, me contorcendo para evitá-lo, mas ele me alcançou facilmente, me jogando contra a escada pelos meus pulsos. “Ansioso para encontrar seu destino, não é?” ele sibilou. “Então *aceite* -o.”

Eu me debati contra ele - onde quer que suas mãos tocassem, era *queimado* . Sua pele era fogo tornado físico, uma chama com um corpo e uma voz. Meus ossos estavam derretendo, aquecendo para um líquido morno e polposo sob seu toque.

“Você vai se arrepender de machucá-la”, o Portador avisou, com a voz fria

como gelo.

“Eu sou um homem razoável,” Mithras me disse, ignorando o Portador e apertando meus pulsos com mais força. O calor estava se espalhando, espiralando em meus antebraços; por um momento, seus olhos brilharam com um vermelho rico e sangrento. “Eu estava pensando em lhe dar minha misericórdia — uma chance de se redimir após a exibição perversa de sua mãe e seu pai. Mas eu novamente encontrei você se associando ao próprio diabo. Um diabo que chama fantasmas de seus amigos.” Ele me soltou então, me fazendo cair o resto do caminho. O Portador das Sombras correu para me encontrar, pronto para cuidar dos meus pulsos, mas o fogo era apenas temporário — meus ossos estavam sem dor e inteiros. “Você é perverso, Lorde Demônio. Ou devo chamá-lo de Devorador, talvez? Eu nunca sei qual nome é preferível.”

“Eu não sou nenhuma dessas coisas,” o Portador disse, imperturbável. Sua voz estava assustadoramente calma enquanto ele me puxava para trás dele. “Talvez eu já tenha sido. Mas não sou mais.”

“Não importa”, disse Mithras. Ele sacou uma espada do seu lado, sua lâmina longa e cruel. “Seu destino, como será por toda a eternidade, continua o mesmo.” A ponta de sua boca se curvou para cima. “Sério, alguns chamariam de milagroso que nossos caminhos se cruzaram. Você chegou perto, Lorde Demônio. Mas a luz sempre o condenará de volta ao inferno de onde você tentou rastejar.”

A escuridão crepitava na borda da minha visão periférica.

“Você tinha planejado atraí-la aqui para tomar seu lugar? Um plano inteligente, mas inútil — se você tivesse sua *memória* , você não iria—”

O Portador então se moveu, saltando sobre Mithras em um borrão de metal e sombra rolando e rodopiando. Sua lâmina de obsidiana — provavelmente retirada de sua palma como ele havia feito no Reino — se comportou estranhamente, interagindo com as sombras enquanto cortava o ar antigo e úmido de pedra. A escuridão foi atraída para ela, faiscando em sua superfície em arcos selvagens e aleatórios. Mithras não vacilou. Em vez disso, ele se inclinou para frente em direção ao Portador enquanto ele atacava.

Suas lâminas se encontraram com um *barulho forte e violento* , quando a prata encontrou a obsidiana.

“Você é fraco, Lorde Demônio,” Mithras cuspiu, empurrando o Portador para o lado com um forte golpe de sua lâmina. “Suas sombras não são nada. *Você* não é nada.”

“E você não é um lorde,” o Portador rosnou. Ele se defendeu, fazendo Mithras cambalear em direção à escada.

“Então eu vou te lembrar.” Mithras puxou sua espada para cima. A luz espiralou para baixo na tumba, enrolando-se contra seus recessos escuros e descansando sobre os esqueletos, banhando seus ossos em uma névoa cinza. “Eu sou o Portador da Luz. O escolhido.” Ela se assentou brilhantemente contra a lâmina de Mithras, acendendo-a em um brilho branco. “Assim como eu viverei em glória, você apodrecerá nas sombras.”

Um passo para o lado, um agachamento, um contra-ataque. Um golpe lateral violento e arqueado. Uma defesa rápida como um raio.

Mithras e o Portador das Sombras lutaram com manobras tão automáticas e instintivas que cada movimento parecia parte de uma dança maior. E apesar da estranheza, da impossibilidade de tudo isso, Mithras não se encolheu diante das sombras do Portador das Sombras, mesmo quando elas se transformaram para consumir o Portador como uma segunda pele. Parecia uma luta familiar — uma travada antes, de alguma forma.

Foi hipnotizante. Uma batalha pertencente a guerreiros de poder e prática.

Lá estava o Portador das Sombras, com suas roupas pretas esfarrapadas, olhos cinzentos da sombra de um mar revolto e um rosto definido em ângulos agudos. Cabelos brancos caíam por seu pescoço pálido, descansando em cachos soltos e desgrenhados. Então havia Mithras, o Senhor da Luz, com sua armadura imaculada e olhos dourados que podiam condenar com um fogo violento. Cabelos cor de mel emolduravam feições fortes e um maxilar bronzeado. Eles eram contrastes um do outro, parecia.

Foils que queriam matar uns aos outros.

Com seu calor, assim como parecia que Mithras e o Portador iriam lutar por horas, muito equilibrados para que houvesse uma vitória clara, uma sombra escorregou do braço do Portador para o meu. Ela afundou na minha pele, fria e macia, cutucando todas as memórias de fogo e mágoa.

O Portador então olhou para mim, com uma expressão estranha no rosto.

Ele parecia já estar morto. Olhos vazios e escancarados. Pele fantasmagórica marcada com vergões e cortes da lâmina de Mithras. Lábios frios e pálidos tocados pelo sangue vazando de sua bochecha. Um cadáver ambulante, um homem meio vivo.

Não sei como eu sabia, mas eu *sabia* . Ele queria que eu o ajudasse.

Ele quer que eu invoque seu poder, como fiz no Reino.

E embora não estivéssemos no Reino, a Tumba do Devorador dobrava as leis da própria realidade. Aqui, sombra e luz dançavam juntas, vivas e cantando. Eu podia sentir as sombras, a escuridão. Elas se reuniam ao meu redor, entrelaçando-se em uma capa pesada em volta dos meus ombros. Elas estavam lá, agitadas, poderosas e prontas para o meu comando. Eu não sabia o que estava fazendo — nem *perto* — mas intuitivamente decidi que precisava de uma arma, um escudo. Algo para afastar Mithras. Algo para permitir que o Portador tenha uma chance de obter vantagem.

O Portador das Sombras.

Eu poderia realmente ficar do lado do Bringer? Não do Light Bringer, mas do *Shadow Bringer* ?

Se eu o escolhesse, não poderia voltar atrás.

E talvez fosse a imagem do Portador, miserável e abalado enquanto se ajoelhava perto dos esqueletos a seus pés. O Portador com seu escudo de sombra rugindo enquanto o fogo chovia sobre nós. O Portador, quebrado e sozinho, dormindo enquanto demônios arranhavam sua porta. Ou talvez fosse aquele olhar que ele me deu. Um olhar que era um simples e velado apelo por ajuda.

Eu não sabia ao certo. Eu não sabia de nada. Mas uma escolha precisava ser feita.

O Portador desviou outro golpe largo de Mithras, golpes violentos, abaixando-se enquanto contra-atacava e movendo-se no sentido horário, forçando Mithras a ficar de costas para mim.

Eu tinha que fazer uma escolha *agora* .

Afundando no poder em meus ombros, dei um passo para trás, equilibrando seu peso enquanto ele crescia em tamanho. Ele tremeluzia dentro e fora de formas mais físicas, alternando entre mil punhais, um caleidoscópio de vidro quebrado e névoa ondulante.

Eu cerrei os dentes contra a dor. Era tão *pesado.*

Uma espada. Transforme-se em uma espada, uma foice.

As sombras se contraíram, piscando em uma forma vaga e afiada antes de desaparecerem de volta na névoa. Eu gemi, tremendo pelo esforço. As sombras não estavam ouvindo. Por que elas não estavam ouvindo?

Amarre Mitra, levante-se e prenda-o contra a parede.

Novamente as sombras se contraíram, reunindo-se enquanto Mithras e o Portador continuavam sua batalha. Elas se juntaram em direção ao chão, rastejaram em direção ao teto, mas se desintegraram antes de atingir seu alvo. Eu xinguei baixinho, tentando reuni-los mais uma vez. O Portador olhou para mim novamente. Só que dessa vez, seus olhos não estavam mortos. Eles não estavam vazios ou fracos.

Eles se revoltaram com as cores de uma tempestade violenta.

O Bringer correu em minha direção, abaixando-se enquanto Mithras avaliou mal o peso e o momento de seu golpe — seu primeiro erro — e desmoronou, pegando minha mão. Sua pele, tipicamente coberta pelo Reino, parecia fria e rígida, como se não tivesse experimentado o toque humano em muitos, muitos anos.

“O que você está—” Ele puxou minha mão para seu peito, apoiando-a contra o tecido rasgado de sua túnica. Eu senti, então, o que ele estava fazendo; minhas sombras oscilavam sobre meus ombros, subindo para se fundir com as dele. Noite, sombra, escuridão — elas se tornaram uma acima de nós, despenteando nossos cabelos e roupas em seu vento agitado e agitado. Ele levantou os cachos do meu pescoço, roçando a pele úmida de suor. Ele misturou minha manga com a ponta irregular do Bringer's .

Os olhos de Mithras se arregalaram com o que viu. Ele permaneceu perto da escada, inabalável em sua postura, mas também não se aproximou de nós. "Olhe para você!", ele começou, gritando sobre a escuridão que se avolumava acima. "Uma combinação perfeita." Ele soltou uma risada curta e latindo. "E como as sombras que você é, o *nada* que você é, vocês dois serão queimados pela luz. Você acha que isso lhe dá poder, Senhor dos Demônios?"

"Ele está enrolando", sussurrei, alto o suficiente para o Portador ouvir.

“Você realmente acredita que deixará este lugar novamente?” Mithras continuou, acenando ao redor dele. Sua lâmina brilhava na mesma luz etérea que brilhava em seus olhos. “Este lugar de podridão e ruína foi *feito* para você!”

“Ele está—” Eu parei, olhando, observando. Sim, eu tinha certeza disso. Estava na maneira como Mithras se aproximava das escadas, mantendo os ombros abertos, pronto, mas sem se mover para um ataque. Mithras continuou reclamando, inconsciente. “Ele está esperando por seus legionários.”

O Bringer deu um rosnado de frustração e apertou minha mão com mais força, desenhando mais sombras no ar. Elas pairavam sobre nós, belas e assustadoras.

Como resposta, o Portador rugiu, lançando a massa de sombra contra Mitras.

As sombras se ergueram contra os membros de Mithras, jogando-o no chão com um *estalo nauseante* enquanto o crânio batia na pedra. Mithras lutou para ficar de pé — ele lutou desesperadamente, lutando contra um mar de escuridão que buscava consumi-lo inteiro. Ele o forçou a cair de qualquer maneira. Mithras ergueu sua espada, separando algumas das sombras enquanto subia, mas a escuridão venceu. Ela se enrolou em seu comprimento e quebrou o metal em dois, sufocando sua luz em uma curta explosão de fogo.

Precisávamos sair—precisávamos escapar. *Agora* .

Puxei a mão do Portador das Sombras. “O que você está esperando?”, ofeguei, sem entender por que ele não estava se movendo. “Vamos *lá* . "

Ele piscou, como se acordasse de um sonho. Mas tão rapidamente quanto seus olhos pareceram lúcidos, eles ficaram vidrados, embaçando em um nada escuro e profundo. "Não", ele disse, distante, miseravelmente, largando minha mão e se movendo para ficar na frente dos esqueletos. "Eu não deveria ter forçado sua

mão. Preciso ficar aqui."

“Depois de tudo isso—depois de *tudo isso* —você vai ficar aqui? Por quê?”

“Não tenho outra escolha”, ele disse simplesmente, curvando-se de dor. “Este é meu destino. Talvez sempre tenha sido meu destino.” Ele bateu o punho na pedra e inclinou a cabeça para trás, fechando os olhos. “Mas não precisa ser seu”, ele disse asperamente. “Vá embora. *Vá* .”

Eu fiz um som de pura frustração. Ele estava certo, mas onde isso me deixava? A verdade do que tínhamos feito finalmente se estabeleceu. Eu tinha atacado *Mithras* . Mithras, o sagrado Portador da Luz.

“Talvez você ainda consiga manter o sonho de fora do túmulo”, sugeri fracamente.

“Não posso”, ele disse simplesmente, cerrando os dentes. “Eu quero, Esmer. Mas não posso. Não assim. Agora *vá*. Deixe-me e seja livre.”

Como se estivesse na deixa, Mithras gritou por seus legionários, para que o Portador apodrecesse no Inferno. Ele gritou que Elliot morreria nas profundezas de Istralla. Ele gritou que nos queimaria vivos. Sua luz havia se extinguido completamente, envolvendo a tumba em escuridão mais uma vez.

Recuei em direção às escadas, ainda pensando — *esperando* — que o Portador me seguisse.

Ele não fez isso.

Então me virei, xingando de frustração, e corri para salvar minha vida.

OceanofPDF.com

Capítulo 20

EU TROPECEI livre da Tumba do Devorador, parcialmente cego pela escuridão. Pequenos e desconexos fogos pontilhavam o ar na minha frente, chamas dançando no ar frio da noite.

Tochas.

A Legião da Luz estava completamente desperta, com tochas erguidas em mãos blindadas.

“Esmer!” Silas gritou, correndo até mim. Sua pele estava salpicada de sujeira, sobras de ficar no chão durante o feitiço do Portador. “O que você estava fazendo na tumba?”

“Preciso ir embora,” eu engasguei, me movendo para evitá-lo. Ele agarrou meus ombros, mais rápido do que eu poderia desviar, me parando. “Não me *toque* !” Eu vacilei com minhas próprias palavras — palavras que saíram muito rápido, muito duras. Eu balancei minha cabeça, ainda sentindo o fantasma do fogo de Mithras em meus ossos. “Eu sinto muito. Eu—”

Silas removeu suas mãos. “Lorde Mithras nos chamou. Você o viu?”

Alcott correu, olhos duros e tocha erguida. “Provavelmente na Tumba do Devorador, sem dúvida com—” Ele parou de falar, examinando meu rosto. Era óbvio que ele não gostou do que viu ali. “Você fez alguma coisa, não fez? "

Eu era cúmplice do Portador das Sombras, e provavelmente causamos um ferimento fatal ao Portador da Luz. Eu precisava correr. Eu preciso fazer *alguma coisa* .

Qualquer coisa.

Alguns legionários, liderados por Mila, se reuniram em frente à tumba. A um dos gritos de Mithras — que ecoaram noite adentro — eles correram para dentro. Silas e Alcott se viraram, momentaneamente distraídos.

Eu disparei.

Agarrei minhas saias pelo punho e *corri* , me jogando na parte mais profunda da floresta. Galhos rasgavam meu rosto, perfurando bochecha, testa, canela — mas eu não sentia. A adrenalina corria pelos meus membros, simultaneamente entorpecendo e aquecendo diferentes partes do meu corpo. Se eu pudesse chegar aos cavalos — os cavalos *desprotegidos* — eu os ultrapassaria. Eu poderia desamarrar os cavalos, assustá-los para que fugissem. Eles nunca seriam capazes de encontrá-los. Não em uma floresta tão escura e tão sinuosa quanto a Visstill. Eles ficariam presos aqui, dando a Elliot e a mim tempo para escapar quando eu o alcançasse. Poderíamos fugir mais para o interior, navegar pelo mar para — algum lugar. Qualquer lugar.

Uma chance.

Se eu estava sendo seguido, não percebi. Não *ouvi* . O sangue latejava em meus ouvidos.

O que eu fiz?

Tudo aconteceu tão rápido. A morte de Thomas. Fazer as malas e começar a jornada para Istralla. Esperança. Uma vila, traída, nos chamando de inimigos. Meus pais, Corruptos. Elliot, com medo. Sonho após sonho — o Portador e seu castelo de demônios. Um chamado para a ação, uma vila me condenando como seu vilão. A Legião da Luz.

O Portador, vivo, *real* .

Um Senhor da Luz que não parecia ser um senhor.

Era tudo demais — de repente, agonizantemente — era tudo demais.

O que eu tinha feito?

Algo atingiu minhas costas, forte e pesado, me fazendo cair no chão.

“Esmer—” Silas ofegou, pairando sobre mim. “O que você estava *pensando* ? Correndo para o Visstill como…” Seu rosto estava quase ilegível, mergulhado na escuridão. “Por que você correu? Eu chamei você. Pedi para você parar.”

Pressionei minhas mãos nos olhos, me esforçando para não chorar. Por que eu alguma vez pensei que o Portador fosse um *aliado* ? Ficar do lado dele valeria a

pena perder minha liberdade? Minha família? Minha *vida* ?

Minha vida para *quê* ?

Silas se afastou um pouco de mim, sentando-se com um *sopro* de ar reprimido. Ele ajustou suas manoplas e limpou a sujeira de sua testa. “Fale comigo.”

“Eu cometi um erro.”

Ele parou. “O que você quer dizer?”

“Mithras e o Portador das Sombras estão na tumba,” comecei apressadamente. “Eles começaram a lutar — Mithras estava ferido.” Silas balançou a cabeça, me dando um olhar como se achasse que eu estava delirando. Engoli em seco, me sentindo delirante. “Para isolar Mithras, ele forçou todos vocês a dormir — um *estupor* do qual vocês não conseguiam acordar.”

“Isso não é possível.” Ele fez uma pausa cuidadosa, deliberada, como se estivesse dançando em torno de uma verdade meio escondida. “Estamos a salvo do trabalho das trevas. Lorde Mithras nos protege.”

“Você não entende.”

“Então *me ajude* a entender.”

Alcott marchou em nossa direção através do mato, com a tocha acesa na mão. Seu rosto sardento estava ensanguentado, e seus olhos verdes tinham adquirido um tom estranho por causa do fogo. "Amarre-a." Ele puxou um espinho de suas luvas, carrancudo. "Depressa. O poder do nosso senhor está diminuindo."

Silas olhou para mim. “Você retornará ao acampamento conosco?” Uma pergunta que me permitiu uma escolha: eu retornaria voluntariamente, sem amarras, ou seria forçado pelas mãos deles?

Alcott tossiu. Maçãs do rosto que já estavam altas e bem cuidadas esculpidas ficaram ainda mais ocas pelas sombras. “Lorde Mithras não gostaria de ver você hesitar assim, Silas.”

“Não podemos arrastá-la de volta para o acampamento acorrentada”, disse

Silas, irritado. “Teorize o que quiser, mas até que o Portador da Luz faça seu julgamento final, ela é realmente uma criminosa?”

“Você está certo. Ela é pior que uma criminosa,” Alcott sibilou, puxando um fio de metal brilhante de um compartimento escondido em sua manopla. Ele brilhava, mesmo no escuro, parecendo metálico e semelhante a uma corda. Eu me arrastei de volta para o mato, horrorizado. “Lorde Mithras *sabia* que você precisava ser trancado onde você pertence. Eu não vou deixar você escapar dele novamente.”

“Alcott, *não* .” Silas estendeu as mãos, empurrando Alcott para trás.

“Por que você está—” Ele resmungou, tentando manobrar ao redor dele. “— me segurando? É nosso dever para com a Legião trazer justiça para aqueles devorados pela escuridão. Aqueles como minha *mãe* e meu *irmão* !”

O que eu poderia dizer? Meu pai tinha cravado flechas nas costas de Thomas enquanto ele arrastava seu corpo meio queimado pela grama, mas fui eu quem o matou. Não meu pai Corrompido, *eu* . "Eu nunca quis—"

“Nunca quis que Thomas morresse?” Alcott fervia. “Talvez meu irmão não fosse Corrupto de jeito nenhum. *Talvez* —” Ele se debateu contra Silas novamente. “— *talvez* ele tenha tentado te matar com um propósito. Aposto que ele viu a escuridão em você e tentou sufocá-la antes que ela se libertasse.” Os olhos de Alcott de repente ficaram vazios, drenados de seu fervor. Era como se algo dentro dele tivesse morrido. “Precisamos retornar ao Lorde Mithras.”

“Sim, nós temos,” Silas concordou, removendo suas mãos dos ombros de Alcott. Uma respiração lenta e exasperada saiu de seus pulmões enquanto ele olhava para mim. “Esmer. Você vem conosco?”

“Se eu voltar, você me condenará com o Portador das Sombras.”

Silas passou a mão pelos cabelos. “Nosso senhor é honrado. Ele não o perseguiria falsamente. É tudo o que posso prometer.”

Alcott assentiu, embora um tanto relutante. “De fato. "

“E é sabido que o Portador das Sombras usa enganos e mentiras para atender às suas necessidades. Se ele te forçasse a se aliar a ele, não seria sua culpa.”

Apesar de sua tentativa de tranquilizá-lo, a dúvida persistia em seus olhos, acumulando-se nas profundezas. “Não há futuro para você nestas florestas. Se você fugir agora — se você voltar para Norhavellis ou para seu irmão de alguma forma — será pior para você. Para todos. Você tem que entender como isso seria.”

E como parece que eu deixei o Senhor da Luz em uma poça de seu próprio sangue? Sangue causado pelo Portador da Sombra — sangue causado por mim também.

Mas Silas estava certo.

Se eu corresse agora, se eu corresse antes de defender minhas ações, eu sabia exatamente como seria.

Eu estava condenado não importa o que acontecesse.

O acampamento, escasso sem os cavalos da Legião ou suprimentos primários, estava em silêncio quando retornamos. Cinzas flutuavam no vento, sobras de nossa refeição noturna apressada e tochas deixadas carbonizadas e meio queimando no chão. Por um momento, Silas e Alcott não falaram. A respiração saiu pesada de seus pulmões enquanto eles avaliavam, calculavam e decidiam — tudo em silêncio.

Eu tremi, assombrado pelo vento, o silêncio e o que estava prestes a acontecer. Eu logo enfrentaria a ira ou a graça de Mithras e da Legião. E o que quer que acontecesse comigo aconteceria com minha família também. Se eu caísse, eles cairiam comigo.

O que eu fiz?

Histórias giravam em minha mente, uma após a outra. Histórias que explicariam minha inocência, contos que provariam que o Portador me enganou, me usou. Mas enquanto essas histórias giravam em minha mente como o vento puxando minhas roupas, eu não conseguia me livrar da sensação de que estava mentindo para mim mesmo. O rosto encovado e marcado do Portador surgiu em minha mente, sem ser convidado e indesejado, me lembrando da estranha e surpreendente conexão que tínhamos e do breve sentimento de *retidão* que tomou conta de mim quando tive posse de seu poder. .

Era um poder que me fazia sentir como se eu tivesse, apesar de tudo, um propósito.

Da tumba veio uma risada selvagem e descontrolada, quebrando o silêncio e fazendo Silas e Alcott correrem. Eu segui atrás, tropeçando nas cinzas.

OceanofPDF.com

Capítulo 21

O PORTADOR DAS SOMBRAS os teria matado se pudesse. Com seu poder restaurado, ele teria enrolado suas sombras em volta de suas gargantas e observado enquanto a luz, fraca e inútil como já era, se apagava de seus olhos. Eles não seriam mais marionetes de seu falso senhor.

Certamente isso seria preferível ao que quer que eles fossem agora.

Mas o que isso faria de mim se eu matasse todos eles?

Ele xingou baixinho, cravando as unhas nas palmas das mãos. Ele estava tão fraco — *tão terrivelmente fraco* — e seus pensamentos estavam confusos, perdidos, quebrados. Ele não conseguia pensar claramente, não conseguia distinguir a clareza das formas e cores ao seu redor. As coisas estavam desaparecendo, rapidamente. A forma do túmulo — sua morada — estava distorcida, as sombras se misturando, girando, se revoltando contra o brilho obsceno das tochas.

Tantas luzes.

Tantos olhares fixos, boquiabertos e *vazios* .

E o que eles viram? Eles o viram como Mithras viu? Eles viram um monstro, um demônio, um vilão?

Ele se concentrou na tensão em suas palmas e na mordida opaca de sua dentes contra a pele interna da boca. Vagamente, ele se lembrou da atração que o havia despertado — a sensação enlouquecida e meio formada de que Esmer estava de alguma forma ligada a ele. Que ela começou a libertá-lo quando abriu seu castelo no Reino.

Esmer.

Ele queria levá-la aqui — trancá-la aqui em seu lugar, libertando-o de seus demônios e de sua escuridão. Por um curto período, ele acreditou que esse era o melhor caminho.

Agora ele precisava retornar para onde pertencia.

A luz da tocha tremeluzia, hesitando contra a escuridão da tumba. Suas sombras persistentes roíam as chamas, deixando-as tão inúteis quanto as mãos de marionete que as seguravam.

Bom.

Silenciou as vozes vis e estridentes. Forçou-as a sussurros em pânico e frases trêmulas e meio formadas. O Portador escorregou para trás no caos, afundando nas sombras enquanto as formas ao redor dele tropeçavam e lutavam para enxergar.

Ele não pensou nos ossos a seus pés enquanto descia na escuridão, não pensou em Esmer ou na sensação da mão dela na dele enquanto as paredes se aproximavam ao redor dele. Ele não sentiu o frio enquanto ele penetrava em seus ossos, não sentiu as cavidades sob seus olhos ficando mais apertadas e profundas.

Sua raiva, seu propósito — eles se dissolveram, não deixando nada para trás.

Foi apropriado.

O Portador não era nada, e para nada ele logo retornaria.

OceanofPDF.com

Capítulo 22

A CORDA DE ALCOTT, brilhando como se tivesse sido forjada pelo sol, mordeu meus pulsos, beliscando a pele onde cada elo estava unido. Sujeira e umidade encharcaram meu vestido enquanto eu me ajoelhava, esfriando minhas pernas mesmo enquanto a corda queimava minhas mãos. Eu me mexi, ousando levantar meus olhos para o amanhecer colorindo o céu em violeta e dourado.

Esse foi meu teste.

Eu seria cutucado, questionado e examinado até que Mithras decidisse sobre minha culpa ou inocência. As perguntas eram pequenas, a princípio. Simples e diretas. Perguntas sobre minha vida, minha criação, meu relacionamento com minha mãe, meu pai e Elliot. Mas então elas se tornaram mais sombrias — específicas e vagas ao mesmo tempo. Eu sabia as respostas para algumas; outras, não. Elas perguntavam sobre o Portador, os Tecelões e o Reino. Elas levantavam hipóteses sobre meus poderes ou a falta deles. Elas testavam meu conhecimento sobre Corrupção, meu envolvimento potencial com demônios e a morte de Thomas.

Agora as perguntas eram acusações.

Mithras passou a mão pela boca inchada, limpando o sangue que ocasionalmente se acumulava nela. Seus olhos eram frios, apesar da cor dourada, violentos e semelhantes a punhais, e sua pele estava afundada. ao redor de seu maxilar e nariz, muito parecido com o que o Bringer tinha. Acentuou a cicatriz que dividia sua testa.

Alcott estava fervendo, dentes quase à mostra. “Você libertou o inimigo mortal do nosso reino. Começou em um sonho, e então se tornou físico—”

“Mas o Portador das Sombras é capaz de tal façanha? Escapar de seu castelo através dos sonhos de outro?” Mila interrompeu, equilibrando-se na ponta do calcanhar. Como os outros legionários, ela parecia exausta.

“O poder doentio do Portador das Sombras, combinado com uma mente

igualmente doentia, poderia produzir tal resultado", disse Mithras, tirando um pouco de sangue da boca. Um legionário lhe ofereceu um pedaço de pano, mas ele o empurrou para longe. "Como sabemos, semelhante atrai semelhante", ele acrescentou, rosnando as palavras.

Semelhante chama semelhante.

Um senhor dos demônios, conectado a *mim.*

Por que?

Mila olhou para mim, mas rapidamente desviou o olhar. "Então, se ela estiver dizendo a verdade, tal visão pareceria possível. Provavelmente, até, já que ele é conhecido por sua decepção."

"Estou dizendo a verdade," insisti, tentando olhar cada legionário nos olhos. "Por que eu mentiria sobre isso? O que eu teria a ganhar *mentindo* agora?"

"O que você *não* tem a ganhar?" Alcott estava com o rosto vermelho, mal se contendo para não se jogar em mim. A corda que me prendia, girando para fora de sua manopla, tremeu onde ele a segurava. "Você fez um acordo profano com o Portador das Sombras, e agora que foi pego, quer sair. Não é mesmo?"

"Não— *não* . Eu não fiz nenhum acordo com ele. Ele me enganou. O Portador das Sombras me enganou."

Mas ele não me enganou. Eu me juntei a ele, de bom grado.

"Você fez amizade com o próprio diabo! Seus pais pensaram em te ensinar que—" Alcott riu, interrompendo a si mesmo. "Ah, mas foram seus pais que provavelmente o *levaram* em direção à sua escolha maligna."

"Alcott," Mithras avisou. Alcott recuou, curvando a cabeça. Sua pele ainda queimava com manchas vermelhas e raivosas. "Continue, Esmer."

"Depois que vi os legionários, o Portador das Sombras apareceu. Ele convocou algum tipo de nuvem. Era escura e agitada, e engoliu as chamas." Alguns fios de cabelo, molhados de sangue e sujeira, grudaram no maxilar de Mithras. Engoli em seco, momentaneamente distraído. "Mas antes, quando—"

Parei, hesitando. Eu não tinha contado à Light Legion sobre meus outros sonhos. Eles não sabiam sobre o castelo do Bringer, não sabiam que eu tinha entrado de bom grado e falado com ele. Meus pensamentos se voltaram para o Shadow Bringer, me perguntando por que ele não estava enfrentando um julgamento como eu. Seu túmulo estava aberto, mas silencioso, desprovido de qualquer vida. Eles o amarraram lá novamente? Eles o mataram?

Semelhante chama semelhante.

“Continue. Continue. Entregue-nos sua história.”

"EU-"

“Explique-nos como você enganou Norhavellis para abrigar o único seguidor vivo do Portador das Sombras.” Mithras foi até onde eu estava ajoelhado, forçando meu queixo para cima para que eu pudesse olhar para ele. “Eu pensava em você como um pobre coitado sofredor, ferido pelas escolhas sombrias de sua família. Mas você é tudo menos isso.”

“Você está errado,” eu sussurrei. Lágrimas brotaram dos meus olhos, sem serem convidadas.

Os olhos dourados de Mithras brilharam, mesmo na penumbra do amanhecer. “Felizmente, o Criador nos agraciou com um milagre. Ele nos permitiu sepultar o Portador das Sombras novamente, mesmo depois de termos caído sob suas mentiras. Nosso Criador está conosco, mesmo no escuro. Devemos caminhar nas sombras.”

“Andar na luz”, respondeu a Legião da Luz, com as vozes vacilantes.

Quando Mithras falou novamente, foi com a Legião da Luz.

“Suas vozes *vacilam* .” Sua voz era suave, mortal em sua falsa civilidade. Eu lutei por anos para descobrir uma cura para a Corrupção. Vocês todos sabem disso — *muito claramente* vocês sabem disso. Seus camaradas — do que eles falariam, se ouvissem sua dúvida? Seus amigos, sua família, seus amados companheiros — enquanto nos observam de cima, enquanto me observam lutar e *sangrar* por uma cura para que *ninguém mais* caísse, do que eles falariam?”

Sangue escorria dos lábios de Mithras. Ele o limpou, arrastando-o de volta

para sua boca. Vários legionários olharam para baixo, para longe — desviando os olhos dos olhos fundos, do corpo machucado e da boca ensanguentada de seu senhor.

“Olhe para mim,” Mithras estalou. “O Portador da Luz, sangrando como um porco cortado.” Ele girou lentamente, metodicamente, fazendo questão de olhar cada legionário nos olhos. “ *Olhe para mim!* Onde estão suas dúvidas agora?”

Ele se virou para mim. As bordas de seus lábios, cheios e machucados, se curvaram.

“Você pode se levantar,” ele disse de repente, estendendo uma mão, manchada com seu sangue, em minha direção. “Levante-se e torne-se um de nós, como você declarou.”

O que?

Os legionários se entreolharam, sem entender a mais nova declaração de seu líder. O Visstill farfalhou com seus movimentos agitados. Quando não aceitei a mão de Mithras, ele franziu a testa, olhos dourados brilhando.

“Você age como se suas mãos estivessem amarradas.”

Flexionei minhas mãos para fazer meu ponto, estremecendo quando elas se moveram sem resistência. Em algum momento, elas se soltaram.

Quando? E por quê?

Olhei para Mithras, que ainda me oferecia sua mão ensanguentada.

“O que é isso?”, perguntei, aproveitando os murmúrios distraídos da Light Legion. “O que você está fazendo?”

“Ouça com atenção”, Mithras sibilou, os olhos arregalados enquanto ele me agarrava a mão e me puxou para cima. “Tratarei seus pais Corrompidos com respeito até a purificação deles e oferecerei a Elliot uma vida privilegiada em Istralla.” Sua boca se levantou novamente. “Em troca, você deve servir aos nossos propósitos na Tumba do Devorador. Mas se você me negar, eu pessoalmente cuidarei para que sua mãe e seu pai não sejam purificados e Elliot seja descartado como a criança inútil que ele já é.”

A bile subiu forte e violentamente para o fundo da minha garganta.

“Eu farei tudo o que você pedir,” eu engasguei, a pele úmida e fria. A tumba me mataria. Não existia comida, água ou luz. Não existia saída, exceto pela porta colossal de ferro e pedra em sua frente. Mas se isso significasse que meus pais seriam purificados e Elliot viveria, eu faria qualquer coisa. “Mesmo que você esteja me sentenciando à morte, eu obedecerei.”

“Oh, mas isso não é uma sentença de morte. Adormecido sob o feitiço do Portador das Sombras, você não precisará de sustento.” Ele apertou minha mão para dar ênfase, segurando-a como se estivéssemos compartilhando uma conversa profunda e sincera. “Vamos caminhar,” ele disse de repente, então se virou para encarar a Legião. Um pouco de cor havia retornado à sua pele, mascarando seu vazio. “Legião! Faça os preparativos para nossa partida. O destino de Esmer logo ficará claro.”

Suas vozes ficaram indistinguíveis enquanto Mithras e eu caminhávamos até o túmulo, passeando juntos como amigos — ou amantes, até. Quando estávamos longe o suficiente, no entanto, ele largou minha mão, dando um passo para trás como se eu carregasse uma doença.

“Mais cedo na tumba, deixei minha raiva tomar conta de mim.” Por um momento, ele fez uma expressão estranha, a tristeza salpicando suas feições e afrouxando seus ombros. “O Portador das Sombras é mais do que um inimigo do reino. De muitas maneiras, ele é um trunfo. Ele deve ser protegido a todo custo, pois se ele morrer, o exército de demônios que ele abriga nos dominará. E é isso que esta tumba é. Uma salvaguarda para seu corpo mortal para que sua alma possa ser sustentada.”

Mordi o interior da minha bochecha, observando enquanto Mithras examinava o parede externa da tumba. As árvores escuras e onduladas do Visstill serpenteavam no alto, atravessando a luz do amanhecer.

“Vou jurar pela purificação de seus pais e pela segurança de Elliot. Em troca, você protegerá Noctis dos monstros que o Portador das Sombras abriga. Com ele, você protegerá nosso mundo das sombras mais escuras do Reino.”

Minha pele se arrepiou diante do absurdo do meu destino, do frio no ar e do olhar feroz de Mithras.

“Esta tumba é uma fonte de escuridão. Você a habitará fisicamente e se amarrará espiritualmente. Adormecido, você atrairá os demônios do Reino para você, prendendo-os ao domínio do Portador das Sombras. Em teoria, seu poder combinado deve prender mais demônios, salvando mais vidas.”

“Mas eu não tenho esse 'poder' do qual você está falando. As sombras dele apenas me escutam. Elas não são minhas.”

“Mas você tem. Eu senti isso quando te conheci”, Mithras insistiu, virando-se para mim. “O poder no Reino é compartilhado com sonhadores de capacidades semelhantes. Você é tão capaz quanto ele — você só precisa de tempo para praticar, só isso.” Ele acrescentou, abaixando a voz, “E além disso, mesmo que você *não* tivesse poder próprio, você ainda é capaz de reforçar o dele. Você dá a ele uma força que eu não imaginava ser possível. Ele precisa de você.”

O que *isso* significa?

A mudança em sua personalidade me deixou nervoso. Ele parecia incrivelmente sincero — genuíno, até — e não havia um pingo de malícia em seu tom. Sem mencionar que ele estava se referindo ao Portador das Sombras como se ele fosse um velho amigo e não o maior inimigo de seu reino. Cruzei os braços, confuso com esse novo desenvolvimento. Isso não era realmente uma punição. Ele realmente pretendia que eu servisse a um propósito no Reino. Mas por quanto tempo eu ficaria preso lá?

A voz profunda e aveludada do Portador das Sombras veio à mente. Ele já havia me avisado sobre isso .

Se eles te selarem lá comigo, você nunca irá embora. Você compartilhará meu destino, preso a este castelo e incapaz de ver seus entes queridos crescerem. Você viverá aqui enquanto Noctis afunda ainda mais na ruína, cego para o mundo desperto e entorpecido para a passagem do tempo. Não deixe que eles te levem.

Lágrimas de frustração brotaram dos meus olhos, mas eu as segurei. Eu não choraria agora. Se eu chorasse, eu me despedaçaria. “Você diz que vai purificar meus pais e dar a Elliot uma vida de privilégios, mas eu não poderei vê-los novamente, poderei? O Portador das Sombras ficou trancado por séculos. Esse também será meu destino?”

“Não precisa ser. Mas que outro destino você preferiria?” Mithras se aproximou, olhos selvagens e desesperados. Dei um passo desconfortável para trás, o coração trovejando. “Um destino onde você apodrece na terra, sem deixar para trás nenhum legado, nenhum significado, nenhum *propósito* ? A tumba será o lugar mais seguro para você. O mais seguro e o mais necessário.” Parando, Mithras encarou a tumba novamente. “A corrupção está invadindo Noctis. Muitos estão morrendo antes mesmo de chegarem a Istralla. Se houver uma chance de que isso nos ajude a prender mais demônios, então essa esperança se espalhará, iluminando nosso reino na luz do Criador.”

Senti que essa declaração era sincera. Isso me deixou profundamente nervoso.

Mithras me observou. “Você não precisa ficar tão assustado.” Ele acrescentou, mais gentilmente, “Se você provar seu valor, você será desenterrado. Juro que retornaremos para buscá-lo.”

Eu tateei em busca de palavras, inseguro sobre o que eu queria dizer. O que eu *poderia* dizer sem me condenar ainda mais. Surpreendentemente, Mithras não cutucou; ficamos em silêncio enquanto as cores do amanhecer atingiam o topo da colina Visstill. Por mais que eu odiasse admitir, a esperança — mesmo que essa esperança fosse miseravelmente pequena — repousava na tumba.

O Portador das Sombras estava lá, e ele era tudo o que me restava.

“Lembre-se, o Portador das Sombras é uma escuridão necessária, mesmo que você tenha sido ensinado o contrário. Eu *não* desejo sua morte ou sua libertação.” Mithras me considerou ferozmente, como se quisesse que eu entendesse algo que eu não estava compreendendo completamente. “Então, acima de tudo senão, não machuque o Portador das Sombras, e não o liberte de sua tumba ou de seu castelo. Precisamos dele lá. *Eu* preciso dele lá. Jure para mim, Esmer. Não *o* liberte.”

Eu assenti, tentando esconder o tremor em meu lábio. “Claro. Eu juro.”

“Você não ficará no Reino para sempre. Se tudo correr conforme o planejado, então—”

“Senhor Mithras, aguardamos seu comando.”

Mithras e eu nos viramos como um só, encarando o resto do grupo de

viajantes. Eles se aproximaram de nós silenciosamente, formando um anel cuidadoso e distante ao redor da entrada da tumba.

Mithras levantou o queixo, oferecendo um sorriso triunfante. “Esmer declarou sua lealdade a mim. Ela guardará a Tumba do Devorador e seus demônios até retornarmos.”

Olhos arregalados, ombros deslocados, bocas apertadas.

O vento gemia suavemente através das árvores, farfalhando folhas e salpicando a luz do sol do amanhecer pela extensão da clareira. Além, a tumba estava escura e silenciosa, sua entrada coberta de mato era uma mancha contra a encosta. Se o Portador das Sombras ainda estivesse lá dentro, ele claramente havia se resignado ao seu destino.

Eu me estiquei ereto, ficando tão alto e ereto quanto pude. Eu precisava encontrar força em algum lugar, então eu a tirei do meu pai, lembrando de sua espinha rígida e músculos tensos enquanto ele patrulhava nossa casa. Toda noite ele lutava contra demônios. Eles eram demônios do desconhecido, demônios do crepúsculo e da escuridão. Demônios do pavor, demônios que faziam sons enquanto se moviam na floresta, quebrando galhos e uivando para as estrelas. Demônios criados a partir do medo.

Demônios criados a partir da corrupção.

Respirando fundo, preparei-me para o que estava por vir — o que meu destino havia conspirado para ser. Visões de um futuro diferente pareciam bizarras e sem sentido. Istralla, antes um farol brilhante, parecia opaca, sem cor. Um mundo curado sem Corrupção parecia impossível. Sonhos restaurados pareciam ilógicos .

Neste mundo de escuridão e caos, corrupção e sonhos desfeitos, meu destino era justo.

Encontrei os olhos de Mithras enquanto caminhava em direção ao túmulo, surpreso com o que encontrei lá.

Eles refletiam apenas pavor.

OceanofPDF.com

Capítulo 23

O TÚMULO do Devorador era silencioso, pesado e infinito.

Meio louco de exaustão e medo, cambaleei para frente, tateando meu caminho por túneis úmidos e escadas em ruínas. Sem luz de tochas ou um céu iluminado pela lua, a tumba me roía, inundando-me com seu cheiro antigo e escuridão eterna. As paredes eram estranhas, vibrando com uma vibração suave que fazia o espaço parecer vivo, de alguma forma. Como se estivesse esperando por mim o tempo todo.

Como se não fosse apenas o Túmulo do Devorador, mas *meu* túmulo, *meu* túmulo.

É assim que deve ser a sensação de ser enterrado vivo.

Engoli as lágrimas, tossindo enquanto respirava o ar empoeirado. Onde estava o Portador das Sombras? Ele não estava em lugar nenhum no silêncio, na poeira, na pedra podre. Minha mão procurou nas paredes por uma pista, um sinal, *algo* — quando tropecei em algo seco e barulhento.

Ossos.

Enquanto o som ecoava nas paredes, esperei, em silêncio, esperando totalmente que o Portador das Sombras se revelasse. Quando ele não o fez, quando minutos — talvez horas — passaram, meus únicos companheiros, a escuridão e dois esqueletos, zombaram de mim. .

Criador, ajude-me.

Andei de um lado para o outro na câmara, arrastando minha mão pelas paredes para me apoiar enquanto andava. O movimento me lembrou de quando entrei pela primeira vez no castelo do Portador; envolto em escuridão, só quando meus olhos se ajustaram é que o espaço se revelou. Mas não havia luzes aqui. Nenhum lustre ou candelabro dourado, nenhum espelho pelo qual a luz das velas pudesse refletir. Ainda assim, tinha que haver uma porta ou uma passagem em

algum lugar.

“Você pode aparecer a qualquer momento, Portador das Sombras,” eu disse, minha voz mais alta do que eu pretendia. Tentei ignorar o medo crescente de que Mithras tivesse mentido — que o Portador não estava aqui e eu estava sozinho, condenado a apodrecer sozinho neste poço de escuridão.

Agarrei-me à pedra, desacelerando minha respiração e contando até dez.

Não.

O Portador estava aqui, em algum lugar. No escuro, no frio, nas sombras — esta prisão era dele, e ele estava lá dentro. Puxei meus braços com força, lutando contra o frio que penetrava em meu vestido. A vibração, o *zumbido constante* do poder, estava de volta, desta vez mais perto e mais quente do que antes. Ele zumbia firmemente sob meus dedos, me chamando para o centro da parede mais interna da tumba. Aqui a pedra parecia diferente — como se fosse feita de um material completamente diferente. Curiosa, tracei um dedo sobre a pedra, estremecendo quando minha mão passou por ela. A pedra se partiu como pó ou fumaça, rodopiando em uma cortina de gavinhas longas e arrebatadoras. Avancei minha mão, tremendo enquanto a substância lambia meu pulso, antebraço e cotovelo.

Então, como se a substância estivesse viva, ela agarrou meu braço e *puxou.*

Eu gritei, mortificada enquanto os tentáculos passavam por mim em uma explosão rápida e congelante. Era como pular em um lago em uma noite de verão — deslizando sob uma crosta de calor, sobras do calor escaldante do sol, para alcançar as profundezas mais escuras e frias abaixo.

Eu me empurrei contra o chão da câmara escondida, lutando para me orientar. O espaço era surpreendentemente vasto; minha própria casa caberia dentro dela cinco vezes, e eu ainda não conseguia ver além das sombras que obscureciam suas bordas. A alvenaria arqueava-se acima, curvando-se em um orbe central que brilhava prateado e firme. Uma placa de obsidiana estava embaixo do orbe, como se esperasse pacientemente um sacrifício, e milhares de pequenas manchas trêmulas iluminavam o teto cavernoso além, imitando estrelas.

Não demorou muito para que eu encontrasse o Portador das Sombras.

Ele se sentou contra uma das pedras retorcidas e arqueadas, inclinando-se para trás com o pescoço exposto. De seus ferimentos, saía uma fumaça espessa e sinuosa, cristalizando-se enquanto subia em direção ao orbe. Um dos cortes mais profundos — um corte feio e implacável em seu ombro — exalava a substância mais negra, arrastando-se sobre sua pele e emaranhando-se em seu cabelo claro.

Um homem lindo e assombrado de fato.

“Acabe com isso”, ele me disse, sua voz ecoando estranhamente no espaço cavernoso. Seus olhos estavam menos fundos, suas bochechas menos afundadas — mas seu espírito parecia mais vazio. “É por isso que te trouxeram até mim, não é? Acabe com isso. Eu vou deixar.”

Um som de descrença escapou dos meus lábios. “Não estou aqui para te matar. Eu teria feito isso, uma vez. Mas não agora. Não assim.”

“Por que não? Você não me vê mais como o monstro que lhe ensinaram a temer?”

Não como eu fazia antes, não.

“Eu vejo você como um mal necessário,” eu disse simplesmente. Era uma verdade fria e talvez não a verdade inteira, mas o Portador não se encolheu nem um pouco. “Você abriga demônios que invadiriam Noctis de outra forma. Então não, eu não posso te matar. Mas eu ainda não sei a verdade completa por trás da Corrupção e como pará-la. Até que isso fique claro, eu não posso confiar em você.”

“Então, não um monstro, mas uma ferramenta.” Ele soltou um suspiro. Era o único sinal de que ele estava respirando. “Vá embora, Esmer. Você não pertence a este lugar.”

“Não posso. Eles selaram a entrada. "

Sua boca se apertou. “Você deveria ter escapado enquanto podia.”

“Nós quase matamos o *Portador da Luz* . Mithras ameaçou—” Mordi minha bochecha, mudando de ideia. Ele não precisava saber sobre minha família ou minhas fraquezas. “Você pode tentar me arrastar para fora desta tumba sozinho se não acredita em mim, mas seria inútil. Estamos selados aqui juntos agora.

Esta é minha punição.”

“Punição”, ecoou o Portador, como se fosse uma pergunta.

“Estar aqui.” Eu gesticulei freneticamente para a caverna estranha e estrelada. “Com você.” Eu apontei para o Portador, para seus olhos rodopiantes e igualmente estranhos. “Essa é minha sentença. Minha punição da Legião da Luz é ficar enjaulado indefinidamente no Reino.”

O Portador se levantou em sua altura máxima, e aquela fumaça estranha e escura ondulou ao redor das linhas de seu corpo. Em um piscar de olhos, ele estava pairando sobre mim. "E o que você sabe sobre a vida passada em uma gaiola?"

“Eu sei o suficiente”, eu disse, encontrando seus olhos tão uniformemente quanto pude. Talvez fosse exaustão, mas eu não senti medo quando olhei para ele. “Uma sentença perpétua de dever de Absolver para Norhavellis e nunca poder deixar a vila. Corrupção destruindo famílias e apodrecendo os olhos daqueles muito jovens para sequer saber o porquê. Não ter escolha — ou poder — para dizer não para aqueles com —” Eu parei, frustrada com a emoção subindo pela minha garganta.

“Minha mãe uma vez me disse que uma vida enjaulada é como ser um lobo confinado em algum espaço desolado e fechado”, ele começou, passando os dedos por algumas das sombras que se erguiam de seus ferimentos. “Você rosna e uiva, desesperado para cravar seus dentes em algo tangível, mas não tem como explorar a vasta natureza selvagem fora do seu alcance.” Ele fechou o punho, apertando um fio de sombra até que ele se partiu. “Você quase consegue sentir a terra sob seus pés ou o vento em sua pele, mas você está preso. Você anseia pelo desconhecido selvagem, onde o resto de sua vida — cada possibilidade, cada esperança para o futuro — espera, mas você não consegue se mover. "

Então, ele tinha uma mãe. Os contos nunca contaram sobre tal possibilidade — nunca o humanizaram de forma alguma.

“Já me senti assim antes”, admiti. “Eu queria desesperadamente escapar da minha vida por algo melhor, mas nunca consegui. E agora não tenho nada.” Passei a mão por uma sombra enquanto ela se movia para tocar meu ombro. “É uma comparação terrivelmente precisa.”

“É, não é? Ironicamente, minha mãe costumava fazer essa comparação para me encorajar a sonhar. Sempre que eu estava enfrentando algo desafiador na realidade, ela me dizia para escapar para o Reino e deixar os Weavers me guiarem.” Ele desviou o olhar, engolindo em seco. “Se ela soubesse que eu passaria a maior parte da minha vida sem nem ter escolha.”

“Então sua mãe faleceu antes de você ser trancado?”

Ele assentiu. “Minha mãe e meu pai morreram quando eu era criança. Eles nunca souberam o que eu me tornaria. E agora você está aqui enfrentando o mesmo destino.” Seus olhos se voltaram para os meus. “Eu disse para você correr.”

“Mesmo se eu conseguisse fugir da Light Legion, eu não seria livre. Eles teriam me caçado e feito minha família sofrer ainda mais por causa disso.”

Ele cerrou os punhos. “Então eu deveria fazer mais para garantir que eles não o façam.”

Eu levantei uma sobrancelha. “E o que, exatamente, significa *mais* ?”

“Significa exatamente o que você está pensando.”

“Então os manteve dormindo?”

Um sorriso surgiu em seus lábios. “Se esse é o único truque que você acha que eu sou capaz de fazer, então eu claramente preciso fazer mais demonstrações.”

De repente, ele estava muito perto, muito avassalador. Se o Portador das Sombras fosse um homem normal, eu teria sentido o calor se difundindo de sua pele. Ele procurou meus olhos, a respiração engatando com o que quer que ele encontrasse neles, então girou nos calcanhares para caminhar até a laje de obsidiana, pedaços de suas roupas esfarrapadas deslizando pelo chão.

“O que é isso?”, perguntei, seguindo-o.

“Um meio para um sono eterno”, ele respondeu. A laje, com suas bordas curvadas para cima, era surpreendentemente flexível ao toque, sua superfície refletindo a luz de cima. “Ele ancora você ao Reino, mas estar fisicamente amarrado altera você. Ele distorce a mente ao longo do tempo e destrói

memórias — tudo isso enquanto seu portador fica em coma.”

Eu assenti. “Fui ensinado que os Weavers tomavam precauções contra tal destino. Eles acordavam periodicamente para não se perderem para o Reino.”

Nos contos, os Weavers acordavam do sono para comparecer aos momentos mais extravagantes e cruciais da história de Noctis. Eles estavam lá para a coroação de reis e vitórias na guerra. Eles eram convidados de honra em celebrações por toda a cidade, como divindades na fanfarra que causavam. Embora acordar do Reino fosse um risco — os tornava mortais e perceptíveis à morte e ao envelhecimento — eles eram protegidos e amados pelo povo.

Até a Corrupção.

“Os tecelões que se danem”, o Portador rosnou. “Por séculos eu fiquei deitado sobre esta pedra, esperando por uma libertação que nunca veio. A morte teria sido preferível.”

Um arrepio percorreu minha pele sem ser convidado. Ele estava trancado em seu castelo em um sono eterno por *séculos* . Eu não conseguia imaginar o que ele havia perdido durante aqueles anos — o que ele havia esquecido. Estremeci ao pensar no que eu também perderia ou esqueceria se Mithras escolhesse não me libertar.

“Você honestamente acredita que foi injustamente preso?”, perguntei, abaixando a voz. Parecia que eu estava perguntando algo proibido. “Apenas sua maldade está registrada nos contos. Não há nenhum traço de bondade ali.”

O Portador colocou a testa na palma da mão, apertando o maxilar como se estivesse com dor física. “Fios de memória, momentos quebrados no tempo — é tudo o que tenho. E eles nem sempre me dizem o que perdi ou como era a vida antes. Mas sinto um ódio profundo pelos Tecelões e Mithras. Isso eu sei.” Ele olhou para mim novamente, longa e duramente, como se estivesse considerando uma decisão não dita. “Eu dormi aqui por séculos enquanto minha alma murchava. Talvez eu tenha sido bom uma vez, e talvez eu possa mudar o destino de Noctis, mas não há nada bom ou digno em mim. Você precisa entender isso.”

Algo não parecia certo. Estava em seus olhos; na maneira como eles se moviam, abaixando.

“Você parece precisar de um descanso,” ele murmurou, sua voz uma carícia suave. Suas palavras pareciam seda ou veludo — um ronronar profundo e estrondoso. “Venha, deite-se nesta pedra e deixe-me aliviar seus fardos.” Suas palavras tinham uma atração irresistível, e eu me vi rendendo-me à exaustão que estava me pesando. Enquanto eu estava deitado na laje, a pedra pareceu amolecer e me abraçar, aliviando meu cansaço.

Concordei com a cabeça e lhe agradeci.

Não é mesmo?

Suspirei, meus olhos pesados e quentes. Não conseguia lembrar.

“Você é tudo o que me resta”, sussurrei. “Você sabia disso?”

O Portador se inclinou sobre mim, lábios a um sopro dos meus. “Isso não é verdade.”

“Mas é,” eu respirei. Lágrimas correram pelo meu rosto, borbulhando de onde eu as havia suprimido antes. “E é de partir o coração.”

Senti uma mão — *é uma mão ou suas sombras?* — deslizar pela minha nuca, enfiando meus cabelos com dedos longos e frios. Estremeci, inclinando-me para ele enquanto ele me segurava, e me maravilhei com a nova sombra de escuridão girando ao nosso redor. Estendi a mão para tocá-la, para ver como era — e percebi que estava ondulando da minha própria pele.

O que é isso? Pensei ter perguntado. *O que é isso vindo do meu corpo?*

Mas meus olhos estavam pesados novamente — a pedra era tão macia e acolhedora.

Algo roçou minha têmpora, meu pulso.

E então não senti mais nada.

OceanofPDF.com

Parte dois

O Amanhecer Esquecido

As florestas foram incendiadas, mas hora após hora

Eles caíram e desapareceram - e os troncos crepitantes

Extinguido com um estrondo - e tudo ficou escuro.

As sobrancelhas dos homens pela luz desesperada

Usava um aspecto sobrenatural, como que aos poucos

Os clarões caíram sobre eles; alguns deitaram-se

E esconderam os olhos e choraram; e alguns descansaram

Seus queixos sobre as mãos cerradas e sorriam;

E outros corriam de um lado para o outro, e alimentavam

Suas pilhas funerárias com combustível, e olhou para cima

Com louca inquietação no céu opaco,

O manto de um mundo passado; e então novamente

Com maldições os lançaram ao pó,

E rangeram os dentes e uivaram.

- *Escuridão* , Lord Byron

OceanofPDF.com

Capítulo 24

CINCO SÉCULOS ANTES

O CASTELO FOI CONSTRUÍDO com sombras e luz das estrelas.

Ele se elevava sobre a encosta como uma joia escura, abraçada por árvores iridescentes e um céu eterno girando entre o crepúsculo, o crepúsculo e a noite profunda e implacável. Sua pedra era os fios externos dos sonhos, sua argamassa, o ventre do fogo, da água, do ar e do tempo.

Erebus não pretendia que fosse bonito; não, a intenção do castelo era que fosse seu refúgio. Um lugar para praticar livremente seus talentos dados pelo Criador. Um lugar para criar, sonhar e ser. Mas quanto mais ele trabalhava, mais glorioso ele se tornava.

E ele tinha trabalho.

Suas torres tocavam os céus, seus cômodos transbordavam com pinturas sobrenaturais e mobília suntuosa que somente sua imaginação poderia produzir. Uma luz na escuridão amarga.

Agora, não foi nada disso.

Ele estremeceu acordado em sua cama, o peito apertado com uma emoção que não sentia há algum tempo. Ela o dominou, o inundou, torceu sua garganta em um nó e suas mãos em coisas soltas e trêmulas .

Temer.

O castelo era um borrão enquanto Erebus corria por ele, seus membros desaparecendo e reaparecendo enquanto suas sombras o empurravam para frente. Elas o carregaram passando por esculturas e relevos em pé, bibliotecas cheias de literatura histórica e imaginária, uma caverna cheia de poeira estelar líquida, escadas sinuosas e passagens estranhas — passando pelas sombras vivas, aqueles que respiraram profundamente a escuridão e se tornaram eles mesmos. Eles não conseguiam ouvi-lo, nem conseguiam se comunicar; eles se

sentiam como fantasmas, apesar da escuridão e da humanidade que se misturavam dentro deles. Fantasmas que ele poderia — iria — proteger. Fantasmas que ele libertaria.

Se ele conseguisse.

Se os Tecelões ouvissem.

A entrada do castelo surgiu diante dele, esculpida com sombras vivas menores que dançavam suas próprias histórias. Esta noite, elas estavam girando em círculos largos e circulares, dentes abrindo e fechando em gritos silenciosos. Ele colocou uma mão sobre a pedra ondulante e as bocas pararam, tremeram e então continuaram com seus uivos intermináveis, torturados e de boca aberta.

Cerrando os dentes e ignorando o tremor de suas mãos, Erebus abriu a porta.

Lá fora, o céu estava agitado em uma confusão de cores da meia-noite. Ele devastava o horizonte enquanto se movia, gritando um aviso mortal. Erebus rosnou com a visão, levantando as mãos em um apelo final e desesperado por proteção.

Pronto, ele conseguiu. Ainda havia tempo.

Lelantos desceu em uma espiral de relâmpagos e ventos. Envolto em penas que flutuavam sobre seu corpo fulvo, ele pairava sobre a floresta que cercava o castelo. Observando, esperando. Sua meia-máscara de osso era imponente — sinistra, até — escondendo a simpatia que geralmente emanava de seus olhos claros.

Ainda havia tempo.

Invocando todo o peso de seu poder, as sombras de Erebus enroladas da terra e do céu. Elas jorravam das portas abertas do castelo e o cercavam, vibrando ao redor de seu corpo no ritmo de cada batida de seu coração, cada respiração.

Fenrir e Nephthys se anunciaram em uma onda de fogo e água, misturando seus poderes em uma dança de poder e graça. As roupas de Nephthys, um labirinto de joias, broches e pérolas, enroladas em seu cocar, uma massa de torres curvas e esqueletos oceânicos secos. Elas brilhavam intensamente, mesmo na noite eterna, contrastando com as tatuagens negras como carvão e as vestes

vermelho-sangue de Fenrir. Chamas queimavam nos olhos de Fenrir, refletindo nos de Nephthys.

Não, não, não.

Erebus abriu mais as mãos, inclinando-se para frente para se preparar contra o imenso poder rolando de e ao redor dele. Ao seu chamado, a escuridão avançou como uma só.

Ceres veio separadamente de seus irmãos e irmãs elementais, explodindo do chão em um casulo de raízes de árvores. Ela se desenrolou como uma besta renascida, pisando descalça no chão. Seu capacete com chifres, enrolado firmemente em volta do couro cabeludo, estava emaranhado com teias de aranha, rosas e decadência.

Ele estava ficando sem tempo.

Erebus rosnou, rangendo os dentes enquanto lutava para manter a parede de sombra. Ele nunca tinha testemunhado um domínio sendo estabelecido, mas sentiu, de alguma forma, que podia. O conhecimento estava lá, de alguma forma, bem no fundo de seu âmago. Para que seu castelo — e a terra selvagem que o cercava — fossem contidos como seus, ele teria que incorporar seu poder à própria estrutura do espaço.

Ele deve estar em todo lugar, e ele deve estar em todo lugar.

E com um domínio definido, ele poderia negociar com os Tecelões em paz.

Os três últimos Weavers se manifestaram. Passado, presente e futuro — Somnus, Xander e Theia. Somnus, com seu rosto serpentino brilhando sob uma cortina de cabelo preto. Xander, blindado em ferro e protegida por seis espadas flutuantes. Theia, cada vez mais um espírito do que um ser físico e vivo, envolta em tecido translúcido que espelhava seus cabelos, pele e olhos prateados. Coroas adornavam cada uma de suas sobrancelhas, para sempre embutidas em sua pele: Somnus, uma coroa de osso; Xander, uma coroa de ferro; Theia, uma coroa de diamante.

Não havia tempo.

Os Weavers se moveram para cercá-lo, atacá-lo, destruí-lo — mas sua

muralha de sombras, sua última esperança, seu último fio de poder, os impediu de avançar. Eles giraram em torno dela, se debatendo com explosões de seus próprios dons — o céu era um redemoinho, uma tempestade de fogo, um tornado, uma exibição magistral do poder indomável dos Weavers. Nunca antes ele tinha visto suas habilidades usadas de forma tão imprudente e selvagem. Elas não tinham padrão ou precisão, surgindo em vez disso com ódio e raiva. Ele podia sentir suas emoções incrustadas profundamente em cada golpe, cada espiral de proeza elementar. Elas vibravam pelo ar, cantando através de seus ossos.

Erebus caiu de joelhos, com suor escorrendo pela testa enquanto lutava contra a fúria poderosa deles, esforçando-se para fechar o perímetro do domínio.

"Érebo! Você nos abandonou — abandonou os Tecelões e nosso Criador," Xander gritou, balançando cada uma de suas seis lâminas contra a barreira. Cada golpe era impossivelmente poderoso, dobrando sua parede e sacudindo o chão. "Sua traição não pode ser perdoada."

"Não, não pode," Nephthys disse, seus olhos violetas brilhando em sua fúria. Marés furiosas giravam contra a barreira; elas eram um vórtice de água mais escura que sangue. "Você sabe o que você fez?" Ela estava gritando agora, seus dentes afiando em pontas selvagens. "Você sente o sangue dos inocentes? Você o sente manchando sua pele, acumulando-se nas profundezas de sua alma?"

A garganta de Erebus fechou. Seus membros ficaram dormentes, dormentes.

Mesmo assim, ele lutou.

"Traidor!" Fenrir uivou, suas chamas explodindo pela floresta. Elas arrasaram todos os prados e transformaram árvores em cadáveres. "Eu vou queimar você e seus irmãos amaldiçoados. Pelo Criador, eu juro — vocês todos queimarão!"

Uma rajada de vento perdida, entrelaçada com penas e gelo afiado como navalha, rompeu uma rachadura em sua barreira e abriu sua bochecha. O fogo lutou pela rachadura, seguindo o vento, e agarrou seu pescoço, queimando-o. Erebus xingou, baixo e sombrio. Sangue pingou de sua pele, manchando a pedra abaixo.

Mesmo assim, ele não caiu.

Theia se elevou acima das Weavers, saias brancas arrastando-se atrás dela em uma nuvem. Ela juntou as mãos e a terra tremeu, estremecendo com um poder invisível vindo de muito abaixo.

“Tecelãs, invoquem sua força”, Theia chamou, suas palavras ecoando pela paisagem. Sua voz era um coro de donzelas, sinos cheios de luz e promessa. Era esperança e mistério, entrelaçados em uma sinfonia.

Os Weavers se moveram para cercá-la, sacrificando toda a sua força em sua luz crescente. Juntos, seu poder unido estava além das palavras — era glorioso, reverente, indescritível. Um testamento ao Criador e à responsabilidade que Ele havia concedido a cada um.

Diante de todos eles estava Mitra, com os olhos dourados sombrios de medo.

E arrependimento.

Se as circunstâncias fossem diferentes, Erebus poderia ter chorado.

“Juntos”, disse Theia, “baniremos este lugar perverso para o Além”.

O Além — ou Inferno, como os mortais o conheciam. O espaço indomável que se agarrava ao submundo do Reino, sangrando em pesadelos e abrigando demônios com seus falsos deuses. O Além era onde almas perversas — as almas que traíam o Criador — eram enviadas para apodrecer, putrefação em uma eternidade de fogo e loucura.

“Você não vai,” Erebus sussurrou, levantando suas mãos mais alto. Um raio da rocha de Ceres rompeu, mortal em sua rapidez, chovendo em seu corpo indefeso enquanto sua barreira se esticava, agonizando sob o ataque. “Você não vai levar minha alma.” A rocha esmagou sua braços; sua esquerda caiu, inútil. Mas mesmo mutilada e quebrada, trêmula e ensanguentada, sua mão direita se manteve firme, comandando a escuridão enquanto ela costurava os pontos finais de seu domínio.

“Você não vai levar minha alma!” Erebus rugiu novamente.

E o Reino rugiu de volta.

OceanofPDF.com

Capítulo 25

“ *SONHADOR, SONHADOR, ACORDE* .”

Suspirei, me enterrando nas profundezas sedosas da minha cama. “Vá embora.”

“ *Por quanto tempo você pretende nos fazer esperar? ”*

“Nós? A mãe também está aí?” Aninhei-me mais fundo na cama, puxando um cobertor particularmente fino até o meu nariz. Cheirava a zimbro, noite e o toque da chuva nas folhas caídas. “Ainda não estou pronta.”

“ *Não temos o tempo que vocês têm. ”*

“ *Nós esperamos. Ele espera.”*

“Mas eu esperei mais. ”

Um gemido saiu antes que eu pudesse pará-lo. Por que Elliot e a mãe eram tão *insistentes* ? Eles não sabiam o quão exausto eu estava? Meus ossos eram de pedra, minha pele uma bainha de melaço. Eu não poderia fazer o que eles pediam.

" *Acordar.* "

" *Acordar.* "

" *Acordar.* "

“Tudo bem — eu vou”, murmurei, esfregando os olhos e dando uma olhada turva no quarto. Tudo estava tão escuro, tão sem forma — eles não pensaram em acender uma lâmpada? “Onde você está? "

“ *Estamos aqui. ”*

Gelo agarrou minha espinha, subindo em espiral em direção ao meu pescoço.

O quarto do Portador das Sombras me atingiu com toda a sua força — cada sombra, suas cores e cheiros. Eu já tinha estado aqui antes, mas essa memória empalideceu em comparação ao que eu sentia agora. Agora eu estava *aqui* — verdadeiramente, fisicamente *aqui* .

E eu *definitivamente* não estava na minha cama.

Joguei as cobertas para trás, mortificada por parte de mim ainda querer se enrolar em seus cobertores, respirar fundo o cheiro da noite e da chuva em seus travesseiros e dormir.

De onde vieram essas vozes?

Uma rápida olhada na câmara do Portador me disse que eu estava sozinho, mas o céu além da cortina de paredes inteiras me disse que a noite tinha apenas começado. Havia muitos lugares para se esconder, muitos cantos que poderiam encobrir ou esconder.

E o que era aquele barulho arrastado vindo do corredor?

Oh, Criador. Eu não fui feito para isso.

Apertei meus cotovelos, desejando estar usando a armadura escura e ameaçadora do Portador. Certamente isso seria mais útil do que um vestido fino usado por viagens e tempo. Eu precisava de uma arma de algum tipo — algo além das minhas mãos nuas e inúteis.

“Venham até mim, sombras,” eu disse, tentando soar forte e confiante. Eu não tinha certeza se tinha conseguido. Eu esperei, expectante, tentando acalmar minha respiração. Meu coração estava em pânico, arranhando minha garganta, o que tornava difícil ouvir os demônios no corredor. Eles estavam observando, esperando? Eles sabiam que eu estava aqui, sozinha? “Sombras, venham para a frente,” eu sibilei novamente, me sentindo absolutamente ridícula. Por que eles não estavam ouvindo?

“ *Deixem-nos saireeee!* ” Um demônio gritou de repente, batendo seu peso na porta. As paredes tremeram com a força dele, soltando poeira e alguns livros.

Tudo bem, força e confiança que se danem.

“ *Por favor* ,” implorei, olhando ao redor freneticamente. Onde estavam as sombras? Parecia mais fácil invocá-las antes; o que era Estou fazendo errado? Concentrei-me em minhas mãos, agudamente ciente do vazio ali. Nada formigava em minhas palmas ou inundava meu peito. Não havia nenhuma onda de energia, nenhum zumbido do poder persistente do Portador.

Eu estava realmente sozinho, sem nada nem ninguém me protegendo dos demônios.

“Do jeito antigo, então”, eu disse entre dentes.

E eu fui trabalhar.

Quando terminei, a parte de trás do meu vestido estava úmida de suor, grudando na minha pele enquanto eu me ajoelhava para inspecionar meu trabalho. Uma torre de móveis interligados, as cadeiras suntuosas, estantes e cama do Bringer, agora estavam empurrados desleixadamente contra a porta. Estava bom o suficiente, eu supunha. Pelo menos um demônio encontraria alguma resistência antes de ter a chance de me comer.

Para garantir, subi no labirinto de móveis e enfiei um pedaço de ferro — o cetro de alguma escultura — na maçaneta da porta.

Melhorar.

Afundei em uma poltrona que deixei para trás. Assim como em minhas outras aventuras no Reino, não senti fome, nem sede, nem desejo por funções corporais — mas frio, calor e a poeira da dor podiam facilmente se infiltrar.

E assim foi.

O ar noturno entrava pela sacada, gelando minha pele suada e farfalhando a cortina por onde passava. Ele se misturava aos muitos candelabros, atirando suas chamas perto da morte, e voltava para mim, forçando arrepios pelos meus braços.

Quase me fez esquecer por que eu estava lá em primeiro lugar.

De alguma forma, o Portador das Sombras me trancou aqui, trocando de lugar para que ele pudesse ser livre. Escapar de sua tumba pela primeira vez não o

libertou *de verdade* — ele ainda estava amarrado ao Reino, trancado dentro de uma gaiola de demônios e escuridão.

O seu próprio gaiola de demônios e escuridão , eu me lembrei. Não era como se ele estivesse trancado em seu castelo sem razão. De acordo com os contos, o Portador das Sombras traiu os Tecelões, formou Corrupção e jogou o Reino no caos. Por causa do Portador — e daqueles perversos o suficiente para segui-lo — não havia sonhos sem demônios, morte e Corrupção. Por causa dele, os Tecelões afundaram no silêncio, deixando a humanidade entregue ao seu destino.

Abafei um grito com as mãos.

O Portador deve ter sabido que poderia me prender. É por isso que ele me levou até sua tumba. Ele pretendia me levar até lá, me prender e... e depois? Matar os legionários quando ele partisse? Tomar conta de Istralla e liberar seus demônios sobre a humanidade? Espalhar a Corrupção mais longe e de forma mais penetrante? Destruir todos os estoques de elixires?

Por que eu confiei nele? E por que eu não o parei quando tive a chance?

Mithras quase derrotou o Portador das Sombras. Se eu tivesse ficado do lado dele em vez do Portador, meu destino seria diferente? Talvez eu estivesse em Istralla, seguro e bebendo o elixir adequado, preparado pela capital, para banir as visões do Portador e seu castelo de pesadelo. E o Portador estaria trancado dentro de sua tumba, protegendo o mundo de seus demônios e escuridão.

Caminhei até a cortina de tecido esvoaçante, determinado a descobrir uma maneira de parar o vento, quando um barulho estranho assobiou à distância.

“ *Sonhador* ”, ele gritou, e eu o reconheci como a voz de antes.

A voz que pensei ser de Elliot.

Sob o luar incomumente brilhante e prateado, a sacada do Bringer era uma visão para ser vista. Raízes escuras entrelaçadas com ferragens, formando motivos esculturais nas paredes do castelo, e o chão, uma obsidiana brilhante e salpicada de estrelas, parecia seda sob os pés.

“ *Você finalmente teve a inteligência de nos ver? Aqui, aqui,* ” a voz assobiou novamente, ecoando de algum lugar abaixo da balaustrada.

Dei uma espiada na floresta abaixo, sem saber o que encontraria.

“ *Ah, sonhador* ,” o familiar demônio de rosto cinza disse asperamente. “ *Muito tempo que passou* .”

O demônio parecia mais humano do que antes, seus olhos não mais vazando e suas bochechas menos como as curvas de um crânio. Até mesmo sua postura parecia mais composta — alta e graciosa, não curvada e arrastada como se o peso do Inferno estivesse sobre seus ombros.

Ou talvez fosse apenas o luar pregando peças em mim.

O luar e os orbes que flutuavam como estrelas por entre as muitas árvores da floresta.

“ *Onde ele está, sonhador?* ” Um segundo demônio perguntou, saindo furtivamente da floresta. Este usava uma capa curta — diferente do longo e sinuoso pano do primeiro — e olhou para mim com olhos de carvão. “ *O que você fez? Onde está Erebus?* ”

Érebo ?

Eles queriam dizer o Portador das Sombras?

Mordi o interior da minha bochecha. Se soubessem que ele tinha ido embora, o que fariam? Tentariam tirar vantagem da situação e me atropelar? “Ele está lá dentro”, respondi, virando os ombros como se fosse sair. “Na verdade, ele está me chamando. É melhor eu voltar antes que ele perceba que estou falando com monstros na floresta.”

O primeiro demônio sorriu e inclinou a cabeça. “ *Você está com frio. Ele não vestiu você com uma de suas capas? Elas são bem dramáticas, mas práticas o suficiente. Bem adequadas para momentos como estes.* ”

“Ele já pediu. Eu recusei.”

O segundo demônio zombou. “ *Você o irritaria dessa maneira? Que repugnante.* ”

O sorriso do primeiro demônio se alargou. “ *Bem repugnante, de fato. Mas eu*

esqueço — nossas pobres mentes cheias de demônios são tão frágeis, você sabe — nosso senhor tem apenas uma única capa, normalmente afixada em seus ombros . Ele não a empresta de bom grado.”

“Falei rápido demais. Só quis dizer que ele me ofereceu um *cobertor* .”

“ *Hmm. Um cobertor, você disse? Estranho — minha memória retornou. Nosso senhor sempre adorna seus convidados pessoais com suas capas. Sim, definitivamente capas. Um presente de boas-vindas, se preferir* .

A cor subiu às minhas bochechas, marcando claramente minha frustração, então eu voltou para as sombras. Eu não tinha certeza de quão bem os demônios conseguiam enxergar — ou quão poderosos eles eram — mas não tinha vontade de descobrir.

“ *Recuando tão cedo? Você tem certeza de que deseja fazer isso?* ”

“Não vou tolerar seus truques, demônio. Deixe-me em paz e volte para onde você pertence.”

“ *E onde é isso, caro mortal? Para onde é que devemos ir?* ”

Não respondi. Em vez disso, dei meia-volta e marchei de volta para dentro, cerrando o maxilar contra suas provocações variadas e inteligentes. A conversa quase pareceu preferível à incerteza e solidão que habitavam a câmara do Portador.

Quase.

Passei as próximas horas vasculhando as coisas do Portador, esperando que suas capas reais ou imaginárias surgissem. Seu quarto era cavernoso, esticado alto por costelas de obsidiana e adornado com opulência inimaginável, então levou algum tempo para olhar tudo — mesmo com metade dos móveis empilhados contra a porta. Achei os livros estranhos e familiares; algumas páginas estavam vazias, outras explodiam com poesia, arte e música. Então havia alguns contos de Weaver, embora não parecessem contos de forma alguma. Eles pareciam vivos e verdadeiros, retratando os Weavers em cenários e conversas comuns.

De acordo com esses novos contos, Fenrir e Nephthys eram amantes, Lelantos

usava uma meia-máscara de osso para parecer mais imponente, e Ceres era um acumulador habitual. Embora Xander fosse tecnicamente o mais novo, ele gostava de agir como o irmão mais velho responsável dos Weavers, e Theia ocasionalmente os enganava ao se materializar como um espírito. Somnus preferia ficar sozinho, às vezes desaparecendo em seu domínio por anos, mas ele trazia de volta a vida e a travessura para qualquer reunião quando escolhia retornar.

E então havia Citadel Firstlight e Evernight. Nestes livros, Citadel Firstlight era um refúgio para os Weavers e seus acólitos; ela fornecia recursos, campos de treinamento e um meio para os Weavers delegarem com governantes terrestres. Por outro lado, Citadel Evernight era um lugar onde nobres e suas famílias podiam sonhar profundamente; era aqui que festas e bailes coletivos do Reino, eventos luxuosos além da imaginação, podiam ocorrer sem restrições.

Havia também um guerreiro do Reino chamado Erebus.

Ele era uma anomalia, falhando em possuir uma afinidade específica com qualquer Weaver, mas sua aclimatação ao Reino permitiu que ele se juntasse às suas fileiras de qualquer maneira. As páginas falavam de sua habilidade bruta e sem precedentes, descrevendo as batalhas ferozes que ele liderava contra demônios e seus falsos deuses.

Li até meus olhos doerem, até as páginas ficarem borradas e as palavras nadarem.

Movendo-me para o chão, aninhei minha cabeça na curva dos meus braços. Acima de mim, pinturas dramáticas de paisagens marinhas e montanhas, facilmente da altura de três ou quatro homens, rastejavam pelas paredes para se enrolar em torno de um lustre preto. A tinta se quebrou em alguns lugares, escorregando para fora da tela para flutuar nas sombras.

Era uma beleza estranha e de tirar o fôlego.

O chão me segurou por algum tempo, contorcendo sua fumaça fantasmagórica sobre minha pele até a sacada, onde desapareceu. Apesar de sua opulência, o quarto do Portador parecia vazio. Frio e vazio de calor, esperança e alegria.

Doía por alguma coisa, mas eu não sabia bem o quê.

OceanofPDF.com

Capítulo 26

ACORDEI em uma pilha de travesseiros de seda e cobertores macios como penas, banhado pelo cheiro estranho de uma tempestade misturado com móveis empoeirados. Pressionei meu rosto no travesseiro mais próximo e respirei fundo, saboreando-o. Isso me lembrou de um campo coberto de neblina, mas com um sutil tom de fumaça e livros velhos.

“ *Letussouttletussouttletussoutt!* ”

Eu pulei de pé, desorientado pela luz baixa das velas. Minha barricada precisava ser reforçada — *imediatamente* .

“Oh, Criador. *Não* .”

Meu coração despencou quando a câmara se tornou mais nítida. Meu escudo se foi, a barricada de móveis empilhados contra a porta. Cada item, cada copo, cada livro, estava precisamente posicionado, descansando exatamente onde estava originalmente.

“ *Deixe-nos sair!* ”

Fiz menção de bater uma cadeira contra a porta curvada, mas rapidamente mudei de ideia. Uma cadeira não seria nada contra o poder de um demônio; eu poderia muito bem estar usando um pedaço de renda para parar a força de um rio.

Talvez haja uma saída pela sacada, uma escada escondida de algum tipo .

Os dois demônios descansavam contra um par de árvores, seus rostos distorcidos, zombeteiros e cruéis. Um estava afiando um pedaço de metal, esculpindo sua lâmina em algo brilhante e afiado. O outro parecia simplesmente entediado.

“ *Sonhador. Ainda sem aquela capa, eu vejo. Aqui para se deliciar com este bom dia?* ”

“Esta não é uma manhã.” O céu estava da cor de safiras e turvo, vinho antigo; sem a luz de velas da sacada e os orbes prateados da floresta, os demônios

ficariam completamente obscurecidos. “Como está esta manhã”—eu gesticulei freneticamente para o céu—“e o que há de *bom nisso* ?”

“ *Ah, isso. Devemos contar a ela?* ” O primeiro demônio olhou para o segundo, sua expressão pensativa, mas a tentativa foi ignorada. O segundo demônio apenas continuou afiando sua lâmina improvisada. “ *Excelente, eu contarei a ela.* ” Ele olhou de volta para mim e sorriu. “ *Nós não estamos no mundo mortal, querida. Nossa noite eterna é, bem, eterna.* ”

“Mas estamos sonhando. Sua estrutura não pode ser alterada?”

Lembrei-me de quando a masmorra do Bringer mudou, transportando-me de volta para minha casa em Norhavellis. Ou quando asas irromperam das costas do Bringer, carregando-o alto sobre o Visstill.

“ *Não. Este domínio foi definido permanentemente para proteger Erebus. Ou para amaldiçoá-lo — não temos certeza. Já decidimos nossa opinião sobre isso?* ” O demônio olhou para seu companheiro novamente, e novamente ele foi ignorado. “ *É como eu pensava. Não temos certeza. Então é noite eterna.* ”

Xinguei baixinho. A floresta abaixo era bem abaixo, ficando cada vez mais distante quanto mais eu olhava. Sem asas ou as sombras do Portador das Sombras, eu teria que descer fisicamente a parede. Ou pular. E nenhuma dessas opções parecia muito realista.

“ *Você está em perigo? Você parece um pouco aflito.* ”

"Não."

“ *Se você pedir gentilmente ao nosso senhor, tenho certeza de que ele acabará com seus problemas.* "

“Tenho certeza que sim.”

O demônio — ainda arranhando a porta do Portador das Sombras — rugiu, seu uivo sacudindo a câmara e ecoando na noite.

“ *Ele está de mau humor hoje, hmm? Problemas para dormir?* ”

“Chega de joguinhos”, eu fervia. Os demônios claramente sabiam mais do que

estavam escolhendo dizer — provavelmente escondendo informações que impediriam minha fuga. “Você sabe que não é ele.”

“ *Poderia ter me enganado.* ”

“Preciso acordar desse sonho. Diga-me como posso.”

O primeiro demônio levantou o queixo, considerando. “ *Uma verdade bem perigosa, essa.* ”

“Não me importa o que eu tenho que fazer. Eu não pertenço aqui, e preciso ir para casa.”

“ *Você realmente deseja acordar?* ” Seu sorriso se alargou. “ *Então você deve primeiro ir dormir.* ”

O outro demônio bateu sua lâmina na grama. “ *Sua tentativa de sagacidade está me fazendo perder a minha. Se a garota não puder—* ”

Um segundo rugido irrompeu, junto com o *estalo estremecedor* de uma porta se abrindo.

O demônio cambaleou para fora da sacada, braços finos arrastando-se como líquido pela pedra. Sua espinha era longa e torta, com agulhas de galhos e pelos, e seu rosto — se é que poderia ser chamado de rosto — era o crânio de um alce. Eu cambaleei para trás, congelado de terror. Minhas mãos estavam vazias, desprovidas de aço ou sombra, e eu não podia fazer nada além de assistir, horrorizado, enquanto o demônio se esgueirava para frente. Se eu pulasse da borda, eu acordaria na Tumba do Devorador? Eu balancei minha cabeça. Não — meu corpo estava fisicamente amarrado ao Reino. Se eu morresse aqui, eu poderia não voltar do outro lado.

Talvez eu não volte nunca mais.

“ *Foraaaaaa,* ” o demônio alce disse asperamente, enquanto outros três se juntavam a ele. A sacada tremeu com o peso de seus passos coletivos, tremendo como eu tremia quando olhei para seus corpos. No topo de cada pescoço estava uma caveira; havia o alce do primeiro, o cavalo do segundo e algo com presas e serrilhado no topo do terceiro.

Eles olharam para o céu da meia-noite, levantando os rostos para encontrar o vento.

“ *Ceveon ,*” o demônio alce rosnou, elevando-se sobre a balaustrada. “ *Onde ele está? ”* Sua voz retumbou e estalou em cada sílaba — como se não tivesse falado uma frase coerente em séculos.

O demônio de capa longa sorriu, estranhamente triunfante. “ *O que você quer dizer? Você deveria ter passado pelo nosso senhor indisciplinado na sua saída. ”*

Como resposta, os demônios na sacada fizeram um barulho furioso e animalesco.

O demônio enrolou sua capa em volta dos ombros, erguendo um cajado de algum lugar sob o pano. Ele apontou uma de suas pontas com pontas de joias para mim. “ *Não? Então pergunte a esse. ”*

O demônio alce se virou para mim, interrompendo seus movimentos irregulares. Por um momento, ele simplesmente olhou fixamente, suas órbitas vazias sugerindo olhos que viam tudo — viam movimento e forma além do físico. Coisas profundas dentro da alma. Então ele deu um passo à frente, e de novo, lentamente se arrastando até mim. Eu me pressionei contra a balaustrada, tentando acalmar meus membros trêmulos.

Eu quase consegui, até que ele se curvou o suficiente para sentir o cheiro do ar perto do meu pescoço.

“ *Algo dele reside dentro dela. ”*

O demônio com presas circulou perto, seguido pelo outro. Parecia pronto para pular, suas mãos com garras agarrando a pedra. “ *Ela esteve aqui antes. Talvez ela seja sua substituta — ou talvez ele tenha nos abandonado.”*

O demônio alce se juntou a mim, circulando-me. “ *Onde ele está? Onde está o senhor que não nos libertaria? ”*

Eu ergui meu queixo contra os rostos ameaçadores dos demônios. Eu não tinha nem aço nem sombra para lutar — apenas palavras. “Se vocês sequer me tocarem, o Portador das Sombras terá sua vingança sobre todos vocês. "

“ Não nos engane. Ele não se importa com você nem com ninguém. ”

O demônio com presas sibilou. *“ Sua morte seria de pouca consequência, sonhador. ”*

Abaixo de mim, a pedra da balaustrada rachou.

Não, não, não.

Eu cambaleei contra a pedra em ruínas, balançando, alcançando, agarrando *qualquer coisa* — mas os demônios, no caos, bateram seus membros no corrimão. Eles quebraram a pedra, arremessando-a para longe e para longe sobre a floresta.

Enquanto eu caía, eu não sabia de onde vinham os gritos — se eram dos meus pulmões, da minha mente ou de alguma união nauseante de ambos. Tudo o que eu conseguia ver eram os demônios. Uma horda de bestas quebradas e com crânios rastejando, escalando e balançando seus corpos sobre a borda atrás de mim.

Centenas de demônios surgindo na noite.

ACORDEI na escuridão no chão do Portador das Sombras.

A queda não me matou, nem me forçou a acordar no túmulo.

A escuridão se tornou uma coisa viva e respirante, enjoando em meus olhos e nariz. Doía respirar. O ar frio varria os cobertores ainda espalhados pelo chão, virava as páginas de livros não lidos e assobiava através de lustres e candelabros apagados.

Pela primeira vez, o castelo não se restaurou.

Puxando um cobertor de veludo em volta dos meus ombros, cambaleei até a sacada, amaldiçoando meu destino e contemplando se valeria a pena gritar noite adentro. Se essa fosse minha realidade pelo próximo mês — ou ano, até — minha mente certamente se desintegraria antes que eu visse a luz do dia novamente.

Estremeci com um novo tipo de medo.

Quanto tempo levaria para eu acordar disso?

Quando eu era pequeno, a ideia de sonhar parecia preciosa e maravilhoso. Sagrado, até. Sonhar antes da existência do Portador das Sombras era receber um presente do Criador; em um sonho, alguém poderia saborear a esperança e vagar pela possibilidade. Eden e eu costumávamos sussurrar sobre sonhos, preocupados que a Mãe ou o Pai ouvissem e pensassem que estávamos sendo desrespeitosos. Mas gostávamos de imaginar como seria o Reino. Como as Tecelãs se vestiam, falavam, se moviam. Nós nos enrolávamos sob uma tenda de cobertores com nossos contos de Tecelã, contando histórias de aventura. Discutíamos como um sonho poderia ser — conjeturar as visões e sons que poderíamos experimentar. Nós nos perguntávamos o que seria necessário para nos tornarmos um guerreiro dos sonhos da lenda ou para que uma Tecelã nos escolhesse como seguidora. Mas, acima de tudo, nos perguntávamos o que teríamos que fazer para deixar para trás nossa vida distorcida em Norhavellis.

Eu ri, o som era fraco e pequeno em comparação ao vazio ao meu redor.

O que eu não daria para ter essa vida de volta.

Uma batida soou de algum lugar dentro do castelo, estrondosa e poderosa. Uma batida derreteu em três, três em cinco. Parecia um coração batendo, um *thmp vibrante e encorpado* contra a pedra.

Dias antes, quando as chamas ainda queimavam dentro de seus receptáculos, aventurei-me para fora da câmara do Portador. Eu tinha me esgueirado por corredores sinuosos e salas estranhas e sobrenaturais, lutando contra o medo de que alguém — ou algo — estivesse observando. O medo era uma batalha que eu não poderia vencer aqui. Ele me sufocava — rastejava sobre minha pele, apertava meu coração, gelava meus ossos. Por causa desse medo, eu recuava antes de alcançar qualquer coisa importante. Sempre havia o *estalo* de uma pedra se desintegrando que soava como passos, um sussurro de vento que soava muito próximo de uma respiração.

Mesmo com meus medos, não havia sinal de vida.

Os demônios se foram.

Então quem estava batendo?

Batida. Batida. Batida.

Ajoelhei-me atrás de uma estátua, puxando o cobertor para perto. Se eu concentrado, eu poderia fingir que era uma criança em Norhavellis, contando histórias de maravilhas com Eden.

Sonhos não foram feitos para isso.

Medo, tristeza, ódio — os sonhos foram feitos para reprimir essas coisas. Não para incendiar ou reafirmar.

Da minha toca de veludo e pedra, observei horrorizado uma figura saltar para a torre mais alta do castelo. Era alta e esguia, pele branca como osso brilhando como se fosse a lua e as estrelas. Gavinhas de cabelo arrebatadoras fluíam de seu crânio, cobrindo o castelo de preto.

Um demônio?

Por um momento ele ficou imóvel, com o rosto inclinado para baixo.

Eu não conseguia dizer para onde ele estava olhando; seu rosto estava envolto em sombras, seus membros meio encobertos por seus cabelos. Eu respirei fundo, lentamente, e segurei, me achatando contra a estátua.

Não me veja. Não me veja. Não me veja.

Como se pudesse ouvir meus pensamentos, a criatura inclinou a cabeça.

Então desceu.

Ele flutuou pelo ar, pousando elegantemente em uma pilha de vestes e cabelos. A criatura — o homem — olhou em minha direção, seu rosto uma serpentina série de ângulos. Sua boca era uma carranca fina e astuta, seu nariz uma linha extensa entre olhos apáticos de carvão.

E sobre sua testa havia uma coroa de marfim.

“Você não precisa se encolher tanto,” o homem serpente disse, me reconhecendo, mas mantendo distância. Sua voz era lenta e melódica, um pó de seda sobre pedra. “Se você tivesse atendido a porta, eu teria entrado

corretamente.”

Eu me levantei da minha toca. “Não é minha porta para abrir.”

“A escuridão acena para os isolados. Se você não abrir a porta, ainda será encontrado”, ele murmurou, seus olhos nublados em pensamentos. Então, como se um peso tivesse sido tirado de seus ombros esqueléticos, ele suspirou. “Mas estou divagando. Serei convidado a entrar ou continuaremos essa charada na sacada? "

“Quem é você? Você é dos demônios?”

“Em um momento ou outro, todos nós somos quase demônios.”

Cerrei o maxilar. “Isso não é uma resposta. Eu perguntei quem você era.”

“E eu não lhe devo nada, sonhador.” Ele me encarou com seus olhos de carvão. “Mas eu lhe darei meu nome, porque você já o conhece.”

Por um momento, estudei-o, o ângulo de seus olhos escuros e inteligentes, os tons fantasmagóricos de sua voz. Ele falava como se conhecesse a tristeza, o desespero e a morte — os conhecesse tão intimamente que não os temia mais.

Ele parecia quase o mesmo que sua imagem no livro de contos de Weaver.

Somnus, Tecelão do Passado, fez uma reverência.

“Um prazer.”

OceanofPDF.com

Capítulo 27

“EM QUE CONDIÇÃO MISERÁVEL este castelo está”, observou Somnus, inspecionando a câmara do Portador com um olhar desdenhoso. Ele levantou a ponta de uma pintura em ruínas, sua tela rasgada em longos pedaços oleosos. Uma luz prateada saiu das pontas de seus dedos e iluminou a tinta. “Uma pena, considerando a esperança e a maravilha que estavam imbuídas em sua argamassa.”

Ele andava pelos pedaços quebrados da sala, parando a cada poucos passos para examinar um livro rasgado ou ranhuras cravadas profundamente nas paredes. Cada movimento era suave, cuidadoso, sem esforço; refinado ao longo dos séculos, seu corpo se portava com precisão perfeita.

Somnus era um fantasma que ganhou vida, um espectro vivo de um homem.

“Você fala como se tivesse construído este lugar.” Diante da expressão inquisitiva de Somnus, trabalhei para refazer minha declaração. Foi dito que os Weavers criaram tudo no Reino, misturando paisagens e simulando realidades como se eles também fossem os Criadores de seus mundos. Alguns sonhadores podiam alterar partes de seus sonhos, adicionando contexto ou ajustes conforme suas mentes achassem adequado, mas a maioria dos sonhos era criação direta do Weaver por trás deles. “Quero dizer—”

“Não. Não é minha criação; meu domínio repousa em outro lugar.” Somnus deixou cair a tapeçaria de joias que estava examinando. Ela brilhava enquanto caía, curvando-se sobre sua bota pontuda. “Mas você acha que é bonito, não acha? Mesmo em sua ruína, eu esqueço o quão grandioso o Reino parece para um sonhador. E este castelo é apenas um fio dentro da totalidade do Reino.”

Não respondi, mantendo meus braços próximos.

“Os sonhos se tornaram coisas inconstantes e sombrias. Sonhar de verdade—” ele fez uma pausa, seu olhar profundo se estreitando. Estava claro que ele não estava satisfeito com meu silêncio. “Certamente é primoroso aos seus olhos.”

“É lindo”, admiti, relutante em reconhecer especificamente a beleza do castelo do Portador. O Portador das Sombras era um inimigo mortal dos Tecelões; qualquer afiliação com ele aqui — além da minha aparição casual nele — era um risco enorme. Fingi examinar um candelabro sem chama. “Embora eu prefira um pouco de luz.”

“A beleza pode ser encontrada na escuridão, sonhador. Você não precisa ter medo de reconhecer sua afiliação com o Portador das Sombras, mesmo que ele tenha causado um grande tumulto há quinhentos anos.”

Ah, inferno.

Virei-me para Somnus. “Você sabe o que estou pensando.”

Ele deu de ombros. “Eu apenas testemunho impressões. Pequenos arrepios de emoção e crença.” Ele olhou para mim, onisciente. Mortal. “Mas sou experiente o suficiente para saber o que elas significam.”

A realização caiu sobre mim, pesada como o mar; Somnus não estava ali para bater papo, para comentar sobre a beleza do Reino ou o estado do castelo do Portador. Não — seus olhos falavam de algo mais profundo, mais mortal. Sua postura exalava sede de sangue, mesmo em meio à sua graça.

“Você está aqui para matá-lo, não é?”

Somnus me considerou por um momento, avaliando a maneira como eu estava, o aperto da minha mandíbula, o tremor nas minhas mãos. “Não, sonhador. Eu apenas testemunhei a escuridão escapando do seu castelo, destruindo o que restava dos limites do seu domínio. Pensei que o encontraria aqui, mas tudo Eu vejo você.”

“É porque ele não está aqui. Fui enganado para tomar o lugar dele.”

“Esse é o único propósito da sua presença aqui, então?” Somnus gesticulou ao nosso redor — para a câmara em ruínas do Portador, para a noite vazando pela parede sem cortinas. “Porque você tomou o lugar dele no mundo mortal?”

“O que mais eu poderia—”

“Essa não é a única razão pela qual você está aqui, sonhador.” Somnus puxou

uma arma sua da dobra de suas vestes. Era uma lâmina forjada do céu noturno, seu cabo esculpido em ônix e marfim. Pequenas estrelas dançavam ao longo de sua lâmina. “Seu propósito está além disso. O propósito *dele* está além disso. Mas mil almas escurecidas, libertadas? É uma preocupação incrível, considerando que elas ficaram contidas aqui por quase quinhentos anos antes.”

Engoli o medo que subia pela minha garganta.

Para onde eles foram? O que eu *fiz* ?

“Eu não consegui detê-los”, sussurrei miseravelmente.

Somnus se aproximou, deslizando silenciosamente pela pedra. Pensei que ele estava posicionando seu corpo para atacar, mas em vez disso ele me ofereceu sua espada.

“Um símbolo do próprio Criador.” Fiquei tenso, observando a arma ondular com poder. Tecelão ou não, eu não tinha ideia de quais eram suas intenções. “Use-o para canalizar os dons que lhe foram dados.”

Quando não fiz nenhum movimento para pegá-lo, Somnus gentilmente colocou sua mão sobre a minha.

“Por que você hesita?”

“Porque não entendo por que você está me oferecendo isso.”

“E eu não entendo por que o Criador faz o que faz. Eu só ajo sob Seu comando, confiando que Ele vê mais longe do que eu.” Um canto de sua boca se levantou. “Além disso, você é fraco e medroso. Você precisa de uma arma se quiser ter alguma consequência aqui.”

Bem, então.

Meu rosto ficou vermelho quando aceitei a lâmina, levantando-a com cuidado. Frio ao toque e vibrando com poder, não parecia mais pesado do que um pequeno cabo de vassoura.

Somnus abaixou a cabeça em uma pequena reverência. “Que ela o proteja e guie.”

“Como ela deve ser usada?”, perguntei, lembrando da lâmina do Portador, uma coisa letal de escuridão total, e da de Mithras, prateada e queimando com luz. Esta espada parecia diferente, de alguma forma, e ainda assim familiar de maneiras que eu não conseguia nomear.

“Como qualquer arma é usada. Seja seu portador, e ela o destruirá. Funda-se a ela, e você conquistará.” Ele separou o cabelo e uma espada curva emergiu, sua lâmina muito parecida com a presa de alguma fera enorme. “Ela também pode ser escondida em sua pessoa quando não estiver em uso. Você tem alguma preferência de onde?”

Pensei por um momento, lembrando como o Portador havia puxado sua lâmina da palma da mão. Um local fácil de acessar; parecia um local tão útil quanto qualquer outro.

“A palma da minha mão.”

Somnus assentiu, aprovação em seus olhos serpentinos. “Coloque a lâmina aqui—” Ele posicionou a espada acima do centro da minha palma, sua ponta quase perfurando a carne. “E use sua vontade para comandá-la sob sua pele.”

Fiz como ele ordenou, segurando o punho e equilibrando-o acima da palma da mão. Abaixei a espada, lentamente, cuidadosamente, imaginando que não era uma espada, mas uma brisa delicada ou um fio de fumaça. Mas hesitei. Então, em vez de passar como fumaça, ela passou muito como uma espada normal faria.

Definitivamente não como uma brisa delicada.

“ *Luz do Criador* ,” eu sibilei, estancando o sangue com minha manga. “Como é possível sangrar aqui? Nada disso é—”

“Real?”, perguntou Somnus, embainhando sua lâmina de volta em seu cabelo. “Existem diferentes partes do Reino. Algumas são mais físicas em natureza do que outras. Tente novamente.”

“Eu—” *Não sei se quero tentar de novo* , quase disse. Mas Somnus me olhou com um olhar tão cheio de expectativa e leve decepção que mudei de ideia. “Tudo bem. Certo.”

Respirei fundo, centralizando meu foco de volta na espada. Ela parecia zombar de mim, brilhante como era, imaginando por que *eu,* entre todas as pessoas, deveria ser seu mestre.

Fechando meus olhos, imaginei novamente que a lâmina não passava de uma sombra. Imaginei uma escuridão rastejante, devoradora de espadas, enrolando-se em seu comprimento, transformando-a inteiramente em névoa. Lentamente, deixei o peso da névoa se puxar para baixo, focando em como era ter a substância acumulada em minhas mãos. Então, meu punho direito caiu vazio contra a palma do meu esquerdo, e abri meus olhos.

A espada havia sumido.

Flexionei minha mão abrindo e fechando, maravilhado com a sensação da espada dentro. Minha palma doía, vibrando com frio e calor e a sensação de que havia algo dentro dela que queria *sair* .

“Você precisa testar.”

“Sim,” concordei, surpreso com o novo senso de propósito que se acumulava dentro de mim. A espada era uma veia de poder, uma arma familiar e nova. “Mas contra o quê?”

Somnus me chamou para segui-lo. “Algo que irá prepará-lo para encarar todas as almas obscuras que fugiram daqui.”

Caminhamos pelo castelo, em silêncio, exceto pelo movimento do cabelo de Somnus sobre a pedra. Ele se movia como se conhecesse o castelo intimamente, nunca hesitando em qual escada descer ou corredor seguir. Candelabros acendiam ao lado dele, brilhando de orbes que giravam sob suas mãos, e o castelo lentamente derretia em vida conforme nos aventurávamos. A luz deslizava sobre pinturas mais altas que árvores no Visstill, sobre cachoeiras rastejando como mel de estátuas de leões e serpentes.

Mas quanto mais andávamos, mais víamos decadência, podridão e ruína.

Galhos secos, semelhantes a cobras, chacoalhando ao irromperem do chão, arranhavam as pinturas, rasgando-as. Tetos arqueados adornados com espirais de prata e cobertos com gaze salpicada de estrelas desmoronaram quando passou por baixo, cobrindo o ar com poeira e revelando o céu acima. Então havia o que

os demônios deixaram para trás. Cada sala continha marcas de garras e dentes impossivelmente altos espalhados em pilhas de entulho e tecido.

O vestíbulo principal, a entrada luxuosa onde conheci o Bringer, era uma bagunça de móveis quebrados e poeira; parecia — e cheirava — como se não tivesse visto luz, ar fresco ou humanidade em anos. O que eu lembrava como tons vibrantes de esmeralda, ameixa e vinho agora estavam pálidos e sem vida, e o conjunto de espelhos e candelabros dourados estava quebrado em cacos no chão.

“A decadência pode se instalar tão rápido”, observou Somnus. “Este castelo é meramente uma casca sem seu governante. É simplesmente hipnotizante.”

Hipnotizante?

Com todos os escombros e sombras persistentes, parecia que um demônio apareceria a qualquer momento. Não havia nada de hipnotizante nisso. Somnus acenou para uma passagem abaixo do vestíbulo; ela descia em uma descida íngreme, velada em uma névoa de sombra. Dela, um cheiro familiar emanava. Algo úmido e parecido com uma caverna.

“Venha, sonhador. Estamos quase lá.”

Eu me esforcei para acompanhar enquanto descíamos, preocupada que meus pés pudessem se enroscar no cabelo de Somnus. Era uma cortina elegante e bonita, arrastando-se atrás dele como uma capa, mas era longa demais para alguém seguir com segurança. Quanto mais eu a estudava, mais me perguntava se ela possuía uma mente própria. E talvez tivesse. Sempre que meus passos se aproximavam demais, ela se afastava bem a tempo.

Pensei ter ouvido Somnus rir, uma vez. Provavelmente zombando da minha preocupação sem sentido.

Acabamos na caverna de água do Bringer, sua pedra molhada e a vegetação crepuscular eram uma mancha mutilada do que costumava ser. O buraco cortado em seu teto não era mais visível, emaranhado por vinhas como estava, fazendo com que o espaço fosse coberto por uma escuridão estranha e penetrante. Até a piscina central, com suas águas antes iluminadas pela luz das estrelas, parecia vazia e morta.

“E estamos aqui,” Somnus disse, sua voz ecoando. “Outro lugar perdido no tempo.”

Ele abriu bem as mãos, orbes saltando das pontas dos dedos e mergulhando fundo na piscina. Enquanto suas mãos seguiam, a água irrompeu em uma explosão de luz estelar, misturando-se com orbes que dançavam arcos lentos e sinuosos abaixo de sua superfície. Por mais profunda que a piscina fosse, não havia sinais de monstros espreitando nas profundezas. Parecia limpa — convidativa, até. Eu me vi de pé sobre suas águas, observando Somnus traçar símbolos e figuras sobre a luz prateada.

“Você está pronto, eu presumo,” Somnus murmurou, continuando a enfiar formas na superfície. “Use o que lhe foi dado e conquiste tudo que você enfrentar.”

Olhei para a superfície, esperando que algo saltasse para nós. A água ondulava, firme e brilhante, iridescente com estrelas. Clara e sem demônios, não continha pistas sobre o que ele queria que eu enfrentasse. Virei-me para encarar Somnus, com várias perguntas nos meus lábios.

Mas ele se foi.

Antes que eu pudesse reagir, uma força estalou contra meu ombro. Meu equilíbrio já estava instável devido à penumbra da caverna e ao poder vibrando sob minha pele; tropecei, debatendo-me.

A água me pegou rapidamente, mas não era mais água.

Eu estava em um poço, uma floresta de ossos cobertos de neve e podridão se estendia além dele. E no centro estava Elliot, seus olhos machucados e vazios.

OceanofPDF.com

Capítulo 28

“ELLIOT!” , gritei, me lançando em sua direção. Mas minhas pernas não se moviam — elas estavam presas embaixo de mim, presas por algo escuro como lama, mas espesso com osso, podridão e outras coisas imundas e nojentas. Ele se agarrou aos meus pés e me forçou a ficar imóvel.

Elliot se curvou sobre os joelhos, braços ossudos agarrando seus lados. Seu cabelo estava sujo e emaranhado, suas roupas nada mais que trapos longos e minguantes. Elas me lembravam das roupas do demônio cinza — nada adequado para um garoto humano.

“Sawhee,” ele gemeu, soluços saindo profundos e pesados de seu peito. “E-eu sou sawhee Mothah. Eu sou sawhee Fathah. Eu sou sawhee 'smeh.”

Minha pele se arrepiou com essa palavra: *sawhee* .

Enquanto crescia, Elliot lutava para dizer certos sons. Outras palavras dele eram confusas ou completamente estranhas; ele gostava de criar novas frases e sons, juntando-os em uma linguagem toda sua. E sua linguagem também era a minha. Eu conseguia entendê-lo quando ninguém mais conseguia. Ou quando ninguém mais se importava em tentar.

Mas ele tinha superado isso. Anos atrás.

Dei outra olhada em meu irmão. Ele estava mais magro, menor — sua voz vacilante e mais infantil do que eu ouvia há algum tempo. Este Elliot não era o mesmo garoto que deixei para trás em Norhavellis; este Elliot era uma criança devastada pela doença e pela fome.

“Sawhee!” ele uivou novamente, erguendo o rosto em direção ao poço infinito de ossos, neve e sujeira. O poço mudou enquanto ele uivava, lentamente desenrolando uma de suas bordas. Um demônio alado espiou por essa borda que se desenrolava, seu crânio cercado por chifres que coroavam olhos vermelhos e fumegantes. Onde seu rosto deveria estar, havia uma máscara de escuridão rodopiante, vazia de tudo, exceto aqueles olhos, e seu corpo era colossal, vestido com uma armadura que se moldava a cada parte de sua forma não natural. Elliot viu o demônio e uivou mais alto, chorando para um céu nevado e horrível.

“Elliot, olhe para mim!” Lutei contra o vento gelado que agora girava em volta do fosso. Ele grudou em suas costas, congelou contra as tiras de seus trapos. “Você precisa acordar agora mesmo! Lute contra isso — lute contra isso! Você não pode deixar isso te pegar — *por favor!* ”

Somnus me jogou em um dos pesadelos de Elliot quando ele estava morrendo de febre. Eu tinha treze anos na época; foi um ano que não teve fim nem começo. Havia apenas fome, escuridão e o cheiro persistente da morte. Mãe e pai conseguiram nos fornecer elixir — o suprimento norhavelliano, eu sabia agora — mas somente depois que Elliot nos contou sobre seus sonhos.

Eles tinham sido horríveis, aqueles sonhos. Cheios de coisas mais vis e aterrorizantes, eles eram muito piores do que qualquer uma das histórias que conhecíamos. Mas por um tempo ele os escondeu de nós, determinado que seu silêncio significaria nossa segurança. Ele achava que seus sonhos eram culpa dele. Que ele tinha feito algo para merecê-los.

Mas ele nunca mencionou um demônio.

O demônio desceu lentamente, rastejando sobre a borda do poço e olhando com fome para meu irmão. Elliot fungou, seus ombros leves tremendo, inclinando seu rosto em direção ao som da minha voz.

“Você também é um d-demônio?”

“Não, eu sou sua irmã—sou *eu* . Sou Esmer.”

O reconhecimento surgiu em seus olhos opacos. “'smeh? Você quem fez diferente…”

Estrondo.

Continuando a descer, o demônio se aproximava cada vez mais, seus olhos brilhando com fogo do inferno. Sua armadura se movia a cada passo, o som ecoando, estrondoso — um estrondo profundo que abalava o núcleo da terra.

Estrondo.

E enquanto andava, meu corpo afundava mais fundo na lama. Primeiro meus tornozelos. Depois minhas canelas. Afundou em minhas coxas, mordeu fundo

em meus quadris. Uma respiração depois, e estava se infiltrando em meu estômago, frio e fétido.

Estrondo.

Eu estava impotente diante disto — *impotente* .

“Ajude-me”, implorou Elliot, estendendo a mão para mim. “Por favor, não vá. E-estou assustado.”

A lama estava pesada agora, apertando minhas costelas como um torno.

De dentro do meu braço, a espada começou a vibrar, me lembrando de algo.

Use o que lhe foi dado e conquiste tudo o que enfrentar.

Olhei com horror recém-descoberto para o demônio. Eu sinceramente duvidava que Somnus quisesse conquistar *aquilo* . Não parecia nem um pouco conquistável, mas era o único perigo ali — e eu era o único com algum poder para detê-lo.

“Criador, ajude-nos”, murmurei, puxando a lâmina da palma da minha mão.

Eu não nasci um lutador. Não tive treinamento formal, nem aulas de autodefesa ou esgrima; uma espada de verdade — uma com peso real e um histórico de batalha — nunca chegou às minhas mãos. Mas meus músculos eram um tanto fortes, afiados por tarefas e por carregar caixas de elixir de e para a aldeia.

Isso, e eu estava em um sonho. Certamente eu poderia ser mais do que eu era na realidade.

Certo?

Assim que a lâmina encontrou o ar, três coisas aconteceram: o demônio se posicionou para pular, sua mandíbula semelhante a uma nuvem se abriu para revelar dentes pretos, Elliot começou a correr e o chão abaixo de mim se solidificou. me cuspindo. O instinto me disse para levantar a arma bem alto, concentrando cada grama da minha força de vontade em fazê-la fazer o que quer que fosse que ela fizesse. O metal, refletindo um glorioso céu noturno dentro de

seu corpo, começou a brilhar, e a neve circulou em um padrão ao redor dele, girando rapidamente como uma nevasca.

“Hewhp!” Elliot gritou, cambaleando para se ajoelhar atrás de mim. Eu poupei uma mão para segurá-lo ao meu lado. “E-está *frio* , 'smeh. Eu quero ir para c-casa.”

“Eu também, Ell. Mas preciso derrotar essa coisa primeiro.”

Gelo cobria os cílios de Elliot e grudava no meu cabelo em tufos. Pisquei para conter as lágrimas, me concentrando, tentando o máximo para enxergar além da parede de neve rodopiante. O demônio estava lá fora em algum lugar, avançando pesadamente em nossa direção, mas a neve o obscurecia.

Estrondo.

“E-ele comeu o wight.” Elliot gorjeou.

Ele odeia a luz.

Minha respiração engatou. “Como você sabe disso? Você já viu esse demônio antes?”

Elliot assentiu, soluçando. “Mas nunca tão perto.”

O demônio atacou.

Ele avançou em nossa direção do vórtice de vento e neve, seu corpo tão maciço que partes ainda estavam obscurecidas em névoa cinza e leitosa. Eu balancei a espada para cima, desejando que ela fizesse contato, implorando para que explodisse com uma luz tão brilhante que forçaria a criatura a recuar — e ela começou a brilhar, brilhando com a força de um milhão de estrelas. Ela separou a neve e o gelo, levantou partes da névoa.

Não falhe comigo agora, espada. Por favor, não falhe comigo agora.

O demônio hesitou, inclinando-se para trás na névoa. Estava funcionando — a luz realmente o estava fazendo parar. Eu sorri em total descrença.

Está funcionando .

Mas de repente, assim que acendeu, a espada escureceu. Ela desapareceu em uma lâmina regular, algo que alguém poderia encontrar forjado em um ferreiro de aldeia. Elliot e eu olhamos um para o outro, horrorizados. O demônio cambaleou para frente, abaixando seu rosto sem profundidade para encontrar o meu. Não falava exatamente, mas eu podia sentir sua fome crua, sua raiva fervente. Um desejo cru e avassalador *de* me devorar por inteiro. Esta criatura era diferente de tudo que eu já tinha encontrado antes; ela ofuscava todos os demônios no castelo do Portador. Ela os fazia parecer insignificantes e pequenos.

E estava prestes a consumir Elliot e eu vivos.

Eu gritei quando ele tentou nos alcançar, incapaz de evitar que um som de horror primitivo escapasse dos meus lábios. Ele nos prendeu no chão com uma pressão de sua garra, quase forçando a espada das minhas mãos. Elliot uivou miseravelmente, se contorcendo contra a carne carbonizada da coisa, mas o esforço foi inútil; sua garra era do tamanho de uma carruagem, esmagando nossos corpos.

“Não consigo acordar, 'smer! *Não consigo* . Estou sawhee!”

Eu gemi, incapaz de respirar fundo. “ *Espera aí!* ”

Acordar não nos salvaria. Não assim. Não quando o demônio já havia nos reivindicado. Lágrimas vazaram dos meus olhos, ardendo minhas bochechas congeladas com seu calor. Somnus me enviou a esse sonho com um propósito, mas eu falhei com ele — falhei com meu irmão também.

Porque se esse demônio não fosse destruído, havia uma chance de ele alterar o passado de Elliot.

Eu cerrei os dentes em frustração, jogando meu peso para cima nos dedos do demônio. Se Elliot lutasse contra a Corrupção quando estivesse mais doente, ele morreria. Rapidamente. A febre já havia definhado seu corpo por meses; a deterioração física, em combinação mortal com a deterioração que vinha da Corrupção, teria sido impensável.

Uma imagem indesejada do Portador das Sombras dançava na minha visão periférica, me provocando. Ele era forte onde eu não era — tinha poder e comando sobre seus arredores de maneiras que eu apenas pegava emprestado. Inimigo ou não, se ele estivesse aqui, ele teria sido capaz de fazer alguma coisa.

A culpa é dele. Tudo isso—

“Você afirma conhecer a culpa de um homem sem primeiro conhecer sua alma?” A voz de Somnus soou, penetrante e clara em minha mente. *Esta realidade está além daquela do seu Portador da Sombra. Use o que lhe foi dado; veja a luz dentro da escuridão e deixe-a cantar.”*

Veja a luz interior.

Veja a luz interior.

Veja a luz interior.

Seguindo a direção de Somnus, comecei a ver algo dentro do demônio: uma pequena veia de luz, escorrendo de uma rachadura em sua armadura. A luz não era maior do que um fio de cabelo ou o caule de uma flor; ainda assim, estava lá. Esperando. Observando. Ansiando por escapar dos confins da armadura e do coração podre do demônio. Ele reagiu à espada imediatamente, brilhando mais e mais conforme a lâmina o absorvia.

O demônio fez um som miserável, seus dentes brilhando uma vez antes de desaparecer em seu rosto nublado. Ele levantou suas garras enquanto rugia, sacudindo sua coroa de chifres. Elliot e eu nos afastamos, cambaleando para trás e tropeçando em nós mesmos enquanto eu lutava para segurar a espada em pé. A luz estava entrando nela agora, jorrando do demônio em um rio de sangue branco e banhado pelo sol.

“Está piscando!” Elliot exclamou, olhando maravilhado enquanto o demônio se dobrava sobre si mesmo. E conforme o demônio encolhia, a pele de Elliot clareava; seus olhos se tornavam brilhantes e luminosos, seu cabelo brilhava com cachos brilhantes. Ele não estava mais vestido com trapos; ele usava trajes adequados para um príncipe. Até a neve havia parado, substituída por uma chuva de luz. “Você conseguiu, 'smeh!”

Em segundos, o demônio foi reduzido à altura e estatura de uma cabra.

Seus chifres eram espinhos, seu rosto de nuvem de tempestade era uma nuvem de fumaça. Fiquei de pé sobre ele, furioso com esse demônio que aterrorizava meu irmão, pressionando a espada na carne exposta de seu estômago. Ele fez um som agudo e sibilante, caindo no chão em um ataque enquanto tentava recuar,

mas eu segurei, cortando direto através de carne, osso e sangue. Minha visão queimava vermelha, minhas mãos pareciam estranhas e vivas ao mesmo tempo. Apenas a parte de trás da placa peitoral do demônio, ainda envolvendo sua pele apesar de seu tamanho reduzido, me impediu .

Um som rítmico ecoou pelo poço.

As bordas do poço começaram a achatar, tremendo até que a paisagem ficou lisa e uniforme. A névoa também se dissipou, assim como a luz que fluía do corpo do demônio. Um exército foi revelado, liderado por um homem cercado por espadas flutuantes, uma mulher fantasmagórica vestida de branco e um homem com armadura carmesim e dourada.

Xander, Tecelão do Presente, Theia, Tecelão do Futuro, e *Mitras.*

A boca de Elliot se abriu. “Weavahs—!”

“Fique perto”, eu disse, gesticulando para Elliot se afastar do demônio. Ele ofegava em respirações irregulares e superficiais, soltando um último *suspiro* de ar enquanto a espada deslizava de seu estômago e voltava para minha palma.

“Seu relatório estava em falta,” Xander, Weaver of the Present, entoou para um soldado à sua esquerda. Centenas de soldados, rostos obscurecidos por máscaras, estavam atrás de seus líderes, marcados pela cor de seu líder. Os de Xander eram de ferro, os de Theia, de diamante, e os de Mithras, de ouro. “É apenas um filhote.”

O soldado de armadura de ferro curvou a cabeça. “Sinto muito, meu senhor. Talvez o demônio tenha movido sonhos—”

“Chega. Está feito”, respondeu Xander, autoritário e claro. Ele parecia como nos contos, um rei lendário tornado imortal. Cabelo castanho penteado para trás de suas têmporas para descansar sob uma coroa, emoldurando um rosto forte e astuto e olhos brilhantes.

Mithras chutou o corpo sem vida do demônio, arrancando um de seus chifres em forma de galho. “ *Um rosto selvagem como uma tempestade, corpo protegido pela armadura roubada do Criador.* Um relatório realmente falho. Criatura patética.”

“Eu não deixaria isso sujar minha bota,” Xander disse, a boca se torcendo em desgosto. O chão estava manchado pesadamente pelo sangue do demônio, e ele deu um passo para evitá-lo. “Venha, vamos retornar para a Cidadela.”

“ *Ahem* ,” Theia disse, gesticulando delicadamente para Elliot e eu. Seus olhos eram grandes e prateados, seu cabelo brilhante e cheio de luz, mas sua forma parecia falsa em sua perfeição; ela parecia uma escultura, uma pintura viva— não vivendo, não respirando. “Os sonhadores estão aqui; eles parecem estar lúcidos.”

A atenção dos Weavers se voltou para Elliot e eu, instantaneamente cautelosos. Mas quanto mais eles nos examinavam, mais desinteressados ficavam. Estava claro que não tínhamos importância; portanto, não merecíamos seu tempo ou atenção. Ainda assim, Mithras caminhou até nós, tédio e vaga curiosidade — mas não reconhecimento — profundamente em seus olhos dourados.

“É verdade? Vocês estão cientes, sonhadores?” Mithras perguntou, pairando sobre nós. “Quão raro.”

“Não posso acreditar que são vocês bem!” Elliot exclamou, ignorando completamente sua pergunta. “Lutando contra eles e coisas assim— *uau* !”

Agarrei o ombro de Elliot, puxando-o um passo para trás.

Os lábios pálidos de Theia se retraíram em um sorriso. “É como eu disse. Lúcido.”

"Mas quem é você?"

“Hmm?” Mithras respondeu, franzindo a testa.

“Elliot, pare—”

"Quem é você? Eu não sei se você talvez... Fenwee'eh?"

O olhar de Mithras ficou distante. Então ele colocou um único dedo enluvado contra a testa de Elliot.

"O que você está fazendo?" Elliot perguntou inocentemente, olhando de

Mithras para os outros Weavers e para mim. "Seu dedo está frio."

E assim, Elliot desapareceu.

“ *Não!* ” Eu me lancei para frente, sem pensar, e girei meu punho direto no queixo dourado de Mithras.

Atordoado, ele caiu para trás, batendo no chão ensanguentado. Por um segundo ele ficou em silêncio, descrença e raiva fervendo em seus olhos. Então ele rugiu, levantando-se.

“Eu apenas o *acordei* . Eu deveria levar seu—” Ele estendeu a mão para mim, mas sua mão congelou no meio do movimento.

“Tenha graça,” disse Xander. Ele levantou a mão, imitando a de Mithras. Quando ele a puxou para o seu lado, a de Mithras também caiu. “Uma caçada, não importa sua duração ou sucesso, não justifica tal comportamento vil. "

Theia assentiu, cruzando os braços. Uma fileira de braceletes, delicados e claros, ressoava em seu pulso. Eles subiam por seus antebraços, conectando-se esporadicamente às suas mangas finas. “Ele fala a verdade, Mithras. Devemos guardar nossa energia para o que importa.” Ela se virou para o exército de legionários, o capacete brilhando. “Garantir que a memória de alguém esteja ajustada.”

Os olhos de Mithras me perfuraram, frios e superficiais, apesar da cor mel. Observei enquanto ele reajustava sua expressão, mascarando seu ódio com algo parecido com indiferença.

“Desculpas, sonhador,” ele murmurou, fazendo uma curta reverência. “Foi um dia longo e árduo. Você entende, não é?”

Eu assenti e dei a ele um sorriso compreensivo, me esforçando para esconder a emoção que guerreava em minhas veias. Este era o Mithras de cinco anos atrás. Se eu chamasse sua atenção agora, ele faria uma visita a Norhavellis no meio da doença de Elliot? Eu não sabia se isso era uma ilusão ou se eu estava realmente no passado, mas não seria sensato correr o risco.

“Perdoe-me por bater em você,” eu ofereci fracamente. “Eu estava apenas sobrecarregado pela sua presença.”

Mas então — e se Mithras *tivesse* visitado Norhavellis cinco anos atrás? Em cinco anos, Norhavellis viu famílias dilaceradas pela morte, crimes nascidos do ódio e da miséria, e a constante descida da vila para a Corrupção. A cura recente deles não havia impedido nada disso. Se Mithras tivesse vindo, nosso destino teria sido diferente?

“Você está perdoado”, disse Mithras, levantando meu queixo. “É raro encontrarmos um sonhador que esteja ciente.” Ele sorriu tristemente, como se sentisse pena de mim. “Segure este momento, pois ele logo será tirado de você.”

Certifique-se de que sua memória esteja ajustada.

“Minha memória será apagada, então?”

"Sua memória desse sonho vai desaparecer, mas você não precisa ter medo. O demônio que você enfrentou hoje não vai mais te assombrar. "

Não é de se espantar que Elliot nunca nos tenha contado sobre ter visto um demônio. A memória foi tirada dele.

“Por que os Weavers estão se escondendo de Noctis?” A pergunta saiu de mim aos tropeços, incerta, mas decisiva. “Nós estávamos esperando — *implorando* — pelo retorno dos Weavers. Por que apagar nossas memórias? Por que nos deixar pensar que você nos abandonou?”

“Você não sabe de nada,” Mithras respondeu, olhando para mim como se eu fosse um inseto. “Os Weavers selaram o Reino contra todos os sonhadores para se protegerem. Enquanto você dorme, pacificamente embalado pelo elixir, eles têm estado ocupados travando uma guerra de séculos contra os demônios.”

“Mas e as vilas em dificuldades?”, continuei. Raiva e descrença queimavam intensamente atrás das minhas têmporas. “As pessoas *morrendo* de Corrupção que não podem pagar elixir — e elas? Como você pode pensar que—”

“ *Fique quieto* .” Os olhos de Mithras vagaram pelo meu corpo, pousando em minhas mãos. Ele sentiu a espada ali, à espreita? “Sua fé é tão escassa?”

“Não se trata da minha fé. Isto é—”

“E o que você acha que é? O que você acha que *sabe* ?” Mithras agarrou meu

pulso, me forçando a avançar, e sua mão estava em minha testa antes que eu pudesse me esquivar para sair do caminho. “Volte para a vida de onde você veio, sonhador.”

E então, como vidro, o sonho se despedaçou.

OceanofPDF.com

Capítulo 29

O PORTADOR DAS S OMBRAS manteve as costas tão retas quanto pôde, tentando parar sua respiração irregular. Seu coração era uma coisa quebradiça e quebradiça; seus olhos estavam semicerrados, cegos.

Escuridão em todo lugar.

Enrolou-se em volta dele, aquela sombra infinita, espremendo o ar de seus pulmões maltratados. Não trouxe nada além de um vento fraco e sinuoso que cheirava a inverno e noite.

Ele estava no Além. Ele tinha que estar.

“ *Não* ,” ele murmurou, a palavra um mero vislumbre do horror que o atravessou. Seus ossos pareciam frágeis e falsos. Ele estava vivo? Morto?

Ele piscou forte, limpando a lama de seus pensamentos. Sacudiu as mãos pelos cabelos, chutou o chão com o salto da bota. Escuridão, por toda parte.

Guarde para *lá* .

Ele cambaleou para a frente, apoiando-se pesadamente na parede enquanto a caverna iluminada pelas estrelas nadava ao seu redor. Estava como ele a havia deixado, uma catedral sombreada com um sacrifício vivo em seu altar. Esmer também estava como ele a havia deixado, cabelos escuros ondulando sobre a pedra e o rosto acomodado em uma expressão de serenidade. Ela era linda. Ele havia resistido a pensar — ou sentindo—tanto, mas ele não podia negar. Não tinha sido capaz desde que a conheceu.

Em outra época, talvez ele tivesse contado a ela.

Exceto-

Era a testa dela se tensionando, a boca se contorcendo em uma careta? O Portador piscou novamente, lutando em vão para arrancar a imagem de sua vista. Quando ela fechou os olhos pela primeira vez, afundando no esquecimento que

ele havia preparado tão cuidadosamente para ela, ele imaginou que sentiria esperança.

Alívio.

Triunfo.

Sinta *algo* além do poço profundo e turbulento de arrependimento e ódio de si mesmo.

Dias atrás, ele andou pelas profundezas de sua tumba, arranhando a superfície onde ele finalmente estaria livre para reivindicar sua vingança. Ele colocou uma mão sobre a entrada de pedra, sentindo a umidade e a areia dela grudando em sua pele, e imaginou o que ele faria com os monstros que condenaram não apenas ele, mas Esmer e sua família também.

Mas em cruel indiferença, não importa o que ele tentasse, a porta não abria.

E isso foi dias atrás.

Agora ele estava exausto, morrendo de fome e sede. Se ele dormisse além do altar, seu corpo mortal pereceria em poucas horas após entrar no Reino, desnutrido demais para se sustentar. Mas se ele dormisse em cima do altar, sua vida eterna e condenada começaria novamente.

Não.

Ele não deveria — *não deveria* — voltar. Ver o rosto de Esmer se contorcendo em agonia o assegurou disso. Ele precisava lutar por ela — e pelo que restava de sua vida. Mas ele também não conseguia escapar. Ele apodreceria nesta masmorra terrena se não se juntasse a ela, seu corpo definhando como os ossos de seus companheiros.

Ele se ajoelhou e colocou o rosto entre as mãos trêmulas.

Depois de *tudo o* que ele passou — a miséria, o isolamento, o medo — haveria algum sentido em deixar isso escapar? Agora, quando ele tinha bebido do ar verdadeiro e sentiu a luz em seu rosto pela primeira vez em séculos? Esmer — foi *ela* quem ousou entrar em seu castelo, *ela* quem o convocou aqui, *ela* que agora estava deitada sobre a pedra, medo e desespero forçando suas feições a

algo irreconhecível e errado.

Ela não merecia isso.

Ele precisava voltar.

Uma risada seca soou de sua garganta. Ele riu de novo, meio delirante e divertido por soar mais como um animal moribundo do que um homem que segurava algo digno de ser salvo. Ele rastejou ao lado dela de qualquer maneira, a respiração desaparecendo na névoa enquanto ele olhava para o teto acima. Ele tinha sido criado para se parecer com a lua e as estrelas, com o propósito de lembrá-lo do céu aberto, mesmo quando ele estava no subsolo.

Ou assim ele pensava.

Memórias se enfiaram no lugar quanto mais ele estava longe do Reino, bizarras e meio formadas. Memórias de Ceveon e Sorren. Memórias de um castelo de vidro e dos sonhadores ansiosos. Fragmentos de conversas, os rostos de beleza e horror, um vislumbre de um mar extenso e infestado de sombras. Um demônio blindado com olhos vermelhos e fumegantes.

Se ele retornasse ao Reino, ele perderia todos eles novamente?

Parte dele não se importava. Não se importava com a ideia de perder seu senso de identidade, dissolvendo-se de volta no Portador das Sombras e para longe deste homem chamado “Erebus”. Mas outra parte hesitou. Hesitou com um profundo e raivoso desejo por algo *mais* .

Era tarde demais para decidir.

Seus olhos estavam afundados no crânio e suas mãos pesadas contra os lados do corpo.

A última coisa de que ele se lembrava era da pele quente de Esmer, tão cheia de vida contra a sua, de uma única lágrima dela que ele enxugou, e do pensamento vago e ecoante de que ele poderia nunca mais acordar.

Mas ele devia tentar.

OceanofPDF.com

Capítulo 30

UM VENTO SUAVE batia em minha bochecha, trazendo consigo o cheiro profundo e persistente de uma floresta à meia-noite. Ele varria as curvas dos travesseiros abaixo de mim, despertando notas de zimbro e chuva.

Suspirei de contentamento, felizmente preso no meio termo entre a vigília e o sono. Não era sempre que Elliot permitia uma janela aberta enquanto dormíamos — algo sobre ele e um medo de pássaros — mas ele deve ter decidido que o ar fresco valia o risco.

E a mãe deve estar queimando uma vela nova — ou misturando algum novo remédio.

Respirei fundo, tentando decidir o que o cheiro me lembrava. O Visstill? Não, era muito complexo, muito *empoeirado* . Ele ardia com algo como incenso, algo parecido com madeira velha, e se contorcia em torno de um campo coberto de névoa, transbordando de coisas selvagens e bonitas.

Foi divino.

Elliot se aninhou ao meu lado, sua respiração regular e lenta. Sorri para mim mesma enquanto o ouvia respirar, relembrando os dias em que ele empilhava todos os seus cobertores e bichos de pelúcia na minha cama para que ele ficasse protegido de todos os tipos de coisas: ventos de inverno que vazava para as paredes rangentes do nosso quarto no sótão, solidão, ou mesmo os olhos vigilantes de um monstro nas sombras. Ele era mais corajoso do que imaginava, meu irmão. Embora ele nunca tenha entendido bem o porquê.

Estendi a mão para despentear seu cabelo, mas encontrei a pele dura e fria de seu pescoço.

“Você está congelando, Ell”, eu disse, jogando para ele um dos cobertores que se elevavam sobre mim. Ajustei meu alcance, enrolando uma mão em seu cabelo. Parecia mais macio do que o normal — não emaranhado e áspero. “A mãe finalmente fez você escovar o cabelo, hein?”

Elliot não respondeu, então eu abri um olho.

E quase pulou para fora da minha pele.

Dormindo ao meu lado, aninhado profundamente em uma pilha extravagante de travesseiros, estava o Portador das Sombras. Uma armadura negra grudava em seu corpo meio coberto, mais escura que tinta e lustrosa com novidade e qualidade. Nenhuma peça estava fora do lugar; desapareceu qualquer vestígio do material esfarrapado e encharcado de ferimentos de sua vestimenta terrena. E o próprio Portador estava de volta à sua verdadeira forma: boca irritantemente tentadora, pele limpa e sem sangue, e cabelos brancos como a lua se acumulando sobre o veludo abaixo dele.

Seus olhos se abriram rapidamente, suas íris cinza-claras encontrando as minhas. "É assim que eu sou", ele murmurou, a voz grossa de sono. "Frio." Ele gesticulou para onde minha mão ainda estava agarrada ao seu cabelo, e eu engasguei com minha resposta, me arrastando para a ponta mais distante da cama.

Um estranho meio sorriso surgiu em seus lábios enquanto ele se recostava nos travesseiros.

“É bom ver você, Esmer.”

“Você me *enganou* ,” eu gritei, o constrangimento se transformando em algo coerente e afiado. Minha nova arma formigava sob minha pele, dançando de antecipação. “Você me colocou naquela pedra para que eu te substituísse aqui. Como você pôde?”

Por um momento, ele pareceu pronto para negar. Então ele disse, fixando-me com um olhar brilhante e inquebrável, "Eu fiz — e foi um erro. Eu não deveria ter deixado você aqui sozinha. Isso não vai acontecer de novo. "

Eu *não* esperava um pedido de desculpas.

Nem para ele parecer como era, lábios expressivos presos em uma expressão séria.

“O que você tem feito todo esse tempo? Espalhando Corrupção, aumentando seu exército de demônios?” Em seu silêncio, eu avancei, agarrando seu ombro

sem pensar. Mesmo sobre sua armadura, seu corpo estava tão *frio* . Parecia que eu estava tocando um cadáver, não um homem com sangue correndo em suas veias. “Quem você matou? Que mal você—”

“ Mal *indizível* ,” ele respondeu seriamente, a boca inclinada em uma expressão que mostrava parte de seus dentes. “Em um ano, eu arrasei Noctis e forcei toda a humanidade ao caos e à guerra.” Sombras ondulavam de seus olhos, girando como fumaça. “Todos, exceto aqueles que eu considerei dignos, são Corruptos.”

“Você está zombando de mim,” eu fervi, movendo-me para golpear as sombras que se levantavam. Ele me pegou antes que eu pudesse; enquanto ele estava frio, seu corpo era sólido, uma arma feita para batalha e derramamento de sangue. “Estou aqui há apenas alguns dias. Um ano é impossível.”

“Um ano inteiro”, ele confirmou, seu sorriso ficando mais largo. “Você não descobriu que o Reino funciona de forma diferente do seu mundo mortal?” Enquanto ele se movia para acalmar minha agitação, cobertores se afastando de seu corpo, tive a repentina percepção de que o cheiro de zimbro, incenso e chuva era *ele* . Contra meu melhor julgamento, um rubor quente percorreu minha pele. “Um ano se passou, e meu exército de demônios é infinito, nutrido por almas Corrompidas. Somos milhares de fortes, e eu voltei para ser o rei deles.”

“ *Mentiroso* ,” eu sibilei. “Como você pode comandar seus demônios se eles se foram?” Seus olhos brilharam, revelando o menor resquício de descrença. Ele finalmente notou o silêncio além de seus aposentos? Eu continuei, imaginando a raiva que certamente estava se agitando dentro dele. “Eles escaparam da sua sacada — eles estão *livres* . Se você não tivesse saído da tumba, eles ainda estariam aqui.”

Sombras se agitaram ao redor de seu braço e varreram a pele onde minha espada se escondeu. Cravei minhas unhas nas palmas das mãos, me preparando para a luta que certamente estava por vir. Eu ainda podia sentir o cheiro do sangue do demônio de Elliot; eu o havia reduzido de um colosso a nada.

Use o que lhe foi dado e conquiste tudo o que enfrentar.

O Portador me enganou. Me *atraiu* para tomar seu lugar. Eu já havia sentido simpatia por ele antes — uma semelhança, até. Mas talvez tudo isso tivesse sido por um motivo — para me trazer aqui onde eu estava neste momento, sua

garganta exposta a um mero sopro da minha lâmina escondida. Talvez esse fosse meu destino — livrar o mundo do Portador das Sombras.

Ele se sentou ereto, o sorriso desaparecendo. “Esmer, eu nunca saí do túmulo. Eu tentei por dias, mas a pedra não se movia.”

“Eu—o quê?” As sombras se aquietaram e a lâmina na minha palma pareceu distante; ela deslizou para longe, não mais interessada em uma luta. “O que você quer dizer com você nunca foi embora? Então você realmente estava mentindo —”

“Eu não diria exatamente *mentir* . Pensei que você soubesse que eu estava brincando.”

“Ninguém na minha posição teria presumido que você estava brincando,” eu rebati, incrédula. Meu pulso estava acelerado; eu não sabia o porquê. “Você me traiu.”

“Eu não te culpo pelo seu ódio, se é isso que você sente,” ele respirou, virando as costas para mim e colocando os pés no chão. “Eu pretendia que você tomasse meu lugar, guardando o castelo até eu terminar de me vingar. Foi um erro egoísta e imprudente.”

“Bem, por sua causa e suas escolhas imprudentes, os demônios escaparam. Eu não pude contê-los. Eu não tive *chance* .”

Ele assentiu, a boca se contraiu em uma linha sombria. “Se os demônios realmente se foram, a Corrupção se espalhará implacavelmente. Será muito pior do que nunca.”

"E eu simplesmente devo acreditar em você? Como eu sei que você não está mentindo para mim agora?"

O Portador das Sombras passou uma luva pelos cabelos, parecendo bastante irritado. “Porque a culpa quase me devorou enquanto eu observava você dormir,” ele murmurou. Ele fez um pequeno som de descrença, como se ele ele mesmo mal conseguia entender. “Isso é o bastante para te convencer de que sou sincero?”

Balancei minha cabeça veementemente. “Não, não é o suficiente.”

estalo retumbante soou do teto, fazendo uma teia de cabelo e um enorme lustre caírem no chão. Pedras escuras ricochetearam pelo chão, rachando contra a cama, e uma estatueta de obsidiana do tamanho do meu antebraço bateu nas costas do Portador enquanto Somnus se desenrolava dos escombros.

“Seu crescente drama pessoal, embora *fascinante* como possa ser, é uma distração.” Somnus arrancou um dos braços do lustre de onde ele se enroscava em seu cabelo, estreitando os olhos em desgosto. “Seu castelo está em ruínas, Portador das Sombras. Você não teve tempo suficiente para fazer algo a respeito?”

“Somnus,” o Portador rosnou, sombras se contorcendo em seus ombros e descendo por toda a extensão de suas mãos. A sala escureceu, sombras se aprofundando e se aproximando.

“Vamos conversar ou você insiste na violência?”

“ *Não há palavras* .”

O Portador soltou um rugido primitivo e de cortar o coração ao pular em Somnus. Sombras os rasgaram como uma onda quebrando, e ambos caíram pela frente da câmara, caindo no chão abaixo. Eu cambaleei para fora da cama com dossel, olhando para o buraco onde o lustre uma vez pendia. Um pedaço de cobertor, um dos forrados de seda do Bringer, pendia de um canto nas vigas, a única evidência de onde Somnus tinha feito seu poleiro.

Somnus *dormiu* lá?

“Passei *séculos* imaginando como mataria todos vocês!”, o Portador berrou, rosnando novamente enquanto um *estrondo enorme* ecoava pela câmara. A risada de Somnus soou, clara e cheia de alegria. “Vocês não têm permissão para vir *aqui* —” *Estrondo. Estrondo. Estalo.* “—e *me dizer* o que fazer.”

Outra risada alegre ecoou, forçando outro rugido do Portador .

Aventurei-me até as escadas que levavam ao quarto do Portador, me escondendo no que restava da parede, e observei as sombras se derramarem abaixo, vazando de rachaduras, cantos e sob as bordas dos móveis. Elas saíam de buracos nas paredes e no chão, varridas da parte de baixo do meu cabelo. Todas correndo, desesperadamente, para o lado do Portador das Sombras enquanto ele

se enfurecia.

E ele ficou furioso.

O Portador das Sombras era a ira encarnada, suas sombras um mar vingativo de mordida e fúria. Com um golpe de suas mãos, elas se erguiam como uma só, e com um mergulho de seus ombros, elas giravam sob e ao redor dele. Elas se moviam conforme ele se movia; ele próprio era uma sombra viva e respirante.

Era difícil não olhar fixamente, não ficar boquiaberto de espanto enquanto ele lutava.

Mas Somnus também se movia como uma sombra.

O Weaver of the Past era fiel ao seu nome, entrando e saindo de vista como se não fosse mais do que uma reflexão tardia, um resquício de alguma memória há muito esquecida. As sombras do Bringer não conseguiam alcançar — não conseguiam envolver seus tentáculos em torno de sua forma fantasmagórica. Ele girava pela sala em flashes amplos e abrangentes, desviando da estrutura deteriorada do castelo com a facilidade de uma lenda centenária.

Então parou.

As sombras diminuíram a velocidade até um gotejamento, avançando lentamente como uma coisa rastejante e lenta, tremendo ao redor do corpo do Portador enquanto ele parava no ar, seu rosto contorcido em pura e inalterada ira. Somnus estava diante dele, entrelaçando fios de prata no ar. Eles se enrolavam para fora, segurando o Portador em uma enorme teia.

Somnus caminhou até uma poltrona quase ereta, afundando-se nela com um suspiro. “E saudações a você também, Portador das Sombras. Teimoso como sempre, eu vejo.” Ele bateu na borda da cadeira, colocando vagamente uma perna sobre um pedaço de entulho como um apoio para os pés. “Eu pensei que os anos teriam envelhecido você. Embora eu não consiga me lembrar de seu cabelo tão claro, e você esteja um grau bem mais bravo do que nunca. "

O Portador, congelado no tempo, lutou para falar, com o maxilar cerrado e os olhos arregalados.

“O que é isso? Parece que estou ouvindo algo, mas me escapa”, Somnus

murmurou, fingindo um olhar profundamente perturbado ao redor da sala. Quando seu olhar se voltou para o Portador, seus lábios se curvaram em um sorriso serpentino. “Ah, mas você parece estar preso na minha teia. Deixe-me libertá-lo.” A teia brilhou, visivelmente se soltando ao redor da metade superior do Portador.

O Portador da Sombra respirou fundo e irregularmente. “ *Deixe-me descer* .”

“Minhas desculpas,” disse Somnus, sua voz caindo em um sussurro conspiratório, “mas minha teia não vai se soltar. Você entende.”

A única resposta do Portador foi um palavrão em voz baixa.

“Esmer, venha se juntar a nós,” Somnus acenou, gesticulando uma mão branca como osso em minha direção. Sentei-me em cima de um baú virado, tomando cuidado para que suas bordas quebradas não cortassem a parte de trás das minhas pernas. “Temos muito o que discutir.”

O Portador xingou novamente. “Nós, agora? Não me lembro—”

Somnus enfiou os dedos na teia; ao seu toque, os fios prateados se apertaram, ganhando um grunhido de desconforto do Portador das Sombras. “Ah, nós temos. E já que suas memórias retornaram — pelo menos em parte — eu finalmente posso intervir. Isso, e a fuga dos demônios quebrou a barreira que me impedia de visitá-lo. No entanto, tenho uma suspeita—” Um fio rapidamente cortou um pedaço do cabelo do Portador das Sombras e meu, e outro fio os lançou em direção a um buraco no teto. Assim que as mechas tocaram o ar além do teto, elas queimaram, murchando em nuvens de cinzas. Eu estremeci, horrorizado. “—que algo ainda está impedindo vocês dois de deixarem este lugar.”

“Você *quer que* a gente possa ir embora?”, perguntei, incrédulo.

Seria estranho — inacreditável, até — pensar que os Weavers desejariam a liberdade do Portador das Sombras. Mas talvez eles precisassem da ajuda dele para reunir ou destruir os demônios perdidos. Se fosse esse o caso, eu desejaria a liberdade dele também. .

A voz de Mithras soou clara em minhas memórias, um aviso frenético.

Então, acima de tudo, não machuque o Portador das Sombras, e não o liberte de sua tumba ou de seu castelo. Precisamos dele lá. Eu preciso dele lá. Jure para mim, Esmer. Não o liberte.

Eu empurrei a voz de Mithras para o lado, tentando manter o foco. Talvez ele tivesse uma opinião diferente agora que os demônios do Portador das Sombras foram libertados.

“Seria ideal, sim. A proteção que protege este lugar foi quebrada, deixando vocês tão vulneráveis quanto pássaros com as asas cortadas. Isso, e vocês dois podem manipular a escuridão.” Somnus cruzou os braços, olhando para o buraco no teto. “A corrupção está apodrecendo além do ponto sem volta. Ela precisa ser eliminada para sempre, e eu tenho algumas teorias sobre como suas habilidades podem nos ajudar.”

“Os Weavers colocaram a maldição para começar,” o Bringer disse, claramente exasperado. “Se eles desejam minha ajuda, convoque o resto deles aqui, anule a maldição e acabe com isso.”

A boca fina de Somnus se apertou. “Não é tão simples assim. Os Sete não estão totalmente convencidos de sua inocência, e muitos ainda estão escondidos.”

“Que surpresa,” murmurou o Portador, sem soar nem um pouco surpreso. “Então, se os Tecelões se recusam a ajudar e a maldição ainda não foi retirada, por que você está aqui tecendo teias e cortando mechas do nosso cabelo?”

“Há algo obscuro em ambos os passados que os assombra. Algo que parece estar procurando por vocês ainda.”

“A única coisa que me assombra é *você* —”

Somnus suspirou, e o Portador congelou, a boca congelada em um rosnado. Seus olhos piscaram, furiosos; era o único movimento que ele era capaz de fazer. “Parece que você perdeu todo o senso de civilidade em sua prisão. Você está cheio de raiva e amargura e não muito mais.” Os olhos de Somnus suavizaram um pouco com isso, derretendo-se no que parecia arrependimento ou incerteza. Então ele disse, virando-se para mim, “Esmer, talvez você tem uma ideia do que te assombra. Eu te enviei para visitar um sonho onde a escuridão era mais forte —o que você viu lá?”

Um demônio alado espiou por cima dessa borda que se desenrolava, seu crânio cercado por chifres que coroavam olhos vermelhos e fumegantes. Onde seu rosto deveria estar, havia uma máscara de escuridão rodopiante .

A lembrança do demônio cortou minha mente, me enchendo de pavor. “Havia um demônio diferente de tudo que eu já tinha visto.”

“E como era?”

“Tinha olhos vermelhos que queimavam como fogo e seu rosto era como um __”

“Tempestade,” o Portador terminou, não mais congelado. “E tem armadura. E chifres.” Nós travamos os olhos, um entendimento incerto se formando entre nós. “Eu sonhei com um demônio assim quando criança. E eu o vi mais uma vez antes da maldição começar.”

“Interessante”, murmurou Somnus. “Então talvez esse demônio seja o elo.” Ele colocou a mão no meu ombro, parecendo inesperadamente simpático. “Esmer, tenho motivos para acreditar que esse demônio tem caçado sua família. Primeiro, sua irmã. Eden.” Um arrepio percorreu minha pele, se acomodando forte em meu estômago. “Alguns anos depois, ele encontrou Elliot. Esse foi o sonho que você teve.” Apertei minhas mãos, horrorizada com a verdade começando a se desvendar. “Mais recentemente, ele reivindicou seus pais. Naturalmente, você seria o próximo. Ou talvez Elliot mais uma vez.”

“Não, não Elliot. O Portador da Luz jurou que daria ao meu irmão uma vida digna em Istralla. Ele será cuidado, com elixir e tudo.” Olhei para os meus pés, que eu não tinha percebido que estavam descalços sobre o chão lascado do castelo. Eu estava dizendo isso a Somnus para convencê-lo ou para me convencer? Eu não tinha certeza. “Isso me resta.”

Mordi a unha do polegar, tentando aceitar essa revelação assustadora. Se eu me demorasse muito no fato de que Elliot poderia estar sozinho ou em perigo real, caçado por aquele demônio com olhos esfumaçados, eu perderia o pouco de controle que me restava.

O Portador se moveu na teia de Somnus, claramente desconfortável com o rumo que essa conversa estava tomando. “Um demônio caçando uma família inteira é algo inédito, Somnus.”

Somnus sorriu tristemente. “Seria, sim. Só que já aconteceu uma vez antes.”

“Uma vez antes—?” O Portador parou de falar, a testa franzida em confusão.

“Você quer dizer o Portador das Sombras e sua família”, sugeri.

O Portador balançou a cabeça novamente. “Isso é impossível.”

“Esmer está certo. Tenho motivos para acreditar que esse demônio caçou você primeiro, Portador das Sombras. Ele estava faminto por você, fazendo o que podia para se aproximar. Mesmo que isso significasse mirar em sua família e companheiros.” Somnus andava de um lado para o outro, cabelos pretos raspando o chão atrás dele. “O que me leva à minha proposta. Desejo enviar vocês dois para visitar três sonhos onde sinto que a escuridão é mais profunda. Mais do que três, e você corre o risco de se perder. Menos do que três, e você não aprenderá o suficiente.”

“Então, três sonhos onde esse demônio estará.”

“Teoricamente, sim. Porque se você puder quebrar esse demônio — ou aprender o suficiente sobre ele para determinar *por que* ele caça vocês dois — então talvez sua maldição seja removida. Além disso, se puder ser provado que esse demônio está conectado à raiz da Corrupção — e eu posso ver essa memória vivida através dos seus olhos no sonho — então os Weavers estarão inclinados a pensar em vocês dois menos como monstros e mais como uma bênção.” Somnus parou de andar. “Temos um acordo?”

Eu assenti. “Absolutamente. Se esse demônio realmente está caçando a mim e minha família, ele precisa ser tratado. Preciso saber mais sobre ele.”

Antes que isso possa machucar Elliot.

O Portador das Sombras se debateu contra a teia. “Ele está tentando nos enganar, Esmer. Se ficarmos presos nesses sonhos, talvez nunca mais voltemos ao presente. É assim que ele tortura seus inimigos.”

"Então, você não concorda com meus termos? Três sonhos e uma chance séria de sua liberdade? "

“A menos que seu pedido resulta tanto na minha liberdade quanto na sua

cabeça no topo de uma lança, eu me recuso.”

“Bem, infelizmente para você, eu valorizo minha cabeça.” Como se para enfatizar seu ponto, Somnus puxou sua lâmina, seu metal fino como uma agulha e brilhante, para fora de seu cabelo. “Cada fio é digno; eles não serviriam para nada sem uma vida para guiá-los.”

“Sua fala de enigmas é irritante,” o Portador começou, então parou, encontrando meus olhos enquanto a sala começava a se mover, cada canto tremendo com uma substância estranha e brilhante. Eu cambaleei para longe do baú, tropeçando na teia de Somnus.

“Eu não tinha considerado isso necessário,” Somnus zumbiu, sua voz diminuindo para um rastejar melado, “mas você não me deixa escolha.” O tempo ao nosso redor parou, congelando a sala em fios prateados e sombras sem luz. “Juntos, vocês devem reviver o que está perdido. Retornem para mim depois de confrontar a escuridão em três sonhos da minha escolha. No entanto, falhe nisso, e você não viverá para ver a luz fora das muralhas deste castelo.” Somnus abriu seu sorriso serpentino. “Mas pelo Criador, isso eu juro: seu sucesso lhe renderá liberdade deste lugar. Para sempre.”

“Não atenderemos aos caprichos de uma Tecelã”, rosnou o Portador.

O sorriso de Somnus desapareceu.

“Então você morrerá dentro dessas paredes. A escolha é sua.”

E com isso, ele desapareceu em um redemoinho de escuridão.

OceanofPDF.com

Capítulo 31

PELA PRIMEIRA vez em anos, acordei com o som de risadas.

Ela ecoava da barriga de uma criança e ressoava profunda e vigorosamente da garganta de um homem mais velho. Talvez o pai da criança — ou avô. Risada em sua forma mais pura e doce. O tipo de risada que poderia expulsar o medo e substituí-lo por algo quente e bonito.

O Portador das Sombras pairava acima de mim, carrancudo.

“Você consegue ficar de pé ou perdeu o uso das pernas?”

“Você não está exigindo?”, comentei, combinando com seu tom. “Talvez eu prefira descansar um momento e *não* seguir suas ordens, considerando que foram elas que me deixaram preso no Reino em primeiro lugar.”

Estávamos em uma sala vazia. Luxuosa e imaculada, suas paredes e pisos estavam enfeitados com tapetes estampados, estantes de livros esculpidas em árvores e cavalos, cadeiras bordadas e várias pinturas de uma família feliz e linda — um pai, uma mãe e seu filho de cabelos escuros. Sentei-me, observando a névoa se filtrar pelas janelas que pontilhavam o comprimento da sala. Sua única abertura, um arco imponente, girava com mais névoa, obscurecendo o que quer que estivesse além .

“Só venha,” ele suspirou, caminhando em direção ao arco. “Nós dois precisamos estar presentes para o sonho progredir.”

Em vez de segui-lo, eu vasculhei um vaso de peônias e flores silvestres, abaixando-me para respirar seu perfume. Um sentimento de pavor surgiu, sem ser convidado, e me vi sentindo falta da minha família e me preocupando com Elliot. Se eu estivesse com ele, me sentiria muito melhor. “Gostaria que Somnus tentasse me libertar. Prefiro enfrentar Mithras e seus legionários do que ficar preso aqui com você.”

“Notado,” ele disse, me dando um olhar fulminante. “Mas tenha em mente que se Somnus o libertasse do Reino, você se encontraria trancado dentro da tumba. Esse é realmente o melhor destino?”

“Estou começando a pensar que sim”, murmurei, enterrando meu nariz em outro vaso de flores. O Portador inclinou o vaso para o lado, forçando minha atenção de volta para ele. “Então isso significa que você realmente não conseguiu abrir a entrada?”

“Correto,” ele admitiu, a boca tensa em uma linha sombria. “Não importava meus esforços, a porta não se movia, e eu não tinha comida ou água para sustentar meus esforços. Era inútil.”

Coloquei meus braços em volta de mim. Não importava se eu escapasse do Reino para procurar Elliot — não se a Tumba do Devorador, inescapável e marcada pela morte, estivesse me esperando quando eu acordasse. Uma sensação horrível começou a afundar sob minha pele. Uma sensação de afundamento, de terra sendo empurrada para minha garganta e paredes se fechando.

Do outro lado da névoa, uma risada ecoou, me arrancando dos meus pensamentos sombrios.

Coloquei o vaso no chão, pronta para limpar minha mente e seguir em frente. “Então, onde estamos? Você reconhece este lugar?”

Ele deu uma olhada rápida e superficial ao redor da sala. “Parece familiar. Talvez eu tenha vivido aqui uma vez.”

“Parece similar ao seu castelo,” eu disse, apontando para uma paisagem que eu tinha visto na antecâmara do Bringer. “Embora o seu seja obviamente mais escuro. E em ruínas devido aos seus moradores.”

“Moradores que já não estão lá”, disse o Portador, com a voz levantando em falsa admiração. “Uma horda de demônios soltos sobre o mundo. O que seu Senhor Mithras diria?”

“Os demônios não teriam escapado se você não tivesse me forçado a ser seu sacrifício.”

“Sacrifício? Eu tentei fazer de você meu *herdeiro* ”, ele respondeu. “Você herdou um castelo inteiro e um reino para governar. Mas que sorte a sua que—”

“ *Sorte* minha? Se não fosse por você, minha irmã estaria viva e eu estaria em casa e em paz com minha família. Não aqui com você em um pesadelo eterno.”

“Eu já te disse — eu não machuquei sua irmã. Ou qualquer um da sua família, para falar a verdade.”

“Como você pode ter tanta certeza? Você nem se lembra de como a Corrupção começou, Portador das Sombras. Você não tem memória, mesmo que os contos o culpem com absoluta certeza.” Cruzei os braços. “Se eu te ajudar com isso, você me deve algo em troca.”

“A liberdade prometida deve ser suficiente para motivá-lo.”

“Não quando minha liberdade significa um túmulo escuro como breu, sem comida ou água. Ou Mithras decidindo que eu quebrei nosso acordo e decidindo machucar Elliot. Quero aprender mais sobre esse demônio — e espero que isso nos aproxime de acabar com a Corrupção — mas ainda me força a depositar muita fé em você.” Afundei-me profundamente em uma poltrona, cutucando a ponta desfiada de um leão bordado. “Fé que eu não tenho no momento.”

O Bringer me lançou um olhar exasperado. “Você está superestimando a escolha que tem.”

Experimente-me, Portador das Sombras.

Estendendo um braço, gesticulei em direção às várias estantes de livros da sala. Tomos grossos, encadernados em couro, estavam dentro de cada uma, alguns organizados por cor, outros por tópico ou até mesmo comprimento.

“Talvez minha *escolha* pudesse ser ler primeiro todos os livros deste lugar.” Escolhi um aleatoriamente, folheando suas páginas com bordas douradas, depois outro, uma monstruosidade vermelha com um escudo em relevo em seu meio. Cada um continha palavras — palavras claras, coerentes. Esse era o poder de um Weaver. Criar uma visão tão detalhada e visceral que existisse como realidade. “*Cada um* . Até os livros ilustrados.”

Como um guerreiro atraído para a batalha, o Portador se aproximou, a armadura brilhando perversamente. “Então eu os destruirei antes que você possa,” ele ameaçou, sombras escurecendo as bordas da sala e rastejando em direção às suas mãos estendidas. “Ou eu poderia pegá-lo e arrastá-lo comigo. Sua *escolha* .”

Lá estava aquela cintilação novamente, logo abaixo do meu pulso.

Agora não era hora de lutar contra o Portador das Sombras — não quando eu era lamentavelmente destreinado e ele parecia perfeitamente capaz de me estrangular com um único movimento do seu dedo indicador. Mas a espada era insistente. Ela coçava sob minha pele, forçando minha atenção como se estivesse sufocando em sangue e osso.

O Portador percebeu a expressão desconfortável no meu rosto.

“Você tem medo de mim”, ele zombou. “Apropriado. Talvez eu não precise de força, afinal. Você me seguiria de qualquer jeito, com medo de sua vida.”

"Não tenho medo de você", respondi, estremecendo novamente quando a espada cutucou minha palma.

“Viu? Você *recua* diante de mim.” O Portador cruzou os braços, me imitando. “Então, o que eu lhe devo pela sua cooperação?”

“O que eu quero é seu conhecimento,” comecei, sentindo um pouco de satisfação com a surpresa em seu rosto. “Ensine-me como usar as sombras — ou outras formas de poder no Reino. E então, quando estivermos livres deste sonho, você fará tudo o que puder para deter a Corrupção e salvar minha família da ruína. Mesmo que isso signifique fazer parceria com os Weavers e tratar Somnus com civilidade.”

“Parar a Corrupção não é como enfaixar um pequeno corte. É uma ferida centenária, tão larga e chorosa quanto uma tempestade.”

“Sua memória está quebrada. Talvez você esteja apenas esquecendo como,” eu disse entre dentes. “Mesmo que você não consiga lembrar ou não saiba como, você vai me ajudar a tentar. "

O Bringer beliscou a pele entre a testa, considerando. Então ele disse rapidamente, encontrando meus olhos, “Tudo bem. Sim, eu vou.”

“Bom,” eu disse, concordando. “E me ensinando coisas? Você está bem com essa parte do acordo também?”

“Não entendo por que você quer saber do Reino ou do meu poder,” ele começou, a prata em seus olhos se agitando no ritmo das sombras que se erguiam atrás dele. “O que você faria com esse poder — meu conhecimento? É

porque pode ser seu poder também?”

Implorando para ser liberada no momento mais inoportuno, a espada foi lançada do meu braço, aquecendo-se com vida no momento em que seu punho encontrou minhas mãos. Ela vibrou suavemente, como se contivesse uma alma dentro. E talvez contivesse. A alma de um demônio tão poderoso que poderia deformar montanhas e apagar o céu. Um demônio tão poderoso que Xander, Theia e Mithras tentaram esmagá-lo com o poder de três legiões.

O Portador recuou, olhando para mim como se tivesse crescido uma segunda cabeça em mim.

“Você me ameaça com uma lâmina que nem sabe usar.” Ele baixou o olhar para a espada, a boca se estreitando. “Somnus te deu isso?”

Segurei firme a alça. “Eu sei como usá-la.”

“Bom. Então prove que estou errado,” ele disse simplesmente, desembainhando sua própria lâmina. Era uma coisa brutal e distorcida; onde a minha continha partículas de luz estelar que serpenteavam em direção a um cabo de marfim e ônix, a dele era pura, preta e devoradora de luz. “Mostre-me que você não tem medo das sombras que nos prendem.”

Com um rosnado, ele atacou, com a lâmina erguida e sombras surgindo em seu rastro.

Então algo me ocorreu.

A espada desbloqueou dentro de mim algum conhecimento bruto e instintivo sobre batalha, destruição e guerra. Como aparar e bloquear. Como lidar com o peso de uma lâmina e se preparar para o ataque de outra. Como estudar o corpo de um oponente e reagir de acordo. Então quando eu encontrei o poderoso golpe do Bringer com um bloqueio meu, seus olhos se arregalaram — então brilharam intensamente com alguma excitação febril e desequilibrada. Sombras declinaram para seus cantos enquanto o Bringer se lançava para frente novamente, deslizando para o chão como se quisesse que essa luta fosse entre nós e somente nós.

Mas não era isso que eu — o que a espada — queria.

Queríamos a escuridão, queríamos a ascensão da sombra e da noite sob nosso controle. As sombras se moveram em minha direção, respondendo ao meu chamado, agarrando-se aos meus pés e dançando ao longo das linhas dos meus braços.

“Eles respondem a você,” o Portador se perguntou em voz alta, cortando para a direita e mirando um golpe no meu ombro. Eu desviei facilmente, intuindo onde posicionar a lâmina. “Mas você pode controlá-los?”

“É aí que eu preciso—” Eu me abaixei sob outro de seus golpes, usando o tapete sob meus pés para firmar meu equilíbrio. “—sua *ajuda* .” Sombras se agarravam a nós dois agora, subindo de nossos corpos como segundas peles. Ao redor do Portador elas se agitavam, refletindo sua fúria e desafio, mas ao meu redor elas tremiam, tremendo entre vários níveis de opacidade. “ *E você precisa da minha.* ”

Um vento forte começou a circular pela sala, derrubando cadeiras, quebrando vidros e espalhando livros pelo chão. Ele se concentrou em torno do Portador, enrolando-se em torno das sombras que agora envolviam seus membros e se erguiam alto sobre suas costas. Em alguns momentos, ele havia se transformado completamente, asas se abrindo de seus ombros e uma nova armadura cobrindo a maior parte de sua pele com bordas escuras e afiadas.

“Eu?”, ele perguntou, batendo sua lâmina no chão. Sombras explodiram sobre a sala, sugando toda a luz e cor. “Eu pensei em uma proposta diferente. Uma que envolve rasgar esse sonho de dentro para fora — e então fazer o mesmo com Somnus. Depois disso, podemos acabar com a Corrupção em nossos próprios termos.”

As paredes se dobravam para dentro e para fora, flexionando-se como uma criatura gigante e respirante. Elas tremiam sob sua destruição, chacoalhando enquanto ele retirava suas camadas. Mas mesmo quando caíam, elas resistiam — revertidas de volta para lugar como se seu criador, em algum outro lugar, lutasse para consertar cada pedaço quebrado.

Somnus e o Portador das Sombras travam uma feroz batalha de vontades.

Mas então algo mudou. Eu vi no rosto do Portador das Sombras enquanto ele se contorcia de triunfo para alarme; seus olhos se arregalaram, e sua mandíbula se apertou contra qualquer demônio interno com o qual ele estava lutando.

Abaixo de nós, o chão cedeu, desabando sobre si mesmo enquanto espelhos se estilhaçavam e móveis caíam em rachaduras, desaparecendo no vazio abaixo.

“Seu *idiota* !” Eu gritei. “Pare!”

Eu cambaleei para o lado quando uma estante de livros quase me esmagou, tropeçando em um globo que rolou para minha canela. Gritando, eu caí em direção a uma das rachaduras cada vez maiores, lutando para agarrar algo, *qualquer coisa* , enquanto o vazio, escancarado como a boca de algum monstro ímpio, me puxava para baixo. Era apenas um sonho — *tudo era apenas um sonho* — mas o medo, escuro e terrível, sacudiu minha pele, tão real quanto o medo poderia ser.

Como se despertado de um estupor, os olhos do Portador se voltaram para os meus.

Ele mergulhou em um redemoinho de sombras e asas negras como um corvo, puxando-me para perto dele no momento em que o chão cedeu com um *estalo final* .

Por alguns segundos ficamos em silêncio, olhando para o vazio abaixo.

A respiração do Bringer estava mais irregular do que eu esperava, seu peito subindo e descendo em puxões profundos e trabalhosos. Até seus olhos pareciam doloridos. Assombrados. Culpados. Não fazia sentido. Ele tentou destruir o sonho — não era isso que ele queria?

Qual era o sentido do arrependimento *agora* ?

Meus dedos se agarraram aos ombros dele, desesperados por uma pegada melhor contra a estranha textura marcada por sombras que os cobria. Um deslize — ou uma mudança de ideia do Portador — e eu despencaria.

“Eu nunca te deixaria cair,” ele retrucou. Ainda assim, ele fez questão de reposicionar os braços e apertar o aperto. “Somnus enfatizou claramente que isso deve ser feito em conjunto. O que não pode acontecer se você cair em um abismo.”

“Certo, bem, se esse foi nosso primeiro sonho, acho que falhamos”, murmurei.

“Testei o limite do sonho quando não me foi dado o direito de fazê-lo”, ele concordou, franzindo a testa. “Eu tinha dúvidas de que daria *certo* , no entanto.”

“Você arriscou nossa *liberdade* com base em uma *suposição* ?”

Ele grunhiu em confirmação.

"Você está louco."

"Não estou em meu perfeito juízo, não." *E já faz algum tempo que não estou* , ele pareceu sugerir.

Os destroços continuaram a cair enquanto a sala se desintegrava ao nosso redor, engolindo qualquer esperança de sua restauração. Pedras desabaram em vapor, livros se rasgaram enquanto queimavam, e a pintura da família se rasgou em pedaços. Eu meio que esperava que Somnus aparecesse na nossa frente, balançando a cabeça em consternação com nosso fracasso completo e absoluto.

O Portador gritou de dor, arqueando as costas como se tivesse sido atingido por um raio.

Uivos saíam de sua garganta, mesmo enquanto ele rangia os dentes contra eles. Seus membros estremeceram sob o peso do que quer que o estivesse atacando, e no caos seu aperto afrouxou. Enterrei minhas mãos em sua armadura, mas o material era escorregadio, líquido—

Eu engasguei, mal conseguindo me segurar enquanto seu corpo continuava a se debater de dor.

“Eu sou—meu poder, é— *não me solte, Esmer—!* ”

E antes que ele pudesse terminar a frase, a armadura do Portador desbotou e se transformou em roupas comuns e luvas de couro preto, as sombras em seus olhos pararam de dançar e as asas em suas costas derreteram em pó.

OceanofPDF.com

Capítulo 32

NÃO ME LEMBRO quando parei de gritar.

Algo molhado pressionou minha bochecha, fedendo a peixe morto e madeira podre. Eu pulei, horrorizado — apenas para encontrar lama pingando de mim. *Lama fria, viscosa e fedorenta* . Ela cobria o lado do meu rosto, descia pelo meu pescoço e se enterrava em todas as dobras da minha roupa.

Ótimo.

Limpei-o dos meus olhos, tentando focar na paisagem mal iluminada que me cercava. Pelo que eu podia ver, eu estava sentado diante de um lago escuro, suas bordas cobertas de taboas, névoa e espuma. Uma sombra de algo espirrou sobre a água antes de desaparecer novamente, impossível de ver abaixo da superfície.

Ao som de alguém cuspindo, eu me virei. Olhos cinzentos e opacos encontraram os meus através da névoa.

O Portador tossiu, sacudindo lama das mãos com desgosto. “Meu poder se foi,” ele disse asperamente. Como se para demonstrar, ele abriu o punho, franzindo a testa quando uma pequena sombra apareceu. Ela estremeceu pateticamente antes de desaparecer em uma nuvem de fumaça. “Eu não tenho *nada* . Aquele bastardo tirou de mim antes de cairmos.”

“Como isso é possível? "

“Esses sonhos são criados por Weaver. Enquanto estivermos aqui, estaremos à mercê dele.” Ele fez um som frustrado e violento. “Somnus tem autoridade para nos mostrar qualquer coisa. Fazer qualquer coisa. *Pegar* qualquer coisa. Pode ser a visão do passado, o sonho real e vivido de alguém, ou algo novo feito especificamente para nós.”

“E ainda assim ele nos deu outra chance.” O barulho errático de uma criatura grande e desconhecida soou novamente sobre a água. Eu acrescentei, tremendo, “Embora eu não esteja ansioso para que aquele demônio nos encontre.”

Ele deu um pequeno sorriso terrível, me pegando desprevenido. "Ou podemos encontrá-lo nós mesmos." Percebendo que eu estava observando, seu sorriso escorregou, descartado como uma máscara mal ajustada. "Algo sobre este lugar parece familiar. Acho que há uma vila além da névoa."

“Uma vila, aqui fora? Você tem certeza?”

Ele inclinou a cabeça, considerando. “Na maioria.”

Suspirei, olhando para a floresta e para o lago estranho e nublado. Uma cabana, imunda e caindo aos pedaços, estava na sua borda, mas não havia outros sinais de vida. Nenhuma luz, nenhuma voz. Apenas o som da água batendo na lama e o respingo ocasional de alguma criatura no lago. Estremeci novamente.

“Qual caminho?”, perguntei.

E ele pegou minha mão, me guiando para frente.

NÃO HAVIA uma aldeia além da névoa.

Havia uma *cidade inteira* além da névoa.

Construída com pedra luminescente, uma grande cidade se espalhava da floresta, desaparecendo na distância enquanto se arrastava ao longo da orla de um mar. Um vento vivo, subindo do mar e girando pelas ruas, polvilhava o ar com sal, cítricos — e algo nostálgico e triste. Demorei-me por um momento, tentando localizar o cheiro específico, mas tão rápido quanto ele apareceu, ele desapareceu na noite.

Olhei para o Portador das Sombras, que estava analisando a cidade com uma expressão ilegível. Reconhecimento? Agonia? Indiferença? Era impossível dizer. As sombras que viviam dentro de seus olhos foram quebradas, arrancadas com o resto de seu poder.

“Você sabe onde estamos?”

“É…” Sua boca se abriu ligeiramente, como se estivesse saboreando a costura de alguma memória há muito esquecida. “Istralla.” Então, mais confiantemente, “Esta é Istralla.”

“A capital do reino”, murmurei, olhando ao redor com um novo senso de propósito.

Istralla era a lendária capital do renascimento — de Weavers ocultos e adormecidos e da ilustre Citadel Firstlight. Era também onde minha família queria construir sua nova vida. E embora não fosse *exatamente* assim que eu imaginava ver Istralla pela primeira vez, foi maravilhoso, mesmo assim, observar a cidade brilhar com promessa e luz.

Mas quanto mais eu olhava, mais rápido suas bordas finas começavam a se desfazer. Algumas estruturas faziam sentido — chalés pitorescos, um mercado ao ar livre, uma loja de vestidos e chapéus — enquanto outras se distorciam em formas e tamanhos bizarros. Ao nosso redor, edifícios se transformavam em árvores, tremendo entre formas na borda da nossa visão, enquanto outros desapareciam e desapareciam, desaparecendo e reaparecendo no ritmo da nossa respiração.

A beleza distorcida de um sonho, eu supunha: metade realidade, metade apenas uma sombra da verdade.

Comecei a comentar sobre essa observação, mas o Portador das Sombras não estava mais ao meu lado. Girando ao redor, examinei a floresta e a orla da cidade. Somnus o havia forçado a sair do sonho?

Então, lá estava ele, entrando em uma estalagem próxima.

"Você está *brincando* comigo", eu fervi, apressando-me para segui-lo.

A pousada parecia um tanto indefinida em comparação aos prédios mais extravagantes de Istralla, cheia de pessoas de aparência normal reunidas em torno de mesas de aparência normal e o brilho quente de uma lareira em seu centro. O Bringer era fácil de localizar, uma mancha de escuridão em meio a clientes vestidos com cores vivas. .

“Imagino que você tenha algum tipo de pista?”, perguntei baixinho.

Ele me ignorou e caminhou em direção a um grupo barulhento de homens, cravando punhais nas partes mais profundas de suas almas enquanto riam em volta de cerveja e um assado meio comido.

“Vão embora!” O Portador rosnou, pegando uma faca de jantar e brandindo-a sobre sua cabeça. “Vocês não têm lugar aqui. Vão embora, e eu pouparei suas gargantas.”

Eu respirei fundo. Ele era um caso perdido. Um completo *idiota* .

Sem seus poderes, como ele poderia antagonizar um prédio inteiro de pessoas — algumas das quais estavam armadas — e sobreviver? Sonho ou não, uma batalha ainda era uma batalha. Dando um passo para trás, abaixei-me atrás do maior homem que pude encontrar, sua barriga derramando sobre a mesa em que ele estava sentado. Se eu pudesse me esconder, talvez pudesse evitar ser associado ao Portador completamente.

“Meu companheiro e eu precisamos da sua mesa”, ele acrescentou, gesticulando para onde eu estava escondido. Eu recuei, esperando que as pessoas começassem a olhar. Ou atacar. Mas os homens nem sequer levantaram os olhos da comida e da bebida. Irado, o Portador continuou, abaixando a voz para um comando mortal. “Não vou pedir uma segunda vez.”

Ainda assim, os homens se recusaram a se mover. Eles continuaram brincando e festejando, bebendo profundamente e rindo de coração. Eu assisti, levemente divertido, enquanto a expressão do Portador deslizava da descrença para a fúria total.

“Eu avisei”, ele disse simplesmente, batendo o cabo da faca no crânio mais próximo.

Só que não *bateu* exatamente.

O cabo ricocheteou inofensivamente na cabeça do homem, não representando mais ameaça do que um empurrão de uma criança.

O homem estendeu a mão para dar um tapinha no local onde o Bringer o atingiu. “É, rapazes, acho que tem um inseto voando por aqui. Acabou de me morder na cabeça!” O Bringer tentou de novo, jogando todo o seu peso no golpe. “É, ai! Aconteceu de novo! "

Seus companheiros lançaram um olhar penetrante ao redor da sala, rindo descontroladamente.

“Cara, não tem nenhum inseto voando por aqui.”

“Não, eu juro! O lugar está coçando e tudo mais”, protestou o homem, para a alegria dos outros. Bufando, ele apontou dramaticamente para uma mosca zumbindo no teto. “Viu? *Viu* ? Lá está!”

Outro homem entrou na conversa, cutucando-o de brincadeira no lado. "Mais como se você tivesse bebido cervejas demais para essa sua cabeça dura aguentar."

“Aye, cale a boca”, ele respondeu, afastando-se da mesa — quase colidindo com um Bringer visivelmente perturbado — e saiu furioso da estalagem. Seus companheiros o seguiram logo depois, rapidamente engolindo o resto da cerveja no caminho para fora.

Após uma breve pausa, o Portador sentou-se e escolheu a parte mais sombreada da mesa para ficar de mau humor.

“Sem efeito, hein?”, perguntei, sentando-me em frente a ele. No caminho, ninguém reconheceu minha existência. Nenhuma pessoa olhou para cima, mesmo que eu cutucasse suas costas ou acenasse minhas mãos na frente de seus rostos. “É como se fôssemos fantasmas.”

O Portador grunhiu em concordância, juntando as mãos sob o nariz. “Significa que estamos no sonho de outra pessoa. Algo que Somnus trouxe do passado.”

“O sonho de outra pessoa? Então esse poderia ser *o seu* sonho?”

Ele me ignorou e, em vez disso, estendeu as mãos sobre a mesa para pegar uma xícara e um prato vazios.

“O que você vai fazer, comer? Acho que temos coisas mais importantes para resolver.”

Ele me lançou um olhar fulminante. "Nós, agora." Diante do meu silêncio confuso, ele tocou a borda da xícara, concentrando-se enquanto ela se enchia com um líquido vermelho-rubi. Vinho, provavelmente. *Ou o sangue de sua presa inocente,* pensei sombriamente. Com outro toque, o prato — e depois vários outros — floresceu com frutas frescas, carnes grelhadas e uma fatia misteriosa sobremesa. “Vá em frente, descubra suas coisas importantes. Então você pode

me assistir comer, se é isso que você prefere. O demônio será encontrado de qualquer maneira."

Cruzei os braços. "Não quero nada da sua comida."

"Bom. Porque eu não te ofereci nenhum."

Bastardo irritante.

"Como isso é permitido, afinal?", perguntei, gesticulando para suas criações reconhecidamente deliciosas. "Achei que você não pudesse usar seus poderes."

Selecionando um pedaço de cordeiro, ele deu a primeira mordida, franzindo a testa levemente enquanto mastigava. "Se um ato de criação não interrompe o propósito do sonho, então é permitido."

Enquanto eu observava o Portador das Sombras comer, eu me perguntava qual era o sentido de tudo aquilo. Era para o bem da normalidade, comer e até dormir em um sonho? Fazia sentido, eu supunha. Se eu tivesse ficado trancado em um castelo por séculos, talvez eu também quisesse manter hábitos normais. Ele levou o copo à boca, bebendo profundamente. Mas quando ele levou o copo embora, os lábios corados com um líquido escuro, ele ainda estava com a testa franzida.

"Para alguém que come comida digna de um rei, você certamente franze a testa bastante."

"Invejosos, não é?", ele perguntou, tomando outro gole. Ainda assim, a carranca permaneceu.

"Não. Não estou com fome", protestei, cruzando os braços. No momento em que meu estômago soltou um ronco absolutamente patético. Uma reação instintiva ao ver comida, provavelmente.

O Portador ficou boquiaberto, satisfeito por ter me pego mentindo.

"Isto é um *sonho* . Não preciso da sua comida imaginária."

"Fique à vontade", ele falou lentamente, inclinando-se para trás para encarar o teto e terminar seu vinho, que se reabastecia sempre que o líquido caía muito

baixo. “Continuarei saboreando minha *comida digna de um rei* .”

Olhei para um morango especialmente lindo, incapaz de ignorar a fome espreitando minhas entranhas. Talvez eu tenha falado cedo demais. Por que eu *não iria* querer participar de um banquete digno de um rei? Colocando a fruta na minha boca, antes que eu pudesse pensar o contrário, fechei os olhos, esperando uma deliciosa e azeda explosão de suco.

gosma rançosa e enjoativamente doce encheu minha boca.

“Um ódio por morangos. Interessante.”

“O quê? Não. Estava *podre* —” Eu engasguei enquanto seu gosto grudava na minha língua. Agarrando o copo mais próximo, gesticulei para o Portador enchê-lo. “Encha isso — por favor — *ugh* .” Tomei um gole antes que o líquido tivesse se acumulado na metade do copo, desesperado para livrar a sujeira da minha boca.

Só que eu quase cuspi *isso* também.

Eu não tinha tomado mais do que alguns goles de vinho em toda a minha vida, mas o gosto dele nunca me incomodou. Não, vinho normal era bom. Era o fato de que a mistura do Bringer tinha gosto aguado, parecido com lama e vagamente azedo.

“Há algum problema?”

Fiquei boquiaberta para ele. “Você não sente o gosto — ou o cheiro? Está tudo errado.”

No começo, a comida e a bebida pareciam perfeitas, imaculadas. Mas agora a verdade de cada cheiro era inconfundível: a fruta estava podre, a carne era couro queimado, e a sobremesa parecia estar polvilhada com cinzas, não açúcar.

“Ah.” Seus olhos se arregalaram, um raro vislumbre de mortificação surgindo ali. “Minha habilidade de criar comida foi atrofiada no castelo. Posso ter esquecido o gosto das coisas.”

Seu paladar foi *esquecido* ? Mais como completamente *destruído* .

“Há quanto tempo você não come nada?”

“Além da tentativa patética da Light Legion de assar pato selvagem, eu não como nem bebo comida decente em…” O Portador parou para pensar, ainda bebendo de seu copo. “Quinhentos anos, mais ou menos. Embora o Reino tenha me impedido de lembrar ou vivenciar adequadamente a maioria deles.”

Minha boca se abriu. “Quinhentos *anos* ? Criador, pare de beber isso — você vai se envenenar.”

“Está bom o suficiente para o meu gosto.” Ele evitou minhas tentativas de roubando sua bebida, acenando o copo para fora do meu alcance. Ainda assim, quando ele tomou outro gole, sua boca se contraiu em desgosto. “Mas se não for para você, crie o seu próprio.”

“Como?” Inspecionei uma xícara vazia, desejando que ela enchesse até a borda com um vinho rico e perfumado. Quando nada aconteceu, sentei-me frustrado. “Não está funcionando.”

“No meu castelo, você projetou um sonho inteiro de memória. Uma taça de vinho ou uma fatia de pão devem ser simples.”

“Vindo de alguém que não consegue nem fazer um morango ter gosto comestível,” eu murmurei, ganhando um endurecimento da postura do Bringer. “O quê?”

Ele se aproximou, o vinho manchando sua boca parecendo mais e mais com sangue. “Você me insulta casualmente para alguém que alega desejar meu conhecimento.”

“Mostre-me como, então. Pode ser a primeira coisa que você me ensinará. Conforme nosso acordo.”

“É isso que você quer que seja sua primeira aula? Um tutorial sobre a arte da comida?”

“Estou interessado apenas no ato de criar coisas, só isso”, eu disse, irritado.

E era verdade.

Eu queria me libertar do Reino, mas parte de mim também queria aprender mais sobre ele. O que significava, como funcionava — como se mover dentro dele e se tornar poderoso o suficiente para resistir ao ataque de um demônio. Sonhar provou ser uma espada de dois gumes de beleza e dor, realidade e ilusão, e eu não podia negar que partes disso eram fascinantes. Se isso significava cooperar com o Portador das Sombras, então que assim fosse.

Eu apenas rezei para que Somnus tivesse um plano maior ao lhe oferecer sua liberdade.

“Você está, agora?” Com uma leve ruga na testa, o Portador agarrou minha xícara vazia. “Talvez eu tente explicar. Mas estou esperando algo comestível. "

Não consegui evitar. Quase sorri.

Ele deve sentir muita falta de comida, mesmo tentando esconder.

“Então farei para você o melhor vinho do mundo.”

Ele arqueou uma sobrancelha, quase sorrindo. “Veremos.”

O Portador das Sombras explicou o processo com uma quantidade surpreendente de cuidado, detalhando a importância de experiências passadas e memórias ao criar algo no Reino. Mesmo se a criação fosse um novo objeto ou habilidade especial — algo como asas ou fogo irrompendo das pontas dos dedos — era sempre desenhado da memória.

Mas quando aprimorada corretamente, a imaginação pode ser ainda mais forte.

Um sonhador com uma imaginação forte poderia criar criações extraordinárias e realistas, extraindo pensamentos tão poderosos quanto a própria memória. Indomável, no entanto, a imaginação continha riscos. Uma espada imaginada poderia explodir em uma serpente. Ou uma vela. Um inferno, até.

Enquanto me concentrava no copo à minha frente, inclinei-me para ambas as técnicas, lembrando-me de uma bebida de verão com suco de ameixa e pétalas de rosa esmagadas, mas também imaginando como seria sentir o gosto de seda líquida. O copo encheu-se lentamente enquanto eu decidia a cor certa, finalmente decidindo por um rubi cintilante e roxo.

Levei o copo aos lábios, esperando algo terrível.

No primeiro gole, tinha um gosto selvagem. Rosa perfumada, carvalho e ameixa. Não era vinho, exatamente, mas também não era suco. E a textura era exatamente como eu havia imaginado — mais suave que seda na língua, deslizou pela minha garganta como uma carícia, formigando enquanto se movia. O Portador deve ter notado o prazer na minha expressão — ou o líquido rapidamente diminuindo na minha xícara — porque ele o arrancou das pontas dos meus dedos, parecendo bastante presunçoso ao levá-lo aos lábios.

“Ei, eu não estava—”

O Portador deu um suspiro gutural e satisfeito ao terminar a bebida, provavelmente sem a intenção de que o som fosse ouvido. Seus olhos se ergueram, um comando claramente escrito ali. Por um momento, imaginei como seria não sentir o gosto da comida ou da bebida por cinco cem anos. Seria realmente possível esquecer algo tão básico quanto *o gosto* ?

Pela expressão eufórica do Portador, parecia que sim.

“Tudo bem, tudo bem — vou encher de novo. Só — pare de me encarar desse jeito. Tenho que me concentrar.”

Isso continuou por algum tempo. Eu imaginava alguma bebida ou comida nova, e nós tomávamos parte disso juntos, o Portador em um estado constante de admiração muda enquanto se lembrava do que estava perdido. E ele amava tudo — amargor, acidez, doçura — e exigia mais, me tentando a experimentar criações novas e ultrajantes da minha própria imaginação. Leite na forma de um bolo. Um pêssego crocante. Uma flor açucarada, suas pétalas polvilhadas com um perfume de mel.

Estávamos no meio de uma tentativa de uma lua comestível, sua superfície brilhante feita de limão e massa arejada, parecida com bolo, quando a estalagem explodiu em aplausos. Eu quase caí da cadeira com o som, tão acostumado ao zumbido silencioso da conversa da estalagem.

“Muito vinho?”, ele perguntou, inclinando-se para me firmar.

“Claro que não,” eu retruquei, sem querer admitir que eu, de fato, me sentia um pouco tonto. Uma sensação imaginária, mas da qual eu não conseguia me

livrar.

“Você — aqui.” Ele passou um dedo por baixo do meu lábio, limpando uma gota perdida. “Como eu disse antes, a imaginação reina suprema no Reino.” Ele examinou seu polegar, agora ligeiramente úmido, então o lambeu. “As experiências parecem reais aqui. Às vezes mais do que na realidade.”

“Bem, eu me sinto mais como um fantasma, considerando que não existimos para ninguém aqui.” Alarmantemente, eu podia sentir um rubor subindo na minha pele; eu esperava que não fosse visível. “E as nossas criações?” Eu olhei para a lua meio comida, imaginando o que aconteceria se eu a jogasse do outro lado da sala. “As pessoas aqui não podem nos ver, mas elas podem ver o que nós fizemos?”

“Provável. Mas eles são muito vazios para se importar. O sonhador original, no entanto, pode notar. Se o Weaver governante quiser que seja assim, isto é.”

“O sonhador…” pensei, examinando os rostos ao nosso redor.

Ninguém parecia ciente de que nós — ou os pratos empilhados ao nosso redor — existíamos. E se o sonhador era uma versão passada do Portador, ninguém se parecia nem remotamente com ele. Não que alguém pudesse, exatamente. Não com suas feições sobrenaturais e cabelos brancos como a lua. E *seu* rosto estava um pouco vermelho por causa do vinho, ou eu estava imaginando isso também?

Definitivamente minha imaginação.

Levantei-me, ignorando intencionalmente minha tontura, e tentei ver o que a multidão estava olhando. Quanto tempo havíamos desperdiçado sem pensar? Tínhamos perdido algo importante — alguma pista sobre a próxima parte do sonho?

Entre os corpos aglomerados, avistei um garoto de cabelos negros, seus olhos quentes com a luz da estalagem. Ele agitou uma fita no alto, seu comprimento brilhando como escamas, e começou a recitar algum tipo de conto selvagem e teatral enquanto a multidão olhava, hipnotizada por cada palavra sua. Inclinei-me para mais perto, tentando entender o que ele estava dizendo.

“Volte”, protestou o Portador das Sombras, vaporizando alguns pratos para abrir espaço para mais. Um fio de sombra — apenas um arrepio de seu poder —

serpenteou para fora e agarrou a parte de trás do meu vestido. “A seguir, vou tentar um vegetal. Uma cenoura, talvez.”

“Acabamos de comer uma *lua* , e você quer uma *cenoura* ?”, perguntei, rindo. O Portador retribuiu minha alegria, com um meio sorriso torto nos lábios. Passei a mão pelo fio de sombra dele, quebrando-o. “Estou tentando ouvir aquele garoto. Talvez ele seja importante para o sonho.”

“Eu não me importo com uma criança sem sentido.”

Maker, ele *parecia* uma criança.

“Bem, talvez você devesse, considerando que não temos outras pistas para seguir.”

O garoto levantou a voz, quase como se soubesse que o Portador das Sombras o estava ignorando, e continuou com sua história, jogando suas fitas para cima em um movimento dramático. Quando elas se esticaram nas vigas eles se transformaram em um trio de serpentes, contorcendo seus corpos dourados enquanto voavam alto.

Isso chamou a atenção do Portador das Sombras.

“—e eu lutei contra todos eles!” O garoto gritou, brandindo uma espada imaginária enquanto fingia lutar contra as serpentes. “Eles ameaçaram nossas vidas. Eles queriam arrastar Istralla para o mar!” Ele se abaixou quando uma das serpentes mergulhou mais baixo; a multidão recuou, murmurando em espanto.

“Aquele garoto — ele é o sonhador?”

O Portador murmurou algo evasivo.

“Mas não tema. Eu venci os demônios! Então você está seguro agora — você deve sua segurança a mim,” o garoto declarou, sorrindo com todo o orgulho do mundo. E ele se curvou, a bainha de sua capa enorme tocando as tábuas do assoalho. “Agora,” ele continuou, endireitando-se, “Meus ganhos, por favor.”

A multidão não se moveu; eles estavam muito preocupados em observar as serpentes voadoras.

“Oh. Uh. Desculpe,” o garoto disse timidamente, transformando as serpentes em fitas novamente com um aceno de mão. “Eu as tinha sob meu controle, sabia.”

O Portador voltou a beber seu vinho, não mais interessado. “Criança gananciosa. Desesperada para livrar os pobres de suas moedas, mesmo enquanto sonha.”

Mas não era uma moeda que o garoto estava procurando.

Enquanto se movia pela pousada, ele coletava doações de comida e bebida, usando sua capa como uma mochila improvisada para carregar tudo. Ele organizava sua crescente coleção conforme andava, garantindo que nada derramasse. Pães, um pequeno saco de batatas, três garrafas de leite — ele pegou tudo, agradecendo a cada cliente com um sorriso radiante. Quando ele chegou ao fundo da sala, se aproximando de onde o Bringer e eu estávamos sentados em nosso canto sombreado, seus olhos brilharam.

“Agora, o que é *isso* ?” o menino se perguntou em voz alta, saltando até nossos pratos estranhos e pegando a lua meio comida. Ele estava um garoto impressionante: traços finos e nobres e cabelos pretos encaracolados até os ombros. “Uma bola de bolo ou algo assim? Hein.”

“Criança ridícula,” o Portador zombou, fazendo a lua desaparecer com um aceno rápido. “Essas criações não são para você.”

“Isso era realmente necessário?” Eu sussurrei-gritei. Embora estivesse claro que o garoto não podia nos ouvir ou nos ver, eu ainda sentia que ele podia. “Ele pode ser o sonhador.”

O menino olhou para suas mãos vazias.

“Já está acontecendo”, ele murmurou, sua voz aérea transbordando de grande tristeza. “Preciso me apressar — não há tempo a perder.”

Ele pegou dois dos nossos pratos, enfiando-os em sua capa e saindo correndo antes que o Bringer pudesse reagir. No meio da multidão, o garoto se virou, correndo de volta para nossa mesa para pegar um bolo de canela debaixo do nariz do Bringer.

“Por que você—” o Bringer começou, agarrando o garoto pelo pulso. Era inútil, no entanto—o garoto não podia ser segurado. Como se ele tivesse agarrado fumaça ou água, a mão do Bringer apenas escorregou.

Mas não antes do garoto olhar para cima e nos mostrar seus olhos.

Expressivo e emoldurado por cílios escuros, o início de pequenas sombras prateadas dançava em suas profundezas. Não precisei adivinhar; soube imediatamente quem era aquele garoto.

E, com base em sua expressão atordoada, o Portador das Sombras também.

OceanofPDF.com

Capítulo 33

CORREMOS por Istralla sob uma película de névoa salgada, seguindo o garoto enquanto ele se abaixava na floresta ao redor. Mesmo com sua mochila de comida e bebida, ele correu como se não carregasse peso extra, disparando sob galhos e evitando raízes com precisão especializada. A névoa também não o sobrecarregou; estava mais densa agora, agarrando-se a todas as superfícies e sufocando o ar.

"Então aquele garoto... ele é realmente você", eu ofeguei, lutando para acompanhar o ritmo do Portador.

“Evidentemente.” O Portador me lançou um olhar breve e irritado por cima do ombro. “Lembre-se do que eu disse sobre imaginação. Continue.”

Continue assim, hein?

Minhas pernas pareciam pedras e minha cabeça nadava por causa de todo o vinho, mas eu estava sonhando — e eu estava correndo como se não estivesse. Eu deveria ser ágil, não ficar atrás do Bringer e tropeçar a cada poucos passos.

Trabalhando com minha imaginação, protegi meus pés de pedras e galhos, aliviei meus membros e alonguei meu passo. Meu vestido foi o próximo. Era inútil e frágil naquele terreno, então o alterei para calças escuras e justas e uma túnica com cinto. Um vento cortante cortava as árvores, impossível de ignorar ou anestesiar, então adicionei uma capa de seda forrado com veludo grosso e confortável, inspirando-se nas roupas do Bringer e dando-lhe propriedades de fumaça e sombra. Correr tornou-se fácil, instintivo. Quanto mais eu me concentrava no que estava na minha frente, mais simples se tornava. Então fixei meus olhos no Shadow Bringer, imitando a maneira como ele se movia.

E o Portador se movia como sempre fazia — como uma coisa viva e escura.

Mesmo sem suas sombras para fortalecer seus passos, ele correu pela floresta como se fosse um espírito que habitasse nela.

“Você sabe para onde estamos indo?”, perguntei, liberando um fluxo de ar reprimido. Eu não me sentia como uma coisa da escuridão viva, mas pelo menos eu estava acompanhando. “É o seu sonho — você deveria saber.”

“Eu tenho uma ideia.” O Portador lançou um olhar por cima do ombro, evidentemente surpreso por eu ainda estar ali. Ou talvez fosse uma surpresa que eu agora parecesse um pouco com ele. “Seu coração não bate no Reino,” ele acrescentou, acelerando o passo. “Elimine sua influência e você vai parar de ficar sem fôlego a cada cinco passos. Nós respiramos apenas por hábito.”

“Não estou ofegante. E meu coração está bem.”

“Você é. E não é.”

Não convencido, levei a palma da mão ao peito. E ao pulso. E ao pescoço. Mas meu corpo estava quieto. Nada além de uma concha oca e silenciosa.

“Onde está meu coração?”

“Pergunte ao Criador.”

“Estou perguntando *a você* .”

Ele suspirou. “O Criador projetou isso, com medo de que a humanidade se esquecesse de si mesma dentro do Reino. É uma técnica entre muitas usadas para determinar se alguém está acordado ou simplesmente sonhando. Por hábito, no entanto, os sonhadores ainda tendem a respirar.”

“Estranho,” murmurei. “Eu nem tinha notado.”

No Reino, sangue derramou. Dor floresceu. Emoções queimaram de raiva e gelaram de medo e solidão. O Reino podia olhar e sentir real mesmo durante seus momentos mais inacreditáveis. Mas não batimento cardíaco? O Reino era um lugar estranho, mas essa era talvez sua qualidade mais anormal de todas.

O Portador parou, e eu colidi com suas costas. “O que você está—”

"Abaixe-se", ele sibilou, me puxando para a grama.

Tínhamos chegado ao lago. A casa, com suas paredes decadentes e cobertas de

sujeira, não estava mais escura ou silenciosa; suas janelas brilhavam com luz, e conversas saíam por entre suas frestas. Lá dentro, o garoto podia ser visto conversando com dois adultos — seus pais, talvez, pois eles compartilhavam suas feições escuras e finamente trabalhadas — enquanto ele oferecia pacotes de comida com um sorriso esperançoso.

“Achei que não poderíamos ser vistos pelo sonhador”, observei, me mexendo para não comer as folhas do mato onde o Portador nos jogou.

“Não, não podemos,” ele disse simplesmente, olhando atentamente para a cabana e tudo além dela. A névoa passou ao nosso redor como uma mortalha, permanecendo sobre nossas costas e transformando o cabelo do Portador em um véu de sua semelhança. “Somnus não projetou para ser, então seguimos suas regras.”

“Então por que estamos nos escondendo, exatamente?”

O Portador olhou para mim como se eu fosse um idiota. “O demônio.”

Desviei minha atenção da cabana, observando cada canto sombreado dentro da clareira. E havia *muitos* cantos sombreados. A maioria dos quais também estava envolta em névoa.

“Você é o *Portador das Sombras* ,” comentei, parecendo mais nervoso do que queria. Onde o demônio estava se escondendo? O que ele conseguia ver que eu não conseguia? “Subjugue-o ou algo assim com seu poder perverso.”

O Bringer estendeu a mão como se fosse me agarrar pelo queixo, mas parou, em vez disso me fixou com um olhar exasperado. “Se eu fosse seu senhor, então por que estaria me escondendo em um arbusto? Você é uma criatura tola.”

“Não sou mais tolo do que você”, respondi. Ele fez uma pergunta lógica. ponto, mas seu tom me irritou. Eu não era uma criança tola — eu não era algo a ser ignorado ou jogado fora. E eu tinha um nome. “Eu tenho dezenove anos. Pare de falar comigo como se eu não tivesse.”

Ele arqueou uma sobrancelha. “Idade não gera maturidade.”

“Isso é interessante, considerando que você está vivo há séculos e ainda é um __”

“O tempo não existe quando você é um fantasma”, ele disse com raiva. “Ele parou para mim no dia em que fui sentenciado a apodrecer no meu castelo.”

“Entendo”, eu disse, mordendo a língua para conter outra réplica.

“Se você deseja provar seu valor, *Esmer* , então invoque sua espada e me dê. Eu tenho um demônio para matar.”

“Use sua própria espada,” eu rebati, irritado. Se eu entregasse minha espada, minha *única* arma no Reino infestado de demônios, eu não tinha certeza se a recuperaria. E eu realmente não queria descobrir. “É minha.”

“Somnus roubou meu poder. Não o seu.” Ele se aproximou. “Dê para mim.”

"Eu não acho."

Sua carranca se contorceu um pouco, revelando as bordas de seus dentes. Do ângulo em que eu estava, eles pareciam mais com presas. "Devo estrangular o demônio com minhas próprias mãos?"

“Eu adoraria ver. Tenho certeza de que você se sairia muito bem.”

Eu recuei para fora do matagal. Minha palma estava formigando, vibrando com poder e me incitando que a espada embaixo queria sair. Rangendo os dentes contra o desconforto da pele queimando, eu desejei que a espada retornasse às profundezas de seu local de descanso original.

Mas a espada reagiu.

Ela ganhou vida em minhas mãos, brilhando perversamente, e o Portador atacou, tentando arrancá-la de meus dedos. Só que a espada resistiu, jogando-o com força no chão com uma explosão de luz.

Ele olhou boquiaberto para mim de onde foi jogado.

"Você quis que ele me *atacasse* ", cuspiu o Portador, tirando um pouco de terra da boca.

“Eu avisei você primeiro. Ele me escuta, não você.” Exceto Eu não tinha certeza *do porquê* a espada explodiu daquele jeito, jogando-o para trás com uma

força monstruosa, mas ele não precisava saber disso.

“Você quer lutar contra o demônio sozinho, então? Porque essa está prestes a ser nossa realidade imediata.”

Eu franzi a testa. “Não, mas—”

A porta da cabana se abriu, revelando o garoto de cabelos negros. Seu rosto estava vermelho e manchado, lágrimas brilhavam prateadas sobre sua pele, e os sons meio formados de uma discussão violenta o seguiam.

“Seu animal miserável!” gritou o homem lá dentro. Da janela ele parecia bonito; agora seu rosto parecia uma caveira e estava ficando cinza rapidamente. “Você é uma maldição para todos que o conhecem. Garoto imundo, imundo, *imundo* !”

O garoto tentou falar. “Eu só queria ajudar—”

“Você não é nosso filho”, a mulher se juntou a ela, atirando suas próprias palavras de condenação na noite. Ela também era linda, com cabelos pretos e soltos e feições finas e femininas. Agora sua pele infeccionava, afundando em rugas profundas e gotejantes que se abriam em feridas à medida que derretiam de seu rosto. “Filhos não fariam seus pais escolherem entre suas vidas e a vida de seus filhos.”

“Os filhos não sonhariam em estar trabalhando para sustentar.”

“ *Os filhos não deixariam seus pais morrerem!* ”

Juntos, eles gritaram com o garoto por roubar sua comida e deixá-los passar fome. Eles o culparam — o condenaram — por *tudo* . Sua fome, sua pobreza, sua dor e até mesmo suas mortes.

Foi tudo culpa dele. Sempre seria culpa dele.

O Portador das Sombras desviou o olhar, xingando baixo e profundamente.

Certamente esse homem e essa mulher eram os pais do Portador. E se fossem, esse sonho era terrível e cruel. Era o tipo de sonho sobre o qual fui avisado quando criança — sonhos de terror inimaginável, trazidos por um demônio que

não buscava nada além de devorar almas. Mas esse sonho de um jovem Portador das Sombras de mais de quinhentos anos atrás estava tudo errado. Sonhos como esse não deveriam existir naquela época.

Eles *não conseguiram* .

Não antes da traição da humanidade e da ascensão do Portador das Sombras.

Antes que os demônios se levantassem, os sonhos eram criados pelos Weavers para educar e influenciar em nome do Maker. Eles frequentemente continham lições, memórias ou visões do futuro, mas nunca continham esse nível de escuridão e ódio. O mal não servia a nenhum propósito para o Maker; portanto, não pertencia ao Reino.

“ *A comida deles sempre desaparece!* ” o garoto uivou para suas mãos vazias. Só que elas não estavam vazias — não exatamente. Duas manchas vermelhas e feias brotaram em sua pele, envolvendo suas palmas e subindo por seus antebraços. “Por quê? Por que isso sempre acontece comigo?”

O Portador da Sombra xingou novamente. “Está chegando.”

Do lago uma criatura começou a emergir, um gigante de pele escura e roxa. Seu crânio estava distorcido, sua boca uma massa de presas longas e curvas que se curvavam para trás em sua espinha. Não tinha braços nem pernas, então se arrastava até a costa em puxões pesados e deslizantes, e olhos vermelhos e fumegantes espiavam ao redor, procurando por algo. Parecia diferente do que tinha aparecido no sonho de Elliot, mas eu sabia em minha alma que era um e o mesmo.

Demônio.

Antes da queda do sonho, os demônios estavam trancados no Além. Eles não existiam no Reino guardado pela Weaver, e eles definitivamente não aterrorizavam os garotos enquanto entregavam comida imaginária para seus pais. A existência deles aqui não fazia sentido, eu percebi.

O garoto poderia tê-lo invocado de alguma forma?

“Isso nunca dura”, lamentou o garoto, jogando os punhos no chão. Ele não pareceu notar o demônio; a cabana começou a tremer, suas paredes cobertas de

terra vazando algo escuro e fétido. *“ Por que nada dura? ”*

O menino não *parecia* uma ameaça à humanidade. Ele era normal, comum. Não o Portador das Sombras, não o Devorador, não um inimigo da humanidade.

Mas talvez ele tivesse mais poder do que deixava transparecer.

O Portador enrijeceu. “Acho que me lembro do que acontece. Eu mesmo matei o demônio.”

“Sério?”, perguntei. O garoto nem tinha notado o demônio ainda; ele continuou a se arrastar até a praia, trabalhando suas presas enquanto provava a névoa. Tudo em mim gritava em resistência, lutando contra nosso silêncio. Nossa quietude. Eu queria dizer algo, *fazer* algo. O garoto, sozinho e visivelmente desamparado, não tinha chance. “Você nem *vê* ainda.”

O demônio estava agora na costa, retirando seu corpo da água.

“Eu—” O Portador fez uma pausa, visivelmente trabalhando em algo. “A qualquer momento.”

O jovem Bringer então olhou para cima, finalmente ciente do monstro à sua frente.

“E o que você está fazendo aqui?” ele perguntou, olhos cinzentos inabaláveis. “Você está aqui para zombar de mim? Eu já vi você antes. Não estou com medo.”

“ Você deveria ter medo, humano, ” o demônio rosnou, levantando-se para mostrar sua altura total. *“ Você acha que eu sou uma parte fraca da sua imaginação? ”*

“Tudo aqui é da minha imaginação”, o garoto disse simplesmente. Seu rosto se contraiu em concentração, quase como se ele estivesse desejando que o demônio fosse embora. “É hora de você ir embora.”

“ Que orgulho. ”

O garoto riu. “Espere só. Você vai embora antes do seu próximo suspiro.” Mas enquanto ele olhava fixamente, focando em cada membro e característica

distorcida da besta, nada aconteceu. O demônio ainda estava lá. Quando o garoto falou novamente, sua voz falhou. “Você ainda está aqui. Por que você ainda está aqui?”

“ Do lago eu te observei, observando seus fracassos. Você nunca salvará sua mãe. Você nunca salvará seu pai. "

"Cale-se."

“Eles passarão fome, eles murcharão. ”

“Eu disse *para calar a boca* !” o menino gritou.

“ Eles vão morrer.”

“Você não sabe disso!” O garoto rangeu os dentes, olhando para a mãe e o pai. Eles se pressionaram contra as janelas manchadas de sujeira; lágrimas caíram de seus olhos, curvando-se por suas bochechas apenas para cair em suas bocas gritantes. "Você não sabe *nada* sobre mim ou minha família."

Um buraco se formou, pesado e horrível no meu estômago. Este sonho não era destinado aos meus olhos — era privado, frágil, cru. Sonhos, criados por Weaver ou não, sempre continham pedaços de realidade; suas várias partes podiam ser fantásticas ou bizarras por natureza, mas o cerne disso, o cerne mais profundo e íntimo, estava ligado à realidade do sonhador. E se este sonho era um indicador do passado do Portador das Sombras, ele não indicava nada além de uma vida cheia de medo, pobreza e ódio.

E um garoto esperançoso e imaginativo tentando juntar os pedaços.

“Eles vão odiar você, até mesmo em seus sonhos. Você nunca mais será amado.”

“Você não pode saber disso,” o garoto protestou. Mas suas palavras estavam mais fracas agora — doloridas. Duvidosas. “Como você pode saber disso?”

“Você não tem propósito. Para que você vive?”

“Que tipo de pergunta é essa?” O garoto enxugou uma lágrima do olho, a pele por baixo ficando vermelha de frustração. “E você nunca respondeu à minha

pergunta.” Atrás dele, as vozes de seus pais se ergueram em raiva e mordida. “Por que você ainda está aqui? Por que não posso apagar você?”

“Porque eu não sou de vocês, humanos.”

“Então o que você é?”

“Eu não sou ninguém,” o demônio divulgou, *“mas eu posso me tornar você. Eu aliviarei suas dificuldades. Eu consertarei seus ferimentos. ”* O demônio deslizou para frente; o rosnado em sua voz suavizou, contrastando com a violência que saía da cabana. *“Deixe-me libertá-lo de sua vida. Venha e eu lhe darei descanso eterno.* "

Ao meu lado, o Portador praguejou.

Eu me virei para encará-lo. “Você disse que *matou* o demônio. Isso é um pouco diferente de deixá-lo devorar sua alma.”

“Eu o matei”, ele insistiu. “Mas não me lembro quando aconteceu. Ou como.”

Enquanto o Bringer e eu deliberávamos sobre o que estava acontecendo — e se deveríamos fazer algo a respeito — o garoto parecia estar considerando a oferta do demônio. Seus ombros se encolheram, pesados com algum peso invisível, e seus olhos se fecharam em concentração.

“ *Venha até mim* ,” o demônio ronronou, abaixando sua cabeça para que ficasse nivelada com a do garoto, “ *e nunca mais você sentirá dor ou tristeza. Sua solidão irá se transformar em escuridão. E na escuridão é onde você pertence. ”*

“Onde eu pertenço?” o garoto ecoou, levantando os olhos. As faíscas vivas de sombra se foram; seus olhos estavam achatados em algo sem esperança e triste. “A escuridão me segue desde antes que eu possa me lembrar. Estou cansado da escuridão.”

“Isso é só porque você resistiu a isso”, o demônio respondeu facilmente. *“Você é uma parte da escuridão. E a escuridão é uma parte de você.”* Ele torceu sua mandíbula no que parecia um sorriso. *“É o seu propósito.”*

“Eu nunca conheci um propósito”, disse o garoto. “O que eu faria com isso?”

O demônio começou a se mover; onde quer que ele deslizasse, um pedaço do sonho do garoto caía em decadência, e quando ele respirava fundo, guturalmente, perto da cabana, as vozes lá dentro eram silenciadas. Torci minhas mãos na grama, incapaz de assistir por mais tempo.

“Portador,” eu sibilei, esperando que ele concordasse com o que eu estava prestes a dizer. “Antes de você voltar para o castelo, Somnus me mostrou o sonho do meu irmão. Eu vi esse demônio lá também — mas eu fui capaz de reduzi-lo a nada com minha espada.”

“O que você está insinuando?”

“Bem, se eu puder fazer isso de novo, talvez eu possa te salvar.”

“Isto é um sonho. Uma *memória* .” Ainda assim, algo novo surgiu em os olhos do Portador, misturados com dúvida. “Não deveríamos ter a habilidade de alterá-lo. Somente o Criador pode alterar sonhos dessa forma.”

“Mas e se pudéssemos? Isso é passado, mas nós somos do presente. O *futuro* . Talvez tenhamos sido nós *que* atacou esse demônio. Você não se lembra como aconteceu. Não é—”

“Impossível. Os outros Weavers nunca permitiriam—” Na nossa frente, o garoto congelou, olhando para o demônio enquanto ele se enrolava em volta dele. Sua boca se alargou, revelando o comprimento abismal de sua garganta. O Portador rosnou em descrença. “Por que não estou fazendo nada? Por que estou deixando ele chegar tão perto?”

E então, com um grito de alegria, o demônio engoliu o menino inteiro.

OceanofPDF.com

Capítulo 34

O DEMÔNIO DESLIZOU sobre a cabana, passando a língua preguiçosa sobre os dentes.

“Ele devorou você”, eu disse distraidamente, olhando para o Portador em busca de esclarecimentos.

“Sim — e não.” O lábio do Portador das Sombras se curvou em desprezo. “Se ele tivesse realmente devorado minha alma, não estaríamos aqui. Sem um sonhador, o sonho desmorona.”

O demônio bocejou do alto das ruínas da casa, abrindo bem as mandíbulas. De dentro, o garoto gritou.

“Maldito seja,” o Portador rosnou, surgindo do chão. Se ele tivesse seus poderes, um turbilhão de névoa e sombras estaria se erguendo com ele. Em vez disso, ele tinha apenas a mim. “Solte-o.”

“ *Você não é deste sonho.* ” O demônio piscou enquanto nos olhava, inalando uma respiração lenta e em busca de cheiros através das fendas das narinas. “ *Ou deste tempo. Mas vocês dois têm escuridão dentro de vocês. O que é que vocês procuram?* ”

“Eu disse para deixá-lo ir,” o Portador repetiu. “Ele não é seu para ficar.”

“ *Mas ele é* ,” o demônio disse asperamente, abaixando a cabeça para que pudesse contemplar sua parte média. A pele ali era lisa, imóvel. Nenhum sinal de vida de dentro. “ *A escuridão é onde ele pertence. Estou defendendo seu direito de nascença. Seu destino.* ” Ele sorriu, sacudindo a língua enquanto deslizava em nossa direção. “ *É um vínculo simbiótico. Como acontece com todos os humanos. Mas especialmente com este. E talvez com você também.* ”

“Você está errado,” eu disse, mantendo minha posição ao lado do Portador. “Demônios roubam direitos de nascença e destroem destinos.” Lágrimas de raiva queimavam em meus olhos, me lembrando de cada corpo distorcido e

corrompido que eu tinha visto. Crianças corruptas, suas vidas quebradas para sempre. Homens e mulheres que nunca experimentariam um sono verdadeiro e tranquilo. Vidas dilaceradas e despedaçadas antes que pudessem ser totalmente experimentadas. “Nós nunca compartilharemos um vínculo com você.”

“ *Ah, mas você já faz isso* ”, o demônio ronronou. “ *Este é o começo de algo glorioso.* ” Ele estava perto agora, o arco de seu crânio tocando as árvores acima de nós. “ *Eu sempre me perguntei como seria respirar seu ar mortal.* ”

O Portador fez sinal para que eu me aproximasse.

“Ao meu chamado, distraia-o”, ele sussurrou.

“ *Como* , exatamente?”

O demônio rugiu. “ *Eu quero vestir sua pele. Sangrar seu sangue.* ”

“Posso lembrá-lo de que você 'reduziu um demônio a nada'?” O Portador parecia muito querer revirar os olhos. Pelo bem da minha dignidade — ou mais provavelmente da sua própria — ele não o fez. “Ou assim você alega. Então faça como fez antes no sonho do seu irmão.”

Ele estava certo. Não era hora de me encolher. Eu tinha que ser forte, de alguma forma. Eu assenti severamente, mordendo o interior da minha bochecha.

“ *Em breve saberei como é* ”, disse o demônio, com os olhos brilhando em êxtase.

Senti as mãos do Portador em meus ombros, um breve roçar de pontas de dedos frios. Então ele me empurrou para frente — bem na frente do demônio — com o que eu *jurei* ser uma risada. Virei-me para trás para gritar algo indelicado, mas ele não estava não está lá.

O demônio fixou seus olhos vermelhos em mim, com saliva escorrendo de seus dentes.

“ *Sua pele é macia. Seu sangue é perfumado. Acho que prefiro você à criança dentro de mim.* ”

Tremendo de desgosto, levantei minha espada na minha frente. Ela brilhava

com vida, mesmo na penumbra turva, e o demônio a contemplou, considerando seu nível de ameaça.

“Você não vai levar nenhum de nós, demônio.”

“ *Vem cá, menina. Uma verdade para um dos seus dentes.* ”

O demônio se moveu para atacar, manuseando seu corpo com velocidade e flexibilidade surpreendentes. Conforme ele deslizava, ossos começaram a crescer de suas costas, formando o formato de seis braços. Braços afiados em garras longas e brutais. Eu cambaleei para o lado, tentando desviar, mas eu era muito lento — uma garra pegou meu lado, rasgando minha túnica e a pele acima das minhas costelas. Eu bati em uma árvore com a força disso, ofegando enquanto eu tentava recuperar o fôlego.

Como eu poderia me curar? O processo era o mesmo de outras coisas — fazer uma taça de vinho ou um casaco forrado de veludo? O ferimento latejava, pingando molhado pelas minhas costelas. Tentei me concentrar na dor, no comprimento, no formato — mas o demônio se moveu de novo, rápido, rápido demais, me derrubando pela segunda vez.

O demônio abaixou a cabeça, me considerando. “ *Você me fascina, sonhador. Fragrante de fato é seu sangue. Como eu poderia derramá-lo mais? Vamos ver.* ”

Um lampejo de algo escuro e rápido chamou minha atenção — o Portador das Sombras, sob um dos braços do demônio. Ele havia se tornado uma sombra, um fantasma, uma memória, silenciosamente enfiando algo ao redor dos braços, espinha e cabeça do demônio. Algo fino, parecido com cabelo.

Fios de sombra saíam em espiral das mãos do Portador enquanto ele os entrelaçava com força.

Ele estava planejando prender o demônio de alguma forma?

Cerrei os dentes contra a dor que florescia em meu lado, determinado a fazer o que o Portador havia exigido. *Distraí-lo* . Eu lutei para os meus pés, encontrando o olhar do demônio. “Você é mais forte,” eu gritei, segurando meu lado sangrando. “Como você conseguiu fazer todos esses braços crescerem?”

“ Eu sou alimentado por aquele que me sustenta. Sou fortalecido por seu sangue, seus ossos e sua escuridão. ”

Meu estômago revirou em resposta.

Quantas crianças pereceram nas barrigas dos demônios? Quantas apodreceram na Corrupção ali, acreditando em cada mentira que seus sonhos amaldiçoados as alimentaram? Gentilmente, escassamente, a luz começou a se desenrolar da minha espada. Eu me concentrei em aumentar a luz da lâmina, deixando minha raiva e desespero alimentarem sua força, e imaginei que a luz poderia se mover, rápida como um chicote e tão fluida quanto o vento.

O demônio riu. *“ Amarre-me, amarre o menino. Mate-me, mate o menino.”*

Diante da ameaça do demônio, hesitei.

E se o demônio estivesse certo e eu *machucasse* — ou até matasse — o garoto? O Portador das Sombras morreria também, então? Demônios eram mestres de mentiras e meias-verdades. Ainda assim, parecia possível. Afinal, a Corrupção prendia um demônio, física e mentalmente, ao seu humano escolhido. Talvez essa fosse realmente a realidade sombria de tudo; que para matar um demônio, seu humano também deveria ser morto.

Não havia salvação sem morte, semelhante ao credo do Portador da Luz.

“ Você pode se juntar a ele, se preferir ”, o demônio rugiu. *“ Eu posso providenciar isso. Ou você prefere aquilo que não pode ter? O macho mais velho — o escolhido, o condenado?”*

Olhei para onde eu achava que o Portador estava, mas ele não estava em lugar nenhum. Eu tinha tentado ser corajoso, tentado bancar o herói, mas o medo ameaçava destruir tudo. O demônio era um monstro — um *monstro* .

“Deixe-o ir,” eu disse, minha voz mais feroz do que eu esperava que fosse. “O que você quer de nós?”

“ Eu farei uma barganha com você. A alma do garoto pela sua. ” O demônio feito para provar uma garra com ponta de sangue, seu rosto brilhante com triunfo, mas seu braço se sacudiu para parar antes que pudesse. Preso pelos fios do Portador das Sombras, o demônio não conseguia se mover. Ele rugiu, lutando

poderosamente contra as amarras, mesmo enquanto elas cortavam profundamente sua pele. “ *Sonhadores amaldiçoados — o que é isso?* ”

O Portador das Sombras irrompeu da floresta, usando sua colcha de retalhos de fios para escalar as costas do demônio. Enquanto ele escalava, ele enviou um sopro de sombra para os olhos vermelhos e fumegantes do demônio, cegando-o. O demônio rugiu novamente, e rapidamente, descontroladamente, o lago começou a subir. Sua espuma lambeu meus pés, tornozelos, canelas — o Portador terminou sua escalada, fazendo menção de arrancar um dos chifres do demônio de sua cabeça.

E a trombeta se soltou.

O demônio sibilou, debatendo-se em sua cegueira — pegou o Portador das Sombras desprevenido, e ele caiu, colidindo com seus fios, arrebentando-os. Ele xingou, tentando agarrar um fio, um osso, um chifre — mas eles escorregaram de suas mãos, assim que o demônio libertou um braço.

Aconteceu rápido.

O demônio jogou seu braço no Bringer, jogando-o na terra encharcada de lagoa. Eu esperava que ele se levantasse imediatamente — para se livrar do braço do demônio que o prendia debaixo d'água — mas o demônio persistiu, apoiando seu peso em suas costas enquanto ele se afogava. Corri para frente, levantando minha espada no momento em que o demônio agarrou seu chifre caído. Sibilando, rosnando, *sorrindo* , ele enfiou o chifre para baixo, apunhalando a armadura do Bringer e perfurando seu peito.

“ *Não!* ” gritei, estremecendo de agonia.

Era como se o chifre estivesse no *meu* peito. Eu não conseguia ver o Bringer, não conseguia ver se ele estava se movendo — apenas água escura e sangrenta, se acumulando de onde ele estava preso.

O demônio se virou. Sua visão havia sido restaurada; ódio queimava em seus olhos.

“ *Agora é a sua vez* ”, disse ele simplesmente, assim que suas amarras se dissolveram. .

Ele balançou para frente, alargando sua boca em um buraco colossal e infinito. Eu não conseguia me mover — lama grudada em minhas pernas, subindo com a água. Freneticamente, levantei minha espada, chamando desesperadamente por sua luz — tarde demais.

O demônio trouxe suas mandíbulas sobre meu corpo.

OceanofPDF.com

Capítulo 35

ELES AMARRARAM O CORRUPTO FINAL, lutando para manobrar seus longos membros e dentes rangentes. Um corte atravessava seu rosto, da têmpora ao maxilar, emoldurando cabelos longos e selvagens e pele suja de terra. Era um ferimento feio, com certeza, mas não um que fosse imerecido. Ele o havia trazido sobre si quando resistiu ao incenso deles e quase arrancou o dedo de um legionário.

Algo profundo dentro de Mithras gostava muito dele.

Silas se aproximou, exaustão — e resignação, talvez — se infiltrando em sua postura e passo. Por baixo da máscara, seu maxilar se contraiu. Mithras notou, como notava a maioria das coisas, e esperou, expectante.

“Qual você escolheu, meu senhor?”

“Aquele ali—” Mithras gesticulou para o Corrupto ferido. Seus olhos brilhavam como esmeraldas, como os de uma cobra. Eles tremularam uma, duas vezes, então se fecharam. “Ele virá conosco para a Cidadela.”

“E o resto?” Silas questionou, olhando vagamente para o outro Corrupto. Eles estavam em pilhas ali perto, esperando para serem reunidos. Alguns ainda estavam — dormindo, pacificamente; outros se contorciam ou gemiam enquanto o incenso tomava conta. “Há... muitos.”

Enquanto Mitra os contemplava, uma pequena e distante parte dele sentiu-se mal. .

Eles estavam sujos, vestidos de lama e outras imundícies. Mães, pais, crianças — todos de outra aldeia, muito carentes e desesperados para pagar ou regular o elixir. Ele sabia que nenhum era adequado. Estava nos olhos deles, principalmente — mas também estava na maneira como pareciam, cheiravam, *lutavam* .

Mithras arrumou seu rosto para refletir remorso. “Nenhum.”

"Mas nós pegamos tantos de Norhavellis", Silas começou, mudando o peso do

corpo de um pé para o outro.

“É a vontade do Criador. Seu glorioso propósito.”

Propósito . Mithras quase podia sentir o gosto da palavra. Terroso, enjoativo, enganoso.

Aldeões incorruptos, os poucos restantes que se lembrariam do dia em que a Legião da Luz veio para limpá-los de seus pecados, hesitaram no perímetro da Legião, rostos contorcidos de admiração. Eles sussurravam, tontos de alívio, sobre seus entes queridos Corrompidos. Antes de hoje, sua esperança havia murchado.

Mas hoje, na expectativa do Portador da Luz, a esperança viveu.

Ser purificado era ter propósito, mesmo além da brutalidade da Corrupção. Purificação era salvação — uma alma purificada tornada verdadeira pelo Senhor da Luz. Somente Mithras poderia absorver o demônio parasitário do Corrupto e deixar a alma original nua e livre. Uma alma transformada, uma alma linda e *limpa* , pronta para ser acolhida pelo Criador.

Mentiras, tudo isso.

A verdade era muito mais simples. Envolvia pás, terra e um pouco de discrição. Ao chamado de Mithras, Corruptos inadequados eram despachados e enterrados. Purificados não pelo Portador da Luz, mas pela terra e seus próprios corpos mortais e doentes.

Talvez essas almas ainda tenham chegado ao seu Criador.

Ou talvez não.

Silas assentiu, virando-se para reunir alguns dos homens mais confiáveis de Mithras. Antes de partir, ele acrescentou, calmamente, "Os legionários perguntarão por que eles não foram poupados — por que os Corruptos Norhavellianos foram trazidos para Istralla, mas estes não foram. "

“Eu falarei com eles”, disse Mithras, olhando para os aldeões restantes. Sua atenção passou por eles, em direção a um jovem garoto, acenando um cajado de incenso em uma mão e pressionando sua máscara emprestada, cerca de três

tamanhos maior, em seu rosto com a outra. É verdade que Elliot era um trabalhador útil, ansioso para provar a si mesmo enquanto seus pais definhavam, tudo para que Esmer pudesse ser libertada de sua sentença mais cedo. Era nobre — e tolo. Para si mesmo, ele murmurou: “Talvez eu diga que seu Criador os abandonou.”

Que apropriado , pensou Mithras. *Porque Ele já me abandonou.*

OceanofPDF.com

Capítulo 36

NA BARRIGA do demônio, encontrei o jovem Portador das Sombras.

Ele se ajoelhou em um manto de névoa, emoldurado por um vazio de preto. Não havia muito nele, realmente. Apenas um emaranhado de membros magros e roupas muito largas, olhos arregalados e tristes sob cachos de cabelo negro. Um grito distante de seu eu futuro — o que ele um dia se tornaria. Suas mãos agarraram a névoa, como se quisesse espremê-la até a submissão. Ou talvez fosse simplesmente para se aterrar a algo. Qualquer coisa .

Aproximei-me dele, surpreso quando seus olhos cinzentos se ergueram.

“Eu pensei que estava sozinho,” o garoto sussurrou. Ele parecia perturbado por eu estar lá com ele. “O demônio devorou você também?”

“Acho que sim”, eu resmunguei. Minha voz estava surpreendentemente crua e dolorosa. Eu estava gritando?

Levei um momento para estudar o poço do demônio. Ele se inclinava para cima em todos os lados, como um globo, e bem no topo, um pouco além de seus limites, havia um céu violento e agitado. O céu zumbia fracamente, pingando nas pontas na névoa que tremia, rastejando, sobre o chão. Tempo, luz e cor não existiam.

Só havia o jovem Shadow Bringer e eu .

Era perturbador que eu não tivesse acordado — que eu estivesse realmente *aqui* , apodrecendo dentro do estômago de um demônio. Soltei um suspiro tenso e frustrado. Este era o sonho de infância do Portador, mas também parecia real. Presente. *Vivo* , de alguma forma, e não apenas uma memória.

Voltando-me para o menino, perguntei: "Você está ferido?"

“Eu não sei,” ele admitiu, franzindo a testa enquanto examinava seus braços e pernas. “Eu não sinto nada.” Ele não parecia ter nenhum ferimento físico, mas sua expressão revelava um tipo diferente de dor. Seus ferimentos reais estavam escondidos, afiados, sufocantes. Ele encontrou meus olhos novamente, como se

quisesse dizer algo, mas não tivesse certeza de como. “O demônio disse que eu nunca mais sentiria dor ou ficaria sozinho. Então por que eu—” De repente, seu rosto desmoronou. Ele se virou. “Eu não sei por que—”

Sem pensar, coloquei uma mão em suas costas. Era como eu confortava Elliot quando ele estava doente ou assustado; um toque para lembrá-lo de que ele não estava sozinho. O garoto estremeceu a princípio, hesitando, mas um suspiro depois e ele relaxou, caindo para a frente para descansar o queixo sobre os joelhos.

Em um instante, o jovem Portador das Sombras se tornou o que ele realmente era: um garoto.

E percebi que nem sabia o nome dele.

“Eu sou Esmer,” eu ofereci calmamente depois que alguns momentos se passaram. “Eu sei que você não me conhece, mas eu quero te ajudar a superar isso. *Nós* vamos superar isso.”

O garoto levantou a cabeça. “Esmer,” ele ecoou, testando a palavra. “Nós compartilhamos algo em comum, pois eu também tenho um nome único. Meu nome é Erebus.”

Érebo.

Erebus me observou, avaliando minha reação. Outro tremor ameaçou morder meus braços, mas eu o segurei, forçando meus membros a ficarem imóveis.

“Acho que seu nome é—”

“O demônio lhe prometeu alguma coisa?” Erebus perguntou atentamente, interrompendo-me. Sua voz soou mais fria. Mais solitária. Eu só queria dizer que seu nome era interessante — poético, até. Eu queria esfregar um pouco da feiura que seus pais certamente lhe disseram. “Ele me disse que eu encontraria onde pertenço. Meu propósito.”

Acho que prefiro você à criança dentro de mim. Uma verdade para um dos seus dentes.

Eu quase podia sentir o hálito seco e podre do demônio em meu rosto.

“Parecia mais interessado em como eu teria gosto”, eu disse, balançando a cabeça em desgosto. “Não chegamos à parte em que ele me prometia riquezas ou uma boa fortuna.”

“Eu odeio demônios.” Erebus fez uma careta, um entendimento começando a surgir ali. “Sabe, o demônio disse que me conhecia, mas nunca sequer disse meu nome.”

Demônios eram criaturas perversas e poderosas, mas também tinham uma fraqueza. Eles ansiavam pelo que não tinham — não podiam — ter. Humanidade. Uma alma viva, respirando e uma vida de liberdade fora dos confins do Reino. Para conseguir isso, eles observavam. Eles observavam os momentos mais belos e dolorosos da humanidade, esperando nas sombras até o dia em que o véu caísse. O dia em que o elixir fosse esquecido, perdido, roubado — ou se tornasse impossível de ser comprado.

Eles eram parasitas, desesperados para se tornarem o que consumiam.

“Demônios são mentirosos”, respondi, tentando não pensar nos demônios que assombravam o castelo de Erebus. Os demônios que foram libertados por minha causa. “Eles gostam disso — mentem para que acreditemos no que eles querem que acreditemos. Talvez o demônio tivesse algumas de suas memórias ou adivinhasse o que você estava sentindo. Mas ele não conhecia você. Eles nunca conhecem de verdade.”

Andei até a borda do globo e coloquei uma mão em sua superfície. Ele resistiu ao meu toque; algo do outro lado estava empurrando de volta. Não parecia o interior de um estômago.

“Acho que esse fosso é um dos truques deles. Uma ilusão, talvez. Só precisamos descobrir como quebrá-lo.”

Erebus me observou com uma mistura de curiosidade e consternação. “É raro falar de demônios assim.” Ele se aproximou. “Você é da Cidadela Noite Eterna?” Ele deve ter visto a confusão genuína na minha reação, porque ele continuou, acrescentando rapidamente, “Deixa pra lá. Alguém da Noite Eterna não estaria aqui . Os tecelões não se importam se vivemos ou morremos.”

Uma desconfiança nos Weavers, mesmo quinhentos anos atrás?

“Por que os Weavers não vêm? Eles não deveriam estar protegendo o Reino?”

Pensei de volta nos contos. Os Sete prosperaram antes que o Portador das Sombras supostamente ascendesse ao poder, presenteando a humanidade com sonhos artesanais e abençoados pelo Criador. Levaria anos até o primeiro surto de Corrupção. Então por que Erebus *foi* deixado para enfrentar um demônio sozinho? Os Tecelões protegiam o mundo dos demônios, caçando qualquer um que escapasse por seu véu. Eles não iriam atrás deste?

“Você realmente acha isso?” Erebus cuspiu, cerrando os punhos. “Eles nunca me protegeram. Não deste pesadelo. Não do demônio. Não de nada. Eles me *abandonaram* .” Comecei a ouvir as semelhanças entre sua voz e a do Portador das Sombras. O ódio e a tristeza profunda e ardente. “Todos os outros sonham como deveríamos. Todos os outros podem voar, fazer mágica e *ver* coisas. Meus sonhos se transformam em pesadelos e terminam com meus pais morrendo. *E é sempre minha culpa.* ”

Erebus colocou suas mãos perto das minhas. Em vez de empurrar o globo, ele puxou, e a substância derreteu em sombra enquanto se esticava, agarrando-se às suas mãos. Vários punhados depois, o globo ainda estava firme. Bufando pelo esforço, ele se virou para mim.

“Minha mãe e meu pai achavam que eu era especial. Engraçado, não é? Eles disseram que os Weavers me levariam para a Noite Eterna e que eles nunca mais passariam fome.” Sombras dançavam em suas íris. Seu rosto, infantil, mas elegante apesar da idade, estava preso entre a fúria calculada e algo mais desesperado. Mais frio. “Mas então eles morreram. E nenhum Weaver nunca apareceu.” Suavemente, ele acrescentou: “O demônio me disse a escuridão era meu propósito. Você disse que ela não me conhece, mas acho que você está errado.”

Como se em resposta, a escuridão se aprofundou ao nosso redor, invadindo a névoa. Ela se moveu sobre o garoto que um dia seria o Portador das Sombras com sombras dançando em seus dedos e tristeza nadando em seus olhos.

Uma imagem do Portador passou diante de mim.

Ele ainda estava no sonho, esmagado sob o peso do chifre do demônio? Novamente, como se em resposta, o globo começou a mudar. Água se acumulava aos nossos pés, caindo do céu e escorrendo espessa por suas paredes.

Quanto mais eu pensava no Portador, sangrando e quebrado no fundo do lago, mais rápido a água subia.

Lutei contra a lembrança dele, lutando pelo controle da forma do globo, e a água parou. Mas, conforme a água parou, a escuridão se aproximou. Ela puxou meu cabelo, rastejou como uma aranha pela minha garganta. E com a escuridão vieram pensamentos indizíveis. Visões de mães soluçando com seus filhos aterrorizados e de olhos fundos. Uma vila armada com tochas fumegantes e bocas ensanguentadas. Nobres sonhando pacificamente em suas camas de ouro e ossos.

Erebus ficou em silêncio e com os olhos arregalados ao meu lado, tendo suas próprias visões.

“Erebus, olhe para mim—”

Erebus abriu e fechou a boca, mas nenhuma palavra saiu.

“Ninguém é feito para a escuridão. Você pode controlar a escuridão, mas se tornar ela não é seu propósito.”

Sombras irromperam de todas as direções, girando em uma névoa espessa e borbulhante. Elas começaram a obscurecer Erebus de mim, como se estivessem decididas a comê-lo vivo.

“Como não é?” Erebus finalmente gritou, girando para me encarar. “A escuridão escuta — e eu escuto de volta. Ela me conhece melhor do que ninguém.” Ele me mostrou sua mão. Mesmo quando a escuridão o obscurecia, ela dançava em volta de seus dedos. Era linda, à sua maneira, brilhando fracamente. “Isso assusta as pessoas”, ele disse, abaixando a voz. “Isso assustou minha mãe e meu pai. Isso assusta você também. Você tem medo de mim.”

Erebus se manteve firme, desafiando-me a dizer o contrário.

Meu coração se partiu por ele — se partiu por ele e por sua visão distorcida de si mesmo. Como a escuridão poderia ser o propósito de alguém? Por que ela permanecia em torno de Erebus — em torno de um garoto que deveria estar seguro em um sonho criado por Weaver e não apodrecendo no estômago de um demônio?

Eu me segurei como ele, ousada e inabalável. "Não estou com medo", eu disse, encontrando seu olhar desafiador. "Eu também vi a escuridão — eu vivi nela." Quando criança, eu passava dias me aventurando no Visstill. Eu gostava de ler perto do celeiro e adorava me deliciar com a alegria imprudente de uma temporada sem Corrupção. Houve dias lindos na minha infância. Mas eu também me lembrava de quando os dias mudavam — quando as sombras se esticavam e o sol mergulhava atrás das árvores para as quais ele sorria. Eu me lembrava do círculo de luz da tocha, oscilando na longa noite. Eu me lembrava das sombras se formando nos olhos do meu Pai. "Conhecer a escuridão não faz de você um monstro. É o que você faz na escuridão — e como você se levanta para superá-la — que importa."

“Você está mentindo,” Erebus sibilou, dando um passo para trás. “ *Ninguém* sabe como é viver no escuro. Não como eu.” Seus olhos brilharam na névoa. “Você não está realmente aqui, está? Eu imaginei você para me proteger.”

Peguei sua mão no momento em que ele começou a desaparecer na escuridão.

“Erebus, *não* —”

“Se meu propósito é maligno, então para que serve eu?” Nesse ponto, ele estava quase morto. Seus membros estavam presos nas sombras, meio comidos. “Aonde eu pertenço se sou um monstro que ninguém quer? Ninguém me ama ou me protege. Talvez minha mãe e meu pai tenham amado, uma vez, mas eles estão mortos agora.”

Investindo, consegui agarrar seu braço. As sombras recuaram com o contato. Conforme se sobrepunham, dobrando-se para dentro e para fora, sua luz, apenas um punhado de pequenos brilhos um momento atrás, ficou forte. "Só porque há escuridão, isso não significa que toda a luz se foi. Olha—vê? E você tem alguém, Erebus. Você tem a mim.”

E eu tenho você também.

"EU-"

Erebus começou a sussurrar algo, mas parou, observando a luz dançar dentro das sombras. Juntas, elas irradiavam de suas mãos, cobrindo o poço, e o céu violento — assim como a escuridão infinita e sem esperança ao redor dele — desapareceu, substituído por um mar de estrelas.

Juntos, observamos com admiração a transformação.

Uma luz suave e cintilante pousou no rosto de Erebus, refletindo a maravilha hesitante em seu olhar. Lentamente, seu desespero desapareceu. Lentamente, sua respiração se aquietou.

“Eu nunca soube”, ele sussurrou, levantando os braços. Ao seu chamado, algumas sombras caíram, enrolando-se elegantemente em volta de seus ombros e formando um manto em suas costas. Outras se enredaram em seu cabelo, moldando-se em uma coroa frouxa. Poder irradiava dele, selvagem e verdadeiro. “Eu achava que a escuridão era uma coisa terrível. Mas isso parece diferente. Eu posso controlá-la.” Mais firmemente, ele repetiu, “Eu posso controlá-la.”

Os lados do globo começaram a se estilhaçar e rachar.

“Essas paredes não vão durar muito mais tempo”, observei, desviando de um pedaço do globo enquanto ele caía. “Não sei o que será de nós se isso acontecer — ou se ainda podemos escapar. Mas precisamos tentar.”

Erebus se virou para mim. Seus olhos estavam queimando. “Vou nos arrancar direto do estômago do demônio. Eu juro.”

Pela ferocidade em sua expressão, acreditei nele. “Ótimo. Então não pode machucar ninguém nunca mais.”

Nem continuará a caçar a mim, minha família e o Portador das Sombras.

Erebus assentiu. Uma faixa de escuridão se retirou do céu, movendo-se para descansar sobre meus ombros também. Parecia quente. Reconfortante, até. Inclinei-me para meu novo manto, saboreando seu toque.

“Desculpe-me por dizer que imaginei você.” Ele sorriu, então. Isso se manteve tristeza, mas também espanto. “Parecia bom demais para ser verdade, só isso.”

Erebus estendeu a mão. Eu a peguei.

E o globo se partiu em dois, explodindo com a luz de um milhão de estrelas.

OceanofPDF.com

Capítulo 37

EU ESTOU MORTO ?

Por um tempo — muito longo — não havia nada além de uma luz forte e ofuscante.

Ela me cercou com sua plenitude, engolindo meus gritos. Procurei por uma forma, uma sombra, um movimento, *qualquer coisa* . Mas a luz persistiu. Ela existia por si só, avassaladora apesar de seu vazio. Ela me lembrou do vazio no poço do demônio.

Só que em vez de um preto profundo e implacável, era branco.

Cabelo enrolado nas laterais do meu rosto, flutuando ao longo da borda da minha capa. Lentamente, comecei a me sentir leve. Livre, até. Mas estava errado. Era sufocante, essa luz. Esse silêncio.

Se isso fosse a morte, eu não a queria.

E o que aconteceu com Erebus? Olhei para minhas mãos. Elas estavam vazias, sentindo falta do aperto corajoso e reconfortante do garoto. Ele queria que escapássemos do poço juntos. Um pensamento me atingiu: talvez eu não tenha conseguido — talvez eu realmente estivesse morto ou perdido, preso em algum Reino eterno após a morte. Mas talvez Erebus *tenha conseguido* . Talvez ele estivesse lá fora, além da luz. Talvez ele estivesse mudando o mundo por conta própria. Vagamente, senti algo roçar meu pontas dos dedos.

Não foi nada, não *deveria* ser nada.

Alcancei a luz, agarrando o que eu tinha sentido. Se fosse Erebus, eu queria que ele soubesse que não estava sozinho. Mas, enquanto eu me esticava, a luz se expandiu para fora, encharcando meu rosto e rastejando para dentro do meu nariz. Apertei meus olhos fechados.

Estou morrendo.

Minha garganta estava cheia, borbulhando.

Estou morrendo-

A luz parou, atenuando-se em cinza. Assim como algo — *alguém* — finalmente estendeu a mão para trás. Suas mãos estavam blindadas e frias como gelo, mas elas se seguraram. Meus olhos se abriram de repente.

E por um momento, o mundo parou.

O Portador da Sombra, mais estátua do que homem, estava suspenso em uma poça de água prateada. Seus olhos estavam fechados, cílios descansando sobre bochechas congeladas, e seu cabelo se acumulava em volta dele em uma coroa fantasmagórica. O sangue vital de sua pele se fora; ele estava pálido como um cadáver, lábios unidos em uma linha pálida. Isso me atingiu novamente, o quão bonito ele era. E separado, de alguma forma, de qualquer coisa que alguém possa imaginar que um homem seja.

Mas, como eu sabia agora, o Portador já foi apenas Erebus. Um mortal, um *garoto* , com medo, esperança e sonhos em seus ossos. E ele tinha um nome.

Érebo.

Meus olhos se moveram para baixo, notando as roupas rasgadas em seu peito. O chifre do demônio havia sido enfiado em suas costelas, prendendo-o ao fundo do lago.

Não-

Estremeci, imaginando como seria ser empalado daquele jeito. Ser deixado para morrer, cravado na lama como um inseto. Há quanto tempo ele estava ali embaixo, congelado e sozinho? O que o demônio fez com ele depois que eu fui embora?

Agarrei o chifre, esperando conseguir tirá-lo do peito dele. Morte e vida no Reino eram coisas misteriosas e inconstantes. O Portador *parecia* morto, mas também não tinha batimento cardíaco. E eu também não. Meu peito estava vazio, imóvel como o dele. .

Foi então que percebi que não estava respirando. E não precisava.

Algo me ocorreu, então. Antes, quando eu pensava que estava me afogando na caverna do Portador, talvez fosse só porque eu *acreditava* que estava me afogando.

Talvez houvesse esperança, afinal.

Rangendo os dentes, segurei o chifre e *puxei* . Gemi com o peso dele; bolhas saíram da minha boca. Mas foi inútil. O chifre era muito pesado — muito escorregadio sob minhas mãos. Não consegui levantá-lo, mesmo tentando imaginá-lo leve, sem peso e quebradiço. De repente, minha atenção se voltou para algo espreitando à distância.

Um corpo grande e disforme se movia pela água. Uma coisa que parecia muito com o demônio de olhos vermelhos.

Não, isso não pode estar acontecendo. O demônio não pode ainda estar aqui.

Envolvi meus braços sob os ombros do Portador das Sombras, aproximando-me mais dele do que jamais ousara. Alguns fios de seu cabelo, sedosos e delicados, roçaram meu rosto. Se eu não conseguia levantar o chifre, talvez pudesse levantar o Portador dele. Eu só tinha que angulá-lo corretamente, puxá-lo para cima antes que o—

Fiquei imóvel, em pânico.

O demônio estava perto — perto demais. Ele levantou sedimentos do fundo do lago, turvando a água e obscurecendo seu corpo. Apenas mais alguns segundos e ele estaria sobre nós. Segurando o Portador com força, vagamente percebendo o quão frio e vazio seu corpo parecia, nadei com todas as minhas forças.

O demônio avançou em nossa direção, esticando bem a boca.

Tarde demais, é tarde demais.

Seu corpo nos circulou, rompendo o sedimento. Eu olhei, horrorizado. Estávamos fracos. Impotentes.

Nós *falhamos* .

E o custo foi devastador.

Por causa desse demônio, eu ficaria preso no Reino para sempre, nunca mais podendo voltar para casa. Nunca mais veria um nascer do sol— ou respirar o ar fresco do outono enquanto ele assobiava por nossa casa em Norhavellis. Por causa desse demônio, eu nunca mais provaria o ensopado da minha mãe, perfumado com especiarias e ervas. Eu nunca mais abraçaria meu irmão. Eu nunca o veria crescer.

Enterrei meu rosto no peito do Bringer, fechando meus olhos enquanto seus dentes se fechavam ao nosso redor. O Shadow Bringer não era um monstro. Ele não era uma criatura no escuro digna de ser odiada e temida. Não como esse demônio era.

Mas assim que sua mandíbula começou a se fechar, certamente selando nossos destinos, ele quebrou. O demônio se desintegrou em pó preto, derretendo de volta na água.

E assim, tudo mudou.

As águas do lago mudaram de turvas e ameaçadoras para algo puro e cristalino. Eu quase conseguia sentir o cheiro. *Sentir o gosto* . Floral e fresco — menta, flores silvestres e ar fresco. Abaixo da água, o fundo do lago, escorregadio com lama e decomposição, solidificou-se, endurecendo em uma placa de safira escura. Qualquer detrito — qualquer coisa que não fosse água pura e brilhante — se dissolveu. Uma luz dourada, filtrando-se de cima, cobriu tudo, sugerindo um nascer do sol radiante logo além da superfície.

Embora eu não estivesse respirando, eu queria. Eu queria beber aquilo; eu queria encher meus pulmões.

Até o Bringer estava mudando. Sua pele aqueceu, os lábios mudando de cinza mortal para um rosa pálido. O chifre do demônio desapareceu também. Não deixou nada em seu rastro, através de suas roupas rasgadas, o peito do Bringer estava liso e inteiro.

Sem o chifre mais nos prendendo, começamos a subir.

Assim que rompemos a superfície, a mudança no sonho era evidente. A cabana se foi, assim como as taboas cobertas de espuma e a névoa perpétua. Em

vez disso, um campo de flores se estendia até onde os olhos podiam ver, cada uma brilhando como se contivesse uma vela dentro de suas pétalas. Árvores se curvavam sobre o campo, imensamente altas e impossivelmente magníficas; sua casca era iridescente e suas folhas brilhavam como joias preciosas. Um nascer do sol brilhava acima de tudo, brilhando ameixa e ouro.

E no meio de tudo isso, sombra e luz girando em suas mãos, estava Érebo.

Ele estava sorrindo — *radiante* — enquanto trabalhava, formando colinas ondulantes e rios esmeralda, nuvens de pó prateado e um milhão de estrelas para descansar em seu céu dourado. Das cinzas da casa de sua família cresceu uma árvore de obsidiana, seus muitos galhos cheios das mesmas flores brilhantes no campo. Eu nunca tinha visto um menino tão feliz, tão *livre* . Até mesmo Elliot, sempre o doce e corajoso otimista, nunca realmente se pareceu com Erebus agora.

Sem demônios ou corrupção, era isso que os sonhos tinham o poder de ser?

Era uma alegria despreocupada e uma possibilidade infinita. Isso me deixou com saudades de algo que eu não entendia muito bem. Como se eu tivesse perdido algo importante — algo criticamente significativo para minha felicidade e propósito — minha vida inteira.

Ainda úmido pela água, mal percebi as lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

Puxei o Portador das Sombras para a margem, colocando-o nas flores. Elas flutuavam contra seu corpo, uma variedade de cores brilhantes balançando suavemente na brisa, e sua luz, misturada com o nascer do sol, suavizava suas bordas e cavidades. Ele parecia estar a um sopro de abrir os olhos.

E certamente ele *estava* respirando.

Certo?

O Portador dissera que respirar era um hábito — que os sonhadores faziam isso de qualquer maneira, apesar de não terem um batimento cardíaco verdadeiro. Ajoelhei-me sobre seu peito, esperando a subida e descida reveladoras de uma respiração. Esperei um momento, depois outro, contando minhas próprias respirações nesse meio tempo.

Trinta segundos se passaram. Sessenta. Cem.

Seu peito permaneceu imóvel.

Estranhamente, eu me senti irritado. Ele era o todo-poderoso *Portador das Sombras* , pelo amor do Criador. No entanto, aqui estava ele, afogado, congelando e impotente, derrotado pelo próprio monstro que precisávamos superar. Isso me fez sentir raiva e ansiedade.

“Você não está morto, e o demônio se foi,” eu disse, querendo agarrá-lo pelos ombros e sacudi-lo. “Você vai perder o resto do sonho, Bringer. Acorde.”

Além de nós, Erebus continuou a tecer novas criações. Um grande pássaro, suas asas um cobertor de meia-noite. Um manto de poeira estelar, ônix e veludo, que ele jogou sobre os ombros para arrastar pelo chão. Às vezes ele voava, às vezes ele pulava, às vezes ele simplesmente ficava dentro de suas flores e sorria.

Por um momento, pensei que ele olhou na minha direção.

“Erebus!” Acenei meus braços, esforçando-me para que ele pudesse me ver. O prado florido era amplo, e suas árvores iridescentes obscureciam parcialmente o Portador e eu. Erebus começou a se mover em nossa direção, mas outro momento se passou e ele se virou, indo embora. “Erebus, eu consegui sair! Você conseguiu—nós—”

Uma mão me agarrou pela manga, puxando-me para baixo, fazendo-me cair meio envolto no peito do Portador das Sombras.

“Não diga esse nome,” o Portador disse asperamente. Ele tossiu, lutando para encontrar sua voz enquanto sua mão caía da minha manga para minha coxa. Ele não parecia ciente do toque; seus olhos sombreados não estavam totalmente focados. “Eu não sou mais aquele homem. Isso não deveria ser falado.”

Um alívio profundo e angustiante tomou conta de mim.

Era como se uma pressão tivesse sido tirada do meu peito; eu não odiava mais, temia ou duvidava desse homem. Não sei quando aconteceu, mas eu sabia que sentia algo inexplicável quando ele estava perto. Sentia algo inexplicável — mas nunca me dei permissão para considerar o que isso poderia significar.

“Você *é* ele, no entanto,” eu disse, jogando meus braços ao redor de seus ombros. Uma risada escapou, borbulhando em lágrimas antes que eu pudesse detê-las. “Você é mais parecido com ele do que com o monstro chamado 'Shadow Bringer'. "

Surpreendentemente, o Bringer se inclinou para o meu toque. Ele envolveu seus braços em volta das minhas costas, segurando meus quadris com um e minhas omoplatas com outro. Embora seus braços fossem blindados, eles não eram desconfortáveis. Na verdade, fiquei surpreso com *o quão* confortáveis eles eram.

“Estou tão feliz que você esteja aqui,” sussurrei, me inclinando para trás para poder vê-lo. Sombras giravam lentamente em seus olhos; elas eram mais bonitas do que eu já tinha visto. “Estou tão feliz que você esteja vivo.”

Com um som baixo e angustiado, o Portador das Sombras lentamente levou suas mãos ao meu queixo, pressionando contra a linha de lágrimas que ainda escorriam pela minha pele. “Eu me lembro do resto do sonho agora,” ele disse, me puxando de volta para seu peito. “Você me tirou daquele lugar escuro. É raro para o Criador permitir uma influência duradoura no passado, mas foi *você* . Minha âncora.” Ele xingou, quase como se estivesse em descrença. “E pensar que eu costumava considerar você meu inimigo e minha ruína.”

“Da mesma forma,” eu disse suavemente. “E por isso, eu sinto muito.”

“Eu não estava em meu perfeito juízo quando te deixei sozinha no castelo,” ele murmurou, a respiração assombrando minha bochecha. “Na minha ilusão, pensei que faria a diferença. Mas o que é vingança se significa perder a si mesmo e a única pessoa viva que—” Ele engoliu em seco, interrompendo-se. “Eu só quero dizer—obrigado. É isso que você precisa ouvir. Nada mais que minha imaginação conjure.”

Calor queimava onde suas mãos acariciavam minha pele; eu nunca tinha sentido tal sensação antes. Eu queria mais disso.

Eu *o queria* .

Mas o Portador estava alheio ao que eu estava sentindo. Ele olhou para além de mim, seu olhar se fixando nas flores e árvores em vez do rubor correndo pelo meu rosto. "Onde estamos?"

“Ainda estamos no seu sonho”, respondi. Ele ficou tenso instantaneamente, examinando o céu. *Ele acha que o demônio ainda está vivo.* “O demônio se foi”, acrescentei, esperando que ele relaxasse. Mas a tensão não diminuiu de seus ossos.

Em vez disso, ele parecia ainda mais agitado.

Ele olhou para baixo, notando o pano aberto no centro de sua peito. “Ah. Agora eu lembro.” Sua voz pingava veneno. “Fui estacado no fundo do lago e deixado para apodrecer.” As sombras em seus olhos se aguçaram ao redor de suas íris. “Se aquele demônio ainda está nos caçando, precisamos encontrá-lo novamente. E logo.”

Engoli em seco, a intensidade em seu olhar fez meu pescoço queimar. “Você deveria tentar falar com seu eu mais jovem. Podemos aprender mais sobre o porquê do demônio estar caçando você.”

O Portador fechou os olhos, balançando a cabeça lentamente. “O eu passado não pode se comunicar com seu eu presente ou futuro. Mas talvez você possa.”

Acenei para Erebus, esperançoso de que ele pudesse me ver. Ele estava tão perto de nós — olhando em nossa direção, até. Certamente ele seria capaz de falar, assim como fizemos no poço do demônio. Mas quanto mais eu acenava, mais ficava aparente que ele não podia nos ver. Estávamos escondidos dele, assim como estávamos no começo do sonho.

“Desista. Ele não pode te ver.”

Ignorando seu tom sombrio, perguntei, incapaz de esconder minha admiração: "Todos os sonhadores podem fazer o que você está fazendo?"

“Fazer o quê, exatamente?” Ele estava olhando para Erebus também. “Girar em círculos? Cultivar uma flor? Isso não é nada.”

“Como isso é nada? Você está criando um mundo próprio a partir desse *nada* . É incrível.” O sonho estava ganhando vida e profundidade; diferentes visões, sons e aromas continuavam a florescer ao nosso redor. Parecia muito mais vívido do que um sonho deveria ser. “E você parece tão feliz. Como se finalmente tivesse encontrado seu propósito.”

“É isso que você vê?” O Portador se mexeu para ficar sentado, as mãos escorregando das minhas costas. Ele observou Erebus por alguns momentos silenciosos, a dor girando nas sombras em seus olhos. “Você está errado. Eu nunca soube meu propósito.”

“Talvez você tenha esquecido”, desafiei. “Mas isso não significa que você nunca teve um. Ou que ainda não tenha.”

Erebus tinha um futuro. Um fogo pela vida. Um *coração* .

O que aconteceu com ele que ele perdeu tudo?

“E se eu perguntasse qual é o *seu* propósito, o que você diria? Você o associaria à felicidade? Família?” Sua mandíbula se apertou enquanto seu tom se tornava rancoroso. “Ou talvez à autojustiça. À *justiça* . A livrar o mundo do mal — e dos monstros que pertencem melhor à escuridão . ”

De pessoas como eu , seus olhos pareciam acrescentar.

“Isso é algo ridículo de se dizer. A escuridão não é o fim. O que você consegue criar a partir da escuridão—” Eu gesticulei freneticamente ao nosso redor. “—é o que importa.”

“Então você tem simpatia pelo meu destino e esperança pelo meu futuro?” Seu lábio superior se curvou. “Cuidado. Você está quase me fazendo acreditar.”

Eu estava bravo. Furioso. Ele era *impossível* . “Posso ter esperança em você, mas definitivamente não tenho simpatia ou pena”, eu rebati, me levantando do chão. O movimento repentino me deixou tonto, mas ao ficar de pé, pude ver muito mais do que Erebus havia criado. Era avassalador. “A menos que você queira falar sobre o quão lamentável seu castelo é—”

O Portador das Sombras riu, não discordando totalmente de mim.

Uma névoa desceu sobre o nascer do sol enquanto Erebus observava, pousando sobre suas criações. Da névoa, uma figura solitária apareceu. O cabelo da figura arrastava-se pelas flores enquanto ele andava, espanando sobre vestes feitas de penas e prata escura e banhada. Uma coroa de marfim, erguendo-se em pontas afiadas, semelhantes a lâminas, adornava sua testa. Seu rosto era esquelético, olhos negros apáticos e sábios.

Somnus .

Erebus não se moveu. Na verdade, ele ficou mais alto, encarando Somnus sem medo.

“Erebus,” Somnus disse em saudação. Se Erebus ficou surpreso que Somnus soubesse seu nome, ele não demonstrou. “Suas criações ecoaram por todo o Reino. Não é de se espantar que um sonhador crie sem a orientação de um Weaver.”

“Uma permissão de Weaver, você quer dizer,” Erebus observou. Apesar da mordida em suas palavras, seu tom era inexpressivo.

“Isso é porque o Reino é perigoso, sonhador. Particularmente quando é esticada por sua própria mão.” Somnus selecionou uma flor aleatoriamente, segurando-a para o sol nascente. “Um deslize de sua mente e algo inocente cria presas.”

A flor explodiu em chamas; ele fechou o punho sobre ela, enviando gavinhas fumegantes para o ar. Quando ele abriu a mão novamente, ele a ofereceu a Erebus.

“O que é isso?”, perguntou Erebus, incrédulo. Ele encarou a mão de Somnus, sem pegá-la ou recusá-la.

“Os Sete têm observado você, Erebus. Junte-se a nós na Cidadela da Noite Eterna.” Suavemente, ele acrescentou, “Você é digno.”

O Portador das Sombras lançou-se para a frente. Ele meio que correu, meio que cambaleou até onde Somnus e Erebus estavam, uma fraca mortalha de sombras arrastando seus ombros. Eles não conseguiam vê-lo — eles nem piscaram em sua direção quando ele se aproximou — mas isso não o deteve.

Embora enfraquecido, o Portador, envolto no fantasma de seu poder, movia-se com violência em seu sangue.

“Eles não podem te ver!” Eu gritei, correndo atrás dele. “O que você está mesmo—”

“Você diz que tem esperança no meu futuro,” ele começou, atacando Somnus

assim que Erebus deu um passo à frente, “mas este é o momento em que meu passado começa a apodrecer. Se houver uma chance de eu impedir isso, preciso tentar.”

Erebus ia aceitar a mão de Somnus — havia brasas de poder e orgulho em seus olhos. Era a expressão de um garoto que finalmente tinha sido *visto* — mas não sem provações e dificuldades. Um garoto que sabia o valor do que estava sendo oferecido, apesar de sua desconfiança dos Weavers.

“ *Não pegue na mão dele!* ”

O Portador colidiu com Somnus, mas foi como bater em uma parede.

Uma parede que também poderia *explodir* .

Ele voou para trás com o impacto, derrapando violentamente por um pedaço das flores mais brilhantes de Erebus. Uma árvore interrompeu seu ímpeto; ele caiu e parou contra ele, a cabeça batendo de lado em sua casca de joias. Se ele gritou de dor, eu não ouvi.

Erebus colocou sua mão na de Somnus. E assim, o sonho desmoronou.

OceanofPDF.com

Capítulo 38

O PRÓXIMO SONHO veio em ondas.

Água batendo contra uma costa. O zumbido profundo de sinos e um zumbido baixo e melódico. O cheiro de algo puro e promissor — mas distante e nostálgico também. Acima havia uma luz profunda e dourada alinhada em prata, roxo e azul meia-noite. Um céu vestido em crepúsculo eterno.

E quando o sonho finalmente se juntou, revelando-se em toda a sua glória, prendi a respiração.

Em Norhavellis, a água se acumulava em rios rasos e lagoas de taboa. Ela caía do céu, acumulava-se em poças e forçava pastos a se transformarem em poços lamacentos. Ela se acomodava pesadamente em nuvens cinzentas, caía como dedos contra a janela do meu quarto e encharcava meus sapatos enquanto Elliot e eu corríamos para casa depois das rodadas de suprimentos de Absolver na vila. Qualquer coisa maior — mares, lagoas, lagos tão largos que uma frota de navios poderia navegar por eles — era um conto para ser lido. Uma história escondida em um livro. Resumidamente, eu tinha vislumbrado o mar perto de Istralla. Mas no sonho ele estava meio formado, distorcido pela névoa.

Isso foi outra coisa.

O mar neste sonho estava *vivo* .

Parte de seu corpo rolou e avançou como um cavalo obstinado, inchando para o céu. Outras partes mergulhavam baixo, encolhidas como um cervo ferido, ou esticadas e imóveis. Sua pele cristalina, refletindo o céu crepuscular, estendia-se sobre cada onda e derretia-se no horizonte. Era selvagem, gloriosa e hipnotizante. Pacífica — e não. Silenciosa, mas barulhenta. Quanto mais eu olhava, mais sentia que ela poderia — *iria* — me levar. Que ela se viraria a qualquer momento, enfurecida sobre a costa, girando sobre minha cabeça e me puxando para suas profundezas.

Mas isso nunca aconteceu.

Apesar de sua selvageria, o mar era contido; pedras brilhantes, moldadas em um arco perfeito, formavam seus limites, e uma torre iridescente ancorava seu centro.

Parado na sua borda, olhando para o mar enquanto ele mergulhava e inchava, estava o Portador das Sombras. Pedaços de sombra se agarravam às suas bordas, descendo por seus braços e costas recém-blindados. Eles tinham crescido em número desde o último sonho. Talvez Somnus tenha decidido que precisava de seu poder, afinal.

"Você está bem?"

“Estou bem”, ele retrucou.

Homem teimoso, teimoso.

“Você não precisa esconder sua mágoa de mim, Bringer. Eu não vou a lugar nenhum.”

“Isso é só porque você *não pode* correr,” ele disse simplesmente, como se fosse a coisa mais prática do mundo. “Se você tivesse escolha, você faria.”

Balancei a cabeça, exasperado. “Não, eu não faria isso. Para onde eu iria?”

Ele zombou, abaixando a cabeça. Eu não conseguia ver seus olhos, mas seus ombros estavam rígidos e inflexíveis. “Mesmo que eu não estivesse bem, eu preciso estar. Eu tive quinhentos anos para aceitar meu destino. Eu não deveria estar jogando meus fardos em você.”

“Mas é isso — você *não* precisa ficar bem. Ninguém está forçando você a ficar bem.”

Ele se virou, olhando brevemente para mim antes de encarar o mar de novo.

“Este é o Noturno, como tenho certeza de que você sabe”, ele anunciou de repente, gesticulando para as ondas crescentes.

Mudando de assunto. Claro.

“Você diz isso como se eu devesse saber”, respondi, olhando para as ondas

enquanto ele fazia isso. Eu estava completamente paralisado pelo mar — sua cor, sua profundidade, seu chamado. Criador, até mesmo seu *cheiro* . Cheirava a sal, musgo e violetas. “Os contos da Weaver nunca mencionaram nada parecido.”

O Portador suspirou. “Há mais no mundo do que um único livro de contos de Weaver. Você nunca viu um pôr do sol fora da sua aldeia.”

“Já estive em outros lugares além de Norhavellis”, eu disse, irritado.

“Um sonho distorcido e malformado em Istralla dificilmente conta.”

“Não vejo por que não.” Vasculhei minha memória, procurando por outro exemplo. “E tem também seu castelo.”

Seus olhos, cercados por suas sombras, estreitaram-se. “Visitar meu castelo conta ainda menos. Você precisa ver mais do mundo, Esmer. Desejo isso para você, mesmo que eu não possa estar lá com você quando isso acontecer.”

Ele saiu furioso para uma parte diferente da costa, com sombras hesitando por um momento antes de segui-lo.

“Não sei como as coisas eram há quinhentos anos, mas o destino das pessoas é um pouco mais limitado agora. Não temos sonhos—” Eu acompanhei o passo do Portador, caminhando ombro a ombro com ele. “—ou aventuras—” Ele evitou olhar para mim. “—então me perdoe por não ser tão conhecedor quanto você—”

Ele girou para me encarar, me pegando pelo pulso. O movimento foi impossivelmente rápido, marcado por sombras com um tênue brilho de luz estelar dentro delas.

Eu puxei meu pulso para longe, a escuridão seguindo atrás. “Vejo que seus poderes estão de volta.” Por um momento, o Portador pareceu confuso. Então ele olhou para baixo, notando as sombras enquanto elas rolavam para fora de seu corpo. “Você deveria estar mais feliz agora, pelo menos.”

Seus olhos se voltaram para os meus. “Eu vivi com essas sombras por séculos. Eles são parte de mim, mas não são fonte de minha felicidade.”

“Você *tem* uma fonte de felicidade, então? Qual é?”

Ele franziu o cenho, virando-se para encarar o que ele havia chamado de Noturno, e meu rosto começou a esquentar com uma quantidade surpreendente de arrependimento. Tínhamos acabado de reviver um trauma profundo e cruel de seu passado no último sonho, e aqui estava eu questionando sua felicidade. Claro que ele não estava feliz. Como ele poderia estar?

“Desculpe, eu não quis dizer—”

“Chega”, ele murmurou. “Já ouvi o bastante por enquanto.”

Vislumbres de cor e luz começaram a brilhar dentro do Nocturne. Se eu me concentrasse em uma área específica, a cor e a luz ficavam mais nítidas, tomando forma brevemente. Em uma seção, vi uma casa iluminada pela lua com uma família se abraçando na varanda. Em outra, uma garota caminhando por areias secas, pilares brancos e estátuas aladas. Então uma mulher, sorrindo por um campo de plantações brilhantes. Um homem cavalgando por uma estrada estreita com uma caverna no final.

“O que são essas coisas na água?”

“Eles são sonhos. O Nocturne os contém todos — tanto os feitos pela Weaver quanto os do tipo comum.” Ele tirou o olhar das ondas e fixou-o em mim. “O que você sabe sobre o Reino? Sua configuração e como ele funciona.”

“Bem, há — ou havia — sete Weavers.” Contei-os nos dedos. “Somnus, Xander, Theia. Eles controlam os sonhos do passado, presente e futuro. Depois, há os Weavers elementais: Fenrir, Nephthys, Ceres, Lelantos. Fogo, água, terra e ar.”

Eu poderia jurar que o Portador revirou os olhos. Mas talvez fosse apenas um truque das luzes do Nocturne. “E onde eles residem no Reino?”

“Cada um tem um domínio. São como reinos no Reino.”

“Exatamente,” o Portador concordou. “Eles chamam suas terras — que incluem quaisquer acólitos permanentes — de domínios. E todos os sete domínios fazem fronteira com o Nocturne. A proximidade é importante, já que é assim que os Weavers acessam seus sonhadores pretendidos.” Ele apontou para as águas tumultuadas do Nocturne. “Lá. Vê as montanhas? O menor indício de nuvens? O domínio de Lelantos.” Com certeza, havia uma tênue cadeia de

montanhas à distância. Ele apontou em outra direção, em direção a um céu mais escuro e uma linha cintilante de esmeralda. “A floresta de Ceres. O domínio de Nephthys é o próximo — você pode dizer pelo brilho. Ela gosta muito de suas joias.”

“Os Weavers estão lá, agora mesmo? Em seus domínios?”

Ele considerou a questão, pensando. Lembrando. “Em certo sentido. Seus eus espirituais se manifestam dentro dos sonhos do Noturno. Mas seus eus físicos podem estar em qualquer lugar — festejando e bebendo com reis e rainhas na Terra, criando coisas bonitas dentro de seus domínios ou persuadindo sonhadores a segui-los como acólitos.”

“Então ainda estamos no passado. Nada disso existe no presente.”

Por um momento, preocupação genuína cintilou em seus olhos. Então desapareceu, rápido como fumaça. “Como você alegou.” Ele fez um gesto de desdém. “Não sei o que aconteceu com os Weavers depois que fui banido. É difícil observar o mundo quando você está confinado a demônios e à escuridão.”

Eu tremi. Não consegui evitar. Era loucura — *loucura* — considerar como seria.

Letussouttletussouttletussoutt!

Quantas vezes ele testemunhou aqueles gritos infernais? Que ele fosse capaz de sorrir — ou de uma frase coerente — era uma prova de sua força.

O Portador passou a mão enluvada pelos cabelos, sem saber para onde meus pensamentos tinham se voltado. “Ao lado de Nephthys — você não consegue ver daqui, mas tem o palácio de aparência mais idiota. O de Fenrir. Ele—” O Portador finalmente percebeu que eu o observava em vez de olhar para onde ele estava apontando. “O quê?”

“Nada.” Consegui sorrir, para grande irritação do Portador. Apesar de todo o seu suposto ódio pelos Tecelões, não havia como confundir um interesse genuíno em sua explicação. E se ele sabia de cada um desses detalhes, sua memória deve ter retornado também. Ou pelo menos em parte. “Continue, por favor. Estou aprendendo bastante.”

“Você está?”, ele perguntou, carrancudo. “Não vejo como você está aprendendo alguma coisa *me observando* .”

Eu reprimi uma risada, em vez disso, gesticulando em direção à estrutura maciça no centro do Nocturne. Era uma coisa colossal e linda, brilhando através de suas várias torres e arcos, e conforme as ondas mergulhavam, várias pontes eram reveladas, estendendo-se a partir dela como raios de uma roda.

“De quem é esse domínio?”

Os olhos do Bringer escureceram um pouco. “Aquela é a Citadel Evernight.”

Noite e noite.

Eu conhecia esse nome.

“No estômago do demônio, seu eu mais jovem perguntou se eu era de lá. E Somnus—” Procurei a palavra certa. Convidado? Chamado? Coagido? Decidi pela primeira. “—convidei você para isso.”

“Convidado?” Aparentemente, o Portador não gostou da minha escolha. “Eu não fui convidado para a Noite Eterna. Eu fui *forçado* a ir para a Noite Eterna. Depois de anos de silêncio, os Tecelões me encurralaram no meu momento mais fraco. Se não fosse por eles, talvez meu destino tivesse sido diferente.” Por um momento, um sorriso fantasmagórico surgiu em seus lábios. “Sabe, era considerado uma honra ser escolhido como um sonhador permanente do Reino. Ser convocado por um Tecelão para aprimorar seus talentos de sonho na Noite Eterna. Você até teria sua família generosamente compensada em troca.” Ele se virou para mim, perguntando de repente: “Você quer saber como meus pais morreram? Ou como eles eram em vida?”

As vozes de sua mãe e de seu pai, gritando para um jovem Erebus através das paredes de sua casa decadente, voltaram rapidamente.

Os filhos não fariam os pais escolherem entre eles e os filhos.

Os filhos não sonhariam em estar trabalhando para sustentar a família.

Os filhos não deixariam seus pais morrerem !

Eu balancei a cabeça. “O último sonho os retratou cruelmente.”

Ele sorriu novamente, mas parecia frio. “Meus sonhos sempre foram assim. Eles começavam de um jeito e se transformavam em outra coisa no fim.” Suas mãos se fecharam em punhos ao lado do corpo, sombras se entrelaçando entre seus dedos. “Foi assim que aprendi a manipulá-los.”

“E por ser capaz de manipular seus sonhos — você pensou que uma Weaver iria notar você. Você pensou que seria escolhido.”

Ele assentiu. “Somente os sonhadores mais excepcionais poderiam formar um sonho de acordo com sua vontade. E eu era um deles.” Sua voz gelou enquanto ele continuava, deslizando para algo sem vida e amargo. “Mas meses se passaram, e nenhum Weaver jamais me notou.”

“Porque seu poder veio das sombras e não de algo mais simples, como fogo ou água?”

Ele assentiu. “E quando minha mãe e meu pai descobriram a verdade sobre meus poderes — que eles estavam enraizados na sombra e não um elemento ou uma construção temporal — eles começaram a me desprezar. Eles disseram que eu era mau. Uma criança amaldiçoada, enviada para arruiná-los. E de certa forma, eu fiz isso.” Ele fixou seu olhar sombrio em mim. “Na minha época, famílias com riqueza e poder contratavam intérpretes de sonhos. Às vezes, os sonhos tinham significado simples. Às vezes, não. Um intérprete garantia que a mensagem do Criador fosse claramente ouvida e seguida.”

“Isso parece uma quantidade incrível de responsabilidade.”

Um meio sorriso frio. “De fato. E se a interpretação do sonho estivesse incorreta ou mal recebida...” Ele se afastou, e minha imaginação começou a vagar. “Minha mãe e meu pai interpretavam sonhos para uma família rica em Istralla. Eles eram bem conhecidos por suas interpretações — inteligentes, precisas e verdadeiras. Eles acabaram chamando a atenção do rei.”

“Então eles começaram a interpretar para ele?”

“Por um tempo. E por um tempo nós vivemos no luxo, com nossa própria ala em cada um de seus palácios. Mas é uma coisa engraçada, riqueza. Poder. Eles destroem tão facilmente quanto criam.” Ele riu, o som frio e miserável. “Nosso

novo status destruiu minha mãe e meu pai. Conforme eu crescia, eles me consultavam para obter suas respostas. Eles me disseram o O Criador embotou a compreensão deles, mas acho que eles apenas ficaram complacentes. Preguiçosos. Então eles vieram até mim. Mesmo em seu ódio, eles vieram até mim. Eu — uma criança — secretamente interpretando os sonhos da realeza."

Um arrepio de frio percorreu minha pele. Eu não gostava de onde isso estava indo.

"Um dia, me pediram minha opinião sobre o sonho do rei. Em seu sonho, ele viu um grande sol brilhante e uma lua sombreada. No começo, o sonho era pacífico — tudo estava em perfeito equilíbrio. Mas, conforme o sonho avançava, a lua se aproximava do sol, o comia e se tornava outra coisa. *Outra coisa.* Uma coisa que se tornou má e cruel."

"Isso é horrível." Tremendo, pressionei minhas mãos ao meu lado, desejando que elas esquentassem. "Mas por que o rei estava tendo um pesadelo? Antes da Corrupção, elas não eram para existir."

O Portador caminhou mais perto das ondas. Por um breve momento, pareceu que ele iria caminhar em suas profundezas. "Quando você fala de sonhos, você age como se lamentasse não tê-los. Mas sonhos nunca foram gentis comigo quando criança. Eu só sonhava com demônios e pesadelos."

O Portador suspirou, balançando a cabeça como se quisesse clareá-la.

"O sonho do rei não era um pesadelo. Pesadelos são pessoais — eles arrancam os medos mais profundos do sonhador. A dele era uma visão do futuro. Um aviso. Depois que a lua comeu o sol, ela banhou a terra na escuridão, engolindo toda a luz. O rei viu isso acontecer. Ele também viu algo emergindo da escuridão — duas espadas. Uma branca, uma preta."

Uma visão do sonho surgiu das mãos do Portador, formada por sombras de todos os tamanhos, cores e texturas. Eu assisti enquanto o rei lendário se erguia de entre seus dedos, balançando desesperadamente as espadas contra um mal invencível. Foi uma luta violenta e sem esperança. Uma que eu nunca mais desejei ver.

As espadas do rei se despedaçaram antes mesmo que um único golpe fosse desferido .

“O sol representava o rei, e a lua representava um grande demônio. O aviso do sonho era complicado e mortal. Ele avisava que o rei seria corrompido pelo mal, e alguém tentaria derrotá-lo com dois poderes: justiça ou lógica — a espada branca — e guerra ou poder — a espada negra. Mas nenhum dos dois seria suficiente.”

A boca do rei se alargou em um grito silencioso.

“O futuro aconteceria de qualquer maneira.”

Com um aperto de punho do Portador, ele foi tirado de seu sofrimento.

“O sonho tinha a intenção de alertar o rei sobre seu destino. Cabia a ele reconhecer o mal iminente e se preparar para ele de diferentes maneiras. Quando dei minha opinião sobre o sonho, ela não foi bem recebida. Meus pais escolheram contar ao rei uma interpretação diferente — uma que suavizasse o aviso do sonho em algo mais palatável. Mas alguém próximo ao rei tinha ouvido minha interpretação original.” Distraidamente, as pontas metálicas de seus dedos se abriram e fecharam. “O rei ficou furioso. Ele condenou meus pais — os baniu por isso. Os fez passar fome. Eles morreram de doença em um ano.”

“O que aconteceu com você, então?”, sussurrei, horrorizada. Uma imagem dele surgiu — de um garoto, tentando desesperadamente alimentar seus pais com comida que nunca satisfazia. Um pesadelo destinado a prender e destruir. “Você era apenas uma criança. Você interpretava como sabia.”

O Bringer viu o olhar no meu rosto. Viu as outras perguntas, persistindo ali.

Você foi punido — como sua mãe e seu pai? Você foi deixado em um barraco podre na floresta, deixado para morrer de fome?

“Não fui punido pelos crimes deles.”

"Por que?"

“Havia outros usos para mim. Eu era mantido no palácio como o intérprete escolhido pelo rei, por exemplo. Foi lá que conheci Mithras. Ele era o único filho do rei. "

“ *Mithras* ? Como ele ainda está vivo? Eu pensei que apenas os Weavers eram

imortais.”

“Não sei o que o sustenta, mas ele não é um Weaver. Talvez ele seja amaldiçoado como eu.” Uma respiração tensa e irritada passou por seu nariz. “Naqueles primeiros anos, crescemos para ser algo como irmãos. Embora eu raramente tivesse permissão para sair do palácio, ele fez tudo o que estava ao seu alcance para garantir que eu fosse tratado como igual. Caramba, nós até compartilhávamos roupas e comíamos da mesma mesa.”

“Isso é difícil de imaginar.”

Ele desviou o olhar do Nocturne para mim. Algo queimava ali, fervendo profundamente nas sombras. “Concordo. Mas a solidão pode comandar uma atração forte e desesperada.”

Ficamos em silêncio por alguns momentos, olhando para o Nocturne. Era um destino horrível para uma criança — uma fundação miserável sobre a qual construir uma vida. Isso explicava mais de uma das sombras que escureciam os olhos do Portador.

“Os Weavers supervisionavam duas Cidadelas,” ele começou, mudando de assunto. “Uma em Noctis—Firstlight—e uma no Dream Realm. Evernight.” O Portador caminhou em direção a uma das sete pontes do Nocturne, sombras lambendo suas botas pontudas. “Firstlight permitiu que os Weavers mantivessem relações com governantes terrestres. Patrocínios de vários reinos e coisas assim. É também onde os corpos físicos dos Weavers dormem. Evernight é... além da explicação.”

Olhei para a Noite Eterna — para suas torres brilhantes e proporções impossíveis, acenando para nós. Sem entender o porquê, dei um passo à frente. Depois outro. Antes que eu percebesse, eu estava olhando para o Noturno, imaginando como seria nadar sob suas ondas. Eu conseguiria nadar por ele — até a Noite Eterna? Como seria? Ele aqueceria minha pele ou a esfriaria ainda mais?

Estudei uma ondulação particularmente alta, considerando.

O Bringer me puxou de volta, me puxando pelo cotovelo para o seu lado. "Cuidado. É conhecido por chamar sonhadores para suas profundezas. "

Cerrei os dentes, desejando que o chamado do Nocturne desaparecesse, mas menos disposto a deixar o controle do Bringer. "O que aconteceria se eu caísse?"

“Na maioria das vezes, os sonhadores *entram* . De boa vontade.” Ele franziu a testa. “Treinado na Noite Eterna, você entraria no Noturno para influenciar o sonho de outro. Em nome das instruções do seu Weaver vinculado.”

“E sem treinamento?”

“Sem treinamento, você se perderia no Noturno, pulando de sonho em sonho até perder todo o senso de quem você era e por que você estava no Reino em primeiro lugar.” Um brilho perverso se formou em seus olhos. “Sonhos são coisas fracas, destinadas a viver e morrer pela vontade da Weaver que os construiu.” Ele se aproximou. “Você acordaria uma casca vazia do seu antigo eu, incapaz de se lembrar dos elementos mais básicos da sua identidade.”

“Isso é horrível. Por que o Criador—” Então notei um leve sorriso em seus lábios. “Você está *brincando* ,” eu disse incrédula. “Você está realmente *brincando.”*

“Não sou”, ele insistiu. Mas o sorriso cresceu, alargando sua boca enquanto florescia. “Há muitas coisas que faço bem. Há menos coisas que faço de bom grado. Brincar não é algo que faço bem *ou* de bom grado.”

Sem aviso, um som ensurdecedor ecoou pelo mar.

Dmm. Dmm. Dmm.

Parecia um toque de finados. Não—mais alto.

Dmm. Dmm. Dmm.

Após o sétimo sino, o ar parou. As ondas do Nocturne caíram de uma vez, suavizando-se em vidro, e sete grandes pontes foram completamente reveladas, atravessando o mar da Noite Eterna para seus territórios separados.

O Portador apertou meu cotovelo com mais força.

Eu esperava o pior. Um monstro, surgindo do Nocturne, água escorrendo por suas escamas. Ou uma escuridão maligna, devorando a Noite Eterna como a lua

no sonho do rei. Algo — qualquer coisa — maligno, terrível ou errado .

Em vez disso, o Portador das Sombras perguntou, de forma bastante indiferente: "Você já foi a um baile, Esmer?"

A pergunta foi tão inesperada que eu ri. “Eles não são exatamente comuns em Norhavellis.”

Mas Eden e eu sempre sonhamos em como seria participar de uma.

O sorriso estava de volta — quase um sorriso, dessa vez. “Então vamos interromper um.”

OceanofPDF.com

Capítulo 39

NÃO TENHO certeza do que esperava, mas não era um barco.

O navio surgiu de um canal no meio da ponte mais próxima, brilhando orgulhosamente no crepúsculo. Era uma coisa elegante e lustrosa, adornada com duas cadeiras semelhantes a tronos. Assim que o Portador das Sombras e eu nos sentamos, o barco se inclinou para a frente, cortando silenciosamente o canal.

Eu me mexi na minha cadeira de seda tufada, desejando ter algo para me apoiar. Eu tinha alguma experiência montando cavalos, e já tinha estado dentro de uma carruagem uma vez. Não era uma carruagem *funcional* , exatamente. Mais como uma concha vazia que estava esquecida atrás do ferreiro de Norhavellis. Mas ainda assim.

Um barco era outra coisa completamente diferente.

Mordi a língua contra uma frase que trairia meu desconforto e me forcei a parar de olhar para baixo — para o Nocturne, com sua quietude assustadora e sombras tênues e deslizantes — e, em vez disso, olhar para a estrutura imponente que era a Noite Eterna. Mais perto agora, suas paredes pareciam esculpidas em uma montanha. Ela se erguia em faixas irregulares de pedra, formando a base de sete arcos enormes, e dentro de cada arco fluía uma cachoeira, despejando-se no antigo mar abaixo. Os topos de os arcos pareciam estar circundando algo — o que exatamente, eu não conseguia dizer.

Estava muito alto no céu para ver.

O barco balançou para a esquerda, quase me mandando derrapando para o ombro do Bringer. Tentei neutralizar o próximo movimento — que certamente seria um mergulho para a direita — mas adivinhei errado. Meu quadril deslizou desajeitadamente contra a seda, me mandando do assento para o chão. Reflexivamente, agarrei-me a algo para me firmar.

Infelizmente, esse algo era a coxa do Portador das Sombras.

Ele enrijeceu-se ao meu toque, completamente forçado por quaisquer reflexões em que estivesse perdido.

“Fácil,” ele murmurou. Mas em vez de me ridicularizar, ou me jogar do barco para o Nocturne, o Portador simplesmente me ofereceu sua mão. Eu a aceitei com gratidão, me acomodando de volta em meu assento com uma quantidade considerável de constrangimento. “Os Weavers gostam de tornar o Reino o mais realista possível. Algumas de suas criações se traduzem melhor do que outras, como você acabou de descobrir.”

Outros barcos podiam ser vistos à distância, carregando seus sonhadores designados em embarcações semelhantes às nossas. E, com certeza, eles balançavam e balançavam tanto quanto os nossos.

“Interessante,” consegui dizer, agarrando a ponta do meu assento. “Não posso dizer que entendi a lógica. Eles poderiam ter feito ele planar — ou voar.”

O barco se endireitou de repente, cortando a água como uma faca quente na manteiga. Conforme ganhava velocidade, um vento suave, tocado pelo crepúsculo e pelo cheiro do Nocturne, gentilmente levantou meu cabelo. O único indicador da influência do Bringer era uma névoa de escuridão na parte inferior do navio.

E o Portador nem sequer moveu um dedo.

“Se você vai controlar o barco, pode muito bem deixá-lo bonito”, eu o desafiei. Fiquei impressionado, mas me recusei a dar a ele essa satisfação.

Ele arqueou a sobrancelha. “Assim?”

O barco triplicou de tamanho, esticando-se alto e largo à medida que crescia para preencher o canal. Uma figura de proa esculpida surgiu da frente, moldada no rosto de um anjo de uma asa, e velas negras, brilhando como um cobertor de estrelas, desenrolaram-se de seu novo mastro. E, assim como se tivesse sido saturado de tinta, o barco — agora um navio magnífico — tornou-se uma coisa de escuridão.

O Portador das Sombras me lançou um olhar penetrante, claramente divertido com suas capacidades.

Revirei os olhos. “Agora você está só se exibindo. Mas sim, assim.”

Eu me vi inclinando contra o vento, sorrindo mesmo enquanto a Noite Eterna

pairava sobre mim. Era uma sensação estranha, ser levado para um baile do Reino com o Portador das Sombras ao meu lado. Considerei o que estávamos prestes a enfrentar e me perguntei se seria um pesadelo, como o sonho anterior, ou outra coisa. De qualquer forma, estaríamos enfrentando o demônio e uma parte da memória do Portador.

E esta parecia importante.

Porque mesmo enquanto o Portador parecia à vontade em sua nave de escuridão, havia trepidação em seus olhos. Como se ele soubesse o que estava por vir. Ou, se não soubesse, seus instintos sabiam.

Não tive tempo de perguntar.

Uma multidão cheia de sonhadores estava se reunindo em frente à Noite Eterna, saindo de suas várias naves. Eu não conseguia dizer quem era um Weaver, quem era um sonhador regular ou quem era um estudante da Noite Eterna. Para mim, todos pareciam iguais — vestidos com cores e texturas escandalosas e equipados para parecerem reis e rainhas. Mas mesmo em suas roupas elegantes, era para nós que eles olhavam. Centenas de olhos, olhando brilhantes de inveja — não, *fome* — para o poder e a beleza de nossa nave.

Eles também estavam olhando para nós.

“Eles estão encarando,” eu sibilei. Não podíamos ser vistos no último sonho, mas claramente não era o caso neste. “Por que eles estão encarando?”

Despreocupado, o Portador recostou-se em seu assento. “Porque eu dei a eles algo para olhar fixamente. É como você exigiu, lembra? O navio precisava ser *bonito* . "

“Certo. Bem, eles parecem querer nos comer.” Imitei sua postura e me inclinei para a seda. Se ele não estava preocupado, então talvez eu também não precisasse estar. “Se eles nos atacarem, espero que você esteja tão confiante em suas armas quanto está em sua construção de navios. Será você contra algumas centenas.”

“Só eu? Você tem o hábito de usar as sombras também,” ele falou lentamente, estalando as pontas dos dedos blindados. “Você deveria ser perfeitamente capaz de se defender. Eu contra a metade.”

“Tomando seu poder por coincidência não significa que eu saiba como usá-lo completamente.”

“Isso parece uma preocupação pessoal.”

“ *Pessoal* ? Minhas preocupações são suas preocupações, Bringer. Estamos juntos nisso, quer você goste ou não.”

“Vamos com o último.”

Assim que nosso navio deslizou para parar em frente ao Evernight, eu esperava que a multidão nos atacasse, nos cercasse, então subisse e passasse pelo lado do navio para nos atacar. Mas quando saímos do navio e ele afundou de volta na água, seus olhos se desviaram para outro lugar. Como se o navio nunca tivesse existido.

Como se nunca tivéssemos existido .

“Meu navio não fazia parte do sonho original, então não pode ser lembrado por muito tempo”, explicou o Portador, indo até a entrada principal de Noite Eterna. Havia três passagens cortadas na encosta da montanha; a esquerda descia, a direita subia e a do meio ia reta. Até agora, nenhum dos sonhadores havia se aproximado do meio; porteiros mascarados, vestidos de preto com insígnias prateadas no peito, os direcionavam para a esquerda e para a direita. “E seremos invisíveis aqui. Nem verdadeiramente vistos nem totalmente lembrados. É por isso que não me lembrava de você me salvando do poço do demônio. Eu só sabia que alguém — ou algo — havia me tirado da minha escuridão. E que eu me importava profundamente com eles por causa disso.”

Eu me importo profundamente com você, suas palavras pareciam implicar .

Com o rosto queimando, notei a excitação da multidão. Eles estavam radiantes, radiantes e tagarelando como se estivessem prestes a vivenciar o evento mais glorioso de todas as suas vidas. Ainda assim, questionei se eles realmente não conseguiam nos ver. Alguns pareciam estar *evitando propositalmente* o contato visual conosco.

“Pense nisso como uma memória congelada,” o Portador continuou, falhando em notar os sonhadores que secretamente começaram a observá-lo. Eles sussurravam enquanto passávamos, olhando para ele com o canto dos olhos.

Alguns olhavam com espanto ou admiração, outros com medo absoluto. “Podemos fazer o que quisermos dentro dele.”

“ *O cabelo dele, o que você acha— ”*

“ *Talvez seja o tema— ”*

“ *Mas aquele olhar nos olhos dele, você não acha— ”*

E alguns olharam para mim também. Não tanto com admiração ou medo, mas com inveja. Raiva, até.

“ *Ninguém nunca a viu aqui antes— ”*

“ *Um novo estudioso, talvez— ”*

“ *Ele nunca seria— ”*

“Evernight é permanentemente abrigado dentro do Reino, então nunca há um sonhador primário,” o Portador continuou, alheio. Conforme passávamos pela multidão, alguns dos mais ousados se esticaram para sentir a ponta de sua capa. “Nenhum Weaver singular no controle, também.”

Eu bati na mão ansiosa demais de um homem. “Portador—”

“Lorde Erebus,” anunciou um porteiro, parando na nossa frente e fazendo uma reverência. Ele ajustou o colarinho enquanto se levantava, me encarando com uma curiosa olhada. Uma máscara prateada cobria a maior parte do seu rosto, emoldurando o topo do seu bigode. “Você pode passar, é claro, mas os Sete decretaram trajes específicos para os sonhadores.”

O Portador da Sombra olhou para o porteiro como se tivesse crescido uma segunda cabeça. Como se crescer uma segunda cabeça fosse mais provável do que ele realmente nos *ver* — e, consequentemente, *falar* conosco — como se fôssemos sonhadores comuns e não o Portador da Sombra e seu companheiro de quinhentos anos no futuro.

“Também preciso anotar o nome da sua p-parceira”, gaguejou o porteiro, perturbado pelo silêncio do Portador. “Ela não está listada no registro — não sabíamos que você traria um convidado — mas, é claro, farei todos os arranjos

adequados. Que bom que você trouxe alguém—”

“Ela é minha—” o Portador das Sombras começou, interrompendo o homem.

“É Esmer,” eu interrompi. Tentei parecer o mais agradável possível, mesmo quando meu nome ecoou na multidão. *Esmer. Esmer. Esmer.* No quarto *Esmer* , meu nome estava escrito em um pergaminho que apareceu do nada. “Qual traje é apropriado?”

O porteiro se endireitou. “É a Festa do Renascimento, senhora. Weaver Lelantos preparou as especificações apropriadas para honrar a ocasião.” Ele apontou para a passagem esquerda. “Estudiosos noturnos a vestirão aqui dentro.”

“Obrigado,” eu disse, tentando parecer indiferente. Como se eu soubesse exatamente do que ele estava falando.

Dei ao Portador um olhar penetrante. "Memória congelada" definitivamente *não era isso* . Tudo parecia estranho — *errado* . Como se estivéssemos nos intrometendo, injustamente, em uma vida já vivida. Seria possível que o Portador tivesse feito algo para distorcer o sonho? Ele correu um dedo pela armadura em seu pescoço, mexendo em uma de suas pontas. Eu nunca o tinha visto *se mexer* antes.

O Bringer percebeu que eu estava olhando para ele. Sombras giravam lentamente dentro de suas íris enquanto ele soltava a mão do pescoço.

“Tenha uma gloriosa Revelação, meu senhor,” disse o porteiro, curvando-se novamente para o Portador das Sombras. Ele curvou-se uma terceira vez, dessa vez para mim. “Assim como você, Esmer.”

De imediato, uma garota de máscara prateada com pele marrom dourada e cabelo trançado como uma coroa surgiu da passagem esquerda, usando vestes pretas forradas em prata. Uma estudiosa da Noite Eterna, presumi, com base em seus olhos inteligentes e avaliadores e na maneira tranquila e confiante como ela se portava. Ela parecia ter a minha idade, se não mais jovem, e me peguei imaginando a qual Weaver ela havia se comprometido. Ceres? Theia? Mordi o interior da minha bochecha, inseguro. Eu não tinha como saber quais eram os dons dela, então adivinhar seria inútil.

“Bem-vindo à Noite Eterna, sonhador. Meu nome é Aris”, ela disse, me

olhando com uma curiosidade educada. Era diferente da curiosidade do porteiro — ou da multidão crítica. “Por favor, siga-me. Posso escoltá-lo pessoalmente.” Ela assentiu para o Portador das Sombras, como se sua escolta fosse um favor pessoal. “Tenha uma gloriosa Revelação, Lorde Erebus. Ceveon e Sorren estão lá dentro.”

O rosto do Portador se contorceu em fria indiferença. “É claro que seriam.”

E talvez ele tivesse dito mais, mas Aris gentilmente tocou meu braço, me indicando para ir em frente. A noite eterna brilhava no alto, me chamando para experimentar algo que só estava disponível através das páginas de um livro de histórias, mas eu ainda hesitei.

Eu deveria estar animado, eu disse a mim mesmo. Elliot ficaria animado.

Eden também estaria.

Olhei para o Portador das Sombras uma última vez, talvez buscando sua aprovação ou garantia, mas ele não percebeu. Ele estava muito ocupado encarando Evernight como se fosse um inimigo a ser conquistado, morto ou estrangulado com suas próprias mãos.

Voltei-me para a passagem, frustrado.

Talvez eu tivesse razão em ficar preocupado, afinal.

OceanofPDF.com

Capítulo 40

NO MOMENTO EM QUE pisei na soleira e entrei na Evernight, uma brisa morna lambeu minhas botas, enrolou-se em volta das minhas pernas e roçou minhas costas. Então, ela segurou meu rosto, examinando-me, antes de passar rapidamente pelo meu cabelo e ir para outra coisa.

"O que é que foi isso?"

Aris apertou meu cotovelo. “É a Noite Eterna. Ela faz isso com os sonhadores — examina seus corpos e lê suas mentes. Como um guarda meticuloso. Ou uma avó intrometida.”

“Bizarro,” eu sussurrei, me perguntando o que Evernight viu quando me examinou. Ele sabia que eu era de uma época diferente? Ele sequer se importava? Olhei ao redor, meio que esperando ver olhos nas paredes.

“Quando aconteceu comigo pela primeira vez, pensei que fosse semelhante às atenções de um cachorro”, ela disse, rindo baixinho. “Mas não se assuste — acontece com todos nós. Alguns, sempre. Outros, uma vez e nunca mais.”

“O que ele faz se não gosta do que encontra?”

Aris deu de ombros. “Depende. A Noite Eterna pode negar sua entrada ou expulsá-lo. Ou pode guardar seus segredos e entregá-los diretamente a um dos Sete.”

Eu não gostei do som disso .

“Então eu passei?”

“Possivelmente. Mas às vezes Evernight escolhe não fazer nada, mesmo que isso questione suas origens ou intenções.”

Eu *definitivamente* não gostei do som disso.

Antes que eu pudesse fazer mais perguntas, a passagem se abriu para uma

câmara excessivamente opulenta. Meus olhos ardiam com o brilho dela, assim como meu nariz ardia com o cheiro. Jasmim, limão, rosa, pêra, baunilha. Outras coisas que eu não conseguia nomear. Coisas que eu nunca tinha sentido antes, mas queria sentir. Espelhos cobriam as paredes, cada um com sua própria cadeira dourada, e arranjos botânicos em vasos de vidro ficavam entre cada espelho, crescendo tão longos e selvagens que se arrastavam até o chão, eventualmente cruzando caules e crescendo em formas intrincadas, espirais e caminhos.

Aris ficou ao meu lado enquanto eu me afastava, observando as mulheres em uma variedade de vestidos coloridos, cada um mais chamativo e mais intrincado que o outro, entrando. Elas conversavam animadamente entre si, sentando-se em frente aos espelhos. Uma vez sentados, estudiosos homens e mulheres, vestidos de preto com a insígnia prateada da Noite Eterna em suas vestes, começaram imediatamente a avaliar e mudar a aparência das mulheres. Era um tipo de mágica que somente um sonho poderia produzir — mudanças instantâneas de cor de cabelo, maquiagem, adornos, roupas — e eu não conseguia deixar de olhar. Era fascinante, e a maioria dos estudiosos só precisava de um minuto para fazer sua mágica.

Um minuto de concentração e tudo era possível.

Cabelos de todas as cores, texturas e comprimentos foram moldados em estilos elegantes sem um único grampo. Vestidos foram encurtados, tecidos afrouxados, cores clareadas em marfim, rosa, pêssego. Máscaras foram adicionadas por último. E enquanto os vestidos, maquiagem e cabelo variavam de mulher para mulher, cada máscara tinha o mesmo design ornamentado: marfim esculpido, penas incrustadas e fileiras de contas delicadas alinhando as bordas. Mas mesmo mascaradas, quando as mulheres saíam da câmara, elas pareciam mais leves — aliviadas.

Bem, a maioria deles.

“Horrível. Essa cor não combina comigo de jeito nenhum”, disse uma mulher no espelho reclamou. Ela beliscou a pele enquanto examinava os olhos, lábios e bochechas. Sua carranca se aprofundou quanto mais ela olhava. “Sorren sempre usava um tom mais escuro — menos ameixa, mais baga.” O acadêmico assistente passou a mão sobre o rosto da mulher, delicado como uma brisa, e a maquiagem mudou. Eu tinha pensado que estava bom antes. Mas a mulher sorriu, satisfeita. “Pronto. Estou linda agora, não estou?”

O estudioso assentiu, curvou-se rapidamente e então prontamente passou para o próximo sonhador.

“Ele provavelmente acha que é bom demais para esse trabalho”, outra mulher comentou. Uma acadêmica estava no meio de arrumar o cabelo em uma trança frouxa no topo da cabeça. “Você viu como ele olhou para nós da última vez. Orgulho é um pecado.”

A primeira mulher revirou os olhos, ajustando suas saias esvoaçantes enquanto se levantava. “E um sem-teto continua sendo um sem-teto, não importa quais amigos eles tenham. Alguém poderia pensar que Sorren já tinha entendido isso.”

“Alguém poderia pensar,” a segunda mulher ecoou. Sua assistente terminou seu cabelo, e ela sorriu para si mesma no espelho. “Adorável.” Para a primeira mulher, ela disse docemente, “Tenha uma gloriosa Revelação.”

A mulher retribuiu seu sorriso açucarado. “E uma gloriosa Revelação para você também.”

Aris gesticulou para uma cadeira à minha esquerda.

“Posso?”, ela perguntou, esperando um aceno antes de colocar as mãos na minha cabeça. Seus dedos serpentearam pelos fios, levantando-os gentilmente do meu couro cabeludo. “Seu cabelo tem uma cor bonita — e bastante cheio. Não precisa de mais nada.” Ela deixou os fios caírem; imediatamente eles ficaram desembaraçados, brilhantes e frouxamente cacheados. “A menos que você prefira algo mais chamativo?”

Aris fez um aceno sutil para a mulher à minha direita.

A mulher estava no meio de admirar seu cabelo, que não parecia tão diferente de um grande ninho de pássaro. Mesmo para um estilo Realm, imaginei que deveria parecer pesado e estranho, mas a mulher parecia satisfeita consigo mesma, ignorando as sugestões de seu estudioso assistente.

Estremeci. “Definitivamente não. "

“Bom. E além disso, você não precisa de distração,” Aris concordou, voltando sua atenção para meu rosto. Ela passou a mão sobre minhas bochechas, meu

nariz, minhas sobrancelhas. Beliscou levemente meu queixo. Pegou a ponta de sua unha e traçou levemente o formato de uma meia-lua na minha testa. “Acho que vou acentuar seus olhos, adicionar manchas âmbar para capturar a luz e usar um rosa mais escuro para seus lábios. O que você acha?”

Olhei-me no espelho. Tentei — e falhei — em imaginar o que ela estava planejando. Meus olhos, cílios e sobrancelhas já estavam escuros. A cor natural dos meus lábios estava opaca. Nada notável. Eu não sabia como seriam os lábios rosa escuro ou o que eram 'manchas âmbar' e por que elas precisavam 'captar a luz'.

“Eu não costumo usar maquiagem”, admiti, tentando não me inquietar sob o olhar atento de Aris.

“Oh, isso é muito melhor do que maquiagem. Prometo. Agora, deixe-me ver…”

E antes que eu soltasse meu próximo suspiro, meu rosto mudou.

Era como ela havia prometido. Marrons profundos e dourados fervilhantes para destacar meus olhos. Minhas feições escureceram — tornaram-se mais definidas e dominantes — e a cor em meus lábios os fez parecer mais cheios. Tentadores, até. E em minhas têmporas, escovadas artisticamente em meu cabelo, havia manchas âmbar brilhantes. Eu estava preocupada que ela me deixaria irreconhecível, mas eu ainda parecia eu mesma. Polida e talvez até bonita, mas eu mesma.

Aris deu um aceno de aprovação. “Você está adorável, Esmer. Lorde Erebus certamente pensará assim também.”

Eu corei. *Corei de verdade* . Por um simples elogio.

Aris deve pensar que sou incrivelmente vaidosa. Alguém facilmente influenciado por palavras bonitas — assim como todas as outras mulheres aqui.

“Não é errado reconhecer ou apreciar sua beleza”, Aris comentou, como se adivinhasse exatamente o que eu estava pensando. “Na verdade, acho que é uma coisa bastante honrosa reconhecer a beleza em si mesmo. Não importa qual forma ela possa assumir.”

Ela era sincera. Mas eu já tinha desviado o olhar do espelho .

“Eu…obrigada,” eu consegui dizer. “Verdadeiramente.”

“Claro. Agora, para seu traje,” Aris deu um passo para trás, avaliando. “Você vai querer combinar com Lorde Erebus, eu presumo. Ele gosta de preto, mas esta Revel requer um toque mais leve.”

Eu me irritei. “Não preciso me igualar a ele.”

Ela me lançou um olhar peculiar. “Você é o convidado dele, não é? É tradição honrar seu anfitrião do Reino.”

“E eu o honraria se o igualasse?”

Imaginei o Bringer e eu entrando no baile juntos. Imaginei as centenas de olhos enquanto eles giravam para encarar, fixando-se em nossas capas dramáticas combinando, armadura diabólica e botas pontudas. Que par nós faríamos. Um par muito óbvio, que não se misturaria em nada.

“Sim,” ela disse com um sorriso. “Mas seu traje não seria idêntico ao dele, se é isso que você está imaginando.”

“Não foi.” *Foi* .

Tecido cinza macio se envolvia sobre minhas roupas velhas, apertando, moldando e esticando-as em algo novo. Conforme o casulo se desenrolava, ele revelava camadas flutuantes de tecido cinza-pombo, mangas delicadas que caíam dos meus ombros e um decote largo e um tanto revelador. Chinelos macios amorteciam meus pés, moldados a mim como se eu os tivesse usado a vida inteira. Por fim, uma máscara se aninhou em meu rosto, curvando-se elegantemente sobre meu nariz e olhos. Era cinza — não marfim, como as outras — e tinha um formato simples e lisonjeiro que combinava com o resto do meu vestido.

Fiquei sem fôlego enquanto me estudava.

Eu tinha imaginado, uma vez, como eu poderia ficar em um vestido de princesa. Eden e eu compartilhamos muitos desses devaneios quando meninas, descrevendo o que compraríamos quando finalmente pudéssemos visitar uma

loja de vestidos adequada. O que usaríamos em bailes ou passeios de jardim com lordes ricos e príncipes bonitos. O que usaríamos em nossos próprios casamentos, até. Na verdade, tínhamos pouca compreensão do que as pessoas usavam fora de Norhavellis. Quais cores eram populares ou qual a qualidade do cetim ou veludo. Tudo o que tínhamos eram livros de histórias e a imaginação das crianças. Ainda assim, mesmo com todos os meus devaneios, nunca na minha vida imaginei vestir algo tão magnífico.

“Vá em frente, dê uma volta. Eu sei que você quer”, Aris disse, sorrindo. “Este pode ser meu melhor trabalho até agora. Vamos—” Ela me guiou para um giro, fazendo um som de aprovação enquanto meu vestido flutuava suavemente atrás de mim.

“Há quanto tempo você é aluno aqui? Você é muito talentoso.”

Completamos um segundo giro. “Fui recrutado aos treze anos com meu irmão gêmeo.”

“Você foi designado para uma Weaver, então? Eu sempre tive curiosidade de saber como é isso.”

Imediatamente, ela soltou minhas mãos. “Eu deveria escoltá-la até o Revel. Já tomei muito do seu tempo.”

Espere, não—

“Se eu disse algo errado, me desculpe,” eu disse rapidamente, enrijecendo com o desgosto e irritação em seu tom. Que linha não dita eu tinha cruzado? Se eu já tivesse errado tanto assim, eu não duraria cinco minutos no Revel. “Erebus me contou algumas coisas sobre a Noite Eterna, mas ele tende a ser um pouco enigmático. Minha pergunta não tinha a intenção de te machucar, mas peço desculpas se machucou.”

Ela segurou meu olhar, me desafiando. Finalmente, ela soltou um suspiro. A luta dentro dela enfraqueceu. Apagou-se como uma chama morrendo. “Não, eu exagerei. Você claramente não estava querendo fazer mal, mas eu entendi como tal. Para responder à sua pergunta, eu não tenho casa. Ainda não fui selecionada por uma Weaver.”

"Por que não?"

“Não está claro. Mas ainda não demonstrei potencial significativo em nenhuma das especialidades dos Sete.” Ela acrescentou, abaixando a voz: “Se eu não for selecionada até os dezoito anos, ficarei sem casa e trabalharei para manter a Noite Eterna até o fim dos meus dias mortais ou serei banida do Reino para sempre. Nunca poderei me juntar a uma Tecelã em seu domínio ou fazer qualquer coisa com verdadeiro propósito ou importância.” Ela apertou os cabelos. nds juntos. “Meu irmão e eu fazemos dezoito anos no final deste ano.”

Balancei a cabeça, contemplando a realidade daquele destino. “E seu irmão? Ele está enfrentando o mesmo futuro que você?”

Ela assentiu, olhos baixos. “E se ele não for escolhido, isso o devastará. Nós dois treinamos por anos para isso, mas é ele quem mais vai doer.” Aris tossiu, ajeitando suas saias pretas com um floreio. “Desculpe por divagar. Eu deveria levá-la para o Revel antes que o Lorde Erebus a cace.”

Antes de sairmos, vi meu reflexo uma última vez. Quase tropecei, notando algo diferente em meus olhos.

Havia sombras em minhas íris, rodopiantes e vibrantes.

Assim como o Portador das Sombras.

OceanofPDF.com

Capítulo 41

SENTI o cheiro do cômodo ao lado antes de poder vê-lo.

Sal e flores. O cheiro de vermes da terra fresca. O roçar de um vento encharcado de tempestade. Raízes de árvores, agulhas de pinheiro e pele aquecida pelo sol. Rochas úmidas, bolotas rachadas e dentes-de-leão doces. Frutas ácidas. Toques suaves de lavanda, sálvia, hortelã. E rosas. O aroma suave e atalcado de rosas. Peônias. Tulipas.

E cerca de cem outras coisas que não consegui nomear.

"Cheira mal…" Eu parei de falar, sem saber exatamente qual palavra poderia fazer justiça a isso.

"A maioria diz 'celestial'. Mas ouvi um ou dois sonhadores que acharam rústico demais. Como se o cheiro da terra fosse algo reservado aos animais." Aris respirou fundo e purificadoramente. "Ou aqueles de sangue comum," ela acrescentou, franzindo a testa.

"Isso é ridículo. Tem um cheiro incrível. Como alegria e maravilha."

Ela me levou a uma ponte de vidro que dividia o centro de uma antecâmara cavernosa. Só que não havia chão sob a ponte — e nem teto visível. Apenas paredes com pilares conectavam as várias partes da sala. Sob a ponte havia uma vista de uma grande floresta, e acima da ponte, onde o teto da câmara se partia, havia um céu cíclico. Amanhecer, dia, crepúsculo, noite. O céu girava rapidamente, hipnotizante em sua representação pura do sol, lua, estrelas e nuvens. Iluminava a ponte e a floresta com novas cores a cada poucos passos.

Era a própria vida, capturada em uma sala.

Não, era mais do que a vida, idealizada além do que seria possível fora do Reino. As árvores eram muito uniformes, o céu muito maravilhoso, as flores muito cheias, as pedras muito precisamente colocadas. Ainda assim, não pude deixar de reconhecer a majestade de tudo isso. Era, afinal, a essência da terra

transformada em seu potencial máximo. E enquanto caminhávamos pela ponte — meu pé inseguro em meus novos chinelos — respirei fundo e examinei tudo o que pude.

Uma estranha emoção brotou em meu peito, oca e dolorida. Eu queria compartilhar essa experiência com alguém — queria profundamente, dolorosamente, compartilhar o que eu estava vendo, ouvindo e cheirando. Elliot e Eden teriam adorado Evernight. E o Bringer —

Eu gostaria muito de observar seus olhos enquanto ele contemplava a sala.

“Todo ano, um Weaver diferente é encarregado de mobiliar a Evernight,” Aris explicou, interrompendo suavemente meus pensamentos errantes. “É o ano de Ceres.”

Mobiliário Evernight.

Como se a cena não fosse mais importante que um tapete ou uma planta de casa.

Ela apontou para o céu, ficando pesado com as cores do amanhecer. “Esta sala é encantada para mudar em pontos precisos na ponte. Mas apenas para o observador.” Ela gesticulou para uma família à nossa frente. Eles riram enquanto vários pássaros emplumados voavam acima, circulando uma vez antes de mergulhar sob a ponte. “Quando chegarmos a esse ponto, será dia. Mas eles estarão mais adiante — então verão o início do crepúsculo. Três ciclos se passam antes de chegarmos ao fim.”

“É lindo.”

“É. E tedioso,” Aris suspirou. “E algumas centenas de passos mais longo.”

“Qual é o propósito disso, então? Ser bonito e tedioso? "

Ela deu de ombros. “Evernight serve a um propósito diferente para cada um de seus habitantes. E é melhor estar ciente de que alguns propósitos são mais sombrios do que outros.”

No seu final, a ponte se bifurcava em três caminhos; os sonhadores, vestidos com suas melhores roupas, continuaram em frente. Seus acadêmicos

acompanhantes não. Com uma rápida reverência ou arco, os acadêmicos os deixaram para continuar. Sozinhos.

“Vá para a ponte do meio,” Aris ordenou. “Revelações são para os Weavers, seus acólitos e sonhadores. Os estudiosos têm outros assuntos para tratar.”

“Como fazer sonhadores parecerem aceitáveis?”, perguntei, afofando as dobras do meu vestido.

“Você parece mais do que aceitável”, ela disse com aprovação. “Você deveria estar agradecida por eu ter te encontrado. Outros teriam te colocado em amarelo. Ou pior, rosa.”

“Se for esse o caso, estou *muito* agradecida. Duvido que Erebus me reconheceria se eu estivesse usando rosa,” eu disse com um sorriso. Aris retribuiu meu sorriso, mas sua expressão parecia um pouco triste. E expectante, de alguma forma. “Espero que você seja escolhida por uma Weaver,” eu acrescentei. E eu quis dizer isso. “Espero que seu irmão também seja.”

Aris fez uma reverência e, quando se levantou novamente, endireitou as costas e levantou o queixo. “Aproveite a Revelação. Talvez eu a veja novamente, um dia.”

E ela me deixou continuar sozinho.

Hesitei no fim do caminho, centralizando minha respiração. Na correria de ser talhado em uma versão mais fina e elegante de mim mesmo, eu quase tinha esquecido onde estava. E, talvez ainda mais importante, onde estava o Portador das Sombras.

E onde *estava* o Portador das Sombras?

Mais sonhadores passaram, continuando para o Revel. Mulheres em vestidos esvoaçantes e maquiagem brilhante. Homens, alguns maquiados também, em roupas igualmente brilhantes. Tecido flexível, decotes abertos, bainhas dramáticas, camadas intrincadas e bordados de contas. Havia algumas crianças, também; alguns dos mais jovens sorriam de excitação, mas outros pareciam apáticos, como se já tivessem ido à Meia Noite mil vezes e esta fosse apenas mais uma exigência familiar chata.

Homens, mulheres, crianças. Sonhadores lindos e tagarelas de todas as idades.

Mas nada de Shadow Bringer.

Talvez ele tenha decidido perseguir o que quer que fosse que ele quisesse fazer agora que podíamos ser vistos e sentidos. Talvez ele tenha imaginado que eu só ficaria no caminho dele. Eu cerrei os dentes, considerando. Ok, então talvez eu *ficasse* no caminho dele. Mas isso seria apenas porque eu era corajosa o suficiente para tentar.

Mas que se dane se eu ficaria aqui sentado esperando por ele.

Decidi seguir a próxima família — um homem e uma mulher com seu filho e filha — diminuindo meu passo para não chamar atenção para mim. A mãe e o pai andavam com movimentos fluidos e queixos erguidos, mantendo sua graça e postura mesmo na plateia casual de sua família imediata. Nem mesmo o disfarce do traje do Reino conseguia esconder o que — ou quem — eles provavelmente eram.

Realeza. Ou algo próximo disso.

Minha mãe e meu pai tentaram imitar esse tipo de elegância uma vez. Tentaram dobrá-la em seus passos e espalhá-la sobre suas bordas duras e linhas cobertas de sujeira. Um rei cansado e sua rainha obediente.

Cruzei os braços sobre o peito, franzindo a testa diante da direção que meus pensamentos haviam tomado.

Quem era eu para julgar meus pais? Eu estava tão quebrado quanto eles.

Se não pior.

A passagem do meio clareou significativamente conforme nos aproximamos da saída, alargando-se e arqueando-se no ritmo do nosso progresso. No topo, a ponte parou em sua subida, capturada por um véu de névoa rodopiante que obscurecia nossos passos.

A filha visivelmente empacou, tremendo assim que a névoa tocou sua pele. “É melhor que seja bom”, ela disse com um suspiro. “A última vez que fizeram a névoa, era tão sem graça. Quem se importa com as antigas demonstrações de

guerra? Elas já estão mortas. "

O irmão olhou para ela, mais do que pronto para participar de uma batalha com a irmã. “Você acha que tudo é chato. Eu deveria te jogar da ponte. Então você não teria que sofrer mais com a insuportável monotonia.”

“Que criativo,” ela sibilou, sacudindo o cabelo sobre o ombro e acelerando os passos. “É assim que você pune seus servos também? Jogando-os sobre sua ponte levadiça chique? Encontre sua imaginação, irmão. Ou você a perdeu na última Revel? Com o filho daquele senhor feio—”

“Feio?” ele sibilou de volta. “Feio? O que é feio é a mancha nojenta do seu vestido. Por que você deixaria que o deixassem laranja?”

“Como isso parece laranja para você? É *pêssego* ,” ela retrucou, quase gritando. Mas ela pegou seu vestido de qualquer maneira, examinando o tecido. “Só—só pare de falar comigo. Eu não preciso da validação de um idiota.”

A mãe deles se virou, a boca congelada em um sorriso sereno. O que tornou tudo ainda mais assustador quando ela disse: "O que é *chato* e *feio* é sentar no seu quarto, miserável e sozinho, enquanto todos os outros na sociedade estão aproveitando a Revel. Seu pai e eu podemos garantir que você nunca mais vá a uma."

O irmão e a irmã imediatamente endireitaram as costas e os ombros, como se quisessem lembrar à mãe o quão recatados e perfeitos seus filhos realmente eram.

Não consegui evitar. Eu ri.

A mãe já havia se virado, não mais incomodada com as brigas dos filhos, mas o irmão e a irmã se viraram imediatamente, com os olhos arregalados por trás das máscaras.

“Que audácia”, a irmã suspirou, mortificada.

O irmão franziu a testa para mim antes de arrastar os olhos dos meus pés para o topo do meu cabelo cacheado. Então ele sorriu, como se descobrisse algum segredo estranho e perturbador. “Você é o novo bichinho de estimação de algum acólito novato, não é? Você deve estar tão sobrecarregado. Ou—” Ele fez

questão de olhe ao redor de nós. “Oh, desculpe. Você já foi esquecido? Coitado. Os acólitos podem ser tão inconstantes.”

“Não sou bichinho de estimação de ninguém, muito obrigada”, eu retruquei. “E meu *amigo* está me esperando lá dentro.”

“É realmente uma pena estar sozinha em uma Revel. E com um vestido tão deprimente, também,” a irmã acrescentou.

O irmão inclinou a cabeça e fez um gesto com o polegar para o queixo. “Na verdade, é um vestido bem bonito.”

“ *Não é* ”, insistiu a irmã.

“Quem fez isso? E sua maquiagem. O glamour que eles fizeram com seus olhos é impressionante—”

“Por que você se importa? *Ugh.* Você realmente é o pior.”

Eles viraram as costas para mim, mais fascinados com seus argumentos do que com meu vestido ou minha maquiagem. A névoa estalava em seus calcanhares, obscurecendo-os parcialmente, apesar de sua proximidade.

E tão rapidamente quanto eles perderam o interesse em mim, a névoa se dissipou.

O coliseu que apareceu diante de nós caiu direto das páginas do livro favorito de Elliot sobre Weaver. Fileiras e mais fileiras de assentos dourados circundavam o chão do coliseu, cheios de sonhadores aproveitando a melhor comida, bebida e entretenimento. Cálices se enchiam automaticamente com líquido espumante, e travessas estavam sempre cheias e transbordando com comidas coloridas, estranhas e perfumadas. Os sonhadores enchiam os assentos em seus lindos trajes e máscaras imaculadas, sorrindo, rindo, flertando — competindo poderosamente pela atenção dos outros.

Tudo parecia vibrante, fresco, *vivo* .

Alguns sonhadores se viraram para me olhar com um olhar curioso ou escrutinador, mas eu fui deixado para vagar sem interrupção. Se eles se lembravam de quem eu era pela entrada dramática do Portador das Sombras, eles

não demonstraram. A comida, a bebida, a companhia — tudo era mais tentador do que uma garota solitária que pode ou não estar associada ao seu Lorde Erebus.

Sentei-me e peguei uma taça perdida, interessado em saber o que era Bebida noturna pode ter gosto de. Eu sabia que precisava encontrar o Portador das Sombras, mas não poderia me divertir enquanto isso?

Pare de pensar no Bringer — ele claramente não está pensando em você. Ou olhando, para falar a verdade.

Clareza explodiu através de mim enquanto eu bebia do cálice, esfriando minha pele e formigando minha língua. Tinha gosto de chuva fresca, névoa matinal e um pouco como o suspiro de ar que você toma enquanto corre — a respiração que você força para dentro dos pulmões quando está no auge da exaustão, dando a você uma explosão gloriosa de energia crua e poderosa. Tinha gosto de liberdade, redenção e esperança.

Um pouco como o céu, pensei.

Então tomei outro gole. E outro. Experimentei todos os tipos de bebidas e comidas, cada uma com um sabor mais brilhante e mais revigorante que a outra. E quanto mais eu consumia, mais eu desejava.

Eu queria *mais* , *mais* , *mais* .

Pelo que pareceu uma eternidade — e nem de longe o suficiente — eu ri, sorri, bebi e comi com os sonhadores mascarados ao meu redor. Observei grandes bestas aladas voando sobre minha cabeça. Sorri para os elogios de homens e mulheres. Do meu vestido. Da minha pele. Da minha beleza. Tudo estava perdido para mim. Tempo, propósito e lógica. Qualquer coisa que não fosse o aqui, o agora — nada disso importava.

E mais eu sentia que pertencia a essas pessoas misteriosas e lindas.

Talvez eu não quisesse voltar para casa, afinal. Se eu esquecesse meu propósito, talvez eu pudesse ficar aqui para sempre. Aqui eu poderia ser quem eu deveria ser: linda, gloriosa, livre.

Livre!

À medida que a noite — ou o dia, porque quem poderia dizer? — avançava em espiral e as criaturas aladas paravam seu voo, a conversa desacelerou para um *zumbido profundo e vibrante* . No auge do silêncio, a atenção dos sonhadores se voltou para um arco velado pela névoa no lado oposto do coliseu.

“Isso sempre esteve lá?”, perguntei, tomando outro gole do meu beba e me acomodei de volta na cadeira. O jovem ao meu lado — um primo de um rei de algum reino distante — envolveu suas mãos em volta de mim. “Eu nem tinha notado.”

“Sim”, ele sussurrou em meu cabelo, brincando com meus cachos enquanto adicionava uma pequena trança. Ele levou seu tempo, deliberadamente formando a trança o mais lentamente possível, mas eu estava estranhamente despreocupada. Eu estava mais paralisada com seus olhos de âmbar derretido. “As Tecelãs estão prestes a fazer sua procissão. Que emocionante.”

Alegria cresceu em meu peito, pesada e avassaladora. Alegria, a antecipação de algo novo, algo *melhor* —

Fenrir, o Tecelão de Fogo, apareceu primeiro, saindo da névoa como um leão após uma longa e gloriosa caçada. Seu corpo, frouxamente envolto em vestes da cor de sangue molhado, exibia uma riqueza de tatuagens pretas. Elas arranhavam seu peito, parando em sua mandíbula; seu rosto estava nu, exceto por uma coroa de rubi e um sorriso dominante de dentes brancos. Mas seus olhos eram outra coisa — algo sobrenatural e indicativo de seu poder. Eles queimavam com um fogo tão brilhante e tão selvagem que doía até mesmo *olhar* para ele — mesmo do outro lado do coliseu.

Seus acólitos se alinharam atrás dele, todos vestidos da cor de sangue molhado também. Eles carregavam o sigilo de seu senhor orgulhosamente, rubis brilhando em suas gargantas e mãos, e desceram os degraus do coliseu com poder, glória e propósito.

Nephthys, a Tecelã de Água, veio em seguida, mais deslumbrante pessoalmente do que qualquer ilustração de livro de histórias. Cabelo verde-marinho enrolado em seus ombros bronzeados, caindo orgulhosamente sobre ombros polvilhados de joias, e olhos oceânicos brilhavam acima de uma boca franzida em travessura.

E orgulho, pensei.

Uma coroa de safira arqueava-se sobre sua testa, combinando com as pérolas azuis que enfeitavam seu corpete e saias. Seu vestido se movia como água, acumulando-se de um degrau para o outro. Como os de Fenrir, seus acólitos emergiram atrás dela, vestindo sedas azuis extravagantes, safiras combinando e chinelos de contas.

Então havia Ceres, a Tecelã da Terra, vestida flores silvestres, vegetação rasteira e folhas. Um capacete com chifres se enrolava em seu couro cabeludo, incrustado com esmeraldas, mas pingando o que parecia ser teias de aranha, rosas e pequenos esqueletos. Ela era uma contradição ambulante; o contraste entre vida e morte, crescimento e decadência. E seus seguidores se mantinham como ela. Pés firmes e mãos ainda mais firmes, enraizados na terra. Só que eles não usavam teias de aranha ou coisas moribundas. Em camadas de túnicas verdes e couro escuro, eles pareciam práticos — pé no chão. Enquanto caminhavam, seus amuletos de esmeralda brilhavam.

Os três Weavers que surgiram em seguida: Somnus, Theia e Xander.

Somnus saiu da escuridão como uma cobra solta, vestido de preto e com uma coroa de osso. Xander deu um passo à sua esquerda, o guerreiro imortal com o olhar onisciente de um rei, coroado em ouro e ladeado por espadas flutuantes. Theia completou o trio, envolta em tecido translúcido e uma brilhante coroa de diamante.

Seus acólitos emergiram juntos, todos em armaduras. Eles pareciam prontos para uma guerra, não para uma festa, e se mantinham como tal. Treinados. Expectantes. *Conscientes* .

O homem ao meu lado — um príncipe ou primo, não me lembro — colocou a boca no meu ouvido.

“Os dois vira-latas são os próximos”, ele sussurrou. Sua respiração era quente na minha pele e tão doce quanto ameixas podres. “Que delícia.”

Afastei meus ombros dele.

"Quem?"

Ele bebeu do cálice, sem se preocupar em limpar o líquido que escorria pelo queixo. “Você realmente nunca esteve aqui antes, esteve? Os pequenos senhores

especiais da escuridão e da luz.”

Duas figuras, ambas em couros de corte fino, apareceram sob o arco. A da esquerda usava um diadema de ouro; a da direita, um diadema de prata. No topo das escadas do coliseu, elas compartilharam um sorriso caloroso.

Mitras e Érebo.

Dois homens flanqueavam Erebus, agora um jovem com cabelos negros como corvos, enquanto ele se dirigia ao chão do coliseu. O primeiro homem andava com confiança e graça fácil, acenando para os clientes mais próximos a ele. Ele era alto — mais alto que Erebus — com cabelos castanhos caramelo profundos, pele morena clara e um sorriso fácil. O segundo mantinha uma presença mais silenciosa e calculada. Pálido e de olhos maldosos, com cabelos pretos e lisos caindo até o queixo, ele olhava para as arquibancadas como se estivesse fazendo um julgamento sobre cada cliente presente.

“Bastardos humildes,” o homem ao meu lado resmungou. “Um sem-teto nunca deveria ser transformado em algo que não é. É como dar uma coroa a um porco e chamá-lo de rei.”

"Como eles estão sem casa? Eles parecem ser bem poderosos", eu disse, ignorando a escavação grosseira do homem.

“Sem-teto, escória, porcos — são todos iguais. Erebus e Mithras eram ambos estudiosos em Noite Eterna, mas nunca possuíram uma afinidade específica.” O homem balançou a cabeça e tomou outro gole desleixado de seu cálice. “Felizmente para eles, demonstraram poder de outras maneiras e se tornaram os caçadores de demônios mais ilustres do Reino.”

“Parece que eles são benéficos para o Reino, então.”

“Os Weavers podem pensar assim, mas isso não significa que concordamos”, ele respondeu, baixo e gutural. Por um momento, seus olhos escureceram, tornando-se algo maligno e errado. Mas foi apenas por um momento.

Ele tomou um último gole. A escuridão se foi, substituída por um leve tédio.

Minha pele arrepiou, zumbindo de antecipação e medo que esculpiam minhas bordas nubladas. Não parecia possível que Erebus e Mithras fossem amigos —

mesmo quinhentos anos atrás — mas lá estavam eles, queixos erguidos e sorrindo pelo coliseu como se estivessem celebrando algo magnífico. Eles frequentemente se viravam um para o outro, compartilhando alguma piada secreta ou outra.

Eles pareciam felizes. Como se o mundo não pesasse mais sobre eles.

E assim, o anfitrião do Revel finalmente apareceu.

Lelantos saltou do céu em uma explosão de relâmpagos azuis e brilhantes. Ao cair, ele abriu bem os braços — e o céu mudou, mudando do crepúsculo para nuvens pesadas com tempestade. Ele puxou as nuvens para mais perto, mais perto e *mais perto ainda* , forçando-as a espiralar ao redor do coliseu. As nuvens se moviam rapidamente, girando cada vez mais rápido, brilhando com luz e estrondosos baixos com trovões. E enquanto as nuvens giravam, o coliseu começou a girar também; ele balançou lentamente em seu eixo, inclinando-se ligeiramente para a esquerda. Então para a direita. Finalmente, ele *rachou* . Em uma rajada de vento e relâmpagos, o coliseu se ergueu no ar.

Agarrei-me à beirada do meu assento, tentando me ancorar em alguma coisa — qualquer coisa.

O homem de olhos âmbar riu de mim. “Fácil. Não é como se eles fossem nos fazer cair no Nocturne—” Eu me levantei. Me empurrei para longe de suas mãos. Seus olhos queimavam com podridão, se contorcendo em malícia. “Aonde você está indo? Você não tem ninguém aqui. Pequeno sonhador chato, completamente sozinho.”

Ele se levantou, apertando meus ombros enquanto o coliseu tremia. Ninguém notou ou se importou. Estavam ocupados demais rindo do mais novo entretenimento do Revel.

Naquele momento, eu estava de volta àquela clareira, com um garoto de olhos arregalados me prendendo ao chão.

Unhas rasgaram minha pele, rasgando linhas em meu pescoço. Eu bati em seu rosto, chutei suas canelas, mas foi inútil, inútil—

Os lábios do homem se curvaram em um sorriso de escárnio até a borda da máscara. “Você não pertence a este lugar. Por que você simplesmente não *acorda*

__”

Ele não conseguiu terminar a frase. Asas, abrindo-se num estalar de penas, irromperam de nossas costas.

E assim como o coliseu subiu, ele caiu.

OceanofPDF.com

Capítulo 42

ERA algo saído de uma história, uma ficção.

Um *sonho* .

Agora vestidos com a maior surpresa da festa — *asas* — os sonhadores e os Weavers com seus acólitos flutuavam nas nuvens acima do Nocturne. O coliseu havia caído, acomodando-se de volta na Noite Eterna como um cachorro se enrolando em sua toca favorita, e o homem de olhos âmbar havia virado as costas para mim, não mais interessado em minha atenção. Nossas bebidas, comida e conversa morna se foram; agora vinham a liberdade, a possibilidade, *o voo* .

E ter asas não era tão ruim, eu decidi.

Eles trabalhavam sem nenhuma entrada consciente, movendo-se atrás de mim em batidas longas e graciosas, e se eu posicionasse meu corpo da maneira certa, eles respondiam instantaneamente, movendo-se comigo. Se eu inclinasse meus ombros para a esquerda, eles também se inclinavam, me torcendo para o lado. Se eu me inclinasse para a frente, eles se levantavam ligeiramente, me carregando para a frente. Não demorou muito para me acostumar com minhas asas — a voar. Era tão natural quanto respirar, tão suave quanto andar.

Lógica dos sonhos.

Lelantos voou acima de nós, disparando entre as nuvens, a névoa e as faíscas persistentes dos relâmpagos, afinando seu acabamento toques. Ele convocou um painel plano de nuvens para descansar abaixo de nossos pés, marcando os limites

de sua criação, e torceu outras nuvens em pináculos que imitavam o formato de pilares de mármore. Ele nos deixou abertos ao mundo, pois não formou nenhum teto sobre os pilares, mas não havia muito para ver. A vista panorâmica do Noturno foi prejudicada por sua tempestade.

Quando ele estava satisfeito com seu salão de baile no céu, Lelantos flutuou acima de todos nós, suas grandes asas fulvas forçando um vento a passar por nossas roupas caprichosas e máscaras cuidadosamente colocadas. Sua própria meia-máscara de osso curvava-se sobre um lado de seu rosto, emoldurando metade de seu olhar de falcão. Ele usava vestes de pele e couro, deixando seu peito largo aberto para o ar, e seus lábios carnudos estavam curvados em prazer.

“Sonhadores!” Lelantos gritou, silenciando a música crescente e a tagarelice persistente. “Bem-vindos à Festa do Renascimento. Vocês foram trazidos aqui com um propósito, como sempre serão. O renascimento acontece quando um pesadelo é perturbado pelo amanhecer da liberdade. O renascimento é esperança, glória, *asas.* ”

Ele fez uma pausa, deixando o peso de suas palavras afundar. O ar ficou pesado em seu silêncio, pesado pela possibilidade. Até Erebus e Mithras, agora em asas brancas combinando, olharam para Lelantos em antecipação. Para quê, eu não sabia.

E que conveniente que o Portador das Sombras ainda estivesse desaparecido.

Inquieto, olhei ao redor, tentando novamente encontrá-lo entre os sonhadores. Ele deveria ser óbvio o suficiente, mas as asas de todos dificultavam a visão. As asas obscureciam, mascaravam, escondiam. Assim como eu jurei que vi seu cabelo branco como a lua ou armadura de noite líquida, uma asa obstruiu minha visão, escondendo o que quer que eu pensasse ter visto.

“Para você, eu sou o Tecelão do Ar — o rei do céu, governante dos ventos e arauto da mudança,” Lelantos continuou. “Mas hoje à noite, eu sou o mestre desta Revelação. E uma Revelação gloriosa será. Agora, as tempestades cessarão, a chuva recuará, e o amanhecer da liberdade estará sobre nós.”

Lelantos abriu bem as mãos e, por um momento, eu poderia ter jurou que seus olhos claros encontraram os meus. Mas assim que o momento chegou, ele passou, e com um último floreio de suas asas, os céus ouviram. A tempestade se aquietou para um ronronar. As nuvens se dissolveram. A chuva, a névoa e os

relâmpagos cessaram. E milhões de estrelas, tão gloriosamente brilhantes quanto os céus poderiam ser, deslizaram para o lugar ao nosso redor.

Os sonhadores ficaram em silêncio em relação a Lelantos; agora, eles estavam em silêncio por uma razão completamente diferente. Era como o Tecelão do Ar disse — isso era esperança. Possibilidade. Liberdade.

Renascimento.

O vento, fresco com o perfume do Noturno, varreu entre os sonhadores. Sal, musgo e violetas. Conforme o vento soprava, a música também soprava, comandada por alguma fonte invisível.

E como bonecas em fios invisíveis, começamos a dançar.

Os passos eram intrincados e grandiosos, mas eu não precisava conhecê-los. Enquanto eu relaxava meu corpo, ele se movia sem minha entrada, caindo no fluxo e refluxo natural da dança. Minhas asas me giravam no lugar ou me guiavam para um novo parceiro; meus quadris se torciam e meus braços mergulhavam por conta própria.

Alguns parceiros eram falantes e genuínos, elogiando meu vestido ou compartilhando as últimas fofocas do Reino. Outros eram como o homem de olhos âmbar. Encantadores no início e interessados em aprender mais sobre quem eu era. Meu passado, meu status, minhas esperanças, meus sonhos. Mas alguns passos depois, sua natureza mais sombria começaria a vazar. Seus olhos brilhariam vermelhos, seu aperto aumentaria e suas bocas ficariam molhadas.

Meu parceiro atual era assim. Ele era um homem mais velho com uma barba grisalha e uma voz quente e estrondosa. Eu o tinha achado gentil, no começo. Charmoso. Mas ele tinha perdido essa pureza desde então. Agora, quando ele olhou para mim, tudo o que eu vi foi uma violência terrível e corrosiva. Ela ardia em seus olhos azuis, saía de suas narinas como fumaça.

Eu queria sair, sair, *sair* —

De repente, minhas asas vacilaram, como se esquecendo do próximo passo na dança. O homem e eu tropeçamos, caindo no caminho de outros dançarinos. Olhei ao redor, desesperado para chamar a atenção de outro parceiro. Até mesmo Mitras seria preferível a esse monstro.

“Fique *longe* de mim”, eu sibilei.

O homem sorriu, como se minha luta o entretivesse. “Não é assim que se trata um nobre.”

Então o homem — *monstro* — agarrou meu pulso, tentando puxar meu corpo de volta para suas mãos suadas. Eu resisti, batendo um cotovelo em seu peito, mas seu aperto era como ferro. Eu não conseguia me soltar. Por que ninguém estava olhando? Por que ninguém se *importava* ?

Mas então alguém fez isso.

Érebo.

Sua parceira, uma linda mulher em um vestido cor-de-rosa, olhou para ele com adoração. Mas o sorriso de Erebus era rígido, seus olhos distraídos.

Procurando por algo, assim como os meus.

Quando seus olhos pousaram nos meus e ele soltou a mão do parceiro, um choque estalou como fogo pelos meus ossos. A sensação não era diferente da bebida que experimentei antes: um lampejo de poder ofegante.

De repente, fiquei muito consciente de mim mesma. O decote do meu vestido, a cor dos meus lábios e o tom suave do tecido cinza que complementava seu próprio traje. Eu não tinha percebido antes, mas agora era gritantemente óbvio.

Aris me *combinou* com ele.

Altere-o. Altere-o como você fez no último sonho, mude-o antes que ele possa ver—

Mas nada aconteceu. Até minha lâmina, que havia saltado pela minha pele antes, parecia cansada e cega. Lenta, como se estivesse em um sono profundo.

“Sua vez acabou,” Erebus disse ao homem barbudo, sorrindo levemente. Sua voz era tão autoritária e rica quanto a do Portador das Sombras, mas ele a empunhava com mais volume do que o Portador jamais fez. “Encontre um novo parceiro.”

Depois de apenas um momento de hesitação, o homem me soltou.

“Foi uma dança memorável, querida senhora”, disse ele, entrando uma reverência e pressionando um beijo espinhoso nas costas da minha mão antes que eu pudesse arrebatá-la. “Aproveite o resto da Revel.”

Os olhos prateados de Erebus serpenteavam pelas linhas do meu corpo, muito parecidos com os de um homem que olha para sua amante, mas não havia calor em seu olhar. Seus olhos desmascarados eram afiados e cautelosos enquanto contemplavam as dobras do meu vestido cinza. A maneira como meus cachos caíam sobre meus ombros. As joias em minha garganta.

“Você está usando minha cor favorita,” ele murmurou, pegando minha mão e me puxando para seu peito. Seu polegar enluvado roçou o local onde o homem me beijou, mesmo enquanto os sonhadores ao redor nos encaravam. “A maioria dos sonhadores prefere cores brilhantes, mas eu preferiria estar cercado pelas profundezas. Não é estranho?”

“De jeito nenhum. Há um certo conforto no escuro”, respondi honestamente. “Especialmente em um lugar tão cheio de caos.”

“Você entende, então.” Ele sorriu, apertando minha mão como se estivesse me tranquilizando, mas seus olhos ainda estavam frios. “Você é filha de um lorde? Uma prima do rei? É raro ver um rosto novo; estou curioso.”

“Eu não tenho importância.” Dei um passo para trás, consciente da maneira como seus olhos traíam o calor forçado em seu sorriso. Falar com Erebus parecia estranho; era quase como se ele soubesse que eu não pertencia ali. “Só um sonhador em sua primeira Revelação.”

“De uma forma ou de outra, todos são importantes aqui.”

“Especialmente você, ao que parece. Os sonhadores não conseguem parar de olhar para você.”

Ele me puxou de volta para ele. Roçou as pontas de suas asas sobre as minhas. “Você tem tanta certeza? Olhe ao redor — é só *você* que eles veem.”

Ele estava certo.

Os olhares dos sonhadores estavam cheios de ciúmes e raiva, e em sua fúria coletiva, ninguém sequer piscou para Erebus. Uma garota diferente poderia ter sentido medo ou até mesmo triunfo por aquele ciúme — por toda aquela raiva amarga e ridícula fixada em alguém que roubou a atenção de seu amado.

Voltei-me para Erebus, encontrando seu olhar cauteloso com uma curiosidade um. Se Somnus fez questão de que o Portador e eu estivéssemos aqui, certamente esta noite guardava algo importante. Mas o que era?

E onde estava o demônio?

“Por que você pediu para dançar comigo?”

Ele hesitou. Como se nem *ele* soubesse por que perguntou.

“Você estava precisando de um novo parceiro,” ele disse finalmente, me guiando em um giro lento e gracioso. Minhas asas obedeceram, seguindo sua liderança.

“Mas eu não estava. A dança estava apenas na metade.”

“Foi?”, ele perguntou, fingindo indiferença. “Achei que estava quase acabando.”

Criador, esse homem é tão irritante quanto seu eu futuro.

Passei minha mão por seu ombro, movendo-a distraidamente em direção ao cabelo preto que descansava ali. O que o havia tornado branco? O castelo do Portador havia sugado toda a cor, toda *a alma* , de seu corpo, tornando-o amargo e sem sangue? Erebus compartilhava muitas semelhanças com o Portador das Sombras, mas ele irradiava poder e vida de maneiras que o Portador não irradiava. Os olhos de Erebus eram mais afiados, a pele mais escura e os lábios mais precisamente definidos. E havia uma certa sensação de autoconfiança na maneira como ele se portava. Ele estava menos assombrado e sobrecarregado. Mais seguro de seu caminho e de seu propósito.

Nossos olhos se encontraram novamente. Dessa vez, o que quer que ele tenha visto no meu olhar o fez parar.

Ele abaixou a cabeça, levando a boca para roçar a ponta da minha orelha.

“Ouça com atenção e responda o mais sinceramente possível. O que está acontecendo fora do Reino? Você é novo aqui; você será capaz de responder mais claramente do que os outros. A doença se espalhou?”

“Doença,” eu ecoei, um arrepio se espalhando pela minha pele. *Corrupção.* Ele ainda não tinha uma palavra para isso? “Você quer dizer Corrupção?”

A boca de Erebus se apertou. “Essa é uma maneira precisa de descrever. O que você viu?”

“É horrível,” eu sussurrei. Os sonhadores ao nosso redor estavam trocando de parceiros, mas não nos afastamos dos braços um do outro. “Ele encontrou meus pais e matou minha irmã. Eden,” eu esclareci, como se o nome dela importasse para ele. “Ela era jovem.” Minha voz falhou, emaranhada por emoções que torciam meu coração em nós. “Ela tinha a vida inteira pela frente. E eu—eu—“

Eu a matei. Eu a encorajei a sonhar, e um demônio a encontrou. Eu causei as sombras sob seus olhos. Eu causei o sangue em sua pele e as lascas em seu caixão. Eu arruinei uma vida que não era minha. Então sua morte quebrou uma mãe e um pai honrados a cometer o indizível, destruindo as vidas de inúmeros outros.

As sombras nos olhos de Erebus giravam, se acumulavam, escureceram. Primeiro imaginei que a emoção fosse raiva ou horror, mas parecia diferente. Mais sem profundidade e dolorido.

Tristeza , percebi.

Ele estava preso aqui, em Evernight? Por que ele não conseguia simplesmente acordar e ver as respostas para suas perguntas por si mesmo?

Então eu perguntei a ele.

Ele piscou, um lampejo de tristeza rompendo sua guarda cuidadosa. “Não é tão simples assim.” Ele me mergulhou em sincronia perfeita com os outros sonhadores, fazendo com que minhas penas roçassem as nuvens sob meus pés. Uma vez ereto novamente, ele me girou de volta para seu peito. “Pretendo consertar este mundo,” ele murmurou em meu cabelo. “Não haverá mais doenças ou morte. A escuridão deve ser destruída.”

Percebi uma coisa então.

Erebus estava de fato mais certo de seu caminho e de seu propósito, mas seu propósito não o levaria à glória ou à felicidade. Ele o levaria a quinhentos anos de tormento nas mãos de mil monstros e a um novo nome.

O título de *Portador das Sombras* .

“O que quer que você esteja prestes a fazer — não termina como você deseja.” As palavras saíram aos tropeços antes que eu pudesse impedi-las. “Não sei por que — ou como — mas seu destino termina em desastre.”

Quinhentos anos de escuridão. Quinhentos anos apodrecendo na escuridão.

Sozinho .

“Quem é você?” ele perguntou, olhos prateados procurando os meus. “Já nos conhecemos antes?” Seu aperto aumentou. Eu não tinha certeza se ele estava ciente disso. “Você parece...” ele se afastou, analisando meu rosto. Por um momento, pareceu que ele ia arrancar minha máscara.

Bem abaixo de nós, talvez dentro dos corredores da Noite Eterna, um sino tocou e o céu escureceu.

Erebus parou, suspendendo-nos no ar.

“Temo que esse seja todo o tempo que me resta”, ele disse, sorrindo tristemente e soltando minha mão. “Espero vê-la novamente um dia. Pretendo revisitar essa conversa.”

“Espere, você não—”

Mas ele já tinha virado as costas para mim e mergulhado entre os pilares nublados.

Perdido .

Minhas asas batiam atrás de mim, agitando silenciosamente o ar. O que eu deveria fazer? Qual era meu propósito aqui?

E quando eu quase mergulhei atrás de Erebus, eu finalmente *o senti* .

O Portador das Sombras.

Eu me virei.

Sem surpresa, ele ainda estava em suas roupas de couro pretas, botas afiadas e manoplas com garras. A armadura brilhava perversamente na penumbra, tão diferente dos tons suaves dos outros sonhadores, e sua máscara combinando era forrada com pontos de obsidiana. Mas ninguém se importava — ninguém mais estava olhando. A maioria do grupo havia se movido em direção a uma nova oferta de comida e bebida.

O que deixou o Portador das Sombras e eu sozinhos na escuridão mais profunda e sem estrelas.

Suas asas eram pretas como veludo e brilhantes; elas se estendiam atrás dele, complementando sua forma e fazendo-o parecer mais alto e mais intimidador do que ele já era. Isso me fez lamentar pensar que as asas pareciam naturais nos outros sonhadores. Como elas pareciam nos sonhadores não era *nada* comparado a como pareciam no Portador das Sombras .

Os dele eram ameaçadores e tentadores. Eu queria tocá-los.

Estranho.

O Portador olhou para o meu vestido. Eu poderia jurar que seu olhar mascarado permaneceu ali — no formato dele. Nas dobras, no tecido. Das minhas asas, macias e cinzas. E, por último, meus olhos.

Sua boca se abriu. Não tive certeza se ele sequer notou.

“Você parece estar em seu elemento,” eu consegui, o calor subindo para minhas têmporas. Eu tinha a intenção de contar a ele sobre Erebus, mas o pensamento prontamente se dissipou. “Suas asas combinam com você.”

“Eu poderia dizer o mesmo sobre o seu.” Parecia que ele queria dizer mais, mas ele fechou a boca antes que pudesse. Sua pele o traiu, no entanto; um rubor definitivamente estava em suas têmporas também.

A música subiu. Nós éramos os únicos dois que não estávamos dançando.

“Onde você foi?”, perguntei finalmente.

Eu estava procurando por você. Senti falta de ter você ao meu lado.

“Eu não pretendia te deixar por tanto tempo.” Ele engoliu em seco, como se estivesse lutando para decidir se me contaria uma verdade ou uma mentira. “Eu estava reencontrando velhos amigos.” Sua voz quebrou um pouco com isso — rachada e fragmentada com essa única admissão. “Ou... observando-os, na verdade. O que um homem pode dizer aos seus fantasmas?”

Então, uma verdade. Uma verdade assombrada e de cortar o coração. Mas uma verdade, no entanto.

“Mithras foi meu amigo, uma vez,” o Portador continuou, olhando para o céu. “Mas ele me traiu. Não me lembro como; só sei que ele fez isso. E acho que aconteceu hoje à noite nesta Revelação.” Ele passou uma mão enluvada pelo cabelo, então a abaixou para cruzar sobre o peito. “Minhas memórias vêm em pedaços. Haverá alguma deixa — eu deveria reconhecê-la e saber.”

“Então temos algum tempo?”, perguntei. Então tentei algo mais brincalhão — para aliviar a tristeza em seus olhos que tão claramente espelhavam os de Erebus. “Poderíamos dançar.”

“Eu não estou dançando.” Ele acrescentou rapidamente, “Eu não danço. "

“Seu eu do passado discordaria. Eu estava apenas dançando com ele, na verdade.”

O Portador inclinou a cabeça, considerando. “Era você, agora? Você deveria saber que eu só aprendi a dançar para poder apaziguar os Tecelões que dão essas festas malditas.”

“Então o que você está dizendo é que você é realmente *muito* capaz de dançar.”

Ele agarrou minhas mãos e me puxou para perto dele.

“Só dessa vez”, ele avisou. “Só para parar de importunar você.”

Apesar da hesitação, ele me guiou pela música, acompanhando o ritmo mesmo quando ele era frenético. Nossas asas batiam em uníssono; nós rodopiamos pelas nuvens, perdidos nos violinos altos, nos giros complicados e na beleza e maravilha de tudo isso. E antes que a primeira música terminasse, ele já estava vermelho e sorrindo.

E eu também.

“Como você consegue fazer isso sem vacilar?”, ele perguntou, nos guiando para uma parte mais isolada das nuvens. Em direção aos pilares e às estrelas.

"Fazer o quê?"

“Toque-me,” ele respondeu, trazendo sua mão enluvada para a parte de trás do meu pescoço. “Assim.”

Tipo— *oh.* Minha mão esquerda estava pousada em seu ombro, distraidamente passando por seu cabelo.

“Meu medo de você deve ter sido superado por suas impressionantes habilidades de dança.”

“Hmm,” ele murmurou, trazendo sua mão de volta para minha cintura.

“Não é nada, sério”, insisti. “Seu cabelo parecia macio, só isso.”

Os dedos em volta da minha cintura apertaram, garras de metal cravando nas amarras. *Ah? Então isso também não é nada?* Parecia sugerir. Mas ele empurrou com muita força, garras beliscando meu lado, e eu estremeci.

O Portador fez menção de se afastar de mim, tirando a mão de minha cintura.

“Não tenho nada contra suas mãos”, eu disse, fazendo questão de apertar a mão com garras que segurava minha direita. “Mas agora elas estão envoltas em facas.”

Ele lançou um olhar rápido para baixo, aparentemente assustado ao perceber que suas mãos estavam de fato envoltas em metal.

“Eles são feitos para ser um tipo de proteção — para manter os sonhadores

isolados e evitar que se esqueçam do que o Reino realmente é. Se esquecermos, então podemos nunca escolher acordar. Podemos esquecer onde estamos, quem somos e *por que* somos.” Ele acrescentou, com os olhos escurecendo, “A sensação do toque é uma coisa poderosa. Raramente me permiti apreciá-la.”

Ele olhou para as mãos novamente — pesando, considerando. Finalmente, com uma ligeira mudança nos olhos, as luvas recuaram, derretendo-se nas espirais que alinhavam seus antebraços. Sua mão direita, agora desamarrada, estendeu-se contra minhas costas; sua mão esquerda percorreu as curvas dos meus dedos. As sombras em seus olhos estavam à beira de se estilhaçar. Ele apertou o tecido nas minhas costas, como se isso o ancorasse.

Não pude deixar de me perguntar novamente quanto tempo fazia desde que ele sentiu o toque de outra pessoa. Havia consolo no conforto e no calor do toque humano; ter esse sentimento entorpecido ou removido completamente era impensável.

A expressão do Bringer mudou; a máscara fria e indiferente estava voltando. Sem pensar, puxei sua mão para meu rosto.

“Portador. Olhe para mim.”

Por um instante, sua mão parou na minha pele. Sua expressão era cautelosa, ilegível. Mas então seu polegar roçou meu maxilar. Dedos longos esticados pela curva do meu pescoço, enrolando-se em meu cabelo. A trança que o sonhador havia me dado o fez hesitar, então ele a desamarrou — se por seu poder ou por suas mãos, eu não sabia dizer — então agarrou meu lábio inferior com seu polegar. As sombras em seus olhos escureceram, acenando, então se dissiparam.

“Você é linda,” ele murmurou, passando o polegar pela minha boca. “Eu sempre pensei assim. Você sabe disso?”

Maker, minha pele estava quente. Claro que eu não sabia disso.

Coloquei minha mão sobre a dele, guiando-a dos meus lábios para o meu pescoço. Com a mão dele afastada, inclinei-me para mais perto, preenchendo a lacuna entre nós, e suavemente coloquei um beijo em seu queixo, bem perto de sua orelha. "Eu poderia dizer o mesmo, Portador das Sombras. Você é o homem mais lindo que já conheci."

Sua respiração engatou quando ele me puxou para mais perto, inclinando seu rosto para que sua boca pairasse sobre a minha. Naquele momento suspenso, a incerteza cintilou em seus olhos, como se questionasse se eu realmente queria isso. Precisando apagar suas dúvidas, eu embalei seu rosto em minhas mãos, as pontas dos dedos traçando os contornos de seu rosto deixados expostos por sua máscara. Eu podia sentir o tremor em seu toque, mas também senti seu desejo — seu desejo de diminuir a distância entre nós.

Mas em vez da minha boca, seus lábios inesperadamente encontraram meu pescoço.

Eu engasguei, arqueando-me para ele e dando mais acesso à pele ali. A pele que estava absolutamente e inequivocamente *queimando.* Ele arrancou a máscara, suspirando quando conseguiu alcançar mais do meu pescoço sem ela, então arrastou os dentes pela coluna da minha garganta.

Dentes que eu imaginava que rasgariam meus ossos e devorariam minha alma.

O tempo havia parado. A escuridão estava completa — e algo estava terrivelmente errado.

“Esmer, eu me lembro”, ele disse, sua voz subitamente falhando em horror.

Algo estalou em seus olhos. Algo selvagem, feroz, descontrolado. Ele cambaleou para trás, asas se fechando. Hesitante. Ele voou para os pilares, assim como Erebus tinha feito. Era tudo tão parecido — sua expressão. A urgência.

O olhar da morte em seus olhos.

Só que dessa vez, quando ele pulou, eu o segui.

OceanofPDF.com

Capítulo 43

PENSEI QUE SABIA VOAR.

Eu estava errado.

Fora dos limites do Revel, minhas asas eram inúteis, flácidas, *mortas* — e tinham a mesma utilidade de dois travesseiros de penas amarrados às minhas costas. O vento soprava em meu rosto, varria meu cabelo e se enroscava nas delicadas camadas do meu vestido. Um chinelo — depois outro — caiu dos meus pés. Minha máscara escorregou pelo meu queixo, prendendo-se no meu pescoço, e eu agarrei a fita de seda e o bordado até que ela também caiu. Eu xinguei alto. O rugido do vento levou isso embora também.

Mas eu estava sonhando. *Sonhando.* Eu deveria ser capaz de voar.

Por que eu não conseguia voar?

Tentei convocar minha imaginação, mas meus pensamentos estavam confusos, erráticos, *perdidos* . Eu não conseguia pensar além do vento rugindo. Não conseguia ver além do cabelo que cortava meus olhos. Minhas asas se contraíram, lentamente adormecendo para a vida, mas não foi rápido o suficiente — era tarde demais —

Sem nada para me firmar, eu despenquei como uma pedra. E bati de cara no Portador das Sombras.

Ele girou com um rosnado, asas se abrindo e torceu uma mão na frente do meu vestido, me puxando para perto. Com a outra mão, ele desembainhou sua lâmina e a enfiou sob meu maxilar. Era tudo tão instintivo — um manto de violência usado mil vezes.

“Seu *idiota* !” ele gritou, parando nossa queda com um único empurrão de suas asas. “Eu quase cortei sua cabeça. Pensei que você fosse um demônio. Ou um—”

“Eu *pareço* um demônio?” Eu retruquei, agarrando-me ao seu peito enquanto empurrava sua lâmina para longe. “E desde quando demônios usam vestidos— ou chinelos de seda?”

Seus olhos estavam anormalmente afiados enquanto ele me encarava. “Você não consegue controlar suas asas.”

“Claramente não.”

“Então por que você pulou?” ele perguntou, me reposicionando em seus

braços. “Foi pura idiotice me seguir.”

Eu pensei que podia voar. E eu queria te ajudar.

“Leve-me de volta para o Revel para que eu possa continuar dançando, então,” eu disse, mas as palavras ficaram presas. Pareciam secas e erradas.

“É tarde demais para isso”, ele disse, estreitando os olhos. “Tenho um futuro para emendar. Se é que já não é tarde demais.”

“Como? Isto é um *sonho* , Bringer — uma *memória* —”

“Eu tenho que tentar. O Criador pode permitir que Somnus faça pequenos ajustes a tempo se Ele quiser. Assim como Ele fez com o sonho de Elliot. E meu sonho também — quando eu te conheci quando era um garoto.” Seu peito arfava contra o meu, traindo cada emoção que se escondia atrás de sua parede de sombra. Eu nunca o tinha ouvido soar assim. Tão quebrado e frenético. “Quinhentos anos. *Quinhentos anos* apodrecendo no escuro. Como esse pode ser meu destino? Meu *propósito* ?”

O Nocturne se estendia abaixo de nós, imóvel como vidro, refletindo as últimas estrelas do céu. Perto do horizonte, o mais tênue indício de amanhecer gotejava. Por um momento, éramos apenas nós, o choque do céu contra o mar, e nossa respiração se misturando.

“Sua aldeia e seus Corruptos destruíram sua vida. Eles confinou você. Sufocou você. Forçou você a viver uma vida que você não queria para si mesmo.” Sua voz falhou, então. “Agora considere o que essa realidade faria com você por mais de cinco vidas. Cinco vidas — *sozinho* .”

Visões — *memórias* — passaram diante de mim, exigindo minha atenção e me puxando para baixo. Elas me transformaram no Portador das Sombras — Erebus. Me fizeram ver e sentir o mundo como ele.

ELE FLUTUOU EM DIREÇÃO AO NOTURNO, com o manto arrastando-se sob suas águas estreladas.

Era isso que ele esperava. Seu poder—seu propósito.

Foi tudo por isso.

Mas quando ele colocou suas mãos nuas sobre as águas, o Nocturne mudou. Para seu horror, ele escureceu, se contorceu e ferveu. Rachou-se como ossos ocos. Demônios rugiram sob suas ondas e se libertaram de suas profundezas. Eles gritaram violentamente na noite, desesperados por sangue e almas de sonhadores. As sombras do Nocturne — sua escuridão — não podiam ser limpas. Ele não conseguia. Ele havia falhado.

Ele cambaleou para trás.

Mithras estava errado. O plano deles estava errado.

Ele não era um herói. Seus poderes não tinham propósito nobre. Ele era uma praga, uma maldição, uma doença.

E por isso a humanidade seria destruída.

Os Tecelões o atacaram em seu castelo, cheios de dor e fúria.

Rock esmagou seus braços estendidos; seu esquerdo caiu, inútil. Mas mesmo mutilado e quebrado, trêmulo e ensanguentado, sua mão direita se manteve firme, comandando a escuridão enquanto ela costurava os pontos finais de seu domínio.

“Você não vai levar minha alma!” ele rugiu .

E o Reino rugiu de volta.

No início, ele contava os dias.

Raspou-os nas paredes do seu quarto. Gravou-os nas páginas de um livro.

Mas as sombras vivas — os monstros, as criaturas, os meio-fantasmas — começaram a enxergar.

E gritar.

Sombras se curvaram em sua direção, rolando em volta de seus ombros em uma nuvem horrenda. Talvez um minuto tenha se passado — ou um século. Como ele poderia dizer? Seus sentidos estavam paralisados, suas mãos pesadas e dormentes. Mas não importava.

Nada mais importava.

Seus olhos estavam pesados e seu coração estava cheio de ódio.

ELE SENTIU a batida antes de ouvi-la.

Sentiu-a subir os degraus do castelo como se rastejasse sobre sua pele.

Ele rosnou, avançando pelo seu quarto e se contorcendo pelas entranhas quebradas do seu castelo. Depois de todo esse tempo, eles tinham enviado alguém para matá-lo. Ele não se lembrava de quem "eles" eram — mas ela não pertencia ao seu Domínio — não merecia vê-lo assim.

Inimigo. Inimigo. Inimigo.

O PORTADOR DAS SOMBRAS ficou em frente ao espelho e limpou o sangue da garganta, do queixo, dos lábios — ele encharcou o pano, manchando-o de vermelho.

Criador, ele está em todo lugar.

Ele tinha esquecido que podia sangrar .

Como ela ousa — como ela ousa entrar em seu castelo, sua fortaleza, e tentar manipular seu poder. Ele sentiu isso quando se conheceram. As sombras se curvaram à vontade dela, afrouxando-se em volta de sua garganta quando ele pretendia mantê-las tensas.

Como ela ousa?

ELA ESTEVE AQUI.

Seus olhos escuros brilhavam com a luz dos candelabros, ardendo de fúria enquanto ela o desafiava.

Ele estava sozinho — e não.

ELE SE AJOELHOU AO LADO DE DOIS ESQUELETOS, colocou uma mão em seus ossos. Quão frágeis eles pareciam. Quão vazios e errados.

Em uma vida passada, eles o chamavam de Erebus.

Não o Portador das Sombras, nem o Devorador ou o Portador das Sombras.

Érebo. ELE NÃO PENSOU nos ossos a seus pés enquanto descia na escuridão, não pensou nela enquanto as paredes se aproximavam ao redor dele. Ele não sentiu o frio enquanto ele penetrava em seus ossos, não sentiu as cavidades sob seus olhos ficando mais apertadas e profundas.

Sua raiva, seu propósito — eles se dissolveram, não deixando nada para trás.

Foi apropriado.

Ele não era nada, e para nada logo retornaria .

ELE PISCOU FORTE, limpando a lama de seus pensamentos. Sacudiu as mãos pelos cabelos, chutou o chão com o salto da bota. Escuridão, por toda parte.

Guarde para lá.

Ele cambaleou para frente, apoiando-se pesadamente na parede enquanto a caverna iluminada pelas estrelas nadava ao seu redor. Estava como ele a havia deixado, uma catedral sombreada com um sacrifício vivo em seu altar. Esmer também estava como ele a havia deixado, cabelos escuros ondulando sobre a pedra e o rosto fixo em uma expressão de serenidade. Ela era linda. Ele havia resistido a pensar — ou sentir — tanto, mas não podia negar. Não tinha sido capaz desde que a conheceu.

Em outra época, talvez ele tivesse contado a ela.

Exceto-

Era a testa dela se tensionando, a boca se contorcendo em uma careta? O Portador piscou novamente, lutando em vão para arrancar a imagem de sua vista. Quando ela fechou os olhos pela primeira vez, afundando no esquecimento que ele havia preparado tão cuidadosamente para ela, ele imaginou que sentiria esperança.

Alívio.

Triunfo.

Sinta algo além do poço profundo e turbulento de arrependimento e ódio de si mesmo.

ELE ROUBOU o copo dos lábios dela e o colocou contra os seus.

Ela se saiu bem — surpreendentemente, maravilhosamente bem — para alguém sem nenhuma instrução formal.

Era estranho me sentir assim.

Sorrir e que isso seja verdade.

Ele tomou um longo gole, mais longo do que deveria, deixando a sensação estranha voltar ao seu estômago com o resto do vinho.

ESMER O SALVOU .

Ela lutou pela vida e redenção dele, mesmo diante do demônio, e saiu vitoriosa.

Ele se agarrou a ela, a visão borrada e os pensamentos dilacerados além do reconhecimento. Vagamente, ele sentiu sua mão cair no colo dela.

Ele não o moveu.

SEUS OLHOS REFLETIAM AS ESTRELAS.

Escuros e com bordas de cinza artístico, eles brilhavam intensamente, brilhantemente — para ele. Mesmo mascarados, eles tinham poder e peso.

Ela era mais forte do que imaginava. As sombras a ouviam — atendiam sua vontade e seu espírito. Mesmo agora, a escuridão dentro dele cantava para a escuridão dentro dela.

Ele dançou com ela como instintivamente sabia, a lembrança precisa das aulas havia muito desaparecido de sua mente. Ele se preocupava em esquecer os passos, o ritmo, a sequência. Que ele esqueceria como era se perder na música. Mas seus movimentos eram naturais. Fáceis. Ele podia se perder nessa dança, nessa música, nessa noite.

Ele poderia se perder nela.

Mas quando ele olhou de volta nos olhos dela, para aquele poder, permanecendo ali, sua admiração foi obscurecida pela dúvida. Ela não podia — não iria — ser dele. Não neste mundo quebrado. Ele primeiro tinha que mudar o futuro.

Ele teve que mudar isso para ela.

AS MEMÓRIAS DESAPARECERAM.

Eu estava de volta aos braços do Portador, erguido sobre o Noturno.

“O que foi isso?”, sussurrei. As palavras tremeram. As emoções de suas memórias tinham deslizado através do véu, agarrando as minhas com garras afiadas. “Eu vi você — eu *era* você.”

“Esse era o poder do Nocturne. Ou Somnus. Não sei por que isso foi compartilhado. Eu—” Sua boca se abriu e fechou, palavras não chegando, assim como fios suaves de vulnerabilidade varreram, quebrando nas profundezas de seus olhos. Ele queria compartilhar, eu percebi. *Queria* compartilhar essas memórias — esses fragmentos crus e quebrados — comigo.

Então o Noturno — ou Somnus — interveio e fez isso por ele.

Restos de suas emoções transbordaram, escorrendo pelo meu rosto. Solidão, raiva, desespero, crueldade. Mas também arrependimento. Saudade. Medo. Eles borbulharam em meu coração, afundaram profundamente em minha pele.

“Você entendeu agora?” ele perguntou. Mas então ele balançou a cabeça. Sua máscara interna estava de volta, mesmo quando ele arrancou a sua física. “Em alguns momentos, eu entrarei no Nocturne. Assim que o amanhecer surgir, eu afundarei minhas mãos em suas águas. Eu tentarei purificá-lo, tentando arrancar a escuridão como eu fiz no estômago do demônio. Mas eu falharei.”

“E os demônios virão.”

Ele balançou a cabeça. “Os demônios já estão aqui. Havia demônios no Revel.”

O homem de olhos âmbar, percebi, horrorizado. *Os homens e mulheres com maldade em suas palavras e seus corações.*

“Por que ninguém disse nada—fez nada? Como eles estavam lá tão livremente?”

“Era tudo parte do plano de Mithras e eu. Nós enganamos demônios poderosos para comparecerem à Revel disfarçados, prometendo a eles uma chance de humanidade. Uma chance de se misturar com os ricos e selecionar seu hospedeiro preferido. Em troca, os demônios cessariam sua guerra contra os Weavers. Eles não mais atormentariam os sonhos do Nocturne.” Suas mãos se apertaram em volta de mim. “Era tudo mentira, é claro. Mentiras, em todos os lugares. De ambas as partes.” Ele desviou o olhar. Cerrou os dentes enquanto olhava para a Revel. “Isso é tudo o que os demônios sempre querem — liberdade. Eles querem andar sobre a terra e respirar seu ar, assim como nós. Mas isso seria o caos. Não podemos permitir que isso aconteça.”

“Mas aconteceu. Ainda *está* acontecendo. "

“Não era para acontecer, no entanto. Não há sentido para a Corrupção. Não há sentido para a perda de sonhos.”

“Como Mithras te traiu?”, perguntei, imaginando em voz alta o que eu queria perguntar desde que vi Erebus e Mithras juntos no coliseu. Estava claro que eles se respeitavam como camaradas e amigos.

Os olhos do Portador escureceram. "Enquanto eu estava puxando a escuridão das ondas do Nocturne, Mithras deveria reunir os foliões — os demônios — e atraí-los para baixo. O plano era emboscá-los e destruir as sombras do Nocturne de uma só vez, tudo com os Weavers nos apoiando."

“Mas algo deu errado. Eu vi isso se desintegrar na memória que você me mostrou.”

Ele assentiu. “Ao meu toque, o Nocturne se abriu, liberando cada fragmento de escuridão que continha. E quando me virei para a Noite Eterna, horrorizado com o que tinha feito, Mithras e os Weavers já estavam lá, me observando. Mithras não atraiu os demônios, ele trouxe os Weavers. Tudo para que eles pudessem me testemunhar invocando demônios como um monstro.” Ele desviou o olhar, notando a forma tênue de Erebus nas rochas abaixo. “Eles nem me

questionaram. Eles atacaram como um só, com Mithras liderando o ataque."

Minhas asas se esticaram atrás de mim, lentamente ganhando vida. Eu podia sentir o poder do Bringer trabalhando através delas, ordenando que se movessem. Quando elas finalmente se estabilizaram, o Bringer me soltou. "Obrigado."

"Não fui eu," ele disse suavemente. "Esse poder é seu agora também. É seu desde o momento em que nos conhecemos."

O amanhecer surgiu no horizonte.

"Voe comigo," ele ordenou. Não— *implorou.* "Eu tenho que parar com isso. E se eu não puder…" Ele parou de falar, parecendo assassino.

"Você vai jogar Mitra aos demônios?" Eu imaginei.

Ele sorriu. Parecia positivamente violento. "Algo assim. Quero ver o rosto traidor de Mithras quando ele perceber o que eu fiz. Então quero vê-lo quando ele perceber que eu me *lembro* . "

Voamos para o Nocturne, o vento varrendo nossos corpos e permanecendo entre as penas de nossas asas. Era glorioso, esse voo. Eu queria saboreá-lo. Eu queria esticar minhas asas o máximo que pudessem. Eu queria subir alto acima do Reino e ver tudo. Cada domínio. Cada segredo. Cada lugar escondido e silencioso.

Mas não havia tempo.

Erebus era uma mancha na costa de Evernight. Ele se agachou sobre as rochas, asas dobradas atrás dele como um manto magnífico e nevado. Elas eram sua única característica reconhecível na penumbra. Ele não nos ouviu chegando — não nos viu quando pousamos atrás dele. Mas o deslizar das rochas o fez correr — *correndo* para as águas do Nocturne como se uma horda de demônios estivesse atrás dele. E talvez ele pensasse que eles estivessem.

As asas de Erebus se dissolveram em fumaça, impulsionando-o para a frente. O que nos tornou rápidos nos céus nos tornou incômodos em terra — e Erebus sabia disso. *Reconhecia* isso. O Portador das Sombras também quis que suas asas fossem embora, mas era tarde demais. Erebus colidiu com o Nocturne,

braços estendidos.

E ele os afundou profundamente nas águas.

“ *Não!* ” rugiu o Portador das Sombras.

Tarde demais , pensei, horrorizada. *E por quê? Eu?*

Era um pesadelo se repetindo. Uma memória terrível desbloqueada, apenas para ser vivida novamente. A água começou a borbulhar — ferver por baixo, assim como havia feito na memória do Portador. Então ela rachou, quebrando-se como um recipiente cheio demais.

Erebus cambaleou, abalado pelo grito do Portador e pelos demônios que ganhavam vida ao seu redor.

Ele parecia tão composto no Revel — comandante e forte. No controle de suas emoções e de seu caminho. Quando olhei para ele agora, vi o garoto de volta à floresta. Vi um garoto temendo por sua vida. Um garoto duvidando de seu propósito e de seu valor.

E em sua fúria pelo fracasso, o Portador das Sombras avançou contra ele.

Eles se encontraram nas águas agitadas, agarrando-se um ao outro gargantas. O Portador das Sombras afundou — então Erebus. O Noturno se separou, dando-lhes boas-vindas — e então os engoliu inteiros. Parei na beira das pedras, atordoado. Se eu pulasse, o que eu poderia fazer? Eu me perderia no Noturno, assim como o Portador havia avisado?

Demônios enxameavam do Nocturne, rastejando de suas águas azul-violeta. Outros voavam acima, zombando. Provocando. Um mergulhou — perto demais — e cortou meu cabelo com suas garras. Quando voou para longe novamente, estava uivando. Gritando na noite com um desespero tão animalesco que fez minha pele arrepiar.

Algo molhado escorregou pelo meu rosto. Quando puxei minha mão, ela estava brilhante com sangue.

Ah, inferno.

Agora eu estava nessa.

Desembainhei minha lâmina, segurando-a com uma quantidade considerável de incerteza. O medo a afrouxou — tornou mais fácil invocá-la. Mas o medo afrouxou minhas mãos também. As deixou fracas. As fez tremer. As deixou frias até as unhas. A espada já havia funcionado antes em um demônio, mas o que ela poderia fazer contra o poder de *cem* ?

Outro demônio caiu em minha direção, os pés roçando o Nocturne. Suas asas eram atrofiadas e frágeis — fracas demais para suportar o peso do corpo. Ele caiu nas pedras com um grito patético, tremendo enquanto tentava se levantar.

Vá—mate-o. Faça o que você é capaz de fazer.

A coisa finalmente conseguiu ficar de pé. Ela olhou para mim, olhos arregalados e vidrados. Água escorria por seu rosto enrugado, molhando seu pelo.

Agora, antes que ataque. Antes que mostre seu verdadeiro poder.

Eu podia sentir o poder da minha lâmina. Ela zumbia sob minhas mãos, esperando para ser usada. *Implorando* para ser usada. Eu sabia do que ela era capaz, mas não conseguia me obrigar a fazer isso. Porque o demônio parecia *triste* . Medroso e incerto, assim como eu. Ele continuou a tremer, olhando entre a espada em minhas mãos e meu rosto .

O que ele viu em mim, eu não tinha certeza.

Quando sentiu que eu não era mais uma ameaça, a coisa afundou de barriga, rastejando para um buraco próximo e deu um pequeno grito trinado antes de ficar em silêncio. Minha espada pendia frouxamente dos meus dedos, raspando contra as pedras.

O que eu estava *fazendo* ?

Lágrimas brotaram dos meus olhos, espontâneas e indesejadas.

Tropecei de volta para o Nocturne. Eu podia sentir a escuridão do Portador das Sombras — as sombras que persistiam, mesmo agora. Sombras que o seguiam enquanto ele caía mais fundo, mais fundo, *mais fundo* — afundando na água até

que eu não conseguia mais vê-lo. E através daquela escuridão, eu podia sentir sua dor. A tristeza profunda e dolorosa de ver seu passado reviver novamente. A indignação — a *raiva* — de lutar contra si mesmo. A dor de se afogar. O medo de se perder nos sonhos do Nocturne. E havia algo mais também. Um anseio por algo.

Uma saudade de *mim* .

Caí de joelhos, entorpecido pelos demônios caindo do céu e rastejando da água. O Portador das Sombras estava perdido para o Noturno. E se ele voltasse, eu tinha que salvá-lo. Eu tinha que lutar por ele — *agora* — antes que ele caísse mais fundo. Isso parecia real. Isso *era* real.

Afundei minhas mãos na água, alcançando seus fios de sombra. O rastro de escuridão que permanecia atrás dele como fios se desfazendo. Eu os enrolei em volta dos meus braços. Desejei que eles se aproximassem de mim com tudo que eu tinha. E então eu puxei. Mentalmente e fisicamente. Eu puxei *forte* . Mesmo enquanto os demônios gritavam. Mesmo enquanto eles uivavam de medo e agonia. Eu ignorei todos eles — ignorei o que eu não conseguia entender — e foquei no Portador das Sombras.

Erebus também estava lá.

Eu podia senti-lo enquanto chamava o Portador das Sombras. Ele estava caindo rápido, perdido entre os sonhos do Noturno e os demônios se libertando dele. Novamente eu vi aquele garoto de volta na floresta. Novamente eu vi aquele garoto temendo por sua vida. Apesar de sua posição, apesar de seu poder — ele era apenas um garoto. Um garoto duvidando de seu propósito e seu valor enquanto eles se desintegravam entre seus dedos.

Então eu chamei os dois. Convoquei as sombras que giravam de cada um deles.

E quando vi um corpo emergindo das profundezas, corri em sua direção.

“Segure firme!”, gritei, agarrando seus braços, seus ombros, *qualquer coisa* . Milagrosamente, encontrei suas mãos. E ele segurou firme.

Mas assim que o puxei para cima, escorreguei nas pedras, caindo de lado. Algo agarrou meu pé, me arrastando para baixo. A dor subiu pela minha perna,

vermelha e abrasadora. O que quer que tenha rasgado meu pé estava subindo pela minha pele, subindo com sua garra pela minha perna enquanto eu lutava para nadar de volta à superfície. Mas a coisa na minha perna era mais forte. Ela me puxou violentamente para baixo, para baixo, *para baixo* .

Fracamente, comecei a ouvir uma canção. Um sussurro de uma memória, me chamando mais fundo.

Os braços de Elliot me envolvendo num abraço.

As mãos da minha mãe amarrando uma fita no meu cabelo.

Os olhos do pai, brilhantes de aprovação—de alegria. Para *mim* .

A voz de Eden, me implorando para tocar.

Esmer! Esmer—venha aqui. Venha ver.

Eden, implorando para que eu fique.

Esmer, por favor. Sinto sua falta.

Eu queria seguir o chamado do Nocturne. Ansiava por seguir aquelas vozes — aquelas memórias — para baixo, para baixo, para baixo. Mas antes que eu pudesse, o Portador me ergueu e me tirou do Nocturne. Suas asas agitaram a água e o ar com o esforço. Uma cortina de sombra seguiu atrás, se enrolando em volta de nós como um cobertor.

“Eram apenas sonhos”, ele falou no meu cabelo. “Apenas sonhos.”

O Bringer estava frio e molhado, mas eu não me importei. Eu me agarrei a ele com toda a força que me restava, quase me despedaçando com o contato. Eu queria enterrar meu rosto em seu peito e chorar .

“Esmer, olhe para mim.” Sua voz era baixa. Insistente. “O que você vê?”

O que eu vejo?

Inclinei minha cabeça para cima, esperando ver o Portador das Sombras. Talvez um pouco machucado ou rasgado por sua queda com Erebus, mas *ele*

mesmo assim. Mas não era ele. Ou pelo menos não ele inteiramente. Seus olhos eram os mesmos — um prateado brilhante com sombras derretendo em suas bordas. Mas seu cabelo branco como a lua era preto como a noite. Sua pele era mais escura também. Falava de uma vida vivida longe dos sonhos. Uma vida vivida no sol.

Ele era e não era.

“O que eu sou?”, ele perguntou. Era um sussurro. Uma pergunta que temia uma resposta.

"Você é Erebus", eu sussurrei, e as sombras ao nosso redor se estreitaram, nos protegendo da atração incessante do Noturno.

“Isso não é possível.” Ele olhou para as mãos, esticando cada dedo. “Eu era apenas uma sombra de mim mesmo antes—” Ele parou, olhando para mim enquanto choque e compreensão passavam por seu rosto que era dele—e não. “Você pode manipular a escuridão, assim como eu. Eu era uma sombra de mim mesmo—uma sombra que perdeu seu todo. *Você* nos fundiu. Você deveria ter me deixado ir. Eu teria encontrado meu caminho de volta para a superfície.”

Eu senti o Portador das Sombras enquanto ele caía, mas eu senti Erebus também, e eu tinha chamado as sombras que os prendiam. Mas eu não os tinha *fundido* .

“Somente Weavers podem se fundir com outras variações de si mesmos. Seus corpos físicos são mortais, mas seus corpos do Reino não são. E eu não sou Weaver. Eu *saberia* —” Ele parou de falar, assombrado por essa nova possibilidade. “Eu saberia,” ele repetiu, roucamente. A luta em seus olhos estava morrendo. Ele estava lutando consigo mesmo.

Poderosamente.

Um grito trinado e desesperado nos fez pular; o demônio que poupei antes estava rastejando em nossa direção nas pedras. Antes que pudéssemos entender o que estava acontecendo, ele estremeceu violentamente enquanto suas asas caíam, seu pelo derretia em pele, seu couro cabeludo enrugado criava cabelo, e seus membros se organizavam em variações mais curtas e precisas. Variações que eram completa e irrevogavelmente humanas.

“Você me salvou,” a mulher soluçou, agarrando-se à pedra enquanto tentava se levantar. “Eu estava presa no corpo daquele monstro, mas juntos vocês libertaram minha alma.” Ela olhou para suas mãos, que estavam lisas e não tinham mais garras, então fechou os olhos, sorrindo amplamente enquanto seu corpo começava a desaparecer. “Estou sendo chamada para casa,” ela gritou. “Estou em casa—”

E então, em uma explosão de sombras salpicadas de estrelas, ela se foi.

“A alma dela estava *presa* no corpo de um demônio—?”

“Ela parecia com os demônios do meu castelo,” o Portador das Sombras gaguejou. “Criadora, até os gritos dela soavam como eles.”

É isso.

“E se for para lá que as almas vão depois da Corrupção?”, comecei, começando a formular uma teoria que me deixou enjoado. “Sabemos que demônios podem assumir corpos físicos, mas para onde vão as almas? Os contos dizem que você as devora, mas isso não é verdade.” Eu tropecei, ficando cada vez mais certo de que estava certo. “Faria sentido que a alma se ancorasse na coisa mais próxima que se assemelhasse a um corpo. E esse corpo seria do demônio. Uma alma por uma alma, um corpo por um corpo.”

O Portador parecia completamente horrorizado. “Se isso fosse verdade, mudaria tudo.”

“Aqueles demônios em seu castelo — os demônios que você foi encarregado de proteger por quinhentos anos — e se fossem *pessoas* ? As almas daqueles perdidos para a Corrupção.”

Ele balançou a cabeça. “Impossível. Eles nunca mostraram qualquer semelhança de humanidade dentro deles.”

“Mas nem aquela mulher”, insisti. “Enquanto presos, eles podem esquecer que já foram humanos em primeiro lugar.”

Acima, Mithras saltou da Revelação.

Ele estava vindo para trair Erebus — vindo para mostrar aos Weavers o que

ele tinha feito. E quando eles soubessem, seria o caos. Nós seríamos caçados, assim como os demônios seriam. Nós seríamos banidos ou mortos e enviados de volta ao mundo de onde viemos.

Mas ele não nos viu.

Porque o Portador já nos havia mandado embora num lampejo de escuridão turbulenta.

OceanofPDF.com

Capítulo 44

NÓS TROPEÇAMOS DE VOLTA PARA A NOITE ETERNA.

“Depressa,” murmurou o Portador das Sombras, agarrando minha mão e nos guiando por um corredor iluminado por castiçais flutuantes. “Precisamos chegar aos meus aposentos antes que os Tecelões nos vejam.”

Do lado de fora do corredor, o som da batalha se intensificava. Demônios gritavam enquanto Tecelões e suas legiões se levantavam para enfrentá-los, o tilintar do metal ao encontrar garras e ossos era pontuado por um vento forte e rugindo e o estrondo de um trovão estrondoso.

“Você acha que esses demônios são realmente—?” Comecei a perguntar, horrorizado ao pensar que alguns — ou todos — os demônios libertados do Nocturne eram meramente almas humanas presas em corpos monstruosos.

“Eu não sei,” o Portador disse roucamente, me guiando para um corredor diferente. “Eu realmente não sei.”

Não demorou muito para que eu estivesse completamente perdido.

Evernight era um labirinto repleto de corredores escondidos e salas opulentas. Era magia em sua forma mais pura — beleza convocada pelas mais selvagens e excêntricas imaginações — mas também era complicado e estranho. Viramos uma esquina e começamos a subir uma escada de vidro, evitando por pouco os sonhadores e estudiosos enquanto eles corriam ao nosso redor. Muitos olharam para o Portador, mas não era com medo ou ódio.

Não, eles olharam para ele com espanto. Com admiração, até.

Seguimos em frente, contornando um corredor com janelas e subindo uma escada menor e mais rústica, talhada em pedra. Ao contrário do resto de Evernight, esta seção parecia privada e isolada. Não havia pessoas, nenhum som além do nosso. Até mesmo a batalha havia se transformado em um estrondo surdo.

Então, quando viramos a última esquina e demos de cara com Xander, Tecelão do Presente, quase morri de susto.

“Erebus,” Xander disse, parecendo surpreso. Ele olhou entre o Portador e eu lentamente, como se fôssemos mendigos ou ladrões. “Eu estive procurando por você em todos os lugares. Pensei que você estivesse lá fora.”

Ao meu lado, o Portador ficou tenso. Se eu tivesse que adivinhar, ele estava a um passo de brandir sua espada e furar Xander com a ponta pontuda dela.

“O que importa?” O Portador estalou. Era quase um sibilo. “Os demônios não estão subjugados?”

“O que sobrou deles, sim”, respondeu Xander. Suas feições, notei, estavam mais desorganizadas do que o normal. Seus olhos astutos pareciam opacos, seu cabelo castanho torto e emaranhado. Era estranho vê-lo tão desleixado. “Mas várias centenas escaparam de volta para o Nocturne ou para outro lugar no Reino.”

“Então você não precisa de mim, assim como eu não preciso dos demônios restantes. Eu já não lutei com sangue e osso contra qualquer ameaça ao Reino?”

Xander piscou. “Você é um dos nossos maiores guerreiros, Erebus. E o Reino está em crise agora. Nós—”

“ *Estávamos nos* retirando para meus aposentos.” O Portador fez questão de olhar para mim. De apertar a mão que ainda segurava entre as suas. “Temos assuntos importantes para tratar lá. Haverá demônios para lutar amanhã, e tenho a sensação de que você conseguirá sem mim.”

Lutei arduamente contra uma reação.

Esse era o grande plano do Bringer para enganar uma Weaver? Fingir que éramos amantes tão preocupados um com o outro que nem nos importávamos com os demônios lá fora? Talvez funcionasse.

Talvez.

Isto é, se a pessoa enganada não fosse um espírito imortal ordenado pelo próprio Criador.

Xander nos observou. Lentamente, ele balançou a cabeça. “Você, agora? Nunca pensei que veria o dia.”

Diante disso, o Portador fez uma careta, me puxando pelo corredor e por uma porta sem identificação.

“Boa noite, Erebus,” Xander nos chamou. “Na sua pressa, lembre-se de proteger seus aposentos. Senão eu mesmo farei isso—”

O Portador bateu a porta, interrompendo-o.

E com isso, ficamos sozinhos.

Era um quarto escuro e elegante, mobiliado em seda azul, ladrilhos de mármore e vários tapetes espalhados. Havia uma cama em uma extremidade, enfiada em um canto por três grandes janelas, uma sacada, uma área de estar luxuosa e vários candelabros emitindo uma luz suave em tons de azul. Do outro lado do quarto, havia várias estantes de livros alinhadas com textos de aparência antiga. Uma lareira estava centralizada dentro da estante mais longa, cavernosa com suas figuras de proa esculpidas de um dragão, um lobo e um veado.

“Este é o seu quarto?”

Uma fina névoa de sombra se espalhou das pontas dos seus dedos, afundando nas paredes e se acomodando sob cada pedra, azulejo e tapete. *A proteção*, pensei. Algo para nos proteger — e manter os outros fora.

“Era.” Ele estava parado logo na entrada, como se não tivesse certeza de para onde ir em seguida. “Embora eu raramente estivesse aqui para aproveitar.”

Tentei não pensar no que exatamente ele fez — ou deixou de fazer — para aproveitar o ambiente.

“Ainda é estranho ver camas no Reino.”

“Bem, precisamos dormir por necessidade, mesmo aqui. Se você dormir como um sonhador ou estudioso, você acordará em seu corpo mortal. É apenas quando você dormir novamente que você entrará no Reino. Mas se você dormir como um Weaver ou um de seus acólitos, o sono é uma formalidade ou um conforto. Um lembrete do que é—e do que foi.”

O que é e o que foi.

Por muito tempo, nós lutamos contra isso.

O desejo cru e instintivo de dormir. De cair em um colchão macio, enrolar-se em um cobertor e se enterrar fundo em um travesseiro. De esquecer o dia e começar de novo.

Mas lentamente, nossa conversa foi sumindo.

Na luz baixa das velas, os olhos do Portador das Sombras ficaram escuros, sombras acumuladas. Ele arrastou as palmas das mãos até a testa. Ficou sentado ali por mais um momento, ombros tensos. Esperando. Então ele bateu os punhos nos joelhos e se levantou, rondando até a sacada. Ele encarou a noite, olhando para o Nocturne.

“Não podemos continuar assim, Bringer. Precisamos dormir.”

O Portador se virou, com os olhos arregalados. “Não podemos dormir. Não se eu não souber onde estaremos quando acordarmos.” Ele respirou fundo, tentando se firmar, mas seu peito continuou arfando. “Se eu acordar e tudo isso tiver sido em vão — se eu estiver de volta ao meu castelo, sozinho e incapaz de andar livre —” Ele se interrompeu. Como se tivesse admitido algo que não queria.

A dor em seus olhos era demais.

“Talvez ajudasse se você tirasse sua armadura,” eu disse abruptamente. “Você precisa relaxar.”

Ele piscou. “O quê?”

O que eu *quis* dizer com isso, exatamente? Eu precisava continuar antes de perder a coragem.

“Só quero dizer que você ficaria mais confortável em roupas de cama, com certeza. Eu só vi você com bordas afiadas e garras.”

Ele riu secamente. “Eu durmo na minha armadura desde que me lembro. Não há utilidade para coisas confortáveis em um poço de escuridão.”

Não há utilidade para o conforto ?

Seu quarto estava cheio de centenas de livros, pinturas elaboradas e poltronas de pelúcia. Ele tinha uma sacada com vista para um mar de estrelas. Um banheiro que certamente ofuscava o do rei. E pensei em sua cama. Os travesseiros luxuosos, cobertores pesados e lençóis de seda.

“Sua cama no castelo é confortável o bastante. Todo aquele veludo e seda.”

O Portador suspirou, aliviando um pouco de sua tensão.

“Meu quarto é uma das únicas partes do castelo que se reconstrói. O resto está em ruínas após séculos de infestação demoníaca”, ele murmurou. “Você sabia que ele já foi um lugar de maravilhas? Passei anos aperfeiçoando-o. Criei cada pedra e fio.”

“Quando você era um estudioso?”

Ele assentiu. “Depois que os acadêmicos são recrutados, eles recebem uma paisagem de sonhos para praticar seus talentos e habilidades. Criando coisas — e destruindo-as. Manipulando a realidade para um dia manipular sonhos. O meu foi perdido para os demônios que o habitam agora.”

“Mas não há demônios aqui,” eu sussurrei. “Eles não estão do lado de fora desta porta esperando por você.”

Ele levantou a cabeça. As sombras em seus olhos nadavam profundas e espessas. *Como xarope* , pensei.

E então ele cedeu.

Sua armadura derreteu de sua pele, substituída por um manto azul escuro. Meu olho se fixou em seu peito. O segui até que ele desapareceu sob uma faixa de seda. Não tinha certeza se ele usava mais alguma coisa por baixo.

“Se eu vou usar isso, você deve usar algo mais adequado também.”

Ele inclinou a cabeça. Lentamente, meu vestido, ainda molhado do Nocturne e meio rasgado do nosso voo, mudou para um robe macio e esvoaçante que espelhava o dele. Seus olhos derreteram ao me contemplar. Tornaram-se crus e

sem profundidade — um testamento de alguma emoção sem nome agitando-se por baixo. Algo primitivo, instintivo.

Algo que falava mais alto nas sombras da noite .

Eu levantei minha mão para tocar seu manto. Não pude evitar. Parecia macio, e eu estava exausto, não estava pensando—

“Por que você insiste em fazer isso?”

Porque eu quero afrouxar seus escudos. Aliviar a dor dos seus olhos.

Levantei minhas mãos, envergonhada, apenas para vê-lo deslizando-as de volta.

“Minha pergunta não foi uma ordem para parar.”

Meu rosto corou quando olhei para nossas mãos entrelaçadas. Sua expressão escura e faminta. A maneira como sua voz caiu para um tom rouco. Como seus lábios se separaram levemente enquanto ele procurava meu rosto. Toda a minha lógica — cada lado racional e cuidadoso de mim — ficou enterrado sob outra coisa. Algo com o qual eu não estava familiarizado.

“Eu nunca segurei alguém assim antes,” ele murmurou. Restrição ainda misturada em seu olhar sombrio. “Eu não sei como.”

“Eu também não sei”, eu suspirei. “Mas eu quero.”

“Por quê?” Aí estava aquela pergunta novamente.

Por que, de fato?

Eu rocei seu pescoço com as pontas dos meus dedos, cabelos negros varrendo minha pele. "Você não merece ficar sozinho por mais tempo", eu disse suavemente.

“Então é porque você tem pena de mim?” ele perguntou, a voz quase um sussurro.

Balancei a cabeça. “Não, de jeito nenhum.” Fiz uma pausa, meu lábio preso

entre os dentes. “Como eu poderia ter pena de você por algo que eu também senti a minha vida inteira?”

Nós nos encaramos por alguns momentos ofegantes e silenciosos. Tudo o que podia ser ouvido era o *zumbido profundo e hipnótico* do Nocturne. E ele ainda parecia tão terrivelmente incerto, como se não tivesse certeza se merecia meu toque. Ele estava tão quebrado, tão privado de qualquer coisa genuína. Eu queria arrancar esses pensamentos de sua mente — ser a luz na escuridão que o cercava.

“Mas você não está sozinho,” ele murmurou. “Você tem um lar. Uma família. Uma vez eu zombei de você por ter essas coisas—e por permanecer em Norhavellis.” O timbre de sua voz caiu. “ Sinceramente, eu invejei você. Você tinha escolhas. Segurança. Clareza de propósito. Inferno, não ser capaz de sonhar parecia preferível comparado à condenação do meu castelo.”

“Mas eu não tinha segurança ou propósito. Eu estava perdido,” protestei, agarrando seu manto. Seus olhos suavizaram. *Eu sei como é isso* , eles pareciam dizer. “Quando te conheci naquele dia — quando entrei em seu castelo — nunca me senti tão vivo. Mesmo com o medo e a incerteza.”

Ele riu. “Então isso faz de você um idiota. Um completo e absoluto *idiota* . Você não quer isso. Isso não é nada que você—”

Agarrei seu rosto e o puxei para o meu, beijando-o em cheio em sua boca zombeteira e irritantemente linda.

Ele se afastou, olhos arregalados. Sombras paradas, por uma vez.

Pesando. Medindo.

Então ele voltou a beijar os meus.

Ele me beijou selvagemente — sombriamente. Exatamente como imaginei que ele preferiria. Seus lábios eram frios ao toque, com gosto de luz das estrelas e sombras aveludadas. De uma lufada fria de ar noturno. Eu me afogaria nele, se pudesse, tão faminta por ele quanto ele por mim. Ele enrolou uma mão no meu cabelo enquanto a outra estava na minha espinha, me puxando para mais perto.

Depois de um momento, ele se recostou. As sombras em seus olhos ferviam,

provocando. “Eu sou um monstro,” ele disse asperamente. “Você viu o que eu podia fazer. O que eu fiz. Eu os invoquei, Esmer.”

“O homem que conheci no Revel não queria destruir o mundo. Ele queria ajudá-lo.”

“Não importa o que eu pensei. Ou o que eu quero,” ele sussurrou. “Isso não conserta nada.”

“Mas *sim*— ”

“Eu não pertenço aqui. *Você* não pertence aqui. Depois do que aconteceu no Nocturne, podemos ficar presos neste sonho por anos, revivendo um passado que nunca foi para ser.”

“Mas talvez seja isso que Somnus pretendia que fizéssemos. Talvez haja uma maneira de usarmos isso para salvar—”

“Você acha que eu preciso *ser salvo* — "

“Salve o *mundo* da *Corrupção* ”, corrigi. “Mesmo se estivermos presos aqui, podemos usar essa chance para aprender mais sobre as origens da Corrupção e consertá-la quando retornarmos à nossa própria realidade. Ou se acordarmos e estivermos em seu castelo, então talvez tenhamos passado no teste de Somnus e possamos andar livres. E podemos continuar a luta contra a Corrupção então.”

Suas mãos afrouxaram. “Você realmente acredita nisso?”

“Não sabemos o que vai acontecer quando acordarmos, mas temos que encarar. E você não estará sozinho. *Eu* também não estarei sozinho.” Eu o beijei novamente, se não para arrancar aquele olhar de tristeza e pavor de seus olhos. Ele podia zombar, distorcer e provocar o quanto quisesse, mas seus olhos o traíam. “Você só precisa se render, Erebus. Deixe de lado sua culpa, seu ódio, sua dúvida — tudo.”

Ele se afastou, os lábios a um sopro dos meus. Esperei, mas ele não me corrigiu.

“Erebus,” eu disse novamente, passando uma mão pelo cabelo dele enquanto ele estremecia. Meu rosto queimou sabendo que eu poderia afetá-lo daquele

jeito. “Posso te chamar assim?”

“Sim,” ele respirou. “Sim, você pode me chamar assim.”

“Bom.” Tracei uma mão pelas sombras formando padrões sobre seu peito exposto. Sua pele era fria ao toque; suave, impecável e um contraste pálido com seu cabelo negro. “Quero caminhar por essas sombras com você, Erebus. Não tenho mais medo.”

“Você não é?” Suas expressões suavizaram, uma sugestão de sorriso brincando em seus lábios. “Então você me convenceu,” ele sussurrou, os lábios se aquecendo enquanto ele os roçava contra minha têmpora. “E para você, parece que tudo é possível.”

Erebus não hesitou depois disso.

Ele trouxe sua boca para a minha, torcendo seu punho em meu cabelo e me puxando para ele. Pressionada contra ele tão perto, e com nada entre nós, exceto o tecido fino de nossas vestes, eu podia sentir cada plano suave e duro dele. Cada músculo magro. O poder em seus braços enquanto ele me segurava. O movimento de suas coxas enquanto ele me trazia para mais perto ainda .

Nós chegamos à cama, de alguma forma — ele cambaleou para trás, sentando-se na beirada, e eu me movi para seu colo, ciente demais de como nossos robes tinham se aberto. O dele tinha escorregado de um ombro; o meu tinha caído aberto no peito. Ele puxou meu cabelo para trás, expondo minha garganta, e eu senti dentes e sombras roçando meu pescoço, tentadoramente lentos, antes que ele voltasse sua atenção para minha boca. Uma vontade avassaladora queimava dentro de mim para fazer o mesmo. Para beijá-lo ali, como ele tinha feito comigo.

Ele gemeu no segundo em que meus lábios encontraram seu pescoço.

Arrastei meus lábios e dentes vagarosamente por sua pele, parando na curva de seu ombro e na cavidade de sua garganta. Quando olhei para ele novamente, seus olhos estavam claros — brilhantes e cheios de admiração. E quando finalmente nos acomodamos em sua cama, nos enrolando um no outro como se pudéssemos nos proteger da escuridão invasora, não sentimos apenas raiva, medo ou desamparo.

Sentimos, talvez pela primeira vez, uma esperança selvagem e imprudente.

OceanofPDF.com

Capítulo 45

OLHOS DE PRATA DERRETIDA, girando lentamente com sombras e luz das estrelas, encontraram os meus.

Érebo.

Acordamos em sua cama no castelo, não mais na Cidadela Evernight, mas por um momento escolhemos ignorar. Era um compromisso mutuamente compreendido de adiar o inevitável, mas não me importei. Um momento a mais, envolto em veludo e seda enquanto Erebus me segurava contra seu peito — era *isso* que eu desejava. Passei as pontas dos dedos pela lateral de seu rosto, admirando suas feições. Seu cabelo, não mais preto, mas seu branco-lua de sempre, se enrolava sobre sua testa e caía sobre seus ombros em um movimento tentador.

“Seu cabelo branco está de volta,” eu sussurrei, afastando-o de suas têmporas. Ele estremeceu com o toque, inclinando-se para minha mão. “Combina com você.”

“A maioria diria que me faz parecer um fantasma. Uma criatura sem sangue e imunda que não deveria existir sob o sol.” Ele levantou parte do meu cabelo de onde ele descansava atrás dos meus ombros, rolando-o entre as pontas dos dedos. “Não tenho certeza de quando a cor desapareceu do meu cabelo e da minha pele. Talvez tenha acontecido no momento em que parei de acreditar que um dia andaria livre. "

Mas enquanto seu cabelo havia retornado ao que eu sabia que era, seus olhos pareciam diferentes. Eles estavam mais profundos, de alguma forma, e absolutamente radiantes.

“E seus olhos—”

“Não somos mais os únicos com sombras neles,” ele finalizou, soltando meu cabelo antes de guiar minha mão até seus lábios. “Olhe para si mesmo.”

Uma superfície lisa, como vidro, apareceu na minha frente, erguida por tentáculos de seu poder, e eu olhei para meu reflexo. Com certeza, meus olhos

agora eram como os dele: prateados e agitados com sombras e estrelas. Eles me ligariam a ele — nos fariam realmente parecer unidos em poder e intenção.

Mas não me importei.

queria muito ser associado a esse homem assombrado feito de sombras e estrelas. Por muito tempo eu não quis nada mais do que fugir da escuridão — escapar de Norhavellis e construir um futuro para mim em outro lugar. Eu sonhei com o quão maravilhoso seria viver uma vida de normalidade e segurança. Uma vez, eu até sonhei em matar o homem que estava diante de mim, pressionando sua boca na parte interna do meu pulso.

Mas uma garota normal vivendo uma vida sem dificuldades não seria capaz de lutar contra a Corrupção.

Uma garota normal não seria capaz de atravessar o Reino dos Sonhos, aprender seus segredos e emergir mais forte por causa disso.

Eu precisava lutar. Eu precisava encarar meu propósito com o queixo erguido, mesmo que o futuro fosse incerto. Eu precisava lutar por Elliot, pelo que poderia restar da minha mãe e do meu pai, e por Eden também.

Assim que voltei minha atenção para Erebus, admirando sua boca e a maneira como seu cabelo caía sobre as cavidades de suas bochechas, o espelho recuou para outro lugar na sala. Ele segurou meu olhar, mesmo quando desenrolou minha mão e entrelaçou nossos dedos, e em sua próxima respiração, nossas mãos estavam cobertas além do pulso em couro preto combinando. Eles eram um contraste gritante sob as mangas delicadas de nossas vestes.

“Eles são mais macios que metal, pelo menos. Já que você gosta de me dizer o quão afiado e intocável eu sou.”

Flexionei minha mão, desacostumado com a sensação de minhas mãos estarem tão completamente cobertas. “Estou assumindo que elas são para proteção contra ser 'perdido para o Reino'?”

“Você está pegando o jeito,” ele comentou, um breve sorriso levantando sua expressão. Então ele murmurou, quase como uma reflexão tardia, “Mas talvez esse não seja mais o pior dos destinos.”

Seus aposentos estavam assustadoramente silenciosos; não havia demônios gritando por sua libertação, nem Weavers esperando para nos questionar. Éramos apenas nós, nossas sombras giratórias e uma brisa fraca vindo de sua sacada.

Mas por mais que tentássemos, não poderíamos nos esconder aqui para sempre.

“Vamos ver se Somnus cumpriu sua parte do acordo”, eu disse, começando a me sentar. “Estou pensando que deveríamos tentar a entrada principal—”

Sombras se enrolaram em meus pulsos, me pegando desequilibrado e me puxando para uma pilha de travesseiros de veludo. Erebus se inclinou sobre mim, rapidamente substituindo as sombras por suas mãos, e me beijou.

Não havia suavidade nem paciência em seu beijo.

Era tudo fogo, dentes e língua — e a vaga e dolorosa sensação de que poderia ser a última vez.

“Ainda não,” ele murmurou, cobrindo meu corpo com o dele. Meu robe se levantou com o movimento, e uma de suas coxas pressionou entre as minhas, me prendendo no lugar. “Eu digo que devemos permanecer como estamos.”

Eu me arqueei para a sensação dele, seu calor surpreendente e a maneira como seus lábios inteligentes se moviam sobre os meus. Quando tive certeza de que ele estava perfeitamente distraído no meu pescoço, joguei as sombras de volta ao redor dele, puxando-o para fora da cama pelos ombros.

“Pare de me beijar como se fosse o último”, acusei, ficando de frente para ele.
.

Seus olhos se fecharam, revelando emoções cruas e desesperadas clamando por atenção. “Não estou.”

Eu balancei minha cabeça. “Você *é* . E por causa disso, estamos saindo do seu quarto e deixando este lugar. Imediatamente. Podemos voltar a isto”—eu dei a ele um beijo ardente meu—“mais tarde. Quando estivermos livres.”

Ele se debateu contra as sombras, mas elas se mantiveram firmes.

“Não me faça arrastar você para baixo. É um longo caminho para baixo.”

Ele riu então, o som deliciosamente rico e alegre. Isso fez meu rosto queimar; as sombras deslizaram de seus ombros, caindo preguiçosamente em seus pés. "Eu gostaria de ver você tentar."

Erebus dissipou as sombras como se fossem tão insubstanciais quanto fumaça, avançando em direção à porta de seu quarto. Seu manto escorregou enquanto ele andava, rapidamente substituído por sua armadura usual de noite líquida e escamas sobrepostas. Ele olhou para mim, expectante, enquanto a coroa de ônix que ele usava quando o conheci deslizava para o lugar, enfiando-se em seu cabelo.

“O quê?”, ele perguntou, a boca se contorcendo em um meio sorriso. “Eu não estava prestes a encarar nosso destino em um manto. A menos que seja isso que você prefira.”

Decidi que gostava dele assim.

Sorridente, irritantemente linda e *viva* .

Fiz o meu melhor para espelhá-lo, desejando que meu manto se transformasse em um vestido escuro e esvoaçante com escamas como as dele e uma coroa para combinar. Adicionar uma fenda na frente deu às minhas pernas maior amplitude, expondo parcialmente um par de botas finas, pontudas e afiadas, que varriam minhas panturrilhas como uma segunda pele. A única coisa que não gostei foram as luvas com as quais ele nos vestiu. Formei um novo par sobre o antigo, suas pontas dos dedos em forma de garras lembrando as que Erebus costumava usar.

Ao pegá-lo me olhando, estalei os dedos com garras. “Eu queria sentir como era ser afiado e intocável. Acho que gosto disso.”

Garras idênticas se estenderam de suas luvas quando ele estendeu a mão para mim. assim que nossas mãos fizeram contato, o metal cobrindo nossas palmas mudou para couro preto. Isso foi surpreendentemente agradável; mesmo com o metal áspero por cima, eu podia sentir o formato da palma dele e o comprimento de cada dedo.

“Que par nós formamos”, ele murmurou. Sombras giravam ao nosso redor em uma dança lenta. “Garras, escamas e coroas de ônix. Um rei e uma rainha

perversos que talvez possam usar sua escuridão para o bem.”

O vestíbulo do castelo era como eu me lembrava, candelabros brilhando em suas ranhuras nas paredes e móveis extravagantes acenando das sombras. Marcas de garras ainda marcavam as paredes e a maioria das tapeçarias e pinturas estavam penduradas frouxamente em gavinhas semelhantes a cobras, mas a beleza ainda permanecia. O castelo era certamente um fantasma da criação original de Erebus, mas bolsões de maravilha e intenção artística eram aparentes. As portas de ferro eram como eu me lembrava também — colossais e cheias de centenas de figuras meticulosamente esculpidas.

Paramos um pouco antes das portas, em silêncio enquanto o peso do que estávamos prestes a tentar deslizava sobre nós. Mithras havia me proibido de fazer o que eu estava prestes a fazer, mas que poder seu aviso realmente tinha? O monstruoso Portador das Sombras não era um monstro, afinal — e os verdadeiros demônios já haviam escapado, tornando minha promessa inicial inútil. Eu lidaria com Mithras e as repercussões da minha escolha mais tarde. Eu não tinha outra escolha; esse *era* o caminho a seguir.

Contanto que as portas se abrissem.

“Vá primeiro,” Erebus ordenou, dando um passo para trás. “Você não deve ter problemas para sair deste lugar.”

“Você tem todo o direito de ir primeiro. Ou então deveríamos ir juntos.”

Erebus não fez nenhum movimento para se mover, braços rígidos ao lado do corpo. “Eu insisto. Por favor.”

Sua incerteza me enervou. Se a maldição não tivesse sido retirada, então que esperança tínhamos? Eu me preparei, respirando fundo. Se ele não pudesse ir embora, eu teria que encontrar um jeito de seguir em frente.

Não havia outro caminho a seguir.

“Tudo bem”, eu disse, agarrando rapidamente as alças e tentando esconder meu desconforto. Elas estavam frias sob minhas palmas, e as esculturas, embora sombras se curvassem sobre suas formas, estavam assustadoramente paradas. “Mas eu vou te levar comigo no segundo em que eu passar pela soleira.”

Eu puxei.

Surpreendentemente, foi tão fácil quanto empurrar uma cortina, silencioso e suave enquanto as portas deslizavam pela pedra. Então, antes que eu pudesse pensar no que aconteceu com Erebus quando ele deixou temporariamente os limites de seu castelo, dei um passo rápido sobre a soleira.

Sem queimaduras, sem armaduras derretidas. Sem pele descascando dos meus ossos.

Nada.

“Vamos,” eu acenei, imediatamente me virando de volta para o castelo e estendendo minha mão. Erebus ainda estava parcialmente escondido nas sombras, firmemente enraizado no lugar. “Eu não vou embora daqui sem você, Erebus.”

Ele deu um passo à frente, os dedos das botas batendo na soleira. Eles não queimaram nem pegaram fogo; ainda assim, quando ele agarrou minha mão, a dele estava tremendo. Uma parte feia e indesejada da minha mente gritou comigo, um aviso violento e desesperado. Ela sibilou para que eu soltasse sua mão — para empurrá-lo de volta para dentro do castelo e bater a porta — mas eu a empurrei para longe, puxando-o para mim.

Eu queria que ele fosse livre. Eu *precisava* que ele fosse livre.

Erebus estremeceu, olhos prateados estreitando-se, mas ele se permitiu ser guiado para frente. E, o mais importante de tudo—

Ele não queimou.

Erebus estava, depois de quinhentos anos de tormento, *livre* .

Uma respiração pesada saiu dele, tremendo nas bordas. Era noite, como sempre, mas estrelas salpicavam o céu, iluminando a floresta ao redor com suas folhas iridescentes e um pátio cheio de esculturas, vasos de safira e fontes de pedra com água salpicada de estrelas. Erebus fechou os olhos, inclinando a cabeça para trás. O vento bagunçou seu cabelo, serpenteando pelo que restava de algumas sombras sobre seus ombros. Seu aperto em minha mão aumentou .

estalo agudo vindo de algum lugar nas árvores nos chamou a atenção.

O que havia sido silencioso e imóvel um suspiro antes era agora puro caos; demônios nos atacavam de baixo das árvores, gritando e uivando em um apelo desesperado e hediondo. Alguns corriam, alguns rastejavam, alguns mancavam, mas todos se moviam tão rápido quanto seus membros distorcidos permitiam. Erebus e eu brandimos nossas espadas ao mesmo tempo, e sombras correram do céu, do chão e do próprio castelo para formar uma onda protetora ao nosso redor.

Não tínhamos tempo para fazer nada: respirar, pensar, nos movimentar.

Então nos mantivemos firmes.

Surpreendentemente, os demônios pararam logo antes do degrau mais baixo, deixando Erebus e eu elevando-nos até mesmo sobre os mais altos da horda. Olhos queimavam de dentro de crânios e dentes rangiam de lábios sangrando enquanto nos observavam, abrindo caminho para duas figuras familiares: o demônio alto, de rosto cinza com uma capa manchada e o demônio de olhos de carvão com uma língua afiada e olhar crítico. Os demônios que me fizeram companhia — se é que era assim que se poderia chamar — quando eu estava sozinho no castelo.

Quando chegaram ao fim da escada, cada um fez uma rápida reverência.

“Esses dois parecem familiares”, disse Erebus calmamente, pressionando uma mão protetora contra minhas costas.

“O de rosto cinza me levou ao seu castelo; eu não teria encontrado você sem sua orientação.” Eu apertei meu aperto em minha espada. O cheiro acobreado de sangue velho, hálito quente e pelo sujo estava quase me fazendo engasgar. “E ambos me encontraram quando eu estava sozinho. Eles falavam comigo da floresta sempre que eu estava na sua sacada.”

“O que vocês querem de nós?”, perguntou Erebus, olhos afiados e avaliadores. Os demônios se aquietaram, ouvindo. “Vocês estão todos livres agora. A menos que voltem para exigir seu fim — nesse caso, Esmer e eu podemos alegremente atender. "

Um arrepio percorreu minha espinha, brutal e cortante. Erebus e eu contra centenas de demônios era tolice — uma impossibilidade. Mas não havia outra

saída. A espada em minhas mãos parecia sentir meu desespero; ela zumbia, aquecendo levemente minhas mãos.

De joelhos, os lábios do demônio de rosto cinza se torceram em um sorriso deformado. “ *Ainda não estamos livres. Mas logo seremos.* ”

O demônio de olhos de carvão assentiu, expressão solene. “ *Liberte-nos. Limpe-nos. Só você sabe como.* ”

Os demônios se levantaram ao mesmo tempo, com uma fome ardente e exigente queimando em seus olhos.

E então eles atacaram.

Erebus rugiu, trazendo a onda de sombras para baixo como uma foice. A força lançou a primeira onda nas escadas com um *estalo brutal* que fez pedras voarem e arremessou dezenas de outras de volta para a floresta. No meio do caos — entre bocas sangrando, dentes rosnando e investidas desesperadas para nossos pés — Erebus nos jogou para trás em uma sombra do tamanho de uma porta.

Era como deslizar para um poço frio e gelado. Como se gelo estivesse deslizando por minhas veias e um vento estivesse passando pelo funcionamento interno do meu coração e arrancando qualquer coisa escura ou quebrada. Foi doloroso, brevemente — mas então se tornou um alívio profundo e reconfortante. Algo que se agarrou à minha alma e derramou água por suas rachaduras, libertando-a.

Saímos cambaleando da sombra, agora do outro lado do amplo pátio do castelo.

“O que *foi* isso?”, perguntei rapidamente. Os demônios não nos notaram, mas seria apenas uma questão de segundos antes que o fizessem. “Parecia que todo o meu ser estava sendo limpo. Ou julgado.”

O maxilar de Erebus ficou tenso. “Eu podia sentir as sombras trabalhando para arrancar algo de você. Para examinar — como você disse — seu próprio ser. Sua alma, talvez.” Ele olhou para mim brevemente, os olhos brilhando de preocupação. “Será que te machucou?”

“Não,” eu disse, balançando a cabeça firmemente. “O oposto, na verdade.

Como um banho frio depois de uma longa jornada no sol.”

Um pouco de sua preocupação diminuiu. “Bom.”

“Você seria capaz de criar algo assim de novo? Uma porta grande o suficiente para que todos os demônios pudessem caber?” Os demônios nos notaram; eles rugiram em frustração, atirando-se das escadas e das árvores. “Se as sombras podem reprimir ou purificar os demônios, pode ser nossa única chance de detê-los.”

A boca de Erebus se apertou. “Sim. Mas enquanto estou fazendo isso, vou precisar da sua ajuda para contê-los. Uma parede” — os demônios estavam quase em cima de nós, destruindo a fonte central — “ou um túnel. Agora — apresse -*se* .”

Deixei meu medo de lado e foquei nas sombras; se eu não pudesse manipulá-las, estaríamos perdidos. Elas pareciam uma teia ao meu redor — uma teia com fios que eu podia puxar e moldar. Mentalmente puxei um, dois — *não seria o suficiente* — então agarrei punhados e braçadas, forçando-os a entrar em um túnel pelo qual os demônios começaram a surgir.

Não é o suficiente.

Apertei as sombras cada vez mais estreitas, resistindo a cada parte de mim que queria gritar ou correr. O túnel era tão largo quanto eu podia fazê-lo; eu não tinha mais nada para dar.

Tem que ser o suficiente.

Os primeiros demônios a nos alcançarem se lançaram em direção às nossas gargantas. Eu vacilei, perdendo o controle sobre todos os fios — e eles caíram sobre os demônios como uma onda, fundindo-se com um portal escuro como breu que Erebus lançou pelo túnel em uma varredura frenética.

Por um breve momento, tudo ficou escuro.

E então-

Era como se as sombras tivessem sido arrancadas do próprio céu, tornando as estrelas tão brilhantes quanto eu já as tinha visto. O castelo e seu pátio estavam

lavados em prata, revelando centenas de demônios perdendo pelos, dentes, garras, crânios, asas — centenas de corpos quebrados e distorcidos. criaturas se transformando diante de nossos olhos em homens e mulheres. Eles eram humanos.

Todos eles.

O demônio de rosto cinza havia se tornado um homem igualmente alto com cabelos castanhos escuros, cor de mel, e o demônio de olhos de carvão era agora um homem pálido e ágil com feições afiadas e cabelos pretos que emolduravam seu maxilar em um movimento suave. Eu os reconheci instantaneamente — eles eram os dois homens que entraram no coliseu com Erebus em Evernight.

“Ceveon—Sorren,” Erebus engasgou, caindo de joelhos. “Todo esse tempo, vocês dois estavam aqui—?”

“Sempre,” Ceveon disse fracamente, tentando um pequeno, mas malandro sorriso. Algumas lágrimas começaram a deslizar por seu rosto castanho claro, mas ele as enxugou antes que pudessem sequer chegar ao seu queixo. “Para você, sempre. Embora seu castelo tenha se tornado um pouco sufocante, eu admito. Especialmente quando você não consegue se comunicar adequadamente dentro de suas paredes.”

“Sufocante? Isso é colocar de forma leve.” Sorren murmurou, franzindo o cenho para Ceveon. Mas quando ele se virou para ver Erebus e eu, seu rosto se acomodou em algo que quase lembrava alívio. Seus olhos, como os de Ceveon, estavam brilhando, mas ele não chorou. “Felizmente, cinco séculos passam como um piscar de olhos quando sua mente está amarrada à de um demônio. Agora a maldição foi quebrada e o trabalho real pode começar.”

"EU-"

“Que curioso,” uma nova voz interrompeu, seu tom sedoso atravessando o pátio, “que os demônios em seu castelo não eram demônios de forma alguma. Apenas almas trancadas, assim como os contos declaram. Mas você quebrou essa narrativa quando os libertou hoje.”

Somnus deslizou das árvores, o cabelo cobrindo suas vestes em gavinhas escuras. Ele não pareceu nem um pouco surpreso em nos encontrar; na verdade, senti que ele estava observando a cena se desenrolar desde o começo.

“Somnus,” Erebus gritou, levantando-se rapidamente. Ao nosso redor, sonhadores lutavam para se sentar ou ajoelhar. Centenas de sonhadores, alguns soluçando, alguns gemendo, alguns olhando silenciosamente para as estrelas. Ceveon e Sorren cambalearam para ficar de pé, flanqueando Erebus e eu. “Você sabia. Você *sabia* que esses homens e mulheres estavam trancados dentro dos corpos de demônios. Todo esse tempo — *todo esse tempo* .”

“Eu tive uma ideia. Embora não tenha sido só minha,” Somnus admitiu, mal tocando o chão enquanto caminhava em nossa direção. “Você não está feliz que eu os levei de volta para você?”

“Felicidade significaria ser liberto há quinhentos anos. Eu e todos esses sonhadores inocentes.”

“Impossível”, disse Somnus com um encolher de ombros. “Seu domínio inteiro estava bloqueado de interferências externas até o momento em que você se libertou dele. Você tem que agradecer a Esmer por isso — a quem, a propósito, você não teria tido o prazer de conhecer *se tivesse* sido libertado quinhentos anos atrás.”

Encontrei a mão de Erebus e a apertei. Sombras que sobraram da limpeza dos sonhadores flutuaram ao redor de nossos corpos, serpenteando por nossos dedos e agarrando-se aos nossos pés como se quisessem nos proteger.

"Ela é o único consolo que tive", Erebus disse asperamente, mais para mim do que para Somnus.

“De qualquer forma, poupei você do incômodo de coletar todas essas pobres almas perdidas. Elas se espalharam como bestas irracionais no momento em que se libertaram”, Somnus continuou, dando a Erebus e a mim um olhar fulminante. “Felizmente, deixar o castelo permitiu que elas falassem e tivessem um senso de lógica um tanto funcional. Caso contrário, minha tarefa teria sido um pouco mais complicada. Uma maldição estranha, de fato.”

Eu balancei a cabeça. “Mas eles não são desmiolados. Eles são *humanos* . Todos eles.”

“Isso depende da sua definição de 'humano'. Seus corpos mortais já pereceram, mas suas almas permanecem intactas. Isso será algo para lidar quando você começar a comandá-los, eu temo.” Ele acrescentou, murmurando

sombriamente, “Se eles ao menos ouvirem, é claro.”

“O que você quer dizer com 'lidar' com?” Erebus gritou, o rosto empalidecendo.

“Nós passamos no seu teste e provamos que somos verdadeiros”, acrescentei. “Não lhe devemos mais nada.”

“Oh, isso diz respeito a muito mais do que a mim”, disse Somnus, abrindo bem os braços. “Você tem uma maldição corruptora para quebrar, um exército meio morto para treinar e um demônio de olhos vermelhos sedento por suas almas. Uma bagunça e tanto em suas mãos.”

Um sorriso serpentino deslizou pelos lábios de Somnus.

“É melhor começarem, Tecelões das Sombras.”

OceanofPDF.com

Epílogo

A CIDADELA FIRSTLIGHT NUNCA ANTES PARECEU um túmulo.

Mithras enfiou os dedos sob o manto, aquecendo-os o melhor que podia. Ele não tinha certeza do porquê sentia tanto frio. Alguém havia deixado uma janela aberta — ou um guarda havia diminuído em sua troca de postos por muito tempo, permitindo que o ar da noite entrasse enquanto falavam com seu substituto.

Malditos sejam , pensou ele, canalizando sua raiva para ninguém em particular.

Sua raiva teria melhor uso mirando em um fantasma. Não havia "eles" nestes corredores esta noite. Não havia nenhuma janela ou porta aberta. Ninguém para culpar, condenar ou atacar.

Mas, de qualquer forma, dane-se eles.

Porque quanto mais ele conseguia se concentrar em " *eles"* , mais ele conseguia esquecer que o frio vinha *dele* .

Ele podia sentir isso correndo em suas veias. A amarga alteridade da coisa que crescia dentro dele. Logo subiria por sua garganta, enrijecendo sua mandíbula e gelando sua respiração.

Pressa .

Doía respirar. Seus pés estavam lentos e sem graça .

Pressa .

Ele bateu o ombro na porta mais próxima, tropeçando para dentro e apoiando-se pesadamente nela depois que ela fechou.

A capela do terceiro andar.

Que apropriado.

Ele trancou as portas atrás de si, cambaleando até um dos sete espelhos que se erguiam atrás do altar. Eles foram projetados para refletir a congregação; projetados para honrar o Criador e os sete Tecelões que viam tudo. Esta noite, eles refletiriam apenas ele.

Ele e o espírito de outro.

Quando ele estava pronto, ou perto o suficiente disso, ele olhou para cima. Os olhos vermelhos que o encontraram no espelho não eram os seus. Ele observou, enojado e impotente, enquanto sua boca se abria e fechava.

“ *Seu tempo está acabando, Mithras,”* o demônio dentro dele sibilou.

Ele recuperou o controle de si mesmo apenas o tempo suficiente para falar. “Encontramos um hospedeiro adequado,” Mithras arfou. Algumas respirações, se tanto, era tudo o que ele tinha nessas conversas. “Assim que ele estiver pronto, eu te levarei até ele.”

A pele de Mithras coçava. Como se a coisa dentro dele quisesse *sair* .

“ *Eu serei o juiz da sua idoneidade. ”*

“Você sempre é, meu senhor.”

“ *Hmm, ”* a criatura rugiu. A mão de Mithras começou a se mover, e sua cabeça se inclinou para baixo para contemplá-la. Ele reprimiu a vontade avassaladora de recuar. O demônio nunca havia demonstrado essa quantidade de maestria antes. *“ Quanto mais tempo estou aqui, mais eu aproveito esse corpo.”*

“Estou feliz que sirva.”

“ *Talvez você esteja mais em forma do que eu imaginava. ”* Lá estava aquela mão novamente. Movendo-se sem sua vontade. Ela se moveu mais alto, conectando-se com os músculos e ligamentos de seu braço, e traçou parte de seu reflexo. *“ Você negaria isso de mim?”*

Mithras engoliu em seco e balançou a cabeça. Era tudo o que ele conseguia dizer.

“ *Não, você é muito fraco. Meus poderes se manifestam através da sua raiva e*

da sua vergonha. Um deus não pertence ao corpo de um covarde e um tolo.” O demônio retirou sua mão. Os olhos de Mithras — os seus, mas não os seus — brilharam na luz azul da capela, brilhando vermelho-carmesim e fumegando como se estivessem em chamas. *“ Um deus deseja estar no corpo de alguém que comanda a escuridão e a faz dobrar.”* Seus olhos arderam; fumaça subiu deles em riachos horríveis, queimando sua pele. *“ Acho que você está escondendo-os de mim, Mithras. Acho que você está escondendo-os — e eu devorarei suas almas e vestirei suas peles antes que você possa me impedir.”*

E em outro fôlego, o demônio o deixou.

Mithras caiu de joelhos, vomitando violentamente enquanto cravava os dedos na pedra e tentava se impedir de gritar. Ele tremia enquanto suas unhas arranhavam para baixo, para baixo, para baixo, tentando desesperadamente se firmar em seu corpo novamente. Foi mais difícil dessa vez. Foi mais difícil todas as vezes. Costumava levar alguns minutos — segundos, até — para ele se sentir ele mesmo.

Agora, às vezes, demorava dias.

Ele não reconheceu as lágrimas enquanto elas caíam. Elas se curvavam por seu rosto congelado e pingavam na pedra. Algumas molhavam o topo de suas mãos, mas ele não conseguia senti-las. Ele tinha medo de pensar. Medo de falar. Então ele chorou em silêncio, as lágrimas abrindo trilhas em sua pele que não pareciam ser suas.

“Sinto muito,” ele finalmente sussurrou, os dedos cravando no chão. Era um apelo patético a todos que ele já machucou, traiu ou tentou proteger. Todos que ele tentou tão desesperadamente salvar do monstro dentro dele. Esmer. Erebus. *Todos eles.* Ele estava prestes a quebrar—estilhaçar em pó. *“ Sinto muito .”*

CONTINUA NO LIVRO DOIS DE

A DUOLOGIA SHADOW WEAVER . . .

Siga-me no Instagram (@authorlogankarlie) para mais conteúdo de livros e atualizações de

lançamentos.

OceanofPDF.com

Glossário de Termos

Absolventes: Homens e mulheres que recebem uma permissão do soberano de Noctis para distribuir e regular o suprimento de elixir do reino. Corrupção: Uma aflição mortal causada pelo Portador das Sombras e seus demônios. Um humano pode se tornar Corrupto após um demônio reivindicá-lo no Reino dos Sonhos. A única cura é por meio de um ritual de “purificação” realizado pelo Portador da Luz. A alma será salva, mas o corpo mortal perecerá. Demônios: Monstros que assombram os sonhos da humanidade e atormentam o Portador das Sombras.

Domínios: “Reinos” separados dentro do Reino dos Sonhos, cada um hospedando um Weaver. Estudiosos e acólitos dos sonhos recebem pequenos domínios pelos quais praticam e aprimoram suas habilidades.

Elixir: A única substância conhecida para controlar a Corrupção. Quando consumida, impede o usuário de sonhar. No entanto, é extremamente custosa. Portador da Luz: Como o estimado soberano de Noctis e líder da Legião da Luz, Mithras Atrelle Tethebrum busca purificar os Corruptos do reino. No entanto, algo distorcido espreita por trás de seus olhos dourados . Legião da Luz: Liderada por Mithras, o Portador da Luz, a Legião da Luz viaja pelo reino de Noctis para purificar seus Corrompidos.

Criador: A divindade central de Noctis que administra o Reino dos Sonhos e se comunica com a humanidade por meio dos Tecelões. Shadow Bringer: Um monstro que supostamente liberou Corrupção sobre a humanidade. Embora trancado em uma tumba quinhentos anos atrás, o Shadow Bringer ainda vive, selado com os demônios que só ele pode conter. Righted King: Um rei lendário que dizem ter unido os sete Weavers em uma batalha contra os demônios do Shadow Bringer. Antes de sua morte e da derrota dos Weavers, ele criou o elixir e selou o Shadow Bringer dentro de uma tumba. Tecelões: Imortais, poderosos e ungidos pelo Criador, os Weavers gerenciam, monitoram e protegem o Dream Realm. Eles misteriosamente desapareceram depois que demônios, anunciados pelo Shadow Bringer, invadiram o Reino. Tecelão do Passado: Somnus

Tecelão do Presente: Xander

Tecelã do Futuro: Theia

Tecelão de Fogo: Fenrir

Tecelã da Água: Néftis

Tecelã da Terra: Ceres

Tecelão do Ar: Lelantos

OceanofPDF.com

Lugares

Beyond: O Beyond é o equivalente do Dream Realm ao Inferno. Um lugar de escuridão horrível e insondável.

Cidadela Noite Eterna : Localizada no Reino dos Sonhos, Noite Eterna já serviu como um luxuoso local de encontro para sonhadores e uma academia para estudiosos dos sonhos e acólitos da Tecelã.

Citadel Firstlight: Localizada em Istralla, Citadel Firstlight é onde os Weavers se comunicavam com os governantes terrestres. É também onde eles dormem em sono imortal. Agora, é onde Mithras e sua Light Legion operam em sua busca para limpar Noctis da Corrupção.

Dream Realm: O Reino é onde os Sete Tecelões governaram uma vez, gerenciando os sonhos da humanidade e trazendo inspiração divina para as massas. Agora, o Reino está morrendo e infestado pelos demônios que foram soltos sobre ele. Istralla: A rica capital litorânea de Noctis.

Noctis: Um reino governado pelo Portador da Luz. A corrupção apodrece em suas sombras.

Norhavellis: Uma pequena vila infestada de corrupção onde Esmer e Elliot cresceram . Tumba do Devorador: Uma estrutura semelhante a uma caverna onde o corpo vivo do Portador das Sombras é mantido.

Nocturne: Um mar antigo no Dream Realm que contém os sonhos da humanidade. Demônios se infiltraram em suas águas, tornando-o um mar venenoso de pesadelos e decadência.

Visstill: Uma grande floresta que cerca Norhavellis e abriga a Tumba do Devorador.

OceanofPDF.com

Agradecimentos

Ironicamente, *Dream by the Shadows* começou depois que sonhei com um príncipe de cabelos brancos preso em um castelo distorcido. Esse sonho estranho, junto com um fascínio geral pelos sonhos e seus propósitos, me inspirou a finalmente realizar um sonho pessoal que tenho desde criança: escrever e publicar um livro.

Então, para o meu eu de criança: conseguimos!

Para meu maravilhoso marido e meus dois filhos: um de vocês me deu um imenso apoio, um de vocês me deu um propósito, e um de vocês me deu um prazo estrito para que eu terminasse antes de vocês nascerem. Amo todos vocês infinitamente.

Para minha mãe, que leu os primeiros rascunhos capítulo por capítulo de *Dream by the Shadows* e não me disse para encontrar um novo hobby: obrigada por sempre me animar e acreditar em mim — e por esperar tão pacientemente para finalmente receber sua própria cópia física. Espero que a espera tenha valido a pena!

Aos meus pais e familiares que me deram acesso aos livros e alimentaram minha imaginação a cada passo do caminho: vocês me deixaram sonhar alto e promoveram minha criatividade de maneiras que uma criança só pode sonhar. E ao meu irmão — por meio de horas intermináveis de brincadeiras imaginativas, vocês definitivamente ajudaram a moldar minhas habilidades de contar histórias. Obrigado por estarem lá por mim e por me permitirem comandar nossos personagens.

A cada professor que ajudou minha arte de escrever ou me disse que minha escrita valia a pena, obrigado. Seu encorajamento me ajudou a realmente visualizar o início de uma paixão para a vida toda.

Agradecemos à Forensics and Flowers por projetar o lindo, capa com infusão gótica de meus sonhos literais, e obrigada a Writer and the Wolf pela percepção editorial que cortou o coração de *Dream by the Shadows* e o fez brilhar. Este livro realmente brilha por causa de vocês dois.

Também quero agradecer à comunidade de escritores independentes. Conheci tantos autores maravilhosos e talentosos por meio desse processo, e sou eternamente grato por seus conselhos, humor e incentivo. Estamos assumindo o controle de nossos sonhos e trabalhando duro para torná-los realidade, e essa é uma conquista verdadeiramente louvável. Apoie seus autores independentes — eles são incríveis e merecem isso.

E, finalmente, obrigada aos meus leitores! Se *Dream by the Shadows* chegou às suas mãos, espero que tenham gostado. Foi escrito para o sonhador em mim e para o sonhador em você também. Espero que você reconheça seus sonhos e os persiga com fervor.

OceanofPDF.com

Sobre o autor

Logan Karlie cresceu no meio de campos de milho e sob um manto de estrelas, cercada por livros, estradas de cascalho e sua imaginação.

Depois do ensino médio, ela foi para a faculdade para aprender mais sobre literatura inglesa, composição e escrita criativa. Depois de obter seu Master of Arts em inglês, ela estudou para se tornar professora de educação secundária.

Atualmente, ela mora no Centro-Oeste com o marido, dois filhos e um cachorro de pernas longas. Seus mundos (tanto reais quanto imaginários) são amplamente abastecidos por café gelado, sonhos inesquecíveis, Spotify e achados ocasionais em lojas de antiguidades.

Dream by the Shadows é o romance de estreia de Logan.

Conecte-se com Logan nas redes sociais!





OceanofPDF.com





Nota do autor

Se você gostou de ler *Dream by the Shadows* , considere fazer uma avaliação honesta na Amazon, GoodReads e/ou em qualquer outro lugar onde as avaliações possam ser encontradas por leitores como você. As avaliações são extraordinariamente importantes tanto para leitores quanto para autores, e cada uma delas é apreciada. *Obrigado !*

OceanofPDF.com